

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



O Castelo de Sines; Arquitetura (d)e Memória

Volume II

Ricardo Manuel Estêvão da Silva Pereira

Orientador: Prof. Doutor Vítor Manuel Guimarães Veríssimo Serrão

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em História de Arte, na especialidade de Arte, Património e Restauro

2025

Ricardo Pereira

Índice

Documentos

- Documento 1** – Século IV – *A ilha de Poetânion referida por Avieno na Ora Marítima, pode corresponder, segundo alguns autores, à ilha do Pessegueiro, ou até eventualmente à Perceveira, grandes referências náuticas nas rotas de navegação de cabotagem.* **14**
- Documento 2** – 1009 – *Lápide fundacional de uma rábita, reutilizada na construção das casas da alcaidaria do Castelo de Sines.* **15**
- Documento 3** – 1190 – *Excerto da descrição feita pelo cruzado Rogério de Houedene da costa portuguesa, onde se destaca a referência a Sines.* **16**
- Documento 4** – 1362, novembro, 24, Évora – *Carta de elevação de Sines a vila, referindo a vontade dos Homens Bons de construírem um muro para se cercarem.* **17**
- Documento 5** – 1364, setembro, 30, Guarda – *D. Pedro I reverte a decisão do mestre de Santiago de diminuir os limites do termo da nova vila da Sines, impondo aos habitantes de Santiago do Cacém que ajudassem a construir o muro de Sines.* **18**
- Documento 6** – 1480, novembro, 13 - *Visitação da vila de Sines. Nela encontra-se a primeira descrição do Castelo e elencam-se as obras nele mandadas executar por Estêvão da Gama.* **19**
- Documento 7** – 1517 – *Excertos da Visitação a Sines efetuada pelo Mestre D. Jorge, Diogo Salema, cavaleiro da Ordem de Santiago, e António Fernandes, prior de Colos, visitantes da Comarca do Algarve, relativos à ermida de N. Sr.ª das Salas e ao Castelo.* **26**
- Documento 8** – 1527-1533 – *Numeramento da população de Sines.* **28**
- Documento 9** – 1533, novembro, 24, Sines – *Auto de posse do Castelo de Sines, realizado pelos visitantes Diogo Salema, Cavaleiro da Ordem de Santiago e António Fernandez, prior da vila de Colos, ao comendador e alcaide-mor Jorge Furtado de Mendonça. Contem uma descrição muito detalhada e completa das construções e da utilização dos espaços.* **29**
- Documento 10** – 1554 – *Excerto da Visitação a Sines, integrada na Visitação e Provisamento das Igrejas do Mestrado efetuada por D. António Preto, prior-mor do convento de Palmela e da Ordem de Santiago, relativo ao Castelo.* **32**

Documento 11 – 1565 – <i>Excerto da Visitação a Sines efetuada por Estêvão de Brito, comendador de Panóias e de Faro, e por Mestre Gaspar, prior da igreja de Santa Maria da Graça de Setúbal, relativo ao Castelo.</i>	33
Documento 12 – 1572 – <i>Confirmação da Comenda de Sines feita por D. Sebastião a D. Pedro Dinis, por morte de seu pai, primeiro duque de Aveiro.</i>	34
Documento 13 – 1579 – <i>Nomeação de António Soares como capitão-mor das Ordenanças e da fortaleza da vila de Sines.</i>	36
Documento 14 – 1591, junho, 11; 1695, fevereiro 6; 1746 - <i>Estevão de Liz Velho na sua obra dedicada a São Torpes transcreve um documento descoberto no cofre da igreja Matriz de Sines e que corresponde ao termo de abertura da caixa onde se conservavam as relíquias, realizado a 6 de Fevereiro de 1695. Por sua vez este documento inclui a transcrição do auto de encerramento da referida caixa a 11 de Junho de 1591. Para atesta da sua autenticidade dos documentos e o rigor da transcrição, o governador recorreu a dois tabeliães locais que assinam no final do documento. Tratam-se assim de três tempos: 1591, 1695 e 1746.</i>	37
Documento 15 – 1591, agosto, 8 - <i>Consulta da Mesa da Consciência Sobre o Título da Alcaidaria-Mor de Sines.</i>	40
Documento 16 – 1604-1719. <i>Extratos do Livro de Registos de Óbitos da paróquia de Sines, com diversas referências a militares ao serviço da praça e a ataques de corsários. Destaca-se o registo de óbito de Alexandre Massai.</i>	41
Documento 17 – 1606, abril, 10 – <i>Carta do capitão Francisco de Carvalho para o vice-rei de Portugal, D. Pedro Castilho, solicitando que enviasse dinheiro para acabar o muro do Castelo, pólvora e chumbo de que estava carecido.</i>	45
Documento 18 – 1617 – Alexandre Massai – <i>Planta da fortificação do Castello da Villa de Sines con una relación de los materiales y su precio para el proyecto de reforma.</i>	46
Documento 19 – c. 1621 – <i>Descrição da vila de Sines, do seu Castelo e calheta, feitas por Alexandre Massai.</i>	50
Documento 20 – 1640, março, 18 - <i>Carta do Padre Bernardo Sobrinho, Prior de Sines, ao Padre Frei Manoel Ferreira, carmelita, contendo os relatos das testemunhas da abertura do túmulo de S. Torpes, à data ainda vivas, assim como os testemunhos indirectos de que o ouvira aos presentes, incluindo o de Alexandre Massai.</i>	52
Documento 21 – 1654, julho, 20 – <i>Cartas de Sebastião de Sá de Menezes, analisadas no Concelho de Guerra, em que este informa da perseguição que uma armada inglesa fez a um navio francês e outro que este havia tomado, que se tinha refugiado na baía de Sines, pedindo proteção. Costata da indapacidade de proteger a vila e o porte perante a situação.</i>	53

Documento 22 – 1655, outubro, 7 – <i>Parecer do Conselho de Guerra sobre o pedido das autoridades locais para que a vila fosse fortificada.</i>	56
Documento 23 – 1661, fevereiro, 7 – <i>Decisão do Conselho de Guerra de mandar fazer o reconhecimento da ilha do Pessegueiro, por João Nunes da Cunha.</i>	58
Documento 24 – 1663, junho, 20 – <i>Parecer do Conselho de Guerra relativo ao pedido de munições e artilheiros, feito pelo capitão mor e oficiais da vila de Sines. Incluindo a documentação anexa.</i>	60
Documento 25 – 1665, dezembro, 17 – <i>Mercê de uma tensa feita a Belchior Torres de Siqueira por D. Afonso VI.</i>	66
Documento 26 – 1669, janeiro, 1 – <i>Auto de arrematação da renda da imposição, pelo valor anual de 90 000 réis, valor aprovado pelo governador militar. Nele se estipula como a mesma é cobrada.</i>	67
Documento 27 – 1669, junho, 20 – <i>Alvará de Mercê da Comenda de Sines a D. Francisco de Souza, Conde do Prado.</i>	69
Documento 28 – 1669, setembro, 8 – <i>Alvará permitindo ao Conde do Prado que administrasse diretamente a Comenda de Sines.</i>	70
Documento 29 – 1678, junho, 24 – <i>Decreto sobre provimento e guarnição de algumas praças de guerra.</i>	71
Documento 30 – 1679, março, 16 – <i>Despacho do Príncipe D. Pedro, para os vedores das fortificações de Setúbal continuassem as obras das fortificações das praças de Sines e Vila Nova de Milfontes com as verbas das Terças destinadas às fortalezas das barras.</i>	76
Documento 31 – 1681, agosto, 26 – <i>Mercês concedidas a João Rodrigues Mouro, pela sua carreira de engenheiro militar.</i>	77
Documento 32 – 1696, maio, 2 – <i>Alvará que fixa o soldo de Bartolomeu Viegas em 60 500 réis mensais a serem pagos pelo Almoxtarifado de Campo de Ourique a partir do momento em que tomar posse como Governador da Praça de Sines.</i>	78
Documento 33 – 1711, maio, 7 – <i>Termo de requerimento do governador.</i>	79
Documento 34 – 1714, julho, 2 – <i>Escritura de arrendamento da Alcaldaria Mor da vila de Sines.</i>	80
Documento 35 – 1714, agosto, 8 – <i>Eleição, Menagem e Posse do Governador Militar Interino Jerónimo da Cunha e Vasconcellos.</i>	81
Documento 36 – 1715, maio, 15 – <i>Termo de posse do governador João Pereira Fidalgo da Silveira.</i>	86

Documento 37 – 1719, fevereiro, 4 – <i>Arrematação da Renda da Imposição.</i>	87
Documento 38 – 1721, julho, 6 – <i>Requerimento do procurador do Concelho para que se solicitasse ao governador miliar a escolha da pessoa mais adequado para ir pedir ao rei a diminuição das sizas.</i>	88
Documento 39 – 1721, agosto, 25 – <i>Contrato para a realização da obra de talha da tribuna do Senhor do Vencimento, assinado entre o carpinteiro e «official de Emtalhador de sua abillidade» Joam Joanes e o Capitão António Dias Borralho, capitão das Ordenanças da vila de Sines.</i>	89
Documento 40 – 1726, agosto, 14 – <i>Contrato entre o pintor Manuel de São Tiago, ermitão da ermida do Senhor dos Mártires, de Alcácer do Sal, e o capitão António Dias Borralho, para o douramento da tribuna do Senhor do Vencimento, na igreja de Nossa Senhora das Salas. Ficou sem efeito, como consta de nota à margem.</i>	91
Documento 41 – 1726, setembro, 8 – <i>Contrato entre o pintor Manoel Pereira, morador na vila do Torrão, e o capitão António Dias Borralho, para o douramento da tribuna do Senhor do Vencimento, na igreja de Nossa Senhora das Salas.</i>	93
Documento 42 – 1731, outubro, 3 – <i>Nomeação de Tomás de França e Liz como governador da Praça de Sines.</i>	95
Documento 43 – 1746 – <i>Descrição da vila de Sines e da sua estrutura administrativa e militar, assim como da devoção a São Torpes, feita por Estêvão de Liz Velho.</i>	96
Documento 44 – 1746 – <i>Idyllio da autoria de Sebastião Luiz de Liz Velho Mascarenhas.</i>	100
Documento 45 – 1747, janeiro, 19 – <i>Notícia da publicação do livro de Estêvão de Liz Velho dedicado a São Torpes.</i>	102
Documento 46 – c. 1748 – <i>Francisco Manoel de Brito Mascarenhas, Epicédio na morte do Senhor Estêvão de Liz Velho.</i>	103
Documento 47 – 1758, maio, 29 – <i>Memória Paroquial redigida pelo padre Alexandre Bernardo Mimoso.</i>	105
Documento 48 – 1762, março, 10 – <i>Requerimento do governador da praça de Sines, Francisco Mendes de Carvalho, pedindo armas e munições.</i>	108
Documento 49 – 1762, novembro, 19 – <i>Aviso do envio à Corte de um emissário para expor a situação da Praça.</i>	110
Documento 50 – 1763, abril, 27 – <i>Relação da Guarnição da Praça de Sines, incluído a do seu castelo e fortalezas anexas.</i>	111

Documento 51 – 1763, maio, 27, Sines – <i>Inventário das peças de artilharia, munições e viveres existentes na Praça de Sines e fortalezas dela dependentes.</i>	113
Documento 52 – 1766, novembro, 16 – <i>Termo de arrematação da empreitada de recuperação da plataforma do Castelo a João Batista, pelo valor de 129 000 réis.</i>	118
Documento 53 – 1770, outubro, 30 – <i>Lista das munições necessárias na Praça de Sines e fortalezas dela dependente.</i>	119
Documento 54 – 1772, setembro, 14 – <i>Adjudicação da empreitada das obras do poço do Castelo.</i>	120
Documento 55 – 1773, maio, 18 – <i>Auto de Posse de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas como Governador Militar da Praça de Sines.</i>	121
Documento 56 – 1773, junho, 30 - <i>Passados cerca de mês e meio da sua tomada de posse o novo Governador, Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas, faz apresentar perante a vereação uma proposta para recuperação da sua residência.</i>	122
Documento 57 – 1773, outubro, 26 – <i>Processo de habilitação a familiar do Santo Ofício de Dom Bruno de Souza Almeida.</i>	123
Documento 58 – 1776, janeiro, 15 – <i>Renuncia de Sebastião António Quartim ao hábito de Cristo.</i>	125
Documento 59 – 1777, setembro, 8 – <i>Carta de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas a D. Frei Manuel do Cenáculo.</i>	126
Documento 60 – 1778, julho, 11 – <i>Inventário dos bens da confraria do Santíssimo Sacramento, sendo juiz Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas.</i>	127
Documento 61 – 1780, década de - <i>João Xavier de MATTOS, “Fazendo annos o mesmo Excelentissimo, e Reverendissimo Bispo”.</i>	130
Documento 62 – 1780, década de - <i>João Xavier de MATTOS, Epistola. “Ao Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Beja”.</i>	131
Documento 63 – 1781, junho, 16 – <i>Carta de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas a D. Frei Manuel do Cenáculo.</i>	136
Documento 64 – 1783, janeiro, 30 – <i>Carta de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas a D. Frei Manuel do Cenáculo.</i>	137
Documento 65 – 1783, agosto, 21 – <i>Final do libreto da ópera Teséo, da autoria de Gaetano Martinelli, levada à cena no palácio de Queluz a 21 de</i>	139

<i>agosto de 1783, em comemoração do aniversário do príncipe do Brasil, D. José, com música de Jerónimo Francisco de Lima (1741-1822).</i>	
Documento 66 – 1788, setembro, 17 – <i>Carta de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas a D. Frei Manuel do Cenáculo.</i>	141
Documento 67 – 1788, agosto, 17 – <i>Excerto do Diário de D. Fr. Manuel do Cenáculo onde descreve a sua primeira jornada estival a Sines, referindo a notícia da morte do príncipe e o culto a São Torpes.</i>	142
Documento 68 – 1789, novembro, 4 – <i>Epitáfio e soneto dedicados à memória de João Xavier de Matos.</i>	144
Documento 69 – 1794, maio, 26; junho, 4; agosto, 8 – <i>Excertos do Diário de D. Frei Manuel do Cenáculo relativos à Jornada de Sines de 1794.</i>	145
Documento 70 – 1798, abril, 28 – <i>Carta do governador Sebastião António Quartim a D. Frei Manuel do Cenáculo.</i>	146
Documento 71 – 1799, outubro, 20-21 – <i>Excerto do diário de José Cornide Saavedra, relativo a Sines.</i>	147
Documento 72 – 1800, dezembro, 30 – <i>Carta de Jose Cornide a D. Frei Manuel do Cenáculo.</i>	149
Documento 73 – 1804 – <i>Requerimento de D. Rosa Gertrudes Escopezy Quartim, solicitando em remuneração de serviços do seu tio, Sebastião António Quartim, governador da Praça de Sines, a administração de duas capelas instituídas em Runa e em Veiros.</i>	150
Documento 74 – 1808, junho, 29 – <i>Aviso à população acerca do desaparecimento de mobiliário e documentos do Castelo.</i>	151
Documento 75 – 1811, janeiro, 17 – <i>Carta de Maria Helena de Saldanha e Castro para D. Miguel Pereira Forjaz, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, sobre o seu marido que está preso no Castelo de Sines.</i>	153
Documento 76 – 1821, novembro, 22 – <i>Ofício de Francisco Eleutério de Correia Melo para Cândido Xavier Dias da Silva sobre o pedido de fornecimento de luzes, lenha e utensílios para o destacamento do Batalhão de Caçadores 2 que euxiliam a polícia dos distritos de Santiago do Cacém, Sines e Vila Nova de Milfontes contra contrabando e salteadores.</i>	155
Documento 77 – 1825, janeiro, 27 – <i>Correspondência entre Jacinto Salema da Mota Negrão, Governador Interino da Praça de Sines, para várias entidades, sobre pessoal.</i>	157
Documento 78 – 1829, outubro, 30 – <i>Memória Descritiva reflativa ao projeto de reparação das ruínas que existiam em diferentes pontos do Castelo, da</i>	158

autoria do segundo tenente do Real Corpo de Engenheiros, Domingos Zacarias da Silva e Santos.

- Documento 79** – 1833, outubro, 19 – *Notícia do ataque do Corpo Franco organizado pelo Corregedor Provedor de Beja a um bando de rebeldes que se preparavam para atacar Sines.* 160
- Documento 80** – 1834, julho, 2 – *Ofício de Jorge de Avillez para José Lúcio Travassos Valdez, Ajudante General do Exército, sobre Praças da 5ª Companhia de Veteranos de Sines.* 161
- Documento 81** – 1836, setembro, 25 – *Auto de Juramento que o Governador Militar da Praça de Sines, e mais Officiaes do Estado-maior-e menor, e da Guarnição della – prestarão á Constituição Política da Monarchia – de 23 de Setembro de 1822, com as modificações que as Cortes Geraes da Nação Portuguesa houveram de decretar.* 162
- Documento 82** – 1836, outubro, 31 – *Ofício do governador da Praça da Sines dando informação acerca do estado da Praça e seu equipamento militar.* 163
- Documento 83** – 1836, setembro, 30 – *Ordem da Praça.* 164
- Documento 84** – 1836, outubro, 31 – *Ofício do governador da Praça da Sines dando informação acerca do quarto do ajudante da Praça.* 165
- Documento 85** – 1836, novembro, 2, Sines – *Informação acerca da situação e necessidades da Praça de Sines.* 167
- Documento 86** – 1837, março, 22 – *Excerto de um artigo publicado no jornal O Ecco, acerca do envio para Sines de tropas para dar lura à guerrilha do Remechido.* 169
- Documento 87** – 1837, junho, 30 – *Informação do governador militar da Praça de Sines para o general comandante da 1.ª Divisão Militar, acerca de uma possível tentativa de linchamento do homem que havia apedrejado D. Miguel.* 170
- Documento 88** – 1837, agosto, 31 – *Informação do governador militar da Praça de Sines acerca do estado da mesma.* 171
- Documento 89** – 1837, novembro, 11 – *Informação do governador militar da Praça de Sines acerca dos ataques dos guerrilheiros em Porto Covo e nas imediações da vila.* 173
- Documento 90** – 1838, janeiro, 8 – *Informação do governador militar da Praça de Sines acerca dos ataques dos guerrilheiros em Porto Covo e nas imediações da vila.* 175

Documento 91 – 1838, maio, 16 – <i>Informação acerca de uma embarcação suspeita.</i>	176
Documento 92 – 1839, janeiro, 5 – <i>Ofício solicitando a realização de bras.</i>	178
Documento 93 – 1839, março, 12 – <i>Notícia do ataque do Destacamento n.º 17, da Praça de Sines, a um bando de guerrilheiros comandados pelo Rachado, que teve funestos resultados.</i>	179
Documento 94 – 1839, agosto, 10 – <i>Ordem do governador militar para o acompanhamento da festa de Nossa Senhora das Salas.</i>	180
Documento 95 – 1841 – <i>Relato dos acontecimentos ocorridos em Sines e Santiago do Cacém.</i>	181
Documento 96 – 1841, janeiro, 20 – <i>Pedido de materiais para a caiação dos aquartelamentos do Castelo.</i>	183
Documento 97 – 1841, agosto, 14 – <i>Ordem para as comemorações do aniversário da rainha D. Maria II e festa de Nossa Senhora das Salas.</i>	184
Documento 98 – 1842, janeiro, 29 – <i>Requisição de materiais para as obras dos quartéis da Praça de Sines.</i>	185
Documento 99 – 1842, junho, 8 – <i>Informação acerca das salvas que se costumavam dar por ocasião da Festa de 15 de agosto.</i>	186
Documento 100 – 1842, agosto, 3 – <i>Proposta para a plantação de amoreiras nos terrenos do Castelo.</i>	187
Documento 101 – 1850 – <i>Francisco Luiz Lopes constada que nada em Sines lembra a memória de Vasco da Gama, o maior homem aqui nascido, pelo que se propõe comprova-lo num livro, enquanto não for possível erguer um monumento do Navegador.</i>	188
Documento 102 – 1865, março – <i>Relatório da inspeção feita às fortalezas da Baleeira, N. Sr.ª das Salas, Sines e Pessegueiro, onde se refere um documento de 1424 com o pedido do Procurador do Povo, Francisco Neto Chainho Pão Alvo, para que se edificasse o Castelo de Sines.</i>	192
Documento 103 – 1876, novembro, 26 – <i>Artigo de homenagem a Francisco Luiz Lopes, pelo padre António de Macedo e Silva.</i>	195
Documento 104 – 1896, setembro, 13 – <i>Artigo do jornal O Século que faz uma descrição geral de Sines.</i>	198

Documento 105 – 1898 – <i>Excerto de um artigo da autoria de Claudia de Campos, descrevendo a vila ao tempo das comemorações do quanto centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia.</i>	203
Documento 106 – 1898 – <i>Teixeira de ARAGÃO descreve a vila de Sines, como a conheceu em 1847, destacando o que ainda aí viu dos edifícios mandados construir por Vasco da Gama.</i>	205
Documento 107 – 1904 – <i>Narrativa feita por José Leite de Vasconcellos das suas investigações feitas na vila de Sines, no ano de 1904, em busca das relíquias de São Torpes.</i>	206
Documento 108 – 1906 – <i>Duas cartas enviadas por Inácio da Costa Palma a José Leite de Vasconcelos, acerca das dificuldades no envio das peças de cantaria para Lisboa.</i>	207
Documento 109 – 1919, agosto, 15 – <i>Artigo de Júlio Gomes da Silva lembrando as festas de N. Sr.^a das Salas da sua meninice.</i>	209
Documento 110 – 1919, julho, 1 – <i>Artigo de Júlio Júnior depreendendo a vila e o seu castelo.</i>	211
Documento 111 – 1919, julho, 4 – <i>Artigo de António Chalbert dos Santos acerca do início da época balnear, que virá animar a praia Vasco da Gama.</i>	213
Documento 112 – 1919, outubro, 1 – <i>Artigo de António Chalbert dos Santos criticando o atraso em que se encontrada a vila de Sines.</i>	215
Documento 113 – 1924, dezembro, 25 – <i>Programa das comemorações do quarto centenário da morte de Vasco da Gama e do lançamento da primeira pedra do seu monumento.</i>	217
Documento 114 – 1925, julho, 25 – <i>Texto poético dedicado ao Castelo.</i>	219
Documento 115 – 1926, dezembro, 26, Sines – <i>Artigo de Zé de Sines (por certo pseudónimo), criticando o esmorecimento da iniciativa do monumento a Vasco da Gama, um ano depois da grande festa do lançamento da primeira pedra.</i>	220
Documento 116 – 1928, junho, 18 – <i>Artigo de Ferreira da SILVA, referindo pela última vez as relíquias de São Torpes.</i>	221
Documento 117 – 1932, dezembro, 23 – <i>Parecer acerca da importância estratégica da baía de Sines e dos planos para a sua defesa.</i>	222
Documento 118 – 1937, maio, 37 – <i>Ofício do Diretor Geral da Fazenda Pública para o Diretor Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.</i>	225

Documento 119 – 1937, julho, 30 – <i>Ofício do Diretor Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais para o Diretor Geral da Fazenda Pública.</i>	226
Documento 120 – 1938, julho, 16 – <i>Ofício do Diretor dos Monumentos Nacionais para o Diretor Geral.</i>	227
Documento 121 – 1944, agosto / setembro - «A Vila de Sines; A terra gloriosa onde nasceu VASCO DA GAMA tem grande interesse turístico», <i>Revista Turismo</i> nº 59.	228
Documento 122 – 1956, dezembro, 28 – <i>Carta enviada pelo tenente Seixas, da Mocidade Portuguesa, ao Diretor-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, alertando para os estragos causados pelas fortes chuvas nas muralhas do Castelo de Sines.</i>	230
Documento 123 – 1959, maio, 14 – <i>Artigo de Júlio Gomes da Silva criticando a despesa feita na recuperação das muralhas do Castelo.</i>	231
Documento 124 – 1960, abril, 5 – <i>Informação do arquiteto chefe da 1ª secção da DGEMN acerca da recuperação de canhões reutilizados na proteção dos cunhais de algumas casas.</i>	234
Documento 125 – 1960, maio, 18 – <i>Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sines, Carlos Alberto Pidwell e Silva, para o diretor-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a pedir a continuação dos trabalhos de recuperação do Castelo.</i>	236
Documento 126 – 1960, setembro, 23 – <i>Artigo de Júlio Gomes da Silva, criticando os gastos realizados na conservação das antigas muralhas de Sines.</i>	237
Documento 127 – 1962 – <i>Ao publicar a sua tese de Doutoramento, D. Fernando de Almeida descreve, não só, as peças encontradas em Sines, como a sua visita ao Castelo, em busca de novos elementos, não deixando de referir como ali perto pairava a lenda de São Torpes.</i>	239
Documento 128 – 1962, agosto, 8 – <i>Artigo publicado do jornal Diário de Notícias, defendendo a demolição das muralhas do Castelo de Sines.</i>	242
Documento 129 – 1962, novembro, 1 – <i>Carta de D. Fernando de Almeida ao Diretor Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.</i>	244
Documento 130 – 1963, janeiro, 16 – <i>Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sines ao Diretor Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.</i>	246
Documento 131 – 1963, janeiro, 22 – <i>Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sines ao Diretor Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.</i>	248

Documento 132 – 1963, fevereiro, 22 – <i>Parecer do Arquiteto Chefe de Secção da DGEMN acerca do estado de conservação das muralhas.</i> 1964 – <i>Carta do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sines para Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian com a proposta para a instalação do Museu de Sines na igreja da Misericórdia.</i>	249
Documento 133 – 1966, 23 de agosto – <i>Carta de Mauel Ferrera, enviada ao Comissário do Secretariado de Propaganda Nacional, informando-o do estado deplorável em que se encontrava o Castelo de Sines.</i>	250
Documento 134 – 1968-1970 – <i>Artigo publicado por D. Fernando de ALMEIDA onde relata a análise efetuada às muralhas do Castelo, em busca de peças de cantaria «visigóticas» e o plano por si gizado para as retirar e localizar a «basílica» com o apoio de José Miguel da Costa.</i>	252
Documento 135 – 1971, junho, 30 – <i>Carta do arquiteto diretor de serviços ao diretor geral da DGEMN.</i>	253
Documento 136 – 1972, julho, 26 – <i>Parecer de resposta do GAS.</i>	254
Documento 137 – 1976 – <i>Poema de Al Berto onde descreve o impacto sentido perante a destruição da paisagem de Sines.</i>	256
Documento 138 – 1983, outubro, 20 – <i>Texto de Alberto R. Pidwell Tavares, coordenador do Núcleo Cultural da Câmara Municipal de Sines, de introdução do Levantamento Cultural de Sines.</i>	258
Documento 139 – 1986, junho, 27 – <i>Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sines ao Secretário de Estado das Finanças.</i>	260
Documento 140 – 1993, novembro, 15 – <i>Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados no Castelo de Sines nos anos de 1992-93, sob a orientação de Carlos Tavares da Silva.</i>	262
Documento 141 – <i>Texto de Alberto R. Pidwell Tavares (Al Berto), coordenador do Núcleo Cultural da Câmara Municipal de Sines, de introdução do Levantamento Cultural de Sines.</i>	263
Documento 142 – <i>Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sines ao Secretário de Estado das Finanças.</i>	265
Documento 143 – <i>Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados no Castelo de Sines nos anos de 1992-93, sob a orientação de Carlos Tavares da Silva.</i>	266
Documento 144 – <i>Ricardo Estevam Pereira: Memória descritiva do projeto de arranjos exteriores do Largo Poeta Bocage.</i>	282

Documento 145 – <i>Texto para o filme sobre a Casa de Vasco da Gama, paptente no último piso da Torre de Menágem do Castelo.</i>	284
Documento 146 – <i>Comentário do Júri justificando a atribuição do Prémio IHRU à Recuperação do Castelo de Sines.</i>	287
Documento 147 – Bento Caldeira, José Borges e Rui Oliveira – <i>Relatório de Prospecção Geofísica para detecção de vestígios arqueológicos nas áreas do interior das muralhas do Castelo de Sines.</i>	288

Apêndices

Apêndice 1 – <i>Quadro dos Rendeiros da Renda da Imposição</i>	317
Apêndice 2 – <i>Gráfico da evolução da Renda da Imposição entre 1732 e 1833</i>	320

Fontes

Fontes Manuscritas	322
Fontes Impressas	322
Publicações Periódicas	346
Publicações não Periódicas	349
Fontes Cartográficas	357

Bibliografia

Dicionários e Enciclopédias	359
Estudos	361
Catálogos de Exposições	395

Documento 1

Século IV – *A ilha de Poetânion referida por Avieno na Ora Marítima, pode corresponder, segundo alguns autores, à ilha do Pessegueiro, ou até eventualmente à Perceveira, grandes referências náuticas nas rotas de navegação de cabotagem.*

Publ.: José Cardim RIBEIRO (1996) – *A Ora Marítima de Avieno e a descrição da costa atlântica entre o Cabo da Roca e a foz do Sado. A propósito da localização de Poetanion. In La Hispania Prerromana. Salamanca: Ediciones Universidad. p. 287. Actas del VI coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica.*

- 170 – (... ..)
 (...) prominens surgit dehinc
 Ophiussae in auras (...)
 (... ..)
 at qui dehiscit inde prolixo sinus,
 175 – non totus uno facile navigabilis
 vento recedit. namque medium ac(cess)eris
 Zephyro vehente, reliqua deposcunt Notum.
 (... ..)
 (... ..)
 180 – (... ..)
 (... ..)
 (... ..) tum Cempsicum
 ingum intumescit. subiacet porro insula
 Achale vocata ab incolis. (...)
 (...)
 195 – Cempsi atque S[a]efes arduos collis habent
 Ophiussae in agro. (...)
 (... ..)
 (... ..)
 Poetanion autem est insula ad Sefum[um] latus
 200 – patulusque portus. (...)

Depois surge nos ares o promontório de Ofiúsa (vv. 171-172)

O golfo, que então largamente se abre, retrocede, não sendo todo ele facilmente navegável com um só vento: chegarias a meio levado pelo Zéfio; (mas) o restante exige o Noto (vv. 174-177)

Depois ergue-se o cabo Cêmpico. Em baixo e mais à frente, fica a ilha que os naturais chamam Ácala (vv. 182-184)

Os Cempsos e os Sefes têm elevadas colinas no território de Ofiúsa (vv.195-196)

Há também a ilha de Petânion, para o lado dos Sefes, e um amplo porto (vv.199-200)

Documento 2

1009 – *Lápide fundacional de uma rábita, reutilizada na construção das casas da alcaidaria do Castelo de Sines.*

Publ.: Ana LABARTA; Isabel INÁCIO; Ricardo Estevam PEREIRA (2021) – O Eterno Retorno da Lenda de São Torpes; A primeira inscrição islâmica encontrada em Sines. In Ricardo Estevam PEREIRA, dir. – *Memórias da Praia de São Torpes*. Sines: Museu de Sines; Museu Nacional de Arqueologia; EDP. p. 238-240.

[falta]

الرابطة ليذكر ان شاء

الله فذلك في شهر

رمضان من سنة تسع و

تسعين وثلثمائة [...]

الله [...]

[...]

[... esta] rábita para que seja mencionado (o nome de Deus), se Deus quiser. E isso (foi) no mês de / Ramadão do ano 399. Pressione / Deus àquele que abjura de sua religião / como Deus subjugou Satanás

Transcrição e tradução de Ana LABARTA.

Documento 3

1190 – *Excerto da descrição feita pelo cruzado Rogério de Houedene da costa portuguesa, onde se destaca a referência a Sines.*

Publ.: *Cronica Magistri Rogeri de Houedene* (2012) – Cambridge: University Press. Vol. 3. p. 46-47.

In crastino autem festi Sancti Jacobi apoatoli, feria sexta, Robertus de Sabluil, et Ricardus de Camvilla, et Willelmus de Forz de Ulerun, recesserunt a portu Ulixisbonæ cum navigio regis Angliæ, transeuntes per montem magnum protensum in mari, qui dicitur Spichel, et per portum Dalchath, et per Palmel, et per Sinnes, terram quandam arenosam protensam in mari; et per portum Deordimire, et per montem magnum et excelsum, protensum in mari, qui dicitur Caput Sancti Vincentii; in quo corpus Sancti Vincentii requievit intumulatum per multa tempora, usque dum translatum fuit ad civitatem Ulixisbonæ. Deinde transierunt ante portum Silviae, quae tunc temporis ultima fuerat Christianorum civitas in partibus illis Hyspaniæ. Deinde trausierunt per civitatem paganorum quæ dicitur Sancta Maria de Hayrun; et est notandum quare civitas illa sic nominatur Sancta Maria de Hayrun. Hayrun dicitur locus in quo civitas illa sita est, et Christiani, qui ædificaverunt eam, sic nominaverunt eam; et in memoriam Beatæ Dei genitricis Mariæ yconiam quandam lapideam super murum statuerunt. Deinde cum pagani pævaluissent adversus Christianos, obtinuerunt eam; et cum yconiam illam supra murum stantem invenissent, amputaverunt caput et pedes et brachia illius, in contemptum fidei Christianæ et Beatæ Mariæ, et projecerunt illa longius in mare.

Documento 4

1362, novembro, 24, Évora – *Carta de elevação de Sines a vila, referindo a vontade dos Homens Bons de construírem um muro para se cercarem.*

ANTT, Chancelarias Régias, *Chancelaria de D. Pedro I*, fl. 76.

Publ.: *Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)* (1984) – Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. p. 323-324. n.º 705. Edição preparada por A. H. de Oliveira Marques.

Sines, fecto ujlla e fora da sugeiçom De santiago de cacem

[D]om pedro pella graça de deus Rey de Portugal e do algarue A quantos esta carta ujrem faço saber que os homeens boons de sines me enujarom dizer que se ⁽¹⁾ fosse mjnha mercee de os fazer jsentos de sugeiçom de santiago de cacem cuja aldea era e que fosse ujlla per ssy que elles se queriam cercar e fazer aquelle muro que ora hi he ⁽¹⁾ compeçado per ssy E pedirom me por mercee que os quisese fazer ejssentos e liures da dicta sugeiçom e lhes outorgase que esse lugar de sines fosse ujlla per ssy e ouuese jurdiçom per ssy e jujzes pera fazerem djreito e justiça E outros officiaães que fossem compridoiros pera boo regimento desse lugar.

E eu veendo o que me enujarom dizer e pedir e teendo que he serujço de deus e meu E grande guarda da mjnha terra porque aquel lugar sta em aquella costa do mar E pero que stando assy desçercado podia per hi aa mjnha terra recrecer grande dampno E querendo fazer graça e mercee aos dictos lugares de sines Tenho por bem e mando que o dicto lugar de sines seja jsento da sugeiçom de santiago de cacem cuja aldea era E que seia villa per ssy e que aia jurdiçom do ciuel e do crime como han as outras ujllas da hordem de santiago que assy som jsentas E mando que enlejam seus Jujzes pera fazer djreito e justiça e façam seus officiaães segundo he costume de fazer nas outras villas e lugares da comarca da dicta hordem E que essa enleiçom que assy fizerem dos dictos Jujzes que a enujem ao meestre de santiago que lha confirme como faz aas outras ujllas dessa hordem E por esto nom seia fecto perjijzo ao dicto meestre e hordem em djreito ou djreitos alguũs se o hi ham ou auer deuem

E em testemunho desto lhes mandey dar esta mjnha carta

dante na cidade d euora xxiiij dias de novembro el rrey o mandou per afomso dominguez seu uasallo fernam rodriguez a fez era de mjl iiij^c anos.,,

(1) Palavra entrelinhada.

Documento 5

1364, setembro, 30, Guarda – *D. Pedro I reverte a decisão do mestre de Santiago de diminuir os limites do termo da nova vila da Sines, impondo aos habitantes de Santiago do Cacém que ajudassem a construir o muro de Sines, como contrapartida.*

ANTT, Chancelarias Régias, *Chancelaria de D. Pedro I*, fl. 104-104v.

Publ.: *Chancelarias Medievais Portuguesas. D. Pedro I* (1984) – Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. p. 451-452, n.º 967. Edição preparada por A. H. de Oliveira Marques.

[...]

E que estando elles assy em posse do dicto termo polos marcos e divisões que ho dicto mestre veo per hi e lhes tirou a moor parte e o melhor do dicto termo e mandou aos do dicto logo de Santiago que lhes ajudassem a fazer o muro do dicto logo de Sines com entendimento que se se tiveses por agravados em no termo que lhes satisfariam pera ajuda do dicto muro e que em este termo que lhes assy <ora> o dicto meestre leixara nom poderiam aver mantiimento elles nem seus gados nem outrossy num podiam hi aver madeira e nom se podiam em ele manteer.

[...]

Documento 6

1480, novembro, 13 - *Visitação da vila de Sines. Nela encontra-se a primeira descrição do Castelo e elencam-se as obras nele mandadas executar por Estêvão da Gama.*

A.N.T.T., *Ordem de Santiago e Convento de Palmela*, mç. 1, doc. 29.

Publ.: Luís Adão da FONSECA (1999) – Vasco da Gama e a Ordem de Santiago. In *Ordens Militares: guerra, religião, poder e cultura*. Palmela: Câmara Municipal; Edições Colibri. Atas do 3.º Encontro Sobre Ordens Militares. p. 277-292.

[fl. 1] *Vesitação da vila de Synes que vay el Rey nosso senhor.*

Na qual achamos por camara do senhor Meestre. E começamos de a visitar aos XIII dias do mes de Novembrro era de mill e IIII^oLXXX. E principalmente vesitamos a igreja de Sam Salvador da dicta vila e as hermidas e espital e capeelas, a saber, prata, joyas e ornamentos da dicta igreja e meudamente todas as cousas de servidom da dicta igreja. Na qual nom achamos priol do abito salvo que soe de teer capelom e isto por seer sempre camara do Meestre.

Vesitação de Synes pera el Rey nosso senhor.

Era de 1480. Vesitação de Sines¹

[fl. 1v] *Esta igreja achamos que ha trres anos que se nom canta nem tem nenhum capelom porque nom lhe soe de dar mais que mill e quinhentos reais em dinheirro e o pee do altar que diz que soya de render muyto e que agora rende trezentos reais. E nom ha triigo nenhuum da qual cousa ho povoo se muito agravou dizendo que careciam do officio devyno e que enterravam os homeens sem receberem os Santos Sacramentos. E fezerom sobrello requerimento a <n> os dictos vesitadores.*

O que todo visto per nos, determinamos que Luis Piriz, priol de Santiago de Quacem, cante a dicta capelaniia, doje que som XXI dias de Novembrro da presente era de IIII^oLXXX ataa Sam Joham seguinte, da era de mil IIII^oLXXXI. E soldo por livra aja dos dictos mill e quinhentos reais o que lhe montar o tempo que servir. E co o pee do altar pera guisa que he de costume. E em tanto avera o dicto concelho provisom da Santa Madre Igreja.

E de Sam Joham em diante dizemos que, visto como os dictos mil e quinhentos reais e o pee do altar he tam pouca cousa que qualquer capelom os engeyta e nom se acha quem servir, mandamos ao almoxarife do dicto senhor que tanto que hy ouver priol do abito na dicta igreja que do pom que rendem os regueengos de em cada hum ano os dictos mil e quinhentos reais e o pee do altar como soya de ser, e mays dous moyos de trigo. O qual dinheirro lhe pagara por Natal e triigo por Santa Maria dAgosto. E o

¹ Esta frase está escrita em letra diferente, provavelmente do séc. XVI.

senhor Mestre podera fazer suas caussas se lhe bem² parecer com aquelles a que tem dado parte de suas rendas na dicta vila em comenda e que per nos nom pode ser facto por quanto achamos que he camara.

[fl. 2] Outrossy leixarom ordem e regrra como o prioll e priores que na dicta igreja esteverem, como ham de rezar as oras canonicas e menistrar ao povoo os Santos Sacramentos. E assy todo o mais que a seu carreguo perteence.

Outrossy ficam na vesitaçom todallas propiedades e foros que os defuntos leixarom aa dicta igreja de que se cantam os aniverssairos.

Item vesitarom Sancta Maria das Salas, hermidia que esta acerqua do mar, a saber, prata e ornamentos e livros e meudamente totalas cousas de servidom dela.

Item vesitarom o espital que Men Piriz leixou na dicta vila e assi totalas propiedades do dicto espital. E porque andava demenuydo, tomaram contas e ronovarom no. E fica menistrador. E todo dado a vesitaçom.

Item vesitarom os bens que Domingas Eannes leixou em capeela de que se cantam aniversairos na dicta igreja de Sam Salvador de Synes que tambem eram demenuydos. E reformarom ho desejo da defunta. E per nova provisom fica per vesitaçom a dicta capella reformada.

[fl. 2v] Termo das propiedades que a Ordem de Santiago tem na dicta vila de Synes.

Item ho reguengo da Ordem, a saber, sem triigo, centeeo e cevada. O qual centeeo e cevada he de Pero Alvarez e ho ha co a comenda dos Colos. E afora ho regueengo ha tambem ho segundo do povoo, a saber, dos moradores da dicta vila de Synes e seu termo, do qual pom pagom os lavradores aa Ordem ho terço e dizimo.

Item outro regueengo que parte co o rossiio da dicta vila honde estam as ortas foreiras aa Ordem, do quall se paga de todo pom ho terço e dizimo.

Item hũa vinha do Romão e terras de pom na metade do dicto regueengo que andom de cinco hum sem outro dizimo.

Item no dicto reguengo duas ortas de Joham do Coouto e hũa orta de Vargo e outra orta de Eiriia Afomso. Estas Estam todas misticas. E pagom de cada hũa de foro hũa galinha ou XXIII reais e II pretos pelas livras.

Item hum forno de telha junto co o castello. Diz Joham do Coouto antiigo que o fez dom Joham leixou e apropriou a metade da poya delle pera a igreja de Sam Salvador da dicta vila e a meetade pera o castello.

Item ho moyngo do Cubo com seus arneiros anda de quinto. E a renda delle ha Pero Alvarez co a comenda de Colos.

² Segue-se a palavra “veer” riscada.

[fol. 3] Item outro moynho a fundo deste foreiro ao moynho suso dicto do Cubo, cuja renda tambem ha o dicto Pero Alvarez. E este paga cada ano quarenta alqueires de pom.

³Item a dizima da ribeira da dicta vila de Synes, a qual ha o dicto Pero Alvarez – X [mil] reais.

Item Estevom da Gama ha o dizimo de todollos gados.

Item a portagem ha o dicto Estevom da Gama. Rende huuns anos por outros dous mill reais – II [mil] reais.

Item outra portagem da sahida da foz que el Rei mandou levar novamente rende cada ano – I [mil] reais.

Item os vinhos ha o dicto Estevom da Gama. Rendem em huuns anos por outros cinco e seis tonees de vinho.

Item as pensões dos tabaliãaes ha o dicto Estevom da Gama, a saber, dous tabeliãaes – novecentos reais cada hum que som I [mil] blll reais.

⁴Item a renda do mel ha Estevom da Gama. Rende huns anos por outros quatro cinco odrres de mell.

Item os linhos e lãas, frangoos, alhos e cebolas e as outras meuças rendem huns anos por outros – I [mil] b reais.

Item a alcaidariia rende huuns anos por outros nihil. Esto porque aynda nom foy arrendada em seu poder.

Item as conhecenças rendem huns anos por outros duzentos e cinquenta reais – II e L reais.

Item cordeiros⁵ rendem huuns anos por outros mil e quinhentos reais – I [mil] b reais.

Item os bacoros rendem huuns anos por outros duzentos, trezentos reais . III reais.

Item poldros, burros, forões huns anos por outros – II reais.

[fol. 3v] Outrossy lhe fica determinaçom ao dicto Estevom da Gama, comendador, que mande pela constituïçom do prelado e que per ella deve os dízimos, a qual mandara trazer assynada e seellada pello vigairo do bispo dEvora. E asy levara justamente. E os lavradores e criadores saberam do que ham de pagar.

[fol. 4] Termo da vesitaçom que foy facta a Estevom da Gama, cavaleiro da dicta Ordem e comendador do Cerqual e alcaide moor da dicta vila de Synes.

³ À margem esquerda está escrito “XV mil”. No documento encontra-se um traço horizontal por cima do XV. No entanto, dada a impossibilidade de o reproduzirmos, optámos por escrever a palavra [mil]. Esta mesma situação aolica-se aos casos que se seguem ao longo do texto.

⁴ Entre este parágrafo e o anterior, está riscado “item mais a dizima dos molhes”.

⁵ Segue-se “bacoros” riscado.

Ao qual foy facta pergunta pellos vesitadores como possuaya a dicta alcaidariia e o que avia com ella⁶. E tambem lhe mandarom que mostrasse as benefytorias que no castello da dicta vila factas tiinha depois que em posse delle era e assy do mais que se adiante segue, pera se veer o que da dicta Ordem tiinha e do Principe nosso senhor como Mestre e perpetuo administrador que he dela possuaya e etc.

E logo pello dicto Estevom da Gama a mym, escriptam da vesitaçom, foy apresentada hũa carta do dicto senhor, escripta em purgaminho e seellada de seu seello em cera branca e assynada do seu sinal, da quall ho theor de verbo he este que se segue⁷:

Dom Joham, per graça⁸ de Deus, primcipe primogenyto herdeiro dos regnos de Portugal e dos Alguarves, dAaquem e dAalem mar em Afrrica e administrador perpetuo da Ordem de Cavalariia do Meestrado de Santiago⁹, a quantos estacarta virem fazemos saber que pelos serviços que Estevom da Gama, alcaide moor da nossa vila de Synes, comendador do Cerqual, tem factos a nos e aa dicat Ordem e ao diamte delle esperamos de redeber, e querendo lhe fazer graça e merccee, teemos por bem e nos praz que elle tenha e aja de nos e da dicta Ordem [fol. 4v] em comenda a renda dos vinhos e portagem¹⁰ e a renda dos taballyães da dicta vila de Synes, e isso mesmo os linhos e anelhos¹¹ e cordeiros e bacoros e cabrritos e mel, foros, conhecenças¹² legumes e todallas outras meuçãs como se sempre pera nos e pera a dicta Ordem colherom e arrecadarom em a dicta vila, e melhor se com dirreito as elle poder aver e arrecadar. As quaes rendas lhe nos damos pellos dictos serviços e em contentamento e satisfaçom da alcaydariia dos Collos. E mando que neeles tiinha por seer capitom e alcaide moor de Synes que nos leixou. Asquaees rendas lhe nos assy damos em comenda como dicto he e queremos que elle as aja e possua assy e tam compridamente como as ham e possuem os outros comendadore da dicta Ordem suas comendas atee lhe seer tornada a dicta alcaydariia dos Colos. E mando que neelles tiinha por assy ser capitom e alcaide moor da dicta vila de Synes em qualquer tenpo que lhe todo tornado seja. Elle dicto Estevom da Gama nom teera mais em comenda as dictas rendas soamente avera na mesa meestrall da dicta Ordem dhy em diante cada ano dez mill reais brrancos, dos quaaes queremos e nos praz que ello aja pagamento pellas dictas mesmas rendas. E mandamos aos veedores e officiaaes da

⁶ Segue-se “*dando bc*” riscado.

⁷ Nesta carta, datada de 1478.06.09, concede-se a Estêvão da Gama a vila de Sines como comenda da Ordem de Santiago, com as rendas que se especificam, parte das quais não recebera porque lhe é dada uma tença de 10.000 reais brancos anuais procedentes das rendas da Mesa Mestral da Ordem. Publicada por JACINTO INÁCIO BRITO REBELO. “Navegadores e exploradores portugueses até ao XVI século. Documentos para a sua história – Vasco da Gama, sua família suas viagens, seus companheiros”, *Revista de Educação e Ensino*, Lisboa, volume 13, 1898. Pág. 52-55. A fonte indicada em BRITO REBELO é *Livro I Cart. de Sanct’Iago, fl. 136*. Nas notas que se seguem assinalo as divergências entre os dois textos (o que se encontra nesta visita e o que é publicado por JACINTO INÁCIO BRITO REBELO); exceptuo as meras diferenças de ortografia ou de pormenor.

⁸ A palavra “*graça*” foi sobreposta a “*mer*”.

⁹ JACINTO INÁCIO BRITO REBELO não tem a intitulação transcrita em itálico.

¹⁰ JACINTO INÁCIO BRITO REBELO tem *renda uços [usos] e a portagem*.

¹¹ JACINTO INÁCIO BRITO REBELO tem *ovelhas* em vez de *anelhos*.

¹² JACINTO INÁCIO BRITO REBELO tem *semtemças* em vez de *conhecenças*.

nossa fazenda que pera elle nomeadamente lhe dem cada ano ho despacho dos dictos dez mil reais. [fol. 5r] E porem mandamos ao nosso contador do dicto meestrado e ao nosso almoxariffe ou recebedor que ora he e ao diante for do dicto almoxariffado de Synes e a todollos outros officiaes e pessoas a que o conhecimento desto perteezer, per qualquer guisa que seja, que metam loguo em posse e ajam por metido ho dicto Estevam da Gama ou quem elle pera ella em seu nome enviar¹³ de totalas dictas rendas e cada hũa delas como dicto he e lhas leixem assy arrendar, colher e arrecadar pera sy e pera quem lhe prouver pella maneira sobrre dicta e lhe cumpram e guardem e façom muy bem comprir e guardar esta nossa carta como em ella he contheudo sem outra duvida nem embargo que em maneira algũua a ello ponham porque assy he nossa mercee. E em testemunho dello e por sua guarda lhe mandamos dar esta nossa carta assygnada per nos e assellada do nosso sello. Dada em Montemoor a IX dias de Junho. Cheristovam de Bairros a fez. Anno de Nosso Senhor Jhesu Christo de mil IIII^eLXXVIII.

A qual carta assy apresentada pello dicto Estevam da Gama aos dictos vesitadores como dicto he, comigo, escripvam da vesitaçom, ho forom logo vesitar, a saber, o dicto castelo e bemfeytoriias na maneira que se adiamte segue.

[fol. 5v] Item acharom que o dicto Estevom da Gama de hũa¹⁴ torre que no dicto castelo esta, a quall estava mocha, mandou fazer hum lanço de parede, alevantando a mais e a mandou toda amear. E chamasse a torre da Cegonha.

Item cobrrio esta meesma torre de muy grrossa madeeira e telhado cuberto todo de cal acafellada. E serve em baixo de adega.

Item aa porta do dicto castelo aa de fora mandou fazer hum baluarte. E outro tall mandou fazer dentro no dicto castello aa porta por honde se enttram os paaços.

Item na sala grande terreea fez hum departamento de parede. E aly fez estrebariias.

Item mudou a escaada grande dos dictos paaços e lançou ha por outra parte. E as casas e torre principal, que he apousentadariiia honde elle pousa, fez departamentos e mudou ho andar das dictas casas e repartyo as muyto melhor do que soyam destar e repairou as de madeeira e de telha e de call, que estom de todo muyto bem ordenadas.

[fol. 6] Item por defenderem melhor ho castelo se fosse entrado desta torre grrossa de morada pera hum cubelo que adiante esta contra a porta do dicto castelo, da parte de dentro mandou fazer hum lanço de parede de longo do muro ameado muy bem ordenado etc.

Item mandou cobrrir hum cubelo madeirado e telhado de novo que esta sobre o mar pera velarem delle com qualquer tempo que faça. E mandou lhe fazer ao pee hum botareeo.

¹³ JACINTO INÁCIO BRITO REBELO tem *emujar*.

¹⁴ Segue-se “*grande*” riscado.

Item outras casas do andar do chãao do castello e outras bemfeytoriias meudamente fez que som escusadas escrepver, em que repairou todo sagesmente.

Item hum cubelo da parte do mar que era todo por terra levantou ho concelho com ajuda e aviamento do dicto Stevom da Gama. E esta agora de novo muyto forte e muyto boom.

Item assy repairarom ho muro do dicto castello de quebrradas que era muyto comesto ha logares darredor.

Item mandou fazer hũa porta nova no castello des contra a vila e mandou çarrar outras duas portas que hy aviia por ficar ho castelo mais forte.

[fol. 6v] Outrossy visitarom o dicto Stevom da Gama como estava perecebido pera servir o Principe nosso senhor e a dicta Ordem, e acharom lhe estas cousas que se seguem:

Item trres cavalos boons, a saber, dous de sua pessoa e hum pera escudeiro.

Item duas mulas, hũa de sua pessoa e outra descudeiro.

Item hũa azemala booa e dous asnos.

Item sete corpos de gibonetes

Item tres capacetes, hum davantagem e dous arrezoados.

Item trres babeiras.

Item hum saco com malha fyna e rica, a saber, goucetes e faldrras.

Item hũa duzia de peytos daceiro.

Item hũa duzia de beestas, a saber, cinco daço e sete de paaos novas e fortes.

Item dez quaxas de paaos cheas de viratões.

Item mea duzia de bombardas.

Item hũa collobrreta.

Item cinco espingardas.

Item mees duzia de dargas.

Item hum saco de polvora.

Item lanças comunalmente.

Item espadas e alguuns paveses.

Item todo ataviio dos dictos cavalos e mulas, arrezoadamente.

[fol 7] E ha o dicto Estevom da Gama na dicta via de Synes em comenda ho comtheudo na carta do Principe nosso senhor atrras escripta.

O quall assy vesitado como dicto he logo pellos dictos vesitadores lhe foy feyta pergunta em cujo nome possuaya a dicta alcaidariia moor e tiinha o dicto castello. E per elle foy dicto que o possuaya pello Primcipe nosso senhor e pella Ordem, e que todallas bemfeytoriias que feytas tiinha em elle, e com todallas cousas darmariia e cavalos etc.. E sobre todo principalmente com sua pessoa e com todollos que seus mandados fazem. Nas mãaos de Gil Vaaz da Cunha, vesitador disse e prometeo esto que se segue:

Eu, Estevom da Gama, cavaleiro da casa do duque dom Dieguo, comendador do Cerqual e alcaide moor da vila de Synes, prometo a Deus e ao Primcipe nosso senhor, como Meestrrre e perpetuu administrrador que he da Ordem e cavalaria da Ordem de Santiago, em estes regnos de Portugal, etc. e aa fe de cavaleiro e per juramento deste abito que receby, em o quall [fol. 7v] loguo pos a mão, que com todo o que dicto he e principalmente com minha pessoa e com a dicta fortella e com todos aquelles que meus mandados fazem, agora e sempre este a serviço do dicto senhor Meestrrre e da dicta Ordem. E que receba o dicto senhor em ella de diia e de noyte, com muytos e com poucos, yrado e pagado, no alto e no paixo (sic), e lealmente e fielmente, tirada toda maa arte e engano, lhe obedeeça e cuprra (sic) seus mandados em todallas cousas e principalmente com a dicta fortelleza e menagem dela, e com as chaves dela, como a meu senhor e Meestrrre. E assy ho prometo a Deus e a vos, senhor Gil Vaaz da Cunha, vesitador, neestas vossas mãaos. E per este abito que receby. E assy prometo de nunca aleguar per escripçom.

[fol. 8] Termo da visitaçom do Cerqual, de que o dicto Estevom da Gama he comendador e aora possuye.

[...]

Documento 7

1517 – Excertos da *Visitação a Sines efetuada pelo Mestre D. Jorge, Diogo Salema, cavaleiro da Ordem de Santiago, e António Fernandes, prior de Colos, visitantes da Comarca do Algarve, relativos à ermida de N. Sr.ª das Salas e ao Castelo.*

ANTT, *Ordem de Santiago e Convento de Palmela*, liv. 164, fl. 12 v.

Publ.: Arnaldo da SOLEDADE (s.d.) – *A Visitação de D. Jorge de Lencastre a Sines em 1517*. Sines: Junta de Freguesia.

(...) [fl. 12v]

Porque esta lrmida de nosa sennhora das salas foy edificada no tempo que a Rajnha dona betaca de greçia aquj desembarcou, e ella fez a dita lrmjda, omde noso sennhor tem feitos e faz muitos milagres e sera sem Rezãao e cousa escam[d]allosa averse de desfazer a dita casa, do lugar omde estaa, por tamto per visytaçam ordenamos e mamdamos que a dita casa estee pera sempre, omde ora estaa e se nom mude dally E mamdamos aos mor-domos e comfrades da dita casa que a faram mais comprida asy como damtes era, E aaleuamtem e corregam com huuma janela comtra ho mar aquall obra lhe emcomemdamos e Rogamos que faram ho mais çedo que poderem; por ser casa de mujta devaçam.//:-¹⁵

(...) [fl. 39v]

visitamos o dito castelo, o quall tem huuma torre de menagem muy boa, e huuma sala gramde sobradadas, e a dita torre he de dous sobrados, e demtro no dito castello estão algumas casas terreas e sobradadas, E nom há nelle armas nem tiros de fogo alguns/:-

foy tomado menajem a Jorje furtado allcaide moor do dito castelo e villa na forma acostumada, e dise que principlamente com sua pessoa e com a dita fortalleza, e com suas armas e cavallos

e criados, estauua prestes pera nosso
serujço de dia e de noute per maar e per terra
E asy ho prometeo e jurou per amte
mjm seprivam da visitaçam e portamto
saynou aquj//:

Jorge fortado memdonça

Documento 8

1527-1533 – Numeramento da população de Sines.

ANTT, Feitos da Coroa, *Núcleo Antigo*, 293.

Publ.: João Tello de Magalhães COLLAÇO (1931) – Cadastro da População do Reino (1527) Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira. Lisboa: Tip. da Empresa Nacional de Publicidade. p. 50.

VILA DE SYNES

esta uylla de synes he do mestrado de santiago ehe comenda, tem hũa ffortalleza sobre o mar pera o lleuante a jurdyccção he do mestre, as rendas tem ell rey nosso senhor as sysas verdes e montado e dereitos de cousas que se tyrão que pertencem hallfandegua esta dyzima tem o conde da vidygueira, tem o mestre as terças do concelho e a mays remda he do comendador e tem o bispo deura a redyzima tem hua so ffreguesya e tem moradores.....180

Termo

huã povoação que se chama benayça duas llegeas e mea da uylla ao llevante009

tem em casaes apartados014

Somma os moradores desta uylla e termo203

tem mays esta uylla homes mancebos solteiros049

tem esta uylla huã casa de são ffrancisco a porta da uylla ao llongo do mar que o comendador agora ffaz que tem quatro frades.

tem hua casa de *beginos* huã llegea da uylla omde chamão junqueira contra a ha sera que tem quatro ou cjnquo *beginos* dos da sera dosa.

Comfrontação do termo

parte o termo desta uylla com ho de santiago ao lleuante e tem de termo pera esta parte huã llegea e mea e sam desta uilla a santiago tres.

parte com o de villa nova de myll fontes ao sueste e tem de termo pera esta parte tres *legoas* e são desta uylla a vila nova cymquo.

esta villa está na costa do mar e tem huã calheta homde se recolhem dez a doze batees de pescar abrygados do vento oeste da parte do mar eté ho nordeste.

Documento 9

1533, novembro, 24, Sines – *Auto de posse do Castelo de Sines, realizado pelos visitantes Diogo Salema, Cavaleiro da Ordem de Santiago e António Fernandez, prior da vila de Colos, ao comendador e alcaide-mor Jorge Furtado de Mendonça. Contem uma descrição muito detalhada e completa das construções e da utilização dos espaços.*

ANTT, *Ordem de Santiago e Convento de Palmela*, Coleção Especial, caixa 158.

Publ: Pedro A. de AZEVEDO (1905) – Autos de posse de castellos no seculo XVI. *O Archeologo Português*. Lisboa. Séria 1, vol. 10, p. 100-103.

1. Auto de posse do castello de Sines. 24 de Novembro de 1533

Ano do nacimiento de noso senhor Jhesu Christo de mill e quynhentos e trynta e tres anos aos xxiiij^o dias do mes de novembro em a vylla de Synes no castello e fortaleza dela estando hy diogo çalema cavalleiro da hordem de santiago e antonio Fernandez prior da vylla dos collos vesytadores per autoridade e mandado do mestre e duque etc. noso senhor e pelos defyndores do capitulo gerall que se celebrou no convento de pallmella a xiiij dias do mes doytubro do ano pasado de j b^e xxxij pellos quaes forão emleytos pera ello e estando hy outrosy o senhor Jorge furtado de mendoça comendador e alcaide mor da dita villa loguo pellos ditos vasytadores lhe foy feita pergunta se tynha algum auto da entrega da dita fortaleza e das cousas della afora o que elles vesytadores trazão ou se tynha o trelado della e por o dito comemdador foy dito que não tynha nenhum auto da dita entrega somente o que elles vesytadores trazão da pose que lhe fora dada por João Godynho contador que foy deste mestrado a quall os ditos vesytadores mandarão ler a mym escriptvãõ da dita vesytação e por em ella não deccrarar as casas da dita fortaleza mandarão que fizesse este auto com a deccraração das ditas casas que a dita fortaleza tem as quaes elles loguo vyrão e sam as seguintes item he hum castello dentro da cerqua da vylla cerrado sobre sy com muro a redor e tem hum portall de pedraria com um baluarte de fora dameas e bombardeyras e hũas portas novas e fortes com seu ferrolho grande e fechadura e hũa tranqua forte e grossa metyda no muro per honde corre e entrando pela dita porta esta hum pateo com hum poço de agua nadvell e bõa pera beber e por riba esta hum arco sobre que esta armada hũa camara e pelo vão debaixo deste arco e camara vão ter a hũa porta de hũa casa terrea grande em que estão hũas grades de pao no portall per honde se entra e entrando pella porta do dito castello ha mão ezquerda esta hũa escada de pedra per honde sobem as casas do apousentamento do dito castello que he a primeira casa hũa salla pequena com chomine e ladrylhada com hũa janella metyda no muro sobre a porta do dito castello e he madeyrada dasnas e de telha vãa encalada per riba e da dita sala vay hũa porta per hũa antecamara grande que tem hũa chemine e hũa janella grande peguada com a chemine sobre o pateo rasa e dalvaneria com hũas portas novas de castanho trancadas e outra janella da banda da vylla metyda no muro de sedas e hum peytorill de pedraria

com hum marmore no meo com hũas portas de castanho novas e a mão ezquerda da porta da dita camara vay hũa escada de madeyra pera bayxo pera hũa casa que esta debayxo da sala que tem hũa chemine e serve de cozynha e desta cozynha vay hũa porta pera outra casa que serve de despensa que fica debayxo da antecamara a quall antecamara he madeyrada de quatro agoas de madeyra de castanho e forrada de cortiça per cyma das asnas e ripa e no cabo desta antecamara vay hũa porta pera hũa camara no andar della que he tãobem madeyrada de quatro agoas e forrada de cortiça e tem hũa chemine e hũa janella sobre o pateo e dahy vay hũa porta pera hũs quintaes e desta camara vay hua escada pera baixo pera a logea desta camara que he ladrylhada pera molheres e sobre esta escada estão hũs almareos de bordos cõ sua porta E da dita antecamara vay outro portall per onde vay hua escada de pedra metyda pello muro que vay ter a porta da torre da menagem com sua aboboda per riba o quall portall da dita torre tem hũas portas fortes e bõas per homde entrão a hũa camara grande que he no meo da dita torre sobradada e nesta camara esta hua janella da banda do Resyo e a entrada da porta desta camara esta hũa escada com seus almareos de bayxo çarrados per honde vão he outra camara de cyma desta que he na dita torre a quall camara he de quatro agoas e forrada de tavoado de pynho e sobre a dita escada tem hũs almareos com suas portas çarrados e bõos e tem hũa chemine e duas janellas hũa pera a banda do norte e outra pera ho sull e esta casa tem hũa porta per honde vão per hũa escada ao cymo da dita torre e ao pee desta escada esta hũa janella da banda da vylla e a entrada da primeira porta da dita torre esta metida outra porta no muro da dita torre per honde vão per hum corredor a hum cobedello no qual corredor esta hua janella da banda do norte e a entrada do dito cubello esta hũa porta por homde entrão ao dito cubello e dentro no dito cubello esta hũa janella da banda da vylla e tem outra camarynha pequena çarrada sem janella o quall corredor e cubello sam çarrados de hũa banda e da outra do muro e telhados e argamasados per riba, e de bayxo da primeira camara da entrada da torre da menagem vay da dita camara hũa escada de pao com sua porta de alçapam pera outra camara de bayxo desta tam grande como ella çarrada com hũa fresta e de bayxo desta esta outra casa no andar do chão com hũa porta pera ho pateo honde estão as grades de bayxo do arquo e da dita maneira estão quatro casas na dita torre da menagem E a entrada da dita fortaleza no pateo della a mão direita esta hũa escada de pedra per honde vão a hum cubello redondo abobedado e argamasado que tem hũa janella sobre a porta do castello da banda de fora as quaes casas dise o dito senhor Jorge furtado per ante os ditos vesytadores e homẽs muitos da dita vylla que elle fizera de novo a saber a escada de pedraria e madeyrara e ladrylhara a dita sala e lhe mandara fazer ha janella do muro e fizera a dita antecamara e camara asy como estavam declaradas com a escada que vay pera a torre e chemines e escadas que vão pera baixo asy como esta todo declarado a sua propya custa e os guarneçera e concertara de todo E defronte da porta do dito castello esta hũa casa torre que he estrebaria com suas mãgedoyras em que caberão dez ou doze cavallos com outra casa dentro pera palheiro e dormirem escravos que disse o dito comendador que mandara tãobem fazer e detras das ditas estrebarias esta hũ quyntall çarrado que he das propyas casas de que se serve o alçayde que esta na dita fortaleza E dise o dito Jorge furtado que nunca lhe entregarão armas nenhũas da dita fortaleza nem as avya nella E de todo

os ditos vesytadores mandarão fazer este auto e acostar ao outro auto que era feyto pello dito contador e outro tall como este asynado per elles que o dito Jorge furtado pedyo pera ficar em sua mão e elle asynou este pera se levar pera ho cartorio do convento testemunhas que estavão presentes Francisco do Rego e Fernão lopez juiz ordinario e luis diaz moradores no dita vylla e eu Joam domingues escripvão da dita vesytação o escrepvi. = *Jorge furtado Mendoca*.

Documento 10

1554 – *Excerto da Visitação a Sines, integrada na Visitação e Provimto das Igrejas do Mestrado efetuada por D. António Preto, prior-mor do convento de Palmela e da Ordem de Santiago, relativo ao Castelo.*

ANTT, *Ordem de Santiago e Convento de Palmela*, liv. 197, fl. 37.

Inédito

[fl. 37] [...]

Casa da Ordem

visitouse o castello, esta o muro bõ, *para* a banda do mar tem / huã torre feita de novo e nõ esta acabada de todo, emtrã/do pella porta da fortalleza da banda do norte esta huã // [fl. 37v] [porta] pera hũ pateo pequeno calcado do qual vai huã esquadra / de pedra com 15 degráos de pedra, com hũ emcosto de tijollo daluaneria, vai *para* huã casa grande madei/rada dasnas de duas agoas tilhada de valladio, as / paredes daluaneria, o chaõ meo solhado e meo lladrilla/do de tijollo tosco, tẽ huã genella *para* a banda do / ponente e outra *para* a banda do Sul, os portais de / pedra da terra, com suas portas de castanno. / Desta casa vai huã porta *para* huã camera he maior / *quea* casa dianteira, saõ as paredes daluaneria ma/deirada dasnas de quatro agoas, forrado de cortica / vella sollada (?) tem huã genella *pera* a banda do pon/ente. /

desta casa vau huã porta *para* a banda do norte *para* a torre / a qual tem tres casas[que] estão mal tratadas e / desta segunda casa de baixo vai huã casa *para* a banda / do lleuante, tem huã genella sobello patio /

do patio vai outra escada *para* huã torre *que* se chama do / cubello. Tem suas estrebarias por baixo, boas / de detro nesta cerca moraõ doze vizinhos em casas / suas proprias *per que* as tem *per* bens patrimoniais /

o prior naõ tem casa proprias da jgreia, mas tem com/pradas suas em *que* mora

Documento 11

1565 – *Excerto da Visitação a Sines efetuada por Estêvão de Brito, comendador de Panóias e de Faro, e por Mestre Gaspar, prior da igreja de Santa Maria da Graça de Setúbal, relativo ao Castelo.*

ANTT, *Ordem de Santiago e Convento de Palmela*, liv. 215, fl. 22v.

Inédito

Visitação do castello /

Visitamos o castello e casas delle e achamos / *que* o castello hé mister Reparado por estar / por algumas partes danificado estaõ / nelle dez ou doze peças dartelharia, e dous / bombardeiros que (?) ahi tem. /

as casas do castello estaõ no estado *que* foraõ / entregues ao duque daveiro

Documento 12

1572 – *Confirmação da Comenda de Sines feita por D. Sebastião a D. Pedro Dinis, por morte de seu pai, primeiro duque de Aveiro.*

ANTT, *Chancelaria Antiga da Ordem de Santiago*, liv. 4, fl. 316-318.

Inédito

[fl. 316]

Dom Sebastião etc e como governador administrador / *que* soũ da ordẽ de cavalarija do mestrado de saõ / Tiago A quantos esta minha carta virẽ / faço a saber que dõ *pedro* dinis meu amado / Sobrjnho *Filho* do duque Daveiro que *deus* / perdoe vio proujdo em vida Do dito duque seu / pay Da comẽda da vylla de Sinis Como mostrou / per provisões *que* apresẽtou e foraõ vistas / por meu mãdado pello que mamdej que se / alargase ao dito dom *pedro* a pose *que* ã meu / Nome estaua tomada por faleçimento do dito Duque da dita comẽda e suas Remdas // [fl. 316 v] e avẽdo outro respeito sobre asi estar ã vjda do / Dito seu pay provjdo da dita comẽda como dito he / e aos serviços *que* me o dito Do *pedro* me tẽ feyto e aos que / espero *que* aodiamte faça a mim e a dita ordẽ / De sãtiaguõ De que he cavaleiro profeso e por fol/guar de lhe fazer merçe tenho por bẽ de o prover / Da dita comẽda que ora esta vagua per fale/cimento do djto duque seu pay que dela foj ultimo / e ãmediato posojdor cõ o abjto da dita ordẽ ã djas / De sua vida cõ todas suas Remdas derejtos fora tributo / e pertemças que lhe pertẽçerẽ e como tudo tinhõ / e aviaõ e pesuião o djto duque seu pay e os outros / comẽdadores *que* foraõ da dita comẽda e melhor se / o dito dõ *pedro* dinis tudo cõteto melhor puder ter e aver ate / dar e posojr e portãto mãdo ao cõtador Do djto mestrado / que per vertude desta carta De logo a pose da djta / comẽda cõ todas suas Remdas *direitos* foros tributos / e propredades ao dito dõ *pedro* dinis ou a seu serto bas/tamte procurador lhe faço ãtregua da dita comẽda / e propriedades dela *segundo* forma de seu *Regimento* per autos / publicus feytos pẽllo esçrjvaõ dos cõtos do dito mestrado / que ficaraõ na mãõ do dito dõ *pedro* dinis *para* sua guarda / e outros taẽs ãtregara ao dito cõtador no cartorjo / Do cõvẽto da dita ordẽ ao *qual* mãdo *que* lhe faça ãtregar tudo *pelo* qual deposito *que* ouver das Rendas da / Dita comẽda e lhe pertẽçer do falecimento do dito / Duque seu pay ate ora comstamdolhe per merce / Como esta carta he Registada no *Livro* dos propios / Desta comẽda pelo dito esçrjvaõ dos cõtos / a *quem* mãdo que a Registe no dito *Livro* e asym mãdo / a todos lavradores forejros carreiros colonos // [fl. 317] Imquijlnos da dita comẽda que paguẽm e acudaõ / ao dito Dõ *pedro* cõ todos los dízimos Derejtos foros / Remdas e pertemças *que* lhe pertẽçerẽ sãm / Duvjda nẽ ãpedimento algũ e o dito Dõ *pedro* es/ta obrjgado demtro de dous anos depois de tomar / pose da dita comẽda fazer tombo autẽtico / per autorjdade de *Justiça* de todos os / seus foros,propredades e derejtos dela / sob pela de perder a sexta parte da Remda / Da Dita Comẽda de cada hũ ano em *quanto* / nõ

cõprjr esta obrjgaçao Da qual / sexta parte as duas partes serão / pera o cõvemto da dita ordẽ e a outra / parte para o *Recebedor* das *minhas* anatas e desi/mas desta ordẽ ou para quẽ dacuzar / o qual tõbo se pora em guarda no cartorjo / Do cõvemto da dita Ordẽ e o treslado delle / autemtico lhe ficara na mão, da qual / Comẽda e Remdas dela o dito dõ *pedro* não / pagara dizimo algũ segumdo fremado / estatuto com

Documento 13

1579 – *Nomeação de António Soares como capitão-mor das Ordenanças e da fortaleza da vila de Sines.*

ANTT, *Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique*, liv. 42, fl. 389-389v.

Inédito

[fl. 389] [...]

Eu el Rey faço saber aos que este alvara virẽ que ouve / per huã minha provisãõ pelos
respeitos / fazer mercê a *António* Soarez cavaleiro figalguo da minha casa / do carguo
de capitaõ mór da *companhi* da ordenãça / da villa de sines e da fortaleza da dita Villa
por tẽpo / de dous annõs entãto durar a auzêsia de simãõ tejxeira / *que* do dito carguo
era provido [...]

Documento 14

1591, junho, 11; 1695, fevereiro 6; 1746 - *Estevão de Liz Velho na sua obra dedicada a São Torpes transcreve um documento descoberto no cofre da igreja Matriz de Sines e que corresponde ao termo de abertura da caixa onde se conservavam as relíquias, realizado a 6 de Fevereiro de 1695. Por sua vez este documento inclui a transcrição do auto de encerramento da referida caixa a 11 de Junho de 1591. Para atesta da sua autenticidade dos documentos e o rigor da transcrição, o governador recorreu a dois tabeliães locais que assinam no final do documento. Tratam-se assim de três tempos: 1591, 1695 e 1746.*

Publ.: Estêvão de Liz VELHO (1746) – *Exemplar da Constancia dos Martyres em a Vida do Glorioso S. Tórpes, Mordomo, e Valido de Nero*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa. p. 165-171.

Termo de abertura, que aos 6. de Fevereiro de mil seiscentos noventa e sinco fez o Reverendo Doutor Antonio Dias Figueira, natural da Cidade de Beja, Desembargador da Relação Ecclesiastica da Cidade de Evora, Visitador Ordinario deste Arcebispado pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Luiz da Silva, Arcebispo de Evora.

Aos 6. dias do mez de Fevereiro de mil seiscentos noventa e sinco, estando em visita o dito Senhor assima nomeado em presença do Padre Manoel Nunes Soares, Prior desta Igreja, e mais Beneficiados da dita Igreja, e o Reverendo Secretario da Visita o Padre Braz Figueira, e a mayor parte do povo, se fez abertura do caixão, que se achou na Capella de S. Torpes, e nella forão achados huns ossos, que por tradição de homens antigos, e informação, que derão ao dito Senhor, serem os taes ossos do dito Santo; e na mesma caixa se achou hum papel feito por hum Notario Apostolico, por nome Pedro Lopes, o qual foy feito aos onze dias do mez de Junho de mil e quinhentos e noventa e hum em presença do Doutor Simão Marques, Desembargador da Relação Ecclesiastica deste Arcebispado, Vigario Geral de Beja, que veyo fazer esta diligencia por mandado do Arcebispo de Evora com sua Provisão, o que tudo consta de hum papel muito antigo, que fica em huma caixa de latão com este mesmo, do qual papel he o treslado seguinte.

Certifico eu Pedro Lopes, Notario Publico Apostolico, approvado na forma do Sagrado Concilio Tridentino, Escrivão do Auditorio Ecclesiastico da Cidade de Beja, e faço fé que o que nesta caixa está, he o seguinte.

A ossada, que se tirou da sepultura da foz da Junqueira, Termo desta Villa de Sines.

A terra, que se tirou dos ditos ossos ao tempo, que se achárão.

Huma pomazinha quebrada de barro, que se achou na dita sepultura.

Huma estampa de pedra preta debuxada, que se achou na dita sepultura.

Todas estas cousas assim se tirárão, e achárão na dita sepultura.

Está mais nesta caixa hum casco de cabeça, que foy achado à porta da sepultura da banda de fóra.

Está mais huma pedra preta, que se achou fóra no vestigio.

Na ossada assima estão trez dentes atados na ponta de huma toalha, em que está atada, por se acharem na sepultura, e de fóra em huma caixa cheya ... (*) que se tirou da sepultura do lugar, onde foy achada a ossada.

Fica mais de fóra outro caixão, que tem a ossada dos corpos, que estavam de fóra do circuito fóra da sepultura, o que tudo foy tirado della em os 7. dias do mez de Junho de mil e quinhentos noventa e hum, da qual tirada, e diligencia, que se fez sobre isto, se fizerão autos, que eu Notario fiz em presença do Senhor Doutor Simão Marques, Desembargador da Relação deste Arcebispado, Vigario Geral de Beja, que veyo a fazer esta diligencia por mandado do Arcebispo de Evora com sua Provisão; e por verdade o declaro assim, para em todo o tempo se saber esta verdade, que justifico assim passar em onze de Junho do dito anno, que assigney em raso, e me reporto aos autos, que se enviárão ao dito Senhor. = Pedro Lopes.

A qual certidão eu Sebastião de Oliveira Fogaça, Tabellião do publico judicial, e notas em esta Villa de Sines, e seu Termo, que sirvo por provimento desta Correição de Azeitão, trasladey bem, e fielmente, e na verdade da própria certidão, que fica na sobredita caixa de latão; a qual certidão me foy apresentada, e mostrada em presença do dito Senhor, e das pessoas assima nomeadas; e por mandado do Dito Senhor Desembargador póрто, e dou minha fé, que de huma caixa grande com trez fechaduras se tirárão alguns ossos, e das cousas assima nomeadas, que mandou trasladar para este lugar, que fica aos pés do dito S. Torpes.

Declaro que os caixões de terra, e alguns ossos, que forão achados no sitio, onde forão achados os ossos do dito Santo, estão enterrados na mesma Igreja em huma Capella de S. Fr. Pedro Gonsalves, por assim constar por pessoas antigas, que o portárão por fé, e sómente ficão neste lugar os ossos de S. Torpes, e mais cousas, que estavam na arca; e por tudo passar na verdade, e de mandado do dito Senhor Desembargador fiz esta declaração, para que por ella constasse a todo o tempo a verdade, e declaração da certidão, que por mim foy vista, a que me reporto. E eu Sebastião de Oliveira Fogaça o escrevi, e assigney com o dito Senhor em raso, e com o Secretario da visita, e o Reverendo Prior da dita Igreja, e mais testemunhas, que aqui assignárão. = Antonio Dias Figueira. O Prior Manoel Nunes Soares. O Padre Braz Figueira. O Padre André da Costa. O Padre Manoel Dias de Aragão. O Padre João Lopes. O Padre Manoel Luiz Figueira. Fr. Manoel de Santo Amaro. Sebastião de Oliveira Fogaça. Antonio da Fonseca Ravasco. Manoel da Serra de Azevedo. Manoel de Faria Freire. Francisco de Goes Machado. Manoel Fernandes Betes.

Pela presente por hum de nós feita, e por ambos assignada, certificamos e portamos por fé os Tabelliães desta Villa Sebastião José de Almeida, e Thomé Raposo Cota, que a letra

do termo de abertura retro he feita por mão de Sebastião de Oliveira Fogaça, Escrivão do Judicial, e Tabellião publico de notas, que foy nesta Villa, por lhe termos visto, e termos nos nossos cartorios outra sua semelhante; e outrossim reconhecemos as letras dos sinaes juntos ao mesmo termo serem das mesmas pessoas, que fizeram os ditos sinaes, por quanto dos mais deles temos visto outros semelhantes, como tambem pela verdade do Tabellião, que fez o dito termo, que affirma serem das mesmas pessoas, a que damos verdadeira fé, e credito; por quanto, servindo o dito Tabellião nesta Villa os ditos officios muitos annos, nunca por erros fora culpado, nem teve fama no seu procedimento; e por verdade fiz a presente, que assigney em publico, e ambos em raso. Sines, 5. de Junho de mil setecentos quarenta e trez. = Em testemunho da verdade. =

=Lugar do sinal publico. = Almeida. =

= Sebastião José de Almeida = Em testemunho de verdade. = Thomé Raposo Cota.

() No lugar, em que vay este sinal... parece que faltou ao copiador alguma palavra, e se deve entender que he esta de terra.*

Documento 15

1591, agosto, 8 - *Consulta da Mesa da Consciência Sobre o Título da Alcaidaria-Mor de Sines.*

ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 112, n.º 95. 8 de agosto de 1591.

Inédito

Francisco de saa comendador da Comenda da Villa de sines / diz *que* a alcajdja mor da dita Villa anda junta a dita / comenda de tempo immemorial a esta parte & não / presenta o titolo *que* della ~ /

Vioosse na meza da consiensiã a certidaõ do *suplicante* / & assj certidoes do cartorio do convento de Palmela / de *Vesitações que* se fizeraõ nesta comenda em *que* decla/raõ como o Duque de *aveiro* & *jorge furtado que* foraõ / comendadores desta comenda a possuirãõ, junramente teve o Conde *francisco de saa* seu tio / ultimo e jmmediato comendador *porque* não tirou / carta da dita comenda & *porque* na portaria *que* della se / passou ao *suplicante* por pi advetencia se não fez mençaõ / da dita alcajdja mor *Pede A Sua Magestade* lhe faça merçe ma/nde se lhe passe titolo della certidoes do cartorio do convento de Palmela / de *Vesitações que* se fizeraõ nesta Comenda Em *que* declaraõ como o Duque de *aVeiro* & *jorge Furtado que* foraõ / comendadores desta Comenda a possuirãõ juntamente cõ / a alcajdarja mor ~ /

Pello *que* parece *que* visto como costumou andar pro/vida cõ a Comenda de sines & constou pellas ditas cer/tidoes & ser ordinario andarẽ as alcaidarias mores / da ordẽ de santiago providas juntamente cõ as come/ndas *que Sua Magestade* deve fazer merçe ao dito *francisco de Sa de* / lhe mandar passar tirolo separado desta alcaydia / mor ~ //

& por jnformaçaõ *que* se ouve do Contador do mestrado constou / *que* poderá Render esta alcaydia mor sinquo mil réis cada / ano *que* saõ o *direitos* da portagem E a pena darmas *que* o alcajde / leva & mil & oito centos réis *que* pagaõ de pensaõ dous taba/liaes *que* tudo vem a fazer a dita Contia de sinco mil réis os quaes *direitos* se aRendavaõ juntamente cõ a Comenda /por andar sempre anexo della a alcaydia mor ~ /

[...]

Documento 16

1604-1719. *Extratos do Livro de Registos de Óbitos da paróquia de Sines, com diversas referências a militares ao serviço da praça e a ataques de corsários. Destaca-se o registo de óbito de Alexandre Massai.*

ADS, Paróquia de São Salvador, *Registos de Óbitos*, cota 13/6395/26

Inédito

[fl. 27] Aos 7 dias de Abril de 612 aportou nesta / Angra Hũa caravella cujo mestre se nomeou / natural de matozinhos E a cara/vella o nome nossa *senhora* do rosairo / vinha defunto Andre afonso marido de *maria* Alvares Naturais de matozinhos o qual / Andre afonso digo o dito mestre *que* lhe morrera / no mar vindo do cabo de San Vissente per / esta villa de Sines E aqui o mandose enter/rar no adro desta Igreja matrix desta / vila orago do Salvador E o mestre afir/mou E jurou aos *Santos* Evangelhos *que* o dito Andre afonso vinha confessado E sacramentado / no enterro do dito defunto deraõ / presente defunto hũ *alqueire* de trigo E Huã / Canada de *Vinho* maadarão dizer Huã missa / rezada e de fazer a cova *que* tudo importou / em trezentos réis. fiz este asêto / *para* sempre contar da verdade

[fl.33] Aos 24 dias do mez de *Novembro* de 1624 anos faleceo / Condestable da artelharia do Castello desta / villa de Sines, fez *testamento*, Estaa enterrado na Casa da *santa* / Misericordia della, o dia de seu falecimento se lhe disse huã / missa cantada, E ofertada por sua alma, manda mais se lhe / diga ao mez, E ano outra.

[fl. 53v] Em 25 de *fevereiro* de 1618 faleceu Joaõ menino in=/nocente *filho* de Joaõ goveia Soldado, estaa enterrado / na *Egreja* matrix defronte da Capella de S. Joaõ em huã / cova *que* tẽ o iazigo somente.

[fl. 69v] Em 17 dias do mez de *Junho* de 1623 anos mataraõ / os Mouros em huã setia no mar peleiano Andre Afonso / *morador* na villa de Setuval, na freguesia de S. Sebastiaõ / estaa enterrado na *Egreja* matrix desta villa de Sines / entre a mesa de nossa *Senhora* do Rosario E i pilar – /

[fl. 71] Em 5 dias do mez de *fevereiro* de 1624 anos faleceo / nesta villa de Sines o Capitaõ *francisco* de Carvalho, estaa en=/terrado na *Egreja* matrix desta no lugar onde estaa a cai=/[cortado]inha do *Santíssimo* Sacramento.

Em 14 dias do mez de *fevreiro* de 1624 faleceo nesta villa / de Sines Manoel Correa, soldado, estaa enterrado na *Egreja* matrix della / antres as duas naves *que* disseraõ era de seu Amo: naõ fez *testamento*.

[fl. 71v] Em 8 dias do mez de *Mai*o de 1624. Anos faleceo nesta vila / de Sines Afonso *Gonçalvez* Soldado do Castello della, estaa enterrado / na casa da Santa Misericordia da mesma á entrada da porta / travessa: fez *tstamento*.

[fl. 80v] Em 22 dias do mez de Agosto de 1628. Faleceo *francisco* / morto pelos turcos no mar, estaa enterrado na Egreja matrix desta / villa de Sines, d'onde era freguez, na nave do mejo defronte / da mesa do Corpo Sãcto, em *sepultura* de *que* se lhe pagou ... / trigo: não fez testamento.

[Segundo Caderno]

[fl. 8v] Em 2. Dias do mez de Abril de 1633 anos faleceo nesta villa de / Sines *Catherina* Pacheco molher de *Pedro* Garraz bomberdeiro do Castello d'ella, / estaa enterrada na sãcta caza da Misericordia: nãp fez estamento.

[fl.9] Em 28 dias do mez de Abril de 1633. Anos faleceo nesta villa de / Sines *Pedro* Garraz bombardeiro do Castello d'ella, está enterrado na caza da / sãcta misericordia da mesma: intestado.

[fl. 12] Em 13. dias do mez do *Novembro* de 1634. faleceo nesta villa de / Sines *Catharina* *Gomçalvez filha* de *António* Viegas Soldado, estaa enterrada na matrix / d'ella, adiante do primeiro pilar da pia maior d'agoa benta, em *sepultura* de *que* se comprou soo o iazigo.

[fl. 12v] Em 9 dias do mez de *Dezembro* de 1634 faleceo no Castello d'esta / villa de Sines Augusto de Vitalhamo (?) Condestable da artilharia d'elle / estaa enterrado na Egreja matrix d'ella na nave do meo, adiante da pia / da agoa benta, em *sepultura* de *que* se lhe comprou soo o iazigo: intestado.

[fl. 13] Em 20 dias do mez de Março de 1635 faleceo nesta villa / de Sines Domingos soldado, estaa enterrado na sãcta caza / da misericordia délla: intestado.

[fl. 13v] Em 22 dias do mez de *Septembro* de 1635 anos foi achado em huaã praya / do termo desta Villa de Sines o corpo defuncto de *francisco* Miguel / trabalhador, *que* os mouros capturaraõ vindo a ella, E foi enterrado / na matrix desta dota villa em *sepultura* de *que* se lhe comprou soo / o iazigo entre a mesa de S. Joaõ, E a pia da agoa benta.

[fl. 19v] Em 16. dias do mez de *Dezembro* de 1637. faleceo nesta villa de Sines / Jorge nunes d'Andrada homẽ pardo, estrangeiro *que* veyo em huã não das / Indias de Castella: estaa enterrado na sãcta caza da Misericordia della: / intestado.

[fl. 20] Em o primeiro dia do mez de Março de 1638. faleceo nesta villa de Sines / *Antonio* mendes, soldado, estaa enterrado na matrix d'ella na nave colla-/teral defronte da Mesa de S. Luiz em *sepultura* de *que* se lhe comprou o iazigo.

[fl.20v] Em o primeiro dia do mez de Abril de 1638. anos faleceo nesta villa de / Sines Alexandre Massay Architecto, E Engenheiro maior de *Sua Magestade* estaa / enterrado na Ermida do Spirito Sancto.

Em 13. dias do mez de Maio de 1638 anos faleceo nesta villa / de Sines *Antonio* Viegas Soldado, estaa enterrado na matrix della ao pee / do pilar da mão esquerda defronte da pia d'agoa benta á entrada da por-/ta principal, em *sepultura* propria.

[fl. 21v] Em 12. dias do mez de *Dezembro* de 1638 anos faleceo / nesta villa de Sines *Pedro* de Magalhaães distribuidor E Com=*tador* dos feitos da correição do iuizo de *Sua Excelencia Senhor / d'ella, morador que* foi em o Limite de Azeitaõ, estaa enterra/*do* na Sachristia da Santa caza da Misericordia desta / mesma villa em Sepultura de *que* se lhe comprou soo o iazigo.

[fl. 28] Em o primeiro dia do mez de *Octubro* de 1642. foi trazido a esta villa / de Sines o corpo defũcto de Nuno miz *morador que* foi na béposta termo / *d'ella que* os Mouros mataraõ; estaa sepultado no adro da matrix della, / á parte do sul.

[fl. 30v] Em 6. dias do mez de *Octubro* de 1643. faleceo nesta villa de Sines / Afonso Pirez, creiado do *senhor* Sebastiaõ de Saa, estaa enterrado na ma=*trix* della na nave do meyo defronte da mesa do (?)

[fl. 32 v] Em 10. dias do mez de *Janeiro* de 1645. faleceo nesta villa de / Sines *Pedro* vaz filho de Matheus de faria d'huã peça *que* arrebentou, / estaa enterrado na sãcta caza da Misericordia d'ella ; intestado.

[fl. 34] Em 14. dias do mez de *Agosto* vieraõ a esta Villa de Sines mortos / de mouros *francisco fernandez* mestre d'hũ barco E *Manuel* Lopes, E *Jeronimo* Luiz / todos da Villa de Cascaes, estaõ enterrados na sãcta Caza da Mi=*zericordia* desta dita villa.

[fl. 36v] Em 22. dias do mez de *Junho* de 1646. faleceo nesta villa o / *Padre francisco* de Valadares freire professo de nossa Ordé, E *Beneficiado / curado* na mesma, enterrado na Capella moor ao pee da Credencia.

[fl. 42] ã os nove dias do mês de *Agosto* de 1647./ faleceo d *Reverendo padre* prior bernardo Sobrinho / prior *que* foi desta Villa de Sines quorenta Annos / pouco mais ou menos, e esta enterrado na matriz / della, e per verdade fiz este termo *que* assignei dia mes / anno asima

[fl. 43] Em 12. dias do mez d'*Octubro* de 1645. faleceo nesta Villa de Sines / Sizinando paçanha escravo do *Senhor* Sebastiaõ de Saa, estaa enterrado / no adro da matrix della, á parte do sul.

[fl. 53v] Aos 30 de *janeiro* [de 1663] faleceo *Antonio* Telles criado / de Sebastiaõ de Sa, esta enterrado na matrix mor=*reo* abintestado.

[fl. 55] Aos 24 de *fevereiro* de 1664 faleceo matheus / de farias soldado fez testamento deixou hum meio / officio de presente e aos oito dias outro offer=*tados* cada hũ delles com hũ *alqueire* de trigo / e meio almude de vinho, e ao mes huma / missa cantada. a oferta esqueselhe e naõ / e naõ continha mais de que assinei

[fl. 58] Aos 28 de *Octubro* de 1665 faleceo o mestre de / Campo Gaspar Infante louzeiro fez testamento / deixou sincon officios na matrix dos sinco / tempos ofertadas com vinte e sinco *alqueires / de* trigo e dez almudes de vinho. deixou / mais seis missas rezadas ao *Santissimo Sacramento / seis* missas mais a *Nossa Senhora* do Rozario / seis missas mais as almas. e seis a .S. Comba (?) / e seis a .S. Luzia. e seis a Santiago. e seis a / S. Joaõ Na casa de .S. marcos seis na / casa de .S. Sebastiaõ seis em a casa de .S. pedro seis. em

a casa de Nossa Senhora de Salas / seis. Na casa de .S. Bertholameu seis missas. / esta enterrado na Capella mor do Convento / desta villa testamenteiro o *padre* Joaõ de / oliveira de *que* fiz este termo

[fl. 62v] Aos 9 de outubro [de 1667] faleceo Dona julian / molher do comendador de villa nova / esta sepultada no Convento desta villa / morreo abintestada. de *que* fiz este termo

[fl. 72] Aos 13 de fevereiro de 1672 faleceo phillippe / Dias condestable do castello desta villa esta / enterrado na matrix desta villa fez *testamento* / deixou sinco missas cantadas e ofertadas com /oferta costumada; mais tres missas as almas / huma ao Anjo da guarda. duas missas per / seu pay e may. mais huma missa per sua tencaõ (?) / e naõ continha mais ele *que* fiz este termo / deixou sua molher por Testamenteira. /

[fl. 75v] Aos 7 de julho de 1673. faleceo o Capitaõ Ro=/drigo Affonso branco (?) abintestado esta enterrado / na matrix em cova sua.

[fl. 84] Aos 10 de Agosto de 1678 faleceo / o Capitaõ *manuel* Affonso Rapozo, esta / enterrado na matrix fez *testamento*. / Sua molher testamenteira de *que* fiz o termo./

[fl. 92] Aos 7 de Junho de 1681 faleceo / o Capitaõ Bertolameu da Costa esta / enterrado na matrix abintestado.

[fl.96] Aos 10 de Janeiro de [1]684 faleceo Caterina (?) / Sogra do Governador Belchior de Torres esta / enterrada no convento desta villa fez *testamento* / e por verdade o fiz e assinei

Documento 17

1606, abril, 10 – *Carta do capitão Francisco de Carvalho para o vice-rei de Portugal, D. Pedro Castilho, solicitando que enviasse dinheiro para acabar o muro do Castelo, pólvora e chumbo de que estava carecido.*

ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 114., doc. 150.

Inédito

Eu tenho escripto a *Vossa Senhoria* sobre a ruina do muro do castello / recolhimento deste povo couza de tanta importancia e / de tão pouquo custo como são sitenta mil reis em que esta a obra arematada a hũ ofisiall ao qual se lhe / naõ há quebrado *dinhriro* nem se manda trabalhar he / veraõ imiguos na costa como *Vossa Senhoria* me manda a/vizar pelas chagas de christo peso cõ brevidade / se mande (?) não se perqua este povo que / eu acabarei fazendo o que devo – /

Lembro a *Vossa Senhoria* que tenho pouqua polvora e pouquo / chumbo de que me devia mandar prover – /

Loguo *Vossa Senhoria* me manda avizo da notisia que tiver / da armada dos olandezes farei cõ o cuidado que / devo e costume *deus* acressente a vida e estado de / *Vossa Senhoria* Como pode de Sines aos des de abril de / 606 – /

- Capitão Francisco de carvalho [assinatura]

Documento 18

1617 – Alexandre Massai – *Planta da fortificação do Castello da Villa de Sines con una relación de los materiales y su precio para el proyecto de reforma.*

Real Academia de la Historia, Colección: Sección de Cartografía y Artes Gráficas —
Signatura: C-003-070

Disponível em linha:

https://bibliotecadigital.rah.es/es/consulta/resultados_ocr.do?id=12609&forma=ficha&tipoResultados=BIB&posicion=4

Pellas muitas diligencias que por parte dos ministros de Sua Magestade se tem feito sobre o conserto do Castello da Villa / de Sines por ser fabriquado ao antigo E ameasando em presente roína E por não ter sitio dentro delle onde possa / estar a Artilharia que ao presente está fóra E em sitio mais alto da superficie do mar 126 palmos que por / ser em demasia alto não óffende nem defende o surgidouro e por não ter cazas nem almazéis em que se possam / aguasalhar os 25 soldádos E as Armas E monissóis E por não ter travezés que que ofendaõ e defendaõ os muros / delle em a occasião de hũ asalto escaláda ou Batalha (?) de mão E por não ter Praça para a Artilharia necessária / dentro delle e que fassa o efeito que convrem [todo este parágrafo está riscado]

São tantas as diligencias E [riscado] enformaçois que os ministros de Sua Magestade tem feito sobre o conserto do castello da [riscado] desta Villa / de Sines os quais significarão sempre a neçessidade que delle tem que não há para que eu me canse em encaressello / sóo diguo [riscado] apontarei brevemente declarando as couzas de que tem mais neçessidade conforme a ultima traça / que disse fis que com esta se há Reduzido tudo ao mais barátto e menos despeza que hé possível, ao que me / dispus por ser m [riscado] assistir nesta Villa movido de ver cada dia nella Rebates e ver quaõ máls seguros estão os [riscado] / assi os moradores della como as embarcassóis que no seu Porto e surgidouro se amparão fogindo dos Piratas / E assi diguo que o ditto castello hé fabriquado ao antigo E está em muitas partes ameasando Roina E dentro delle / não há cazas nem almazeiõ [elevado] em que se possam aguazalhar os 25 soldados E as Armas E monissóis nem tem travezés que / escortinem e defendaõ os muros em a occasião de huã escaláda ou Battalha de mão, nem tem Praça dentro / delle onde possa estar a Artilharia que fassa o efeito que convem a qual está fóra E em sitio mais alto que / a superficie do mar 126 palmos que por ser em demazia alto não [riscado] não de [riscado] offende e defende o surgidouro / E calhetta, Pello que consertandosse conforme esta ultima trãça ficará Defendendo tudo o sobredito / os moradores da Villa seguros, a Artilharia acomodade como convem E os soldados acomodados dentro delle E as

Ar=/mas E monissois tudo com pouca despeza como abaixo se ve E o mais necessário hé acudir loguo ao conserto / e fortificaçãõ do ditto cadtello * que se fara com 535U100 de despeza [nota à margem], E segundamente fazer a Praça baixa para a Artilharia E ultimamente as / cázas e almazeis cujos custos vão abaixo separados e declarados por seus últimos Preços pelo muido. + naõ se tratando do carreto da madeira e tijolo e telha que ade vir por mar de Lixboa [nota à margem] / como querendo se pode ver - + /

~ custo da fortificaçãõ do castello ~

O corpo de guarda asinado com a letra A, léva çem bráças de Alvenaria que a 800 rs a bráça montaõ _____ 0080U000

quatro mil tijolos para a abobeda e chiminé a três mil rs o milheiro _____ 0012U000

Sincoenta varas de lageñs a 300 rs a vára _____ 0015U000

A pedraria da Porta grande E o mudár a porta velha dez mil rs _____ 0010U000

O meio Beluarte asinado com a letra B leva 70 bráças de Alvenaria com seus contrafortes que montaõ _____ 0056U000

De entulho _____ 0014U000

Sincoenta varas de lageñs _____ 0015U000

O Beluarte asinado com a letra C leva que pode levantar [riscado] leva sesenta bráças de Alvenaria que montaõ _____ 0048U000

O custo da escada que sobe a elle _____ 0015U000

De entulho _____ 0005U000

35 varas de lageñs _____ 0010U500

O custo da Porta de traiçãõ acabada do neçessario _____ 0008U000

A Porta asináda com a letra D, leva aesenta bráças de Alvenaria montãõ__ 0048U000

De entulho dez mil rs _____ 0010U000

Trinta e duas varas de lageñs _____ 0009U600

A porta acabda di neçessario _____ 0008U000

0364U600

Segue atras ~ //

Praça alta asinada com a letra , leva 90 braças de alvenaria que monta_ 0032[burrão]

0037 [riscado]

Tres mil tijolos *que* montão _____ [burrão]

Sincoenta varasde lagens *que* montão _____ [burrão]25U000

A escada *que* sobe a ella custará _____ 0025U000

De embossár e consertár os muros por dentro e fóra e fazer os parapeitos nelles
_____ 0200U000

~Custo da Praça baixa dartilharia~

A Praça baixa asinada com a letra F, leva 220 brasas de *Alvenaria que* montão
_____ 0096U000

A porta E escada *que* desse a ella _____ 0030U000

O Achanár (?) e entulhár fará de custo _____ 0025U000

Cem vâras de Lageñs montão _____ 0030U000

- 181U000

~ Custo das cazas e Almazëis ~

As oito cazas da *parte* da Porta principal [levantado] do castello lavaõ 47 braças de
Alvenaria que montão _____ 0037U200

sessenta bráças de taipa *que* repartem as cazas por dentro *que* se fazem [levantado]
por menos custo _____ 0024U000

Oito portais de Pedraria a 3U rs cada hú asentado _____ 0024U000

Três mil ladrilhos *para* as chiminés cantareiras [elevado] e portáis de dentro de dentro
das ditas cazas custaraõ _____ 0009U00

Madeira *para* [riscado] E feitiõ das 24 Portas das ditas cázas custara _____ 0012U000

Oitto ferrolhos com suas fechaduras _____ 0003U000

A madeira dos telhados das ditas cazas aproveitando-se da *que* ouver [levantado] das
cazas velhas vinte ... [ilegível] *que* custaraõ a 100 rs o carro _____ 0020U000

Dezasseis viguas *que* custairaõ a mil rs cada huã _____ 0016U000

Ripas e cortiça *para* o forro dellas _____ 0008U000

Quatro mil telhas a cinco mil rs. o milheiro _____ 0020U000

Pregos de toda a sorte *para* a ditas cázas _____ 0006U000

As sette cazas E almazëis fronteiras das sobreditas lavaõ 95 braças de *Alvenaria que*
monta _____ 0076U000

Trinta e cinco bráças de taipa _____ 0014U000

# Sette Portais de Pedraria _____	0021U000
# quatro mil ladrilhos para sd chimines portais de dentro e cantareiras _____	0012U000
# A madeirae feitio de quatorze portas montaçõ _____	0007U000
# Doze carros de madeira de castanho _____	0006U000
# Sette Trávez _____	0007U000
# Ripas e cortiça _____	0007U000
# Sette ferrolhos e sette fechaduras _____	0003U000
# Pregos de toda a sorte _____	0006U000
# Seis mil telhas _____	<u>0030U000</u>
	0368U000

Documento 19

c. 1621 – *Descrição da vila de Sines, do seu Castelo e calheta, feitas por Alexandre Massai.*

Alexandre MASSAI, *Descrição do Reino de Portugal*. Museu de Lisboa. Fl. 66.

Publ. Lívio da Costa GUEDES (1986) – *Aspectos do Reino de Portugal nos Séculos XVI e XVII; A «Descrição de Alexandre Massai (1621)*. Lisboa: Arquivo Histórico Militar. p.32-35. Separata da do 58.º volume do Boletim do Arquivo Histórico Militar.

[fl. 66]

~ RELAÇÃO, E, TRASSAS, DA, VILLA, DE, SINES, E, SVUA ~ / ~ CALHETA ~

A Villa de Sines, esta 3 legoas mais áo diante p.a a p.te do Oeste da Ilha do Pexig.ro Como se disse na Relação passada, E diste do cabo de São / Viçente 18 legoas E do cabo despichél 12 por mar, E da Villa de são Tiago de cassem ã ešta pello sartaõ 3 legoás E da de Setubál ã lhe fi/qua da p.te do norte 15 legoas por terra, E a sobredita Villa de sines m.to sadia e fresca, E tem onesta lauoirá, em abundância de vinho car-/ne, E cassa, e boás Ortas, fes della Sua Mg.de ó anno de 1591 m.ce ao soř duque de Aveiro; Ao prezente he comendador della fr.co de sáa de / menezes, E lhe rende 600 U ã os mais delles lhe vem do mar, E o conde da Vidig.ra tem della a Renda da dizima no mar ã lhe Rende 150U / cada anno –

Esta a ditta Villa situada quazi em huã ponta em sitio chaõ E álto mais ã a superfície do mar 130 palmos, della se descobre ás embarqua/ssoiš grandes quázi áte ós dois cabos ásima dittos tem huã emseada de mar, quazi em figura de mejo sirculo ã nella podem E estão surtos / m.tos navios grandes E gualles Reaiš, e estão seguros de todos os Ventos esectto (sic) ã do sul e sudeste, E com estes se vaõ a poupa / á Villa de setubál cada vez ã lhe sossede e sem nenhũ periguo, os fundos da ditta emseada são m.to bonš ã nunca nelles os navios cassaõ E / âo longuo della há m.tas fontes de m.ta e boá agoá ã os mareantes fazem suás aguadas com m.to comodo E facilidade comten em sj. Esta Villa 300 Vezinhos há duas companhias de gente de pelega á 150 por cada huã dellas e seus capitaniš de numero, tem hũ convento de frades / da ordem de são fr.co E ao longuo della seiš ermidas, naõ tem mais ã huã só freguezia, com Rodeár o seu termo couza de 8 legoás o quáil tem / em sj 50 vezinhos, vegia sse esta Villa E termo em seiš p.tes á suá propia custa, a huã dellas he defronte da ilha do pexig.ro, A outra he na praia / de junqueira na quáil de pode desembarcar com bom tenpo fasilm.te ã diste da Villa huã legoá; A outra he na ermida de são giraldo, a quáil des/cobre a costa do Oeste, E diste da Villa menos de meja legoa; A outra he ná ermida de nossa soařa da salas, E della se vegia ó porto e surgi/dr.o, E calheta, é ás logeaš de mesma Villa, á outra esta em hũ sitio ã se dis ó Castello ã diste meja legoá da ditta Villa ã com a ã segue descobre / á costa

de setubál, a outra esta em hũ posto ã se dis á Emxoua, quazi legoá distante da Villa, todas ellas tem huã sobrerolda de cauallo ã se / paga com o dr.o da empossição como ão diante se dis –

O sitio he comornos (sic) se veraõ âsinalados na srg.te traça E nella declarados os fundos da sobreditta emseada E ás mais declaracois neçess.ras, Ho mar / nesta paragem he ábundante de peixe E de órdin.ro vem pesquar á elle Barquos de fora; há na Villa duas Armaçoiš, á huã dellas da me/sma terra, E á outra da Villa de satubál, os quaiš pesquaõ sardinhas, Cauallas, coruinas, E Atum q.doo mar o da –

Tem esta Villa seu Castello, E nelle prazidio de 25 soldados naturaiš com 4 cruzados de pagua cada mez ã lhe saõ pagos por ordem E mandado do Conss.o da faz.da de sua Mg.de e por maõ do emxecutor do campo de ourique, é ditto Castello áo presente naõ tem Capitaõ posto por Sua Mg.de E o serue o sobre/ditto Comendador, ou outrem por elle E porq.to o sobredito Castello esta ão presente m.to danifiquado, nem tem sitio p.a dentro delle estar Artelharia / nem cazas em ã possaõ estar ós soldados E outras m.tas falttas, ã dellas direj ao diante apartadam.te, E asim mesmo da Calheta ã nesya ditto / Villa mandou Sua Mg.de se fizesse, E ámostrarej suás traças E declaraçoisΩE cada couza por sj –

Rende a siza desta Villa cada anno 304U As correntes 240U A alfandegua 50U A terça do conss.o 10U A empossição. 70 U ã delles se pagaõ / ao condestable cada anno 18U E a hũ Bombardr.o 12U E a huã sobrerolda de cauallo 10U E seg.do emformaçãõ do mar. 950U E o mais da te/rra he p.a a faz.da de sua Mg.de liquidos cada anno 550U –

Caresse esta Villa de hũ sargento, o quál avia de ser soldado E pratico p.a adestrar á gente ã naõ há quem o fassa nem Eu o vj fazer E podia pagar com / o ã sobeja da renda da empossição como se fas nos lugares do Algarue asima dittos ã he q.to deuo etc. //

Documento 20

1640, março, 18 - *Carta do Padre Bernardo Sobrinho, Prior de Sines, ao Padre Frei Manoel Ferreira, carmelita, contendo os relatos das testemunhas da abertura do túmulo de S. Torpes, à data ainda vivas, assim como os testemunhos indirectos de que o ouvira aos presentes, incluindo o de Alexandre Massai.*

Publ.: Jorge CARDOSO (1666) – *Agiológio Lusitano*. Lisboa: Oficina de António Craesbeeck de Mello. Tomo III. p. 299.

O Que se acha por informações de pessoas antigas, & fidedignas desta Villa de Sines, cerca do M. S. Torpes, he que o Papa Xysto V. mandou ao Arcebispo D. Theotónio, no an. 1591. fizesse diligencia sobre o descobrimento de seu Corpo, o qual se achou por informações de huns vaqueiros velhos, que costumavão achar suas vaquas, acolhidas no verão, à sombra de hum fechado zimbral, que então avia na foz da ribeira da Junqueira, que alli se mette no mar, onde o depozitou hũa nobre Christã, a quem miraculosamente foi revelado por Deos, para que dêsse sepultura a seu S. Corpo, o que ella fez honradamente, com grandes pedras, que se trouxerão á porta desta Matriz, achãdose debaixo dellas sepultado, mas sem cabeça. E a mim me disse Alexandre Masseur, Napolitano, Engenheiro do Reino do Algarve, que elle a vira na Cidade de Pisa, em Toscana, onde este Cavalleiro de Christo foi degollado, por mandado de Nero. O Corpo metteo o Vigario Geral de Beja, que então era, em hũa arca de tres chaves, & mandou mais encher duas de terra de sua sepultura, que todas tres temos aqui em grande veneração. E eu costumo dar della a doentes de maleitas, quando se me pede por reliquias, as quaes trazem ao pescoço, ou bebem em agoa, com que cobrão milagrosa saude. Na sua sepultura se achou hum candieiro de barro, & hũa pedra, em que estavão escrittas certas letras, que ninguem póde ler. Ao redor da qual se achãrão varias ossadas, que julgamos ser de pessoas, que alli se madãrão sepultar, por devoção do Sancto, q' (segundo tradição dos velhos) veio ter aqui milagrosamente, em hũa barca velha, sem vellas, nem remos, com hum Gallo, & hum Cão dentro. As testemunhas disto são, o P. Francisco de Valladares, Freire da nossa Ordem de Sanct-Iago, que diz o ouvira assi, a Pedro Aires, seu pae, o qual sendo juiz ordinario nesta Villa, foi co d. Vigario Geral fazer a diligencia, & ajudou abrir a sepultura. Manoel Pereira, de quasi 90. annos, que a tudo se achou presente. Afonso Pirez Coresma, & Manoel Fernandez Fogaça, homens velhos, & dos principaes deste povo, que forão na companhia. E assi todos o temos por Sancto, na fórma que se permite pela S. Madre Igreja, a quem toca averiguar estas materias, porèm não rezamos delle, até que ella o determine. Aja V. P. por bem empregado o trabalho, na lembrança de tam grande Sancto, à conta de que elle a terá no Ceo mui particular de V. P. Cuja pessoa guarde Deos muitos annos. De Sines a 18. de Março de 1640.

Fr. Bernardo Sobrinho

Documento 21

1654, julho, 20 – *Cartas de Sebastião de Sá de Menezes, analisadas no Concelho de Guerra, em que este informa da perseguição que uma armada inglesa fez a um navio francês e outro que este havia tomado, que se tinham ambos refugiado na baía de Sines, pedindo proteção. Constata da incapacidade de proteger a vila e o porto perante a situação.*

ANTT, Conselho de Guerra, *Consultas*, cx. 61, mç. 14-A.

Inédito

Sebatiaõ de saá e menezes, Alcaide mor e capitaõ / mor da Villa de Sines, nas duas cartas inclusas da / conta a *Vossa Magestade* de haveren chegado a vista daquelle / povo nove navios de pechelingues, dando cassa a / hũ navio francez e outro que havia tomado carre-/gado de artelharia para Castella os qua-/ais por se livrarem delles (como lho mandaraõ sig/nificar per dous francezes que deitaraõ fora) se vi-/nhaõ amparar da fortaleza daquelle Villa, e / que estando com as armas na maõ para fazer o / que conviesse, tiveraõ os dous navios lugar de / de afastar dos nove para barlavento pella tar/de de 16 do presente mez e ao mesmo tempo /se amostraraõ mais nove navios, com que fazia / todos o numero de desoito os quais vinhaõ na / mesma derrota e pareciaõ da mesma corsema (?) e / hjaõ na volta do norte. Com o que se achava mais / aliviado do cuidado com que o tinha para o *que* / podia succeder, estar aquella fortaleza sem arte/lharia mais que ferro e de pouco effeito, e só com / vinte e sinco soldados pagos, sem haver aly pes-/soa de experiencia da guerra, nem na Villa de santia-/go de cassem que he o socorro que tem, sendo que / os moradores della se achaõ com pouca deciplina / e queixosos de se fazerem naquela Villa auxilia=/res // para acudir as fronteiras quaaõ saõ tam necces-/sarios naquela, onde querem os soccorraõ como / se faz em outras partes nas occasiões em que / saõ chamados a ellas, E pede o mesmo Sebas/tiaõ de saá a *Vossa Magestade* seja servido mandar no-/meas effeitos para estes socorros, ordenando / que se naõ tire a gente de santiago de cassem / para outra parte e enviar para aquella forta/leza quatro pecas [sic] de bronze de alcanse / porque de outro modo sera impossivel de/fenderse e amparar os navios que sevie-/rem accossados dos inimigos quarecendo / artelharia della.

Nos avizos que contem estas duas cartas de Sebas-/tiaõ de saá, naõ se lhe offerece ao conselho que dizer / mais que *Vossa Magestade* deve ser servido mandar ordenar / ao Thenente geral da artelharia procure, sendo / possivel, anviar aly duas pecas de alcanse para / que com ellas fique mais defensável aquella / surgidouro. *Lixboa* 20 de Julho de 654.

[duas rúbricas ilegíveis] //

Com as armas nas mãos fico em defen/ção desta praça *que* estão (?) navios de Pechelingues *que* Vem / sobre dous navios de françezes, hũ / delles de he preza *que* dizem fizeraõ, *que* hia / para Castella carregado de artelharia, / não tiveraõ outro remedio senaõ / viremse meter neste porto; a Arte-/lharia he de ferro Coado, e de pouco / effeito, Comtudo faremos o *que* puder-/ramos *que* Deus nos dee; Aqui não / há gente nenhuma pága, mais *que* Vinte / e sinco soldados dos (?) de / experiencia de guerra; nem na villa / de Santiago de Caçem, *que* he o socorro / *que* aqui temos, Paresseume devia avi-/zar a *Vossa Magestade* como o faço mandando / este proprio para *Vossa Magestade* ordenar o *que* / for mais seu serviço, cuja real pes-/soa sirvo (?) sines 23 de julho / de 634.

Adianto maia a *Vossa Magestade* *que* as ditas / naos ainda não estão entradas / neste porto porque andaõ cocraneia-/te ando pera Vir a elle surgindo //

Ontem 25 do corrente escrevy a *Vossa /* majestade sobre dous navios françezes / hũ de guerra e outro de presa *que* tinha fey/to, *que* hia para Castella caregado de artilha-/ria, os quais vinhaõ acozados de nove / de pechelis e pedimdome os dexaçe me-/ter neste porto, lhe respomdy o *que* re-/latava a *Vossa* majestade, tomaraõ meu conselho e nelle / lhe soçedeo boa fortuna porque temdolhe / tomado o paço e mais legeiros dos ditos / pechelis, *que* lhe fiquavaõ de barlavento, a / (?) sobre os 2 *que* fiquavaõ sotaven/tados, deixando o paço livre aos ditos fran/çezes com *que* se foraõ safando e não vi / pellas 7 oras da tarde mais de dez legoas / delles para barlavento a estas mesmas oras / se avistaraõ mais nove navios com *que* / fazem ao todo dezoito, *que* todos vem na / mesma derrota e pareçem da mesma (?) dos ditos pechelis e todos vaõ na vol-/ta do norte. aqui tenho parte do socorro de / santiago de cacem, espero por mais; elles tem poqua deseplina [sic] conforme estou em-/formado e dizem me *que* não tem bandeiras / e estão faltos dellas a doutras couzas mais / e para serem companhia de auxiliares não / (?) estas faltas taõ bem me dizem / *que* estão com pouco gosto per *que* *Vossa Magestade* // os não livrou de acodirem a mais fronteiras / *que* a esta. na rezaõ *que* elles tem me não meto mas / na do serviço de *Vossa* majestade não heide dexar de dizer o / *que* me parece (?) *Que* o enemigo intenta querra / per todas as partes para divertir *que* he o mesmo *que* / per mar e per terra como haõ de ficar desmantela-/das muitas praças arisquadas a hũa estocidade aco-/dimdoçe as praças *que* toquavaõ rebate e pediraõ socorro / a guerra feçe conforme as forças conçeiderandoçe *que* / se ão de repartir pella rezaõ a prodença e tudo se ade / remedear no modo *que* pode ser porque mais fora / confuçaõ como o fiqua sendo camdo não há esta igua-/lade comcideramdoçe a despoçiçaõ das praças do mar / çe as mais arisquadas maiór defençaõ é com este / aperto não consiste em ter muito se não bem governado / e contente e desta sorte saõ os suçeços bos porque como / a despoçiçaõ da nosa parte não pode ser mais e os inten-/tos saõ bos ahy acode dés catam saõ as esperanças / verdadeiras per *que* saõ reguladas por nosos trabalhos com / o lemite do *que* puderaõ Rey ou confiado no favor de/vino *que* não tem medida /

Perpoem mais este socorro de s. tiago de cacem / que *Vossa* majestade da sustento, em se neçeditando delle, e asim o / manda obrar em todas as fronteiras, a todo o socorro, o que / acode a ellas aquj não há ifeitos detreminados e soparados / *para* isto asim que *Vossa* majestade sera servido mandar nomear / ahomde se ade tirar o sustento *para* nas ocazioes não fal/tar a este socorro que *Vossa* majestade tem ordenado acuda aquj /

Seia *Vossa* majestade tambem servido mandar acodir / ao menos com quatro peças de bronçe de alcançe, com que / figura esta praça e porto della livre dos sobresaltos e o / inimigo em maiores temors de acometer e tirar / (?) Porto della /

isto he o que para ate quj de que me pareceo / fazer este 2.^o avizo *para* *Vossa* majestade o sustento *para* o dj-/to socorro e que não acuda a nenhũa outra parte ma-/is que aquj e as ditas peças de bronçe per que nouta / forma se não podra conservar e defender esta pra-/ça e asim o digo hũa e *muitas* vezes e com isto faço o que / devo a minha obrigaçã e tive o gram favor do ceo / o safarçe daquj as naos franceças pello perj-/go e reputaçã das armas de *Vossa* majestade /

Sebastião de Sá de Menezes [assinatura]

Documento 22

1655, outubro, 7 – *Parecer do Conselho de Guerra sobre o pedido das autoridades locais para que a vila fosse fortificada.*

ANTT, Conselho de Guerra, *Consultas*, cx. 64, ms. 15ª, doc. 162.

Inédito

Conselho de Guerra/

Sobre as cousas que pede a Villa / de Sines para sua deffensa //

Os Officiaes da Camara da Villa de Sines, O Capitaõ e Sargento / mor da comarca de campo de Ourique, a cujo cargo di=/zem esta o governo della, e o Sargento mor da mesma / Villa de Sines, e de Villa nova, por huã petição, e cartas, daõ / conta a *Vossa Magestade* que a fortificação está feita, como se ordenou / ao Engenheiro Pedro de Santa Colomba, cuja planta / enviaraõ, e assi hum papel do mesmo Engenheiro em que / descreve o sitio da Villa, e sua fortificação, e todos em / sustância representaõ a *Vossa Magestade* a Artelharia, monições / e mais cousas de que necessita, e pedem que *Vossa Magestade* lhes acou-/da com ellas sem dillação, as quais appontaõ numa re/lação, que juntamente enviaraõ, e serem muito necessarias para / deffesa daquella praça, e do Campo de Ourique; por que / a fortificação sem as ditas cousas fica sendo de nenhum / efeito. /

Todos os ditos papeis, e planta, se remeteraõ ao thenente / geral de Artelharia Ruy Correa Lucas, para dizer so/bre elles o que_lhe parecesse, o qual respondeo com hum seu / papel em que diz que vio os papeis, e que o pedir he muito / mais facil que o prover, todos cuidaõ que do que tem a seu car=/go depende toda a deffesa do Reyno, e todos querem para aly quanto elle pode dar de sy, que he necessario / entender o que se pede, e que presidis se podem sustem-/tar, e o que faraõ de custo, e naõ meter mais, pois em lu-/gar de fortificar, seria enfraquecer, fazendo cou-/sas faceis de ganhar pella fraquesa do presidio, mas / de recuperar pella fortaleza da fortificação. /

Que os de Sines dizem nos papeis que_a fortificação he / ruim, que naõ tem artelharia para ella, e com isto pe=/dem muita artelharia de bronze, e de alcance; que / o de dez por cento em que se fala, naõ sabe elle Ruy Correa / o que quer dizer, nem o para que se poz./

Que de Vianna, da Berlenga, de Setuval, e de Se=/zimbra tudo he gritar por artelharia depois da ac=//acclamação de *Vossa Magestade* e provendosse muita ninguem / esta contente; A Armada anda falissima, as com-/quistas o estaõ da mesma maneira, para hir este / anno a India, naõ há huã pessa; por que naõ vieraõ / naos./

O que parecia a elle Ruy Correa, he que aquellas vil=/las se visitem por quem o entenda, naõ sendo impor=/tantíssimo o porto, naõ tratte mais, que de o reparar / quando esteja,

terá condestavel, e dous pares de / artilheiros, e *que* bom fora obrigar a algús morado=/res de mais ferição, a *que* apprendaõ, para servirem / na occasiaõ deffendendo suas casa sem terem mais / obrigaçaõ, *que* na occasiaõ alimparlhe a artelheria / *que* tem, e pola corrente de reparos, e do mais necessario / e quando tenha isto *que* assima diz, darlhe hum par / de columbrinas de bronze de doze, para servirem / na parte mais necessária. /

Por ora dez quintais de pólvora, quatro de ballas / de chumbo, dez de corda, e ate duzentas balas / dos calibres das suas pessos, que os pobres não pe-/lejaõ, e ninguem o he tanto se sequer ajudar a def-/fender, e todos o devem a suas casas, *que* não possa / comprar hum pique *que* val treze vintês./

O que na fortaleza não fora mao haver trinta / mosquetes, e vinte arcabuzes, e provera a *Vossa Magestade* / visto *que* representaõ os papeis haja na occasiaõ / gente, *que* occupe estas armas, e queira tratar / da deffesa. Sincoenta granadas, e mea du-/zia de bombas, e *que* estava elle Ruy Correa / *que* na occasiaõ nenhũa cousa destas ha de ser=/vir, *porque* nem há de haver quem as saiba prepa=/rar e menos quem uze dellas./

O *Conselho* havendo visto a petição, e papeis dos / officiaes da camara da Villa de Sines, e os mais / de *que* se faz mençaõ nesta *consulta* com a infor=/maçaõ do thenente geral de Artelheria / Ruy Correa Lucas com seu parecer, conforman=/dosse // com elle, o he tambem o*conselho* *que* *Vossa Magestade* mande / fazer a visita naquelas villas por pessoa pra-/tica, e *que* bem entenda de fortificações, e que / se lhes provejaõ as cousas *que* elle aponta na / sua informação. Lisboa 7 de Outubro de / 1655/

[quatro rúbricas ilegíveis]

Documento 23

1661, fevereiro, 7 – *Decisão do Conselho de Guerra de mandar fazer o reconhecimento da ilha do Pessegueiro, por João Nunes da Cunha.*

ANTT, Conselho de Guerra, Consultas,

Inédito

Achandossé na villa de setuval presentes / os ministros deste Conselho Tomaraõ particular / noticia da grande importancia de que he / na occasiaõ presente os portos que a Ilha do / Pessegueiro faz com a terra firme da Costa / que fica no districto de Campo de Ourique / distante quatorze legoas de setuval, pouco / mais ou menos. E porque o inimigo se / não aproveite desta comodidade e Agoa-/da que tem mandado reconhecer por / barcos longos (segundo a informaçãõ que se teve.) Parece muy importante ao / servico [sic] de Vossa Magestade que aquella fortificaçaõ e porto se habite e segure e que para /isto de poder executar promptamente /he necessario que Joaõ nunes da Cunha passe / pessoalmente áquella Ilha, Com os officiaes / materiaes e bastimentos [sic] necessarios levando / em sua companhia ao governador da comarca de / Campo de Ourique Lucas Barroso que se / acha nesta Corte para que fique assestin-/do e executando o que Joaõ Nunes Assentar / e presidie com os auxiliares mais vesi-/nhos a aquella porto a fortificaçaõ inclusa que / esta feita no caso que o sitio e porto / seya o conteúdo na relaçaõ inclusa que / conforma bem a que o Conselho tem per muitas / e diferentes pessoas. E porque / este lugar he da jurisdicaõ [sic] de governo das / Armas de exercito de Alenteyo Parece que / convirá mandar Vossa Magestade (?) que pella Urgençia do / tempo não premetir delaçaõ se nesse (?) meyo. Que elle ordene ao sargento mor / daquella comarca que durante o Veraõ va / assestir naquela fortaleza emquanto não se / acha outro sujeito capaz de assestir e defender / aquella porto. E ainda que Joaõ Nunes // da Cunha he tam zelozo do serico de Vossa Magestade / como se tem experimentado em todas as / occasiões Como nesta há trabalho, risco / descomodidade e despesa será / (?) Que Vossa Magestade particularmente lhe faça entender / o serviço que nisto recebe e a estimaçaõ / que Vossa Magestade fara delle Lixboa 7 de fevereiro/

[duas rúbricas ilegíveis] //

Fundo das Entradas das barras da Ilha / do Pexigeiro [sic] /

Entrando pella barra do norte, entre o Cavallo e a Ilha dando / resguardo a Lagem que está ao mar do Cavallo 20 braças tem / na (?) Do mar 6 braças com hu quarto de agua vazia / e mães dentro no Seguro quatro braças /

Poderá entrar a terra do Cavalo dando resguardo as Lagens que / taõ a terra pouca distancia do Cavalo se acharaõ 4 braças com hu quarto de agua vazia /

Pellas barras do Sueste entre a Ilha da Lagem que sera distancia / de cem braças antes mães que menos tem Sette braças de fundo /

E Se entrarem pela barra maes a terra pela banda do Sueste da / Lagem dando resguardo aos filhos que estaõ pegados com a lagem / couza de 40 braças tem a barra 7 braças e he a mães Segura / e entrando para dentro por todas as barras assim pelas do norte como pelas / do Sueste meteraõ a todo So para barra da Ilha acharaõ tudo Lim/po com 4 braças de fundo pela barra do norte e pelas do Sueste 8 braças / poderaõ deitar fundo e dar Cabo a Ilha e ficaraõ bem amarrados e So / com o Sueste correraõ perigo as embarcações [sic] que

Documento 24

1663, junho, 20 – *Parecer do Conselho de Guerra relativo ao pedido de munições e artilheiros, feito pelo capitão mor e oficiais da vila de Sines. Incluindo a documentação anexa.*

ANTT, Conselho de Guerra, *Consultas*, cx. 85, mç. 23.

Inédito

Com hum escrito do Secretario de estado Vieraõ remetias a este Con:/selho as Cartas inclusas de Dom Luis de Almeyda Governador e Ca:/pitaõ General do Reyno do Algarve e do Capitaõ mor e officiaes da / Camara da Villa de Sines, que *Vossa Magestade* hera servido se vissem nel:/le com as *que* os dias passados mandara remeter, e se connstsse (?) / a *Vossa Magestade* o *que* pareçese. /

Ao *que* satisfazendo o Conselho pareçeo dezer a *Vossa Magestade* *que* considera:/dos os termos em *que* hoje estaõ as cousas de Alentejo, e os socorros / das Naos de Guerra por mar de Inglaterra, naõ há para *que* re:/presentar a *Vossa Magestade* outra coisa que agradecer ao Alcayde Mor e / officiaes da Camara de Sines, o bom modo e zello com *que* haõ no / serviço de *Vossa Magestade*, e só entende que para o provimento do Castello se / lhe deve acodir com as monições e Atrilheiros *que* for possivel de / modo *que* naõ façaõ falta em outra parte, e quanto ao mais que / Reffere o Capitaõ Mayor sobre a tenção com *que* estaraõ os moradores / de Sines e solturas (?) com *que* falaraõ parecendolhes melhor entre/garemse a dom Joaõ de Austria, do *que* deffenderemse, entende / o Conselho deve *Vossa Magestade* mandar a avreguar este excesso para *que* / constando delle se fazer com esta gente a demonstação *que* mais convier ao serviço de *Vossa Magestade*. Lixboa; 20 de Junho de 663./

Pella parte a *que* toca g(?) he /quanto Comselho da Fazenda/

[Três rúbrica ilegíveis] //

Vejasse e consultesse o Conselho de Guerra /

Lixboa, 15 de junho de 1663/

Receby a carta *que* *Vossa Magestade* me fez mersse mandar escrever / em douz do corrente, e com ella as *que* Sebastiaõ de Saá / de Menezes Cappitam mor de Sines escreve a *Vossa Magestade* e a/o Conde de Castel melhor, e me hordena *Vossa Magestade* que vendo / o que nellas diz percore remedealo; este fidalgo pede / a *Vossa*

Magestade [que] lhe mande fortteficar o Castello daquela / Villa, e lhe mande Artilheiros, e que tem pouca gentte; estas / cousas Sennhor naõ posso eu daqui remedialas, porque / para a obra da fortteficação que elle quer no Castello, nem / tenho emgenheiros que lhe mande, nem effeitos com que / a obre, Arttelheiros saõ taõ poucos os deste Reyno e / tem tanttos porttos de mar com forttalezas que os haõ / mister, que se naõ fora no Tempo presentte, que obriga / acudir com tudo ao Alenteyo, yá os ouvera de ter pedi=/do a *Vossa Magestade* pois so esta Cidade tem sesentta e tan=/tas pesas de Arttelharia, sem aver quem a maneje, a gen-/te tabem he a *Vossa Magestade* presentte, quantto tenho remetido / deste Reyno ao Alenteyo, ficando sem defensa e sem / guarnisois pera estas praças, quanto mais pera socorrer / houtrras, como yá reprezenty a *Vossa Magestade*, e quanto temia / por esta faltta, naõ por temor meu, estarem expostas / a hum subsesto, com qualquer ameaso, todas as deste / Reyno, e naõ relatto a *Vossa Magestade* as mais sercunstanças / neste particular, pello risco dos Caminhos, e poder toma/remse as Carttas, Com o que tendo dado o *Vossa Magestade* / contta do que me manda, Sobre o que podia fazer / nesta materia, a *que Vossa Magestade* deve mandar aCudir, pella / via *que* for servido, que em min fora o major gosto ter/ com que acudir a todos, quanto mais por obrigaçaõ / de vassallo de *Vossa Magestade* que o devo fazer asim; Nosso / Senhor *garde* a real pessoa de *Vossa Magestade* Como seos vasalos / avemos mister. Lagos, 8 de junho de 1663

Dom Luis de Almeida [assinatura] //

Eu vim acudir a defençaõ desta / praça de que sou Alcaide mór como me / tóqua e taõbem a tratar do remedeio / de minha caza pois nos mezes *que* estive / nessa corte gastej o que tinha em aco/dir a grande doença que teve Dona Vj[o]/lante que por estar muj fraca imda a / dexej lá, criados todos me adoeçeraõ / e eu taõbem padeço achaques que me naõ / faltaõ com estes *muitos* enfados a que fuj aco-/dir, que me ocasiona o naõ poder estar / lá como as gentes do mundo saõ taõ / trabalhosos [sic] taõ bem achej grande per/da nos meos gados por culpa dos pasto-/res e mais peçoas a meo cargo. deijej o go-/verno delle e de tudo mais desta mj-/nha caza e por naõ fazer mais rela-/torio a *Vossa Magestade* nesta carta me remeto / em tudo mais o que escrevo ao comde / de castello melhor. cuia catoliqua cres-/teaniçima pessoa de *Vossa Magestade* *garde dê[u]s para* / empáro e remedio e defençaõ deste Reino /

Sines 28 de maio de 1663 /

Sebastião de Sa de menezes [assinatura] //

Busquej a *Vossa Senhoria* duas vezes e de ambas me / diceraõ que estava com Sua *Magestade* que dê[u]s *garde* / e como me naõ pude deter naõ me foj poçivel / buscar

a *Vossa Senhoria* mais vezes asim por ser cá / entrado o Veraõ em que minha asistẽcia / he neççaria *para* a defençãõ desta praça que he / *fronteira* ao mar como *para* acodir ao sustento / desta *caza* de *Vossa Senhoria* que como tive *muitos* gastos / com a doença de Dona Violante em essa corte / onde a dexej per sua grande fraqueza, não / falando em criados que todos me adoeçeraõ / e eu taõbem com meos achaques que não saõ / poquos e outros *muitos* emfadamentos a que acodj / porque remdimento nesta comenda que tudo / me cauza huã gramde emqueatação *para* no/ modo que posso acodir a tudo de minha obriga-/ção com o favor do çeo, pareseume mandar es-/te proprio como faço *para* dar conta a *Vossa Senhoria* des-/ta praça que avizamdo *muitas* vezes aos *Senhores* Rej dom / Joam o 4º que dê[u]s tem em gloria, nunca / se tratou della *para* ter ifeito sua fortefica-/ção e so se tratou de mandala ver per hũ ar-/quiteto e não se pos per obra nenhũa couza e sempre / euinstej que comvinha forteficar o castello / que hera couza de pouco custo e que se podia / remedear logo acodise taõ bem o *dito* arqui-/teto que chamavaõ fulano de S. colonba, de / nação françeza, e não teve efeito nem hũa cou-/za nem outra achome emquieto per que esta / praça he aberta e o castello que tem he fortefi-/cação antiga com poqua defença e sem baluar-/tes *para* descortinar e nem torres tem per algũas / partes, de sorte que não esta hem ordem *para* po-/der ser defendido, tenho artilharia de ferro / coado, de calibre pequeno; tenho duas meas / colobrinas de calibre doze libras cada hũa; / polvora e moniçois tenho, mas he neççario ma-/is, a gente hé poqua das ordenanças e *para* po-//quo (?) esta muj desanimada asim com a pobreza que pa-/deçem per o mar, que he toda a sua dependencia lhes nega / as pescarias que he todo seu sustento como com as no-/vas de que o enemigo tem sercado Evora e como lhe / não fica resistẽcia ate quj se não daõ per seguros / nem o estaõ e *muito* menos agora com duas opoçiois huã / por mar que mal podiaõ resistir sem socoros e estes vim-/do a tempo como *muitas* vezes avizej conforme as armadas / que ovesem, e a outra per terra, pois o enemigo fica taõ / vezinho asim que faço minha obrigaçãõ em relatar tudo / o que ha a *Vossa Senhoria* ja que a miseria de portugal chega a / tal estado que entra o enemigo tanto pella terra den-/tro. *Vossa Senhoria* como taõ verdadeiro portuges ponha os olhos em / tudo e o remedehe a cuiõ serviço estarej sempre muj / pronto *guarde* dê[u]s a *Vossa Senhoria* como póde e eu dezeio Sines 28 de / maio de 1663 /

Avirto que não tenho gente paga mais que huã escoa-/dra de vintj e sinco soldados e estes estaõ na Villa per / não aver cazas no castello *para* sua apousentadoria /

pareseume que he neççario escrever com cautella e por isso me / reporto na carta que escrevo a Sua *Magestade* a esta, a qual / remeto a *Vossa Senhoria* aberta *para* aver e ordenar o que for mais seu / serviço /

A preça não me da lugar per que me dizem que Evora / esta já entregue aos enemigos e não tenho tempo *para* ver / a gente que tem as duas companhias das ditas ordenanças des-/ta villa e hũa que somente há no termo que ao todo, com / a dita esquadra de soldados pagos me parece faram po-/quos mais de duzentos homês e algũs delles não saõ *para* / brigar, tem esta praça quatro legoas e mea de praias / que defender e dous pórtos em que entraõ navios de al-/to bordo hũ delles he a bahia desta villa e o outro

distam-/te della pella costa abaxo tres legoas afora a dita ve-/zinhança da cidade de Evora *que* não dista desta ma-/is *que* dezanove legoas, sem Rio nem mar em meio nem / praça *que* lhe resista e com esta consideração pode *Vossa Senhoria* man//dar acodir com a gente *que* lhe parecer /

taõbem necessita esta praça de / algũs bombardeiros pello menos do/us se puderem ser estrangej/ros *que* saibaõ fazer arteficios de fogo / sera melhor ingreços *que* saõ nossos amigos / ai *que* nunca quizeraõ fazer escola de bo/bardeiros como tinhaõ os Reis portugue-/çes feito *numero* sempre muito ham de se / proviraõ as Armadas e fortalezas /

O *que* convem mais podeirçe (?) logo / a fortificar este castello *para que* / se poça defender

Sebastião de Sa de menezes [assinatura]

Experimentada a notável perda da cidade de Evo=/ra, requereo este povo a SeBastiaõ de Ssaa de menezes Capi/taõ mór delle, *que* representasse a *Vossa Magestade* o aperto em /*que* se conçiderava, à vista de ter o inimigo taõ che/gado; foi *Vossa Magestade* servido defferir ao avizo *que* lhe fes, *quando* Recorresse ao *governador* do Algarve, a quem remetia a Sua Car-/ta: porem como esta *Villa* seya da Comarca do Campo de Ourique / e *que* estaa *proximo* desta banda vem a distar da Cidade de La-/gos, onde assiste o *governador* daquelle Reino, mais de vinte legoas, / Com o *que* se lhe impossebellita o remedio *que* a *Vossa Magestade* pedi-/mos, pois ainda no Cazo *que* o *governador* nos queira expedia al/gum socorro, virá este a tempo, em *que* de todo estejamos des/truidos; porque anda o ynnemigo em lugares muito vezinhos / fazendo tam extraordinarios danos *que* destruidos, e cha/queados algũs ficam sem pedra nas paredes; e outros se lhe / remdem obrigados da vexassaõ prestandolhe obediência *que* / procura sem attenderem o ser de portuguezes, e *que* tem Rey / *que* tanto os ama e estima; e susposto *que* o cappitaõ mór desta / prássa se há com o zello *que* deve ao servisso de *Vossa Magestade* e ao / bem da pátria Como fidalgo tam portuges procurando o remé/dio desta *Villa* murandosse com as trincheiras necessárias, dis/pondo tudo mais *que* convem a nossa defeza; paresse, contudo, / esta impossivel, pois consta o prezidio do Castello Só de vinte / e sinquo homens, e a mais gente da terra bizonha e inerme; / pedimos a *Vossa Magestade* como o Rey e *Senhor* nos queira emparar, / e *que* por Sua clemência nos acuda com algũ socorro; pois / em outra forma he em nós a ruina jmpossivel; e sem duvida / perdendo Como os mais a homrra, vidas, e fazendas fica/remos de todo incapazes de continuar no servisso de *Vossa Magestade* // as vontades e corassois com *que* nós e nosso antepassados / Serviraõ sempre a seu Reys naturais; se não for *que* estimul/lados do povo *que* não sofre domínio e obrigado de suas viol/lenças caymos no segundo absurdo por escaparmos com vi-/das; esperamos na Christandade & amor de *Vossa Magestade* queira / emparar Como pay e remediar como *Senhor* a taõ obedientes fi/lhos e vassallos taõ leais; e a cathollica e real

pessoa de *Vossa Magestade* / *garde* Deos muitos annos para nosso amparo e liberdade. feita em / em sines Camara de 6 de junho de 663

Jhoam Dias parrado escrivão da Mamara nestta dita Villa / que o fez escrever e lhe escrever e sobreescrevj/

Diniz Manuel Afonso Rapozo [assinatra]

Mel Pinto Parrado [assinatra]

Manuet Leitão [assinatura]

Francisco Viegas [assinatura]

A preça faço esta com outro proprio re-/metendo a *Vossa Senhoria* com outra que com esta sera / para Sua *Magestade* que dê[u]s *garde* e per que nella dj/go tudo e vaj aberta para *Vossa Senhoria* a ver e or-/denar o que comvem mais ao serviço de / Sua majestade e defençaõ deste Reino serej bre-/ve avertindo máis que estes homês seraõ / vasalos de Duque de Aveiro e que lhes não / falta maliçias e que temo fazerem me alguã / traiçaõ pello que com toda a preça me acuda / *Vossa Senhoria* na conformidade da dita carta, que escre-/vo a Sua *magestade* per que a openiaõ com que / procedi sempre na querra não sera rezaõ / perdella e ainda com perda e dano deste Reino visto que me toqua defender como co-/mendador e Alcaide mor que sou desta Vi-/lla e como *Vossa Senhoria* he taõ grande cristaõ e / taõ grande portuges estou muj confiado / não faltar com o que digo, dando-me muitas / ocazioes de o servir. *Garde* dê[o]s a *Vossa Senhoria* muitos / annos. Sines 7 de junho de 1663/

Aqui me mandaraõ os ofiçiaes da camara des-/ta villa essa carta para Sua *magestade* / *Senhor* afoirmo a *Vossa Senhoria* que /me vaio no maior tro-/mento [sic] per que para huãs / proves trincheiras que //elles mesmo me pediraõ para sua defençaõ se não

Esta Villa de sines he fronteira ao mar / como o reprezentej a *Vossa Magestade*. tem hũa bahia grande em que surgem navios de / alto bordo e galioes, e pella costa abaixo outro / porto na Ylha do pexegeiro, tres legoas em / que surje navios mais pequenos, do que ne-/ceçitava no tempo prezente fiz hũ relatorio / per cartas a *Vossa Magestade* com a concideraçãõ de / que tenho maior cuidado com a tomada de / Evora, pello enemigo por me ficar muy ve-/zinho e sem couza que o enpida e a gera / de novo chegou huã legoa de grandola / com tres mil infantes e dous mil cavalos / com dezenho de Sugeitar esta praça e asim / o poblicou, a qual he aberta como o tenho re-/latado e tem hũ castello velho com mhaõ [sic] mo-/do de se poder defender em rezaõ do mo-/do com que se peleia no tempo prezente, a / gente poqua e desanimada e afirmo a *Vossa Magestade* que mais cuidado me da crer ne-/lles huã ruina com muitas declaraçois que / pobriquaõ que não querem brigár porque / o enemigo os não degole em rezaõ de /

que não faz mal aos povos que se lhe / entregaõ e foy milagre virlhe nova que / hia o poder de *Vossa Magestade* contra elle por que / aomde elles chegaraõ a esta praça não dista mais que oito legoas e me a dita nova dy/zem se recolheraõ por mandado de Dom / Joam de austria. *Vossa Magestade* me diz que reme-/te as carta ditas minhas cartas sobre este par-/ticular a Dom Luis de almada governador do /Algarve *para* que acuda as neçeçidades des-/ta praça a qual não he da júrdiçaõ do / Algarve que he desta Comarquá dó Campo //

Documento 25

1665, dezembro, 17 – *Mercê de uma tensa feita a Belchior Torres de Siqueira por D. Afonso VI.*

ANTT, Registo Geral de Mercês, *Mercês das Ordens Militares*, liv. 7, fl. 15.

Inédito

[fl. 15]

Dom Affonso Etc.^a Faso saber aos *que* esta minha carta de padraõ virem *que* tem/do respeito aos serviços de Belchior de Torres de Siqueira *natural* de Peniche *filho* de Adriaõ / de Torres de Siqueira feitos na *Provincia* de Alentejo por espaso de 8 annos, 7 mezes e / 8 dias desde Fevereiro de 1654 the novembro de 1662 de soldado de alferes na Infanta/ria, e de Thenente de huã companhia de cavallos achandose o anno de 1657 na o/caziaõ em *que* se tomou o comboy dos inimigos e o cabo deles junto de Jurumenha / ajudando a recuperar Mouraõ, e de hũ choque de cavallaria dos Castelhanos / sahir ferido no rostro e anno *seguinte* de 1658 na companhia do sitio de Badajos / e ser dos *primeiros* batedores *que* a foraõ descobrir, e nos recontros *que* houve render / a hũ Thenente e a hũ Cappitam de Cavallos Courasas signalandose na expug=/nasão do forte de São Miguel, na tomada do Comboy daquela Cidade se em/penhar de maneira *que* lhe tomarão o cavallo e na entrepreza de Talavera / elle ser dos *promieiros* *que* entraraõ na muralha e sitiada a prasa de Elvas por / D. Luis de Haro sahir de dentro della a alguas sotidas das quais apri/zionou hũ alferes tomou alguns cavallos, e querendo levar hũa Lingoa / ficou prisioneiro 3 mezes em poder dos Castelhanos, finalmente das vezes *que* / se foi armar á Cavallaria inimiga proser nos choques como bom sol/dado ficando prizioneiro em hũa dellas gravemente ferido, houve *por* bem fa/zerlhe merce de 100 rs de tensa effectivos em bens de abzentes ou ou confiscados / com o habito de Xp^{to} *que* lhe tenho *mandado* Lansar, e visto o mais *que* me reprezen/tou Hey *por* bem fazer merce ao mesmo Belchior de Torres de Siqueira de *que* / asentem os 100 rs de tensa effectivos em bẽns de abzentes ou confiscados / no almoxarifado de Leiria [...]

Documento 26

1669, janeiro, 1 – *Auto de arrematação da renda da imposição, pelo valor anual de 90 000 réis, valor aprovado pelo governador militar. Nele se estipula como a mesma é cobrada.*

AMS, *Vereações*, liv. 1, fl. 130-131.

Inédito

[fl. 130]

Arrematação da empoçissaõ / a Pedro Lopez em nocenta mil / réis – 90 U /

Ao primeiro dia do mes de Janeiro de mil e seis senttos / e sasenta e nove annos nesta villa de Sines / nas cazas da Camera della aonde estavaõ o ju/is vereador mais velho Manoel da Serra de Ve/lhana e bem asim os vereadores Manoel / Pintto Parrado e Andre Soveral e o procu/rador do Conselho [sic] Antonio Fernandes, os / quais mandaraõ chamar ao porteiro do Com/selho Manoel Alvres ao qual fizeraõ per/gunta se [h]avia andado, e andava com a ren/da da empoçissaõ em pregaõ e por elle foi / ditto aos dittos officiais da Camera que elle [h]avia an/dado e andava com a dita renda da empoçissaõ / em pregaõ asim nos lugares publicos desta dita / villa, como na praça della e naõ [h]avia major / lanço que aquelle que tinha lansado Pedro Lopes / Revolto, que eraõ noventa mil reis conta/das as porpinas antigas que vem a ser huã / cama pera qualquer julgador que vier a terra, / e dous mil reis e hũ alqueire de azeite e hũ a/ratel de vellas para quem tempera o rellojo / e llogo pellos dittos offiçiais da Camera foi ditto / ao ditto porteiro que fosse contenuando no di/to lanço e naõ achando quem mais desse / o fintesse e arematasse, para o que man/daraõ saber do governador da praça desta vi/lla se era contente que se arematasse a ditto / renda do ditto lanço por naõ [h]aver outro major / E por elle foi dito que quando naõ ouvesse / outro lanço major arematassem ou mandese / arrematar a dita renda o que visto pellos dittos / officiais da Camara mandaraõ ao ditto portei/ro que a fintasse e arematasse, visto naõ [h]aver // [fl. 130v.] naõ [h]aver outro lanço major ao que logo sa/tisfes o ditto porteiro e andando na dita / praça de huã parte pera outra, dizendo / noventa mil *reis* me daõ pella renda da / empoçissaõ, com as porpinas ordinarias / ha quem mais der e ha quem mais lançe venha/[-]se a mim reseberlhehei o lanço nesta pra/ça arendo nesta praça arematto fonta (?) / fasso que mais naõ acho que se mais achara / mais tomara, doulhe hũa, doulhe duas, houtra / mais pequenina fassalhe *mu*into bom proveito / e logo lhe meteo o ramo verde na maõ, E / per esta maneira lhe [h]ouveraõ os dittos o/ffiçiais da Camera por arematada a ditto / renda por tempo de hum anno que come/sara do primeiro de janeiro deste presentte / anno e acabara por dia de Sam Silves/tre que he o ultimo de dezembro do ditto / anno pagandosse ao ditto *rendeiro* assim os / mercadores como os de fora na forma costuma/da que vem a ser os da terra a vinte por mil / reis, e os de fora a trinta reis de tudo o que / levarem pera fora,

ficando a praça livre / e a feira de Sam Marquos, tudo na forma do Regimento de Sua Magestade. E nesta forma / se obrigaraõ os dittos officiais da Camera / a lhe fazer a dita renda boa em o ditto a/no por quanto nesta forma lhe foi arema/tada sendo *testemunhas* Marcos Teixeira, e Manoel / Afonço que todos aqui asinaraõ com os di/ttos officiais da Camara e o ditto rendeiro / e porteiro e eu Francisquo Netto Chajinho / escrivaõ da Camara que = // [fl.31] que o escrevj /

Velhena [assinatura]

Parrado [assinatura]

Soveral [assinatura]

Fernandez [assinatura]

+ do porteiro

+ do rendeiro Pedro Lopez

Marcos Teixeira [assinatura]

Manoel Afonso Lobo [assinatura]

Documento 27

1669, junho, 20 – *Alvará de Mercê da Comenda de Sines a D. Francisco de Souza, Conde do Prado.*

ANTT, *Chancelaria antiga da Ordem de Santiago*, liv. 18, fl. 14 v.

Inédito

Eu O Principe Como Regente e *Governador* faço saber aos *que* este alvara / virem *que* tendo consideração ao *que* por parte do Conde do Prado D. Francisco / de Souza do meu Conselho de estado se me Representou e *que* ora passa a Curia / de Roma por embaixador extraordinario a *Sua Santidade* e a não haver athe / o presente entrado na promeça da Comenda de sete sentos mil rés com *que* / por portaria de seis de Mayo de 1667 foi respondido entre / outras *merces*. Hey por bem fazerlhe em satisfação da promeça / da Comenda referida de Sete Sentos mil rés da Comenda / de Sines desta ordem *que* vagou por Sebastiam de Sa de menezes / e na dita portaria de Seis de mayo de 67 e em seus respeitos se poraõ / as verbas nessesarias e para Sua guarda e minha lembransa lhe mandey / dar este alvara por mim açinado *que* Se cumprira tam inteiramente / como nelle se conthem sendo pasado pela Chancelaria da ordem / e vallera Como Carta sem embargo de qualquer provisãõ ou Regimento em / contrario

-----Antunes Leitaõ a fez em Lixboa aos 20 de junho / de 1669

Principe

Documento 28

1669, setembro, 8 – Alvará permitindo ao Conde do Prado que administrasse diretamente a Comenda de Sines.

ANTT, Chancelaria Antiga da Ordem de Santiago, Liv. 18, fl. 17

Inédito

Eu O Principe como Regente e Governador &^a faço saber aos que este / alvara virem que eu Hey por bem e me pras que D. Francisco de Souza Conde de Pra/do possa administrar por tempo de hum anno a Comenda de Sines da dita ordem / de que lhe tenho feito merce com obrigação de pagar as penções que na dita Comenda estão / postas e dando fiança Segura e abonada a contentamento do executor dos Contos Sobordina/dos ao meu Tribunal da meza da Conçiençia e ordens por que Se obrigue a restituição dos / frutos que Cobrar da dita comenda em cazo que faleça antes de Se emcartar nella pelo que mando ao contador do Mestrado da dita ordem que fazendo o dito D. Francisco de Souza / Conde de prado a dita obrigação e constandolhe em como tem dado a fiança referida / a Sendo Registada no Livro das fianças da Ordem que esta em poder de Manuel Vas / Pretto Monteiro meu escrivão da Camara lhe deixe administrar a dita Comenda plo / tempo acima referido de hum anno na forma que neste se conthem que se cumpri/ra Sendo pasado pela Chancelaria da ordem e se a leva como carta sem embargo de qualquer / provizaõ ou regimento em contrario Pedro Antunes Leitaõ a fez em Lixboa aos 8 / de Setembro 1669 Manuel Vas Pretto Monteiro a fez e escreveu

Principe

Documento 29

1678, junho, 24 – *Decreto sobre provimento e guarnição de algumas praças de guerra.*

AHM, 1.^a Divisão, 3.^a Secção, Cx. 1, Doc. 16.

Publ. parcial: Claudio de CHABY (1872) – *Synopse dos Decretos Remetidos ao Extinto Conselho de Guerra (...)*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. III. p. 103.

Cópia

A Junta dos tres Estados tenha entendido de que a guarnição, munições, e tudo o mais que / for necessário para as Praças de Villa nova de Milfontes e Sines, há de correr *pela* Consignaço / de Setuval por a este Praça ter anexado aquellas, pela dificuldade que havia de *que* os provimentos / se fizessem da Provincia de Allem-Tejo que pella distancia se experimentava não serem / tão prontamente socorridas, como era conveniente. A Junta nesta forma pella parte / *que* lhe tocca o faça assi executar com aquelle cuidado que pedem estas Fortalezas. *Lixboa / 24 de Junho de 1678*. Com Rubrica de *Sua Alteza*.

Vejase na contadoria *geral* e informe o *Superintendente* com seo / parecer *Lixboa 28 de Junho de 678*.

[três rúbricas ilegíveis]

Parece *que* se deve passar provizaõ *para* o *Vedor geral / da provincia* de Alentejo informar *que* provimentos / se faziaõ por elle às praças se Villa / nova de mil fontes e Sinis e seos al/moxerifes *que* os recebiaõ saõ providos por / esta repartiçaõ ou pella coroa e / se consta da falta das moniçoës de *que / necessitaõ* as ditas fortalezas / *Lixboa 6 de Julho de 1678*

Passe provisaõ *para* o *vedor geral* na forma *que* aponta / a contadoria *geral*. *Lixboa 6 de Julho de 678*

[quatro rúbricas ilegíveis] //

Veja-se na Junta dos tres Estados a Consulta inclusa do *Conselho* de guerra sobre / hum papel do Marques de Fronteira em que Representa o estado em que se acha a / praça de Sines, e do que necessita para sua defesa; E consultesem e o que / parecer. em *Lixboa a 4 de Agosto de 1678*

Vejase na contadoria *geral* e informe o *superintendente* com / seo parecer *Lixboa* 6 de Agosto de 678.

[três rúbricas ilegíveis]

A Junta teve descreto de 24 de Junho proximo / passado *para* o provimento das munições das praças / de Sinis, e Villa nova de Milfontes, a que / a Contadoria Respondeo em 6 de Julho que / devia informar o Vedor *geral* da Provincia de / de Alem=Tejo com as declarações *que* se apom=/taraõ. Se esta informação tem vindo se (deve ajuntar a este papel com o ditto decreto / *para* se poder Responder a Consulta incluza / *Lixboa* 12 de Agosto de 678 //

[rúbrica ilegível]

Copia

Por a Praça de Villa nova de molfontes ficar com grande ditancia da Provincia de AllemTejo, e por / esta cauza naõ ser tambem provida, e soccorrida como pedia a sua importância, fui servido ordenar que / ficasse o Governo della na jurisdicção de Setuval, á ordem do Mestre de Campo general desta Cortte, e Provincia / da estremadura; e porque convem se trate do que esta Praça necessita. Hey por bem de que a fortifi=/cação se faça do *dinheiro* das terças, e Joaõ Roiz Mouro obre tudo o que lhe parecer mais util para a deffen=/ça da Praça, pondo *primeiro* em pregaõ a obra para se fazer de empreitada na forma do estillo, e A / Junta mandará prover de munições pella Rellação Junta, e mandará trazer a pólvora que naquella / Praça se acha para se refinar; e tudo o mais que [h]ouver mister concertar, mandará se faça e o cabo /desta fortaleza terá soldo e predicamento de Alférs [sic] de Infanteria, Consultando-se sujeitos *para* / este governo, e terá hum Condestavel com quinze artilheiros, e estes entraraõ de guarda a sinco / em cada esquadra, e o Condestavel lhes dará Lição, como tambem aós soldados auxiliares / que [h]ouver mais vizinhos a fortaleza, repartindose estes as esquadras *para* que no mes vaõ todos / aos Domingos, indo em cada hum delles huá esquadra, e o Cabo da fortaleza fará que assi os / auxiliares, como artilheiros della se exercitem nos Domingos no manejo das armas. A Jun/ta pela parte *que* lhe tocca fará se execute prontamente esta minha ordem. *Lixboa* 16 de Agosto / de 1678 – Rubrica de *Sua Alteza*

Vejase na Contadoria *Geral* e informe o *superintendente* com / o seu parecer tendo em conta o *que* a relação que / acusa (?) este Despacho naõ veyo incluza nelle *Lixboa* 28 / de Agosto de 678.

[três rúbricas ilegíveis]

Da Resolução que *Vossa Alteza* foy servido tomar sobre a praça / de Villa nova de mil Fontes, que Reffere o Decreto da copia a=/sima deve hir carta ao Mestre de Campo *general* desta Corte para / a fazer dar execução na parte que lhe toca. /

No que toca a fortificação o dinheiro das terças de que / se mandaõ fazer não hê da Repartiçã dos Tres Estados / mas da do Conselho da Fazenda, e se [h]ouver de entrar na Receita / do Thezoureiro das fortificações de Setuval correrá pella / mesma via com a arrecadação que dispõem o Regimento. /

Quanto aos provimentos das munições já veyo Decre=/to a Junta, em 24 de Junho deste anno a que a Contadoria // Respondeu em 6 de Julho que devia informar o Vedor Geral / da Provinça do Alentejo que provimentos se faziaõ a esta / praça, e a de Sines por aquella via, e depois veyo outro em 4 do / Corrente, com huma consulta do conselho de guerra sobre o provimento / de Sinis, sobre o que a contadoria Respondeu em 12, o que havia / feito no primeiro, e não consta o que Rezultou desta deligencia / que hê necessaria para se entender o que pertense a esta Repartiçam / prover naquelas praças e se lhe toca o Refino da Polvora que se / manda conduzir por este Decreto. /

Sobre o maes tocante ao Governo, e guarnições de Artilheiros / pertence o provimento do Governador ao Conselho de guerra, e dos outros Sugeitos / ao Mestre de Campo *general*, e se o governador no tempo de guerra / hera pago pella Provinça de Alemtejo se poderá prover em / algum Alferes intertido (?) della, o que se deve saber, do vedor / geral, e tambem se por aquella via hê paga alguma guarniçaõ / de Artilheiros, e sua cotação porque não o tendo, ou acrescentando: / se de novo devem ser pagos pella parte a que tocar, porque / as consignações desta Repartiçã estão repartidas pellos / Prezidios que lhe pertencem, e não hã efeitos para se acrescenta=rem novas guarnições, sem preiuzo das mais; isto hê o que / parece na Contadoria geral Lixboa 26 de Agosto de / 1678 –

[rúbrica ilegível]

Aja vista o *Conselho* da fazenda. Lixboa 30 de Agosto de / 678.

[três rúbricas ilegíveis]

Pareceu o mesmo que na contadoria / geral Lixboa 3 de Setembrto de 678

[rúbrica ilegível]

Passem as ordens necessárias na forma que // aponta a contadoria *geral* Venha a reposta do *Conselho* / da fazenda. Lixboa 5 de Setembro de 678.

[três rúbricas ilegíveis] //

Por provisaõ de 5 do corrente me dis *Vossa Alteza* que por / decreto de 16 de agosto proximo passado foi *Vossa Alteza* / servido ordenar que o governo da praça de villa / nova de Milfontes, por ficar distante desta / provincia, ficasse na jurisdicãõ de Setuval / a ordem do Mestre de campo *general* da corte e esre/madura, e que a junta dos tres estados a manda/sse prover de muniçoẽs e do mais que fosse / nesenario [sic], e que já se tinha ordenado im/formaçe a *Vossa Alteza*, pella mesma junta, que / provimentos se faziaõ por esta via aquella / praça, e A de Sinis, declarando se o *governador* de[...] / dita praça de Villa nova de milfontes, her[...] / pago no tempo da guerra por esta provincia; e Se[...] / ella he pága alguma guarniçaõ de [...] / da mesma praça e sua Cotaçaõ; /

Athe [ao] prezente naõ Reçebi outra ordem de *Vossa Alteza* / o parecer Referido senaõ esta de Sines do co[...] / emtendo que esta informação se devi[...] / ao Mestre de campo *general* Dinis de Mello de castro / porque me mandou aquj perguntar se se pagou / por esta provinçia ao *governador* de villa nova de mil / fontes ao que Respondj e elle deu conta A *Vossa Alteza*; / O governo da praça de vila nova de milfontes / foi pago no tempo da guerra por esta provincia com / o soldo de *Cappitam* de *Infantaria* que heraõ os postos / que haviaõ ocupado dos sogeitos que se proviraõ / nest governo, e naõ consta que desta *Provincia* fosse / paga guarniçaõ alguma daquella praça, nem / menos se provesse della com moniçoens nem / a praça de Sinis, mais que Somente pagarselhe / os governadores asim de huma como de ou/tra praça cujo provimento *Vossa Alteza* mandara fazer / donde mais convinha a seu *Real* serviço //

Atendendo que desta provincia he taõ diz/tante a conducçaõ, que importará tanto a des/peza como o provimento *guarde* Deos a muj alta / e poderosa pessoa de *Vossa Alteza* Como seus vasalos / dezeiamos 16 de Setembro de 1678.

Com a informação torne a / *Contadoria geral* *Lixboa* 20 de Setembro de 678.

[quatro rúbricas ilegíveis]

Devesse ajuntar o Decreto de que / faz mençãõ a resposta inclusa da / *Contadoria* de 12 de Agosto passado / *Lixboa* 20 de Setembro de 1678

[rúbrica ilegível]

Com o Despacho *que* acuzia (?) / esta reposta torne a *Contadoria geral* *Lixboa* 27. de / *Setembro* de 678

[quatro rúbricas ilegíveis]

Satisfaça o Provedor Luiz / Mendes de *Mesquita*. *Lixboa* 23 / de Novembro de 1678

Pellos Decretos das copias incluzas de / 24 de Junho e 16 de Agosto proximo / passado, foy *Vossa Alteza* servido mandar *que a* / a Junta dos tres estados tenha entendido *que* / a guarniçaõ, muniçoẽs e tudo o mais *que* / for neçessario *para* as praças de Villa nova de / Milfontes, e Siniz ha de correr pela consig/nacaõ de Setuval, acrescentandosse no 2.º / decreto *que* a forteficaçaõ da primeria praça / se ha de fazer do *dinheiro* das 3.^{as}, e *que* a Junta / mandaria prover de Muniçoẽs, e trazer / a Polvora *que* nella se acha *para* se refinar / e tudo o mais *que* ouver mister côcertos, / e Larando (?) *que* o Cabo terá o soldo e pre//dicamento de Alferez, e hevera hum / Condestable e quinze artilheiros. /

Tambem se junta huã consulta *que* / o Conselho de guerra fes a *Vossa Alteza* sobre / hum papel do Marquez de fronteira / Mestre de Campo *general* da corte e Provincia / da Estremadura em *que* aponta / a guarniçaõ *que* tem a fortaleza de / Siniz sem consignaçaõ, Muniçoẽs de *que* / necessita, e forteficaçaõ *que* se lhe deve / fazer, cuja Consulta foy *Vossa Alteza* servido mandar / ver e Consultar na junta plo De/creto incluzo de 4 de Agosto deste / anno. /

Para Clareza desta materia / se pedio ao Vedor *geral* da Provincia de / Alentejo esta informação e desta / [...] somente se pagava per esta / [...] dos tres estados os soldos dos *Governadores* / [...] [de]stas praças, O *que* Parece lhe naõ / [...] o mais nem a praça de Setuval / tem Consignaçaõ *que* se possa extender a ou/tros pagamentos fora da 3.^a della *Lixboa* / 12 de Dezembro de 1678 /

Luiz Mendes de Mesquita [assinatura]

Vay respondido / *Lixboa* 22 de Dezembro / de 1678

Aja vista o *Conselho* da fazenda *Lixboa* 16 de / Dezembro de 678.

[cinco rúbricas ilegíveis] //

Documento 30

1679, março, 16 – *Despacho do Principe D. Pedro, para que os vedores das fortificações de Setúbal continuassem as obras das fortificações das praças de Sines e Vila Nova de Milfontes com as verbas das Terças destinadas às fortalezas das barras.*

AHM, 1ª Divisão: Portugal e Campanhas na Europa, 3ª Secção: da Restauração à Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (1668 - 1736), Cx. n.º 1, Doc. 29.

Inédito

A ordem ha de ser huã Provisão / para os vedores da fortificação de Setuval em que se reffira como *Sua Alteza* tem / resolluto continuarse com a obra das / fortificaçoẽs da praça de Cinis [sic] e Vila nova de milfontes do *dinheiro* / das 3.^{as} que se Manda tirar do aplicado / às fortalezas da Barras. E para se / dar cumprimento áo o que o dito *Senhor* tem / rezolluto, ordenem ào *Thezoureiro* das for/teficaçãoẽs de Setuval cobre (?) / a dita consignação fazendoa carre/gar no Livro de sua *Praça* em *item* dividido / quanto se despender nas fortificaçãoẽs / das ditas duas praças, olhe onde che/gar com a Recadação do *Regimento* e sem / que seja *necessário* vallerse do *dinheiro* da com/seignação da fortificação de Setu/ val, + e u já *despendido* Se fara tambem / no mesmo *livro* em outro *item* para que se po/sa tomar a conta separada da *quantia* (?) de que / receber deste effeito seguindo esta / mesma foram nos materiais que / forem para estas praças comprados / do *dinheiro* de sua consegnação /

Deuse despacho nesta / forma para se passar / provizão em 16 de / Março de 679.

+ por ser prohibido pello / *Regimento* do *Serenissi/mo Principe D. The/odozio*

Documento 31

1681, agosto, 26 – *Mercês concedidas a João Rodrigues Mouro, pela sua carreira de engenheiro militar.*

ANTT, *Habilitações da Ordem de Cristo*, Letra P, mc. 11, doc. 152

Inédito

Copia

Por despachos de *Sua Alteza* de 27 de fevereiro e 13 de outubro de 1680 / e 30 de junho de 1681 - /

O Príncipe nosso *Senhor* Tendo Respeito aos *Serviços* que Joaõ Roiz Mouro / filho de *Pedro* Antunes Mouro, e *natural* de Olivença, lhe fez desde / o anno de 1648 ate o de 1680, a principio na mesma praça de Olivença / de Ajudante das obras das fortificações, e em sua defesa / se portar como bom soldado te o anno de 1653. E o mais tempo / na *Villa* de Setuval no Exercício das fortificações, com os postos / de *Capitam* de *Infantaria* e *Sargento* mór tido ad honorem, com a *ocu=/pação* de *Engenheiro*, e no discurso do tempo referido ser encarre=/gado de pagador de hua *Leva* que se fez *para* o Alentejo; e no menis=/terio das fortificações se aver com *particular* zello, e satisfação assy nas de Setuval, como nas mays de seu destrito, deze=/nhandoas, e fazendoas obrar, tudo em boa forma, como foi / o meyo *Baluarte* da praya que vay *para* Saõ *Domingos*. A de *Adexo* / forte de Saõ *Luis* gonzaga, *parapeitos* do de Saõ *Phelipe* / de outaõ, fortalezas da *Arrabida*, *Balieyra*, nossa *Senhora* do cabo, / *Ribeyra* da fos, fortificação de *Sezimbra* e fortaleza do / *Cavallo*. No anno de 1663 passou á *Villa* de *Alcacere* *para* a for=/teficar, e no de 1664 assestir na de *Sezimbra* quando a *Armada* / de *Castella* avistou aquella praça obrando tudo o que *convi=/nha* *para* sua defesa e na de *Palmella* desenhou as obras / de sua fortificação, e fez obrar todos os *Reparos* da *Artelharia* / *para* estas praças, occupandosse taõbem no ensino dos *Artilheiros*. / *Ultimamente* ir á *Ilha* do *Pecegueiro* e praça de *Sines*, a ver a obra / que nellas se podia fazer, despendendo nestas jornadas e *governo* / muito de sua fazenda ; em satisfação do dicto Há por / bem fazerlhe *merce* *para* seu sobrinho *Antonio* da *Silveira* *Linhares* / do habito da orde de nosso *Senhor* *Jezus* *Christo* cõ *Sessenta* / mil *réis* effectivos dos quaes logrará *Somente* doze mil *reis* / a titulo do habito. E para outro sobrinho *Bento* Roiz Mouro / clérigo do habito de Saõ *Pedro* Decreto de recomendação para / *Cappellaõ* mór e *caza* de *Bragança*, *para* as *igrejas* conforme / seu merecimento de que se lhe passaraõ *Decretos*. *Lixboa* 26 de / *Agosto* de 1681 – *Pedro* Sanches *Farinha* [assinatura]

Documento 32

1696, maio, 2 – *Alvará que fixa o soldo de Bartolomeu Viegas em 60 500 réis mensais a serem pagos pelo Almojarifado de Campo de Ourique a partir do momento em que tomar posse como Governador da Praça de Sines.*

ANTT, Registo Geral de Mercês, *Mercês de D. Pedro II*, liv. 10, fl. 261 v.

Inédito

Bertulomeu Viegas que disseraõ ser filho de Matheus / Affonso, e natural do lugar de Moncapacho termo de Leiria/

Ouve sua magestade por bem tendo Respeito a haver feito merce ao dito Bertulomeu Viegas do / posto de Governador da praça de sines cõ o soldo 26U réis por mez pagos na / forma das ordêns do dito senhor que saõ 60 5000 réis cada mez por patente de / 4 de Novembro de 1694; e pedir lhe mandasse declarar honde havia de / vencer o dito soldo por naõ ser concignaçaõ por quanto antigamente os Al/caides mores exercitavaõ este posto juntamente cõ as Alcaidarias Mo-/res sem soldo, e os Governadores que depois houve Joaõ Ribeiro do / Coutto e Belchior de Torres de Siqueira serviraõ cõ o soldo que venciaõ, o primeiro de Mes/tre de Campo Reformado e o segundo de Capitaõ de Cavallos em ter sido / pagos como o costumavaõ ser pelo pagador geral do Alentejo , e visto os / soldados a dita fortaleza serem pagos pelo Almojarifado de Campo de Ourique co/mo constou por informaçaõ do escriptaõ da fazenda Real da Repartaçaõ do / Reino de que houve visto o parecer della: Ha Sua magestade por bem fazer merce ao dito Bertulomeu / Viegas de que os ditos 60 500 réis Cada mez, de seu soldo cõ o dito posto de Governador da / praça de sines lhe sejaõ assentados e pagos no Almojarifado de Campo de Ou-/rique e os principiara a vencer do dia em que constar tomar posse do / dito posto. De que lhe foi passado este Alvara o qual foi feito a 2. De Mayo / de 1696.

[rúbrica ilegível]

Documento 33

1711, maio, 7 – *Termo de requerimento do governador.*

AMS, CMS, *Vereações*, liv. 5, fl. 30-30v.

Inédito

[fl. 30]

Termo de Requerimento do / governador //

[fl. 30v]

E logo em o mesmo Senado da Camera / pareceo presente o governador desta / praça Bertholameu Viegas de Brito / e os maes officiaes de guerra desta praça e soldados dellas e logo pello dito / governador foi dito e Requerido ao dito / Doutor Juis de fora e mais officiaes da / Camera que elle tinha notiça que que/riaõ levar o trigo que [h]avia em este / povo e que esta hera huma praça aber/ta e que elle tinha soldados e Artilhei/ros e maes gente da gornição desta / praça que Serviaõ a El Rey nosso / Senhor e estava obriguado a dar con/ta da dita praça o que não podia / fazer não havendo mantimentos e / que esta terra hera de campo e nas / terras circunvizinhas não havia tri/go algum, e que convinha asim ao / servisso de El Rey Nosso Senhor Co/mo ao bem comum não deichar hir tri/go algum deste povo por Ser preci/zamente necessario pera a gente de / guerra e o maes do povo porque todo / hera pera a defença della e maes sen/do huma terra de campo e não terem / donde se possaõ valer, do que tudo / o dito Doutor Juis de fóra e maes officiaes da camara mandaraõ fazer este ter/mo que asegnaraõ e eu Joseph Neto Chay/nho escrevaõ da Camera o escrevj

Documento 34

1714, julho, 2 – *Escritura de arrendamento da Alcaidaria Mor da vila de Sines.*

ADS, Cartório Notarial de Sines, 1.º Ofício, Liv. 3 (1713-1727), cota 13/5441/4, fl. 11v-14

Inédito

[fl. 11v]

Escreptura de aRendamento *que* faz o Alcaide Mor / desta *Villa* de Sines Antonio de Albuquerque Coelho / de Carvalho da Alcadaria [*sic*] Mor desta dita *Villa* a / Antonio dias borralho por tempo de tres annos e / meyo a 61000 cada hum anno/

Saibam *quantos* este publico Instromento de escreptura de aRenda/mento e obriguação virem *que* sendo no Anno do Nassimento de / Nosso Senhor Jezus christo de mil e setessentos e quatorze / annos, sendo em os dous dias do mês de Julho de *dito* anno em es/ta *Villa* de Sines e cazas de morada de mim *tabeliam* ao diante nome/ado he perecerão presentes de huã parte *francisco* gomes da Cunha, crocura/dor *que* mostrou ser do Alcaide Mor desta dita *Villa* de Sines, Antonio de / Albuquerque Coelho de Carvalho, e da outra parte Antonio Dias Borra/lho morador em esta dita *Villa* e sendo ambos juntos em *presença* de mim *tabeliam* / perante as *testemunhas* *que* prezents estavaõ *que* ao diante e no fim deste / Insromento hiraõ nomeadas escriptas e declaradas por seus nomes e / Cognomes e por suas mesmas mãos assinadas e Logo pelo pelo [*sic*] / *dito francisco* gomes procurador bastante do *dito* Alcaide Mor foi *dito* a / mim *tabeliam* *que* elle pellos poderes *que* tem do *dito* seu consthetuhinte / aRendava como com efeito aRendado tinha em praça publica aRen/da desta Alcadaria Mor desta dita *Villa* por tempo de tres annos *que* / andem principiao do primeiro de Janeiro *que* vem de mil e Se/tessentos e quinze e setessentos e dezasseis e setessentos e de/Zotto a Sessenta e hum mil Reis em cada hũ anno e assim ma/es este meyo anno enthe o ultimo de dezembro *que* em hora vi/ra por trinta mil e quinhetos Reis com obriguação de lhe fa/zer os *ditos* paguamentos em cada hũ dos *ditos* annos em a Cidade / de *Lixboa* em a maõ do seu consthetuhinte o *dito* Alcaide mor ou / delle *dito* procurador ou de pessoa *que* poder do *dito* seu consthetu/hinte tenha *para* esa Satesfação e logo pello *dito* Consthetuido *francisco* / gomes foi dado da sua maõ a mim *fababeliam* huã procuração *para* eu /[...]qui lha possa dar *para* maes clareza e firmeza desse aRendamento / [...]ual procuração eu *tabeliam* aseytei e ha o *que* adiante se segue / [...] a Joaquim Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho // [fl. 112] de Carvalho Comendador da ordem de Christo e da Co/mesnda de Santiago (?). Alcaide / Mor da *Villa* de Sines e do Conselho de *Sua Magestade* por esta por mim / feita e a assignada paço meu bastante procurador a *francisco* go/mes da cunha e lhe dou todos os meus poderes em di/reiro

[...]

Documento 35

1714, agosto, 8 – *Eleição, Menagem e Posse do Governador Militar Interino Jerónimo da Cunha e Vasconcellos.*

AMS, Câmara Municipal de Sines, *Vereações*, liv. 5, fl. 126-128v.

Inédito

[fl. 126]

Termo de vereação

Aos outto dias do mes de Agosto de mil Sete / Sentos e quatorze annos nesta Villa de Si/nes e Cazas da Camara della onde estão os / Vereadores digo o Juis Vereador Mais Ve/lho Manoel Estevens Camaraõ e o Vereador terceiro Afonso dias moutinho / e o procurador do Concelho Sebasti/ano gonsalves e sendo todos juntos / em Corpo de Camara ao som da Cam/pa tangida logo mandaraõ ao por/teiro francisco fogassa apregoace / que quem tivece que requerer em / o Senado da Camara vieçe peran/te elles para lhe deferirem Como lhe / pareceçe direito e Justissa de que / mandaraõ fazer este termo de vereação que asinaraõ e eu Manoel de o/liveira Balea escrivaõ das sisas o es/crevj por empedimento de doemte do es/crivaõ da Camara o escrevj./

Camaraõ [assinatura]	Moutinho [assinatura]	do procurador Sebastiam + gonsalves [assinatura]
----------------------	-----------------------	--

Termo de Requirimento do procurador

E logo em o dito Senado da Camara foi por / posto pello procurador do Comcelho Se=//

[fl. 126 v]

Sebastiam gonsalves que o governar/dor desta prassa Bertholameu Viegas / de Brito se tinha auzentado com sua familia e fatto e que / o Castello e mais fortallezas estam sem / gornissam alguma e por cer couza que / nam só pode cauzar gramde dano a / este povo mas a todo o Campo de / Ourique e por que se tem dado comta / ao Duque Mestre de Campo general de que / nam ouve Reposta que hera necessa=/rio dar comta a Sua Magestade que Deus guarde por / quanto tinha notiça que Cervia e ocu/pava o governo na auzemçia deste governador Jorge / Viegas de quem todos temos tam ma con/sidrassam que he capaz de vender / os bens de Sua magestade pello que Re/queria

o mandaçe vir a Senado e o de/puzeçe e se entregaçe a prassa pera / a governar the Sua Magestade a man/dar prover visto a grande queicha que / do dito Jorge Viegas ha que visto pello dito / Juis e mais officiais o mandaram vir / pera se detriminarem ho que an / de fazer; e tambem foi porposto / que o povo se queichava que as pessoas / que vendiam azeite se tinham / fechado com elle e o nam queriam vem/der pello que requeria se deçe corrida / pellas suas cazas e que as obrigace a vem/dello e que o avemdo se obriga/ce aos almocreves a ir buscallo / o que visto pello [sic] ditos officias [sic] da / Camara foram logo dar co //

[fl. 127]

Dar corrida de que mandaram fazer / este termo que todos asinaram e eu / Manoel de oliveira Balea escrivam o / escrevj

Camaraõ [assinatura]

Moutinho [assinatura]

do procurador

Sebastiam + gonçalves

[assinatura]

E Sendo em o dito Senado da Camara o Ju=/is e mais officiais da Camara logo mandaraõ / vir perante si aos capitais e os mais officiais / de guerra que cervem em esta prasa pera / votarem em quem hade cervir em esta pra/sa pera o governo militar que seja pesoa l=/donia e capaz do dito *governador* a quem todos obe/desam e logo todos votaraõ pella maneira / seguinte de que se fez este termo de votos / que cada hũ asinou o seu voto /

Votou o Cappitam Pedro estevens parrado em *Arnaldo* / da foncequa e de como nelle vota para governar / a prassa e asinou pedro estevães pa/rrado [assinatura] /

Votou o Cappitam *Arnaldo* da foncequa Ravasco pera / governar a prassa em Jeronimo da Cunha / ajudante da fortaleza e de como nelle vou/tou asinou em quanto o *excellentissimo* Duque não man/dar contrario *Arnaldo* da foncequa Ravasco [assinatura] /

Votou o Alferes Joaõ gomes Leittaõ em / *Pedro* estevens parrado Cappitam da ordenam/sa para que elle governe emquanto o *Exselentissimo* duque não / mandar o contrario /

Joaõ gomes leitaõ [assinatura] /

Votou o Sargento Antonio dias borralho em o Cappitam / da Suã *Companhia Pedro* estevens Parrado /

Antonio dias borralho [assinatura] //

[fl. 127v]

Votou o Almojarife *Manuel* nunes em o ajudan/te Jeronimo da Cunha

Manuel Nunes [assinatura] /

Votou o Sargento *Manuel* Rapozo em o ajudante Jero=/nimo da Cunha

Manuel Rapozo [assinatura]/

Votou o Alferes *Manuel* Frias (?) em /

Votaraõ os soldados pagos joseph figeira votou / em Jorge Viegas de Brito /

Joseph *figueira* cha/ves [assinatura] /

O soldado *Manuel* Castanho e Costa votou em o a/judante Jeronimo da Cunha /

Manuel Castanho da Costa [assinatura] /

Votou o Condestavel Pascoal *gonçalez* em / o ajudante Jeronimo da Cunha /

Paschoal *Gonçalvez* Monteiro [assinatura] /

O Soldado Sebastiaõ Rapozo votou em o a/judante Jeronimo da Cunha /

Sebastiaõ Rapozo [assinatura] /

Votou o Sargento dos Auxiliares Jozeph Ramos em / o Cappitam *Pedro* estevens Parrado Jozeph Ramos. [assinatura] /

O Soldado Joaõ de Andrade votou em / a Cappitam *Pedro* estevens Parrado, Joaõ De A/drade fal/cão (?) [assinatura] /

O Soldado *Manuel* Roiz votou em o ajudante Je/ronimo da Cunha, *Manuel* Roiz [assinatura] //

[fl. 128]

O Soldado Louremssô pires votou em o ajudante / Jeronimo da Cunha, Lourenso Pires Simãõ [assinatura] /

O Soldado francisco Leitaõ em o ajudante Jeronimo da / Cunha, Francisco Leitaõ [assinatura] /

O Soldado *Manuel* Cacho votou em o ajudan/te Jeronimo da Cunha, *Manuel* Cacho [assinatura] /

O Soldado *Manuel* Frias Ruivo votou em o ajudan/te jeronimo da Cunha / *Manuel* Fias Ruivo [assinatura] /

O Soldado *Manuel* dos Santos Pexoto votou em o ajudan/te Jeronimo da Cunha, *Manuel* dos Santos Pechoto [assinatura] /

O artelheiro Amaro da Costa votou em o Cappitam mais / velho *Pedro* estevens Parrado, do artelheiro / *Amaro* + da Costa /

Votou o Sargento *francisco* Roiz Bravo em o ajudan/te Jeronimo da Cunha /

Francisco Roiz Bravo[assinatura] /

O Soldado Andre de (...) Leittaõ votou em o / ajudante Jeronimo da cunha / Andre de (...) Leyttaõ /

Votaraõ os artelheiros *Manuel* Joaõ fereira votou em / o Cappitam *Pedro* estevens Parrado / do artilheiro / *Manuel* Joaõ ferreira [assinatura] /

Manuel Joaõ peniche artelheiro votou em o ajudante / Jeronimo da Cunha / do artelheiro /*Manuel* + Joaõ peniche /

O Soldado Jeronimo de farias votou em o Ca/ppitam *Pedro* estevens parrado / Hjeronimo de farias /

O Soldado Pedro digo Matheus de farias votou / em Cappitam *Pedro* estevens Parrado, do Soldado / Mathe + us de farias /

O Soldado *Manuel* Afonso votou em o ajudante Jeronimo / da Cunha, do Soldado / *Manuel* + Afonso //

[fl. 228 v]

Votou o Sargento Manoel da Fonseca em o Cappitam / dos Alxuliores *Antonio* da fonseca Parrado, Manoel / da Fonseca Jorge [assinatura] /

Termo de omenaje e poçe do governo / desta prasa ao ajudante Jeronimo / da Cunha e Vascomsellos /

E Sendo em o dito Senado da Camara onde / estava o Juis Vereador mais Velho Manoel / Estevens Camaraõ e o vereador terceiro A/fonso dias mouzinho e o procurador do Comce/lho Sebastiaõ gonsalves e sendo todos juntos / em Corpo de Camara mandaraõ vir perante si / aos Capitais das Companhias desta villa alferes / Sargentos Soldados e assim tambem os mais / oficiais da artelharia e o almoxarife das mo=/nisois destas fortalezas e tomando o voto a Ca/da hum por Si em pasoa Capaz e Idonia / para governar a fortalezas [sic] desta Villa e Cas=/tello della e votaram em a pesoã do Aju=/dante Jeronimo da Cunha e Vascomcellos ao / qual sendo prezemte lhe deram o Juramento dos / Santos avangelhos em que lhe mandou por Sua / man direita e debaxo delle

prometeõ defender / esta prassa na forma a que he obrigado em quan/to Suã Magestade *que Deus guarde* naõ mandar o Contra/rio e *excelentissimo* Duque Mestre de Campo *general* des/ta Estramadura de que mandaram fazer / este termo de omenage e poce que todos asi/naram e eu Manoel de Oliveira Balea es/crivam o escrej./

do procurador

Camram [assinatura] Mouzinho [assinatura] Sebastiam + gonçalvez [assinatura] /

Hieronimo Da Cunha Vasconcellos [assinatura]

Documento 36

1715, maio, 15 – *Termo de posse do governador João Pereira Fidalgo da Silveira.*

AMS, Câmara Municipal de Sines, *Vereações*, Liv. 5, fl. 246.

Inédito

[fl. 246]

Termo de posse ao *governador* des/ta praça Joaõ pereira fi/dalgo da Silveira /

E logo em o mesmo Senado da Ca/mera pareceo presente Joaõ Pi/reira fidalgo da Silveira pello / qual foi apresentado ao Doutor / Juis de fora e maes officiaes da Ca/mera huma patente pella qual Sua / Magestade que Deos guarde lhe / fez merçe de o prover em o governo / desta praça a qual patente vista e li/da em este Senado logo o ditto Dou/tor juis de fora e maes officiaes da / Camera lhe deraõ posse e Manage / e o ouveraõ por empossado em o di/to posto de governador desta ditta / praça na forma que Sua Real Mages/tade que Deos guarde ordena de que / mandaraõ fazer este termo que asi/naraõ e eu Jozeph Neto Chaynho / escrivaõ da Camera o escrevj. /

Souza Caria [assinatura] /

Joaõ Pereira Fidalgo da Silveira [assinatura]

[à margem direita]

Baxa de mor/te ao *governador* João pereira / fidalgo aos 23 / dias do mes de / 8^{bro} de 1730 anos /

Balea [assinatura]

Documento 37

1719, fevereiro, 4 – Arrematação da Renda da Imposição.

AMS, CMS, Vereações, liv. 6, fl. 42v-43

Inédito

[fl. 42v.] [...]

Termo de vereação

Aos quatro dias do mes de fevereiro deste / presente anno de mil e Setecentos e de/zanove annos em esta Villa de Sines e ca/zas da camera della fizeraõ Vereação / o Douttor juis de fora Jozeph Pedro Emaus. Afonso Dias Mouzinho, e o ve/reador do anno pasado francisco Roseira / Machado Lemos, procurador do conse/lho [sic] Gaspar Gonçalves, de que mandaraõ / fazer este termo a Pedro Viejra (?) da fo/nseca escravaõ //

[fl. 43]

E logo em a dita Vereação, metendose em prassa / a Renda da jmposição desta Villa que havia na/dado nella desde o primeiro de janeiro, e sendo te/mpo de se tomar detreminação sobre este particular e ser muito demenuto o lanço, a respe/ito dos mais annos, o lanço de trinta e seis / mil e quinhentos reis. Sendo presente o go/vernador João Pereira Fidalgo da Silveira / por elle foi dito que como o lanço de trinta / e seis mil e quenhentos reis heraõ (?) tam deme/nutto que não chega pera satesfacaõ das / ordinarias (?) pera que esta renda se applicou / hera conveniente correrse por fiel. o que / visto pello Douttor juis de fora e mais offe/ciais da Camera asim o mandaraõ fazendo / eleição pera a correr. Pascoal Goncalves Mo/nteiro condestavel desta fortaleza de que / mandaraõ fazer este termo que asigna/raõ com o dito Governador, Pedro Viejra / da fonceca o escrevj

Emaus [assinatura]

João Pereira fidalgo da silveira [assinatura]

Mouzinho [assinatura]

Machado [assinatura]

Gonçalves [assinatura]

Documento 38

1721, julho, 6 – *Requerimento do procurador do Concelho para que se solicitasse ao governador militar a escolha da pessoa mais adequado para ir pedir ao rei a diminuição das sizas.*

AMS, Câmara Municipal de Sines, *Vereações*, liv. 6, fl. 71v-72.

Inédito

[fl. 71v]

Requerimento

Em o dito Senado da Camara fez Requerimento o / procurador do Comselho estevam da Cruz que esta villa e seu / termo esta notalmente Carregada em as Siza[s] que paga/mos a Suã Magentade que Dêos guarde. e por que esta vil/la esta munto pobre e que todos os annos era nesse/sario o fazerçe ezeccussois a pobreza pera averem de / se cobrar a emportanssia em que forem lansados / pera a que era nesesario recorer a Suã Magestade *que Deus / guarde para* que atendendo a *muita* pobreza desta dita / Villa Seja Cervido quere aliviarnos. E *que* Visto / o seu Requerimento mandaram apregoar pera / que Se ajuntasse a nobreza da terra e mais povo / pera se detriminar a forma deste Requerimen/to. e estando o povo junto votaram todos em / hum uniforme voto que o *governador* des [sic] desta prassa / Joam Pereira Fidalgo da Silveira se lhe falasse / pera que buscasse pessoa *para* tomar este Requerimen/to por suã comta oferecendo todos de boa vontade / que se oferecesse a pessoa que corer com o Requerimento / tanta quantia quanta se tirar ao povo por huma / vez sómente. obrigandosse todos assim que se al/cansar a mersse de Suã Megestade da quantia em que / nos aliviar de logo a darem a tal pessoa que / o *dito governador* ajustar fintando-se logo demtregarem / o *que* a cada hũ tocar. e que se fizeçe termo desta / obrigassã *que* fazem pera a todo o tempo que se / achar (?) a mersse de Suã Magestade pagarem sem //

[fl. 72]

Sem duvida (?) por elle era requerido / se fizeçe este termo de Suã obrigassem por Cer / hũ bem tam grande pera o povo de que o dito Ju/is e mais Vereadores e procurador do Conselho vendo / que o povo votava todo em *que* se falasse o *dito governador* se / lhe falasse *para* que queira tomar este Requerimento / por Suã ficando por estes termos todos obrigados / a satisfassã de que se fez este termo que to/dos asinaraõ e eu Manuel Oliveira Balea / escrevam escrevi

Documento 39

1721, agosto, 25 – *Contrato para a realização da obra de talha da tribuna do Senhor do Vencimento, assinado entre o carpinteiro e «official de Emtalhador de sua abillidade» Joam Joanes e o Capitão António Dias Borralho, capitão das Ordenanças da vila de Sines.*

ADS, Cartório Notarial de Sines, *Notas para Atos e Contratos Entre Vivos*, liv. 5, cota 13/5441/5, fl. 73v-74v.

Inédito

[fl. 73v]

Escreptura de contrato e obriguassam que Joam / Joanes morador nesta villa de Cines [sic] official de carpinteiro e por sua abillidade emtalhador, fez ao alferes An/tonio Dias Borralho de fazer huma tribuna [sic] pera / a Capella do Senhor do vencimento cita na igreja / da Cerenissima Rainha dos Anjos adevogada dos / dos [sic] pecadores, May de Deos nosso Senhor com o ti[to]llo / das Sallas /

Saybam quantos este publico instroento de escreptura de // [fl. 74] de contrato e obriguassam Virem que sendo no Anno do / nassimento de Nosso [Senhor] Jesus christo de mil sete sentos vin/te e hum anno sendo em os vinte e sinquo dias do mes de A/gosto do sobredito anno nesta villa de Sines e casas de morada / de mim tabelliaõ aodiante nomeado, logo ahy pareseram pre/sentes, a saber, de huã parte o alferes Antonio dias Borralho morador / nesta dita villa e da outra parte Joam Joanes carapinteyro [sic] e offi/cial de emtalhador de sua abillidade e nesta dita villa morador, / pello qual foj dito a mim tabelliaõ perante as testemunhas que / estavam presentes que aodiante iram assignadas, escriptas e decla/radas por seus nomes e cognomes em o fim desta escreptura signa/dos que elle se obigua por sua pessoa e bens a fazer huma tribuna / a nosso Senhor que esta na igreja da Seranessina [sic] Senhora com o ti/tlo das Sallas, para a sua Capella, de madeijra entalhada com algu/ma escultura no termo dos apontamentos que mandamos fazer e / asignamos per preso e contia de sasenta mil reis dos quais recebeo logo / trinta mil reis em dinhejro de contado como elle confereu perante / mim tabelliaõ e das testemunhas que estavam presentes. E os ou/tros trinta se lhe daram na forma que se uza em semelhantes / obriguassoins e ajustes em duas paguas, huma estando em me/jo da obra e a oitra depois de estar asentada a dita tribuna a / qual se obrigua a fazer com toda a prefejcaõ [sic] a contento do / ditto alferes Antonio dias Borralho na forma de sua obri/gassam a qual obra se obrigua esentar na igreja de Nossa / Senhora das Sallas na Capella do Senhor do Vincimento / com toda brevidade (?) possível. Outro sim disse se obrigava a tudo man/dar conduzir a sua custa o que for nesse[ssa]rio a dita tribuna e que não / podera hir trabalhar fora de sua casa nem tomar empreytadas / nem obriguarse a fazer obra em que gaste dias sem primejro dar/ cabal sastifassam a obriguassam desta escreptura e fazendo o con/trario pera o ser munto contente, se mande fazer a minha custa / na forma de minha obriguassam de

hum escripto que fis que por / esta ei por derogado e so esto quero que valha Como
escrepruta pulica / para que disse obriguava sua pessoa e bens que disse obriguava e
offe/resia por seu fiador e abonador asim do proprio como a dar satisfia/sam a dita
promessa a Manoel Frenandes [sic] Bentes que se obrigua hum / por outro e sempre
pello mais bem parado E outro sim disseram hum /e outro se desforavam (?) do juis de
seu foro, terra, lugar e domisillio / donde viverem e naõ queriam ser ouvidos em juizo
ou fora de/lle sem primejro Comprirem as Condissoins e obrigausoins [sic] desta
escreptura E logo pello dito Alferes Antonio Dias Borrvalho / se obrigou tambem a
Compri[r] o Comtheudo em esta dita esCreptura / per a mesma obrigassam e por de
tudo serem Contentes assim o or/toguarum, pediram e dejtaram, dello mandavam ser
fejto este ins// [fl. 74v] instromento de esCreptura de obriguassam nesta minha nota
que de/lle desse o trasllado ou trasllados deste theor e nota que ne[ce]ssaria forem / e
a quantos Cumpri sendo ao todo testemunhas presentes /

Naõ teve jfejto esta esCreptura pello fiador naõ querer / assignar por se aver arenpedido
[sic] de tal obrigassam =

Delgado [assinatura]

Documento 40

1726, agosto, 14 – *Contrato entre o pintor Manuel de São Tiago, ermitão da ermida do Senhor dos Mártires, de Alcácer do Sal, e o capitão António Dias Borralho, para o douramento da tribuna do Senhor do Vencimento, na igreja de Nossa Senhora das Salas. Ficou sem efeito, como consta de nota à margem.*

ADS, Cartório Notarial de Sines, *Notas para atos e contratos entre vivos*, cota 13/5442/6, fl. 261v

Inédito

[fl. 261v]

[à margem] não teve e/feito

Escratura de obrigassão e contratto *que* faz Manuel de S. Tiago / morador na villa de Alcassere e irmitaõ em a [i]griya do *Senhor* dos Martires / de dourar a trebuna do *Senhor* do Vencimento e *que* esta em a Igreja / de *Nossa Senhora* das Sallas desta villa de Sines per presso de outenta / e Sinco mil Reis *que* se obrigua a pagar o Cappitam Antonio Dias Bor/ralho, sessenta logo ao fazer desta e o mais no fim da obra /

Saibaõ quantos Este publico Instromento de esCretura de obrigassão, *que* / faz Manuel de S. Tiago de Dourar a trebuna do *Senhor* do Vencimento, Virem, *que* sendo em / o anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setesentos // [fl. 262] Vinte e sinco [*sic*]* annos Sendo aos quatorze Dias do mês de Agosto do / dito anno, nesta dita Villa de Sines e Cazas de minha morada perante / mim pareseo presente Manuel de São Ti[a]go morador na Villa de Alcassere do Sal e Irmitaõ / na irgreja [*sic*] do *Senhor* dos Martires pello qual me foi dito *que* elle avia tomado de / Comserto e obrigassão de Dourar a trebuna do *Senhor* do Vencimento *que* esta / em a Igreja de *Nossa Senhora* das Sallas sita no site junto as loges *que* ha na ribeira / desta dita Villa de Sines por outenta e sinco mil Reis livre do guasto do sustento (?) emquanto a / dourar e sendo elle dito Manuel de Samtiago obrigado a por todo o ouro e tudo o mais / *que* nesesario for para a dourar a suaã custa, cuja pagua se obrigua fazer o Cappi=/tam antonio dias Borralho em duas paguas, a primeira de sasenta mil Reis / ao fazer desta esCretura pera Com elles Comprar o ouro e todos os mais trastes / nesesarios para efeito de Dourar a trebuna *que* se obrigua a dalla dourada emthe o / fim do mes de Agosto no anno que em hora vem de mil sete sentos Vinte e sete / annos; e sendo presente o dito Cappitam Antonio dias Borralho por elle foj dito *que* visto / não poder logo Comthenuar com a dita obra não dava mais que trinta mil Reis / e outros no mejo da obra e os vinte sinco no o fim da obra e por ambos es/tarem presentes dicheraõ *que* elles ambos aseitavaõ a dita obra nos tres pa/gamentos declarados pera o *que* se obrigaõ por Suas pessoas e bens a cumprirem / o dito Contrato da dita obra, o dito manuel de São tiago a dala feita no dito tempo / e o dito Cappitam as ditas paguas e morendo qualquer delles e ser tudo

satisfeito por seus bens, o dito dorador a dela dourado no dito tempo e, não o fazendo, ser feita por qualquer outro official a custa de seus bens e para mais segurança de Comprim a dita obra apresentava para seu fiador o Reverendo padre Joseph de Brito / Varella que se obrigou, não tendo o dito Manuel de Santiago bens para a satisfação / da dita obra se acabar o ser acabada a Sua Custa dando o dito Cappitam os Outenta e / Sinco mil Reis nas ditas pagas declaradas de trinta mil Reia que logo entregou pre/rante mim e de duas testemunhas que se acharão Presenteao fazer desta, em / dinheiro corrente neste Rejno e senhorios de portugual e na forma dará os outros trin/ta no mejo da obra e os vinte e Sinco no fim della e o sustento da pessoa / que fizer enquanto na dita obra trabalhar /

Não teve efeito esta escriptura por se desavirem ao Ser lido [o] Com/trato

Ballea [assinatura]

* É uma gralha do tabelião, na realidade trata-se do ano de 1726 e não de 1725.

Documento 41

1726, setembro, 8 – *Contrato entre o pintor Manoel Pereira, morador na vila do Torrão, e o capitão António Dias Borralho, para o douramento da tribuna do Senhor do Vencimento, na igreja de Nossa Senhora das Salas.*

ADS, Cartório Notarial de Sines, cota: 13/5441/4, fl. 262-263

Inédito

[fl. 262]

Escritura de obrigassão e contrato *que* fazem Manoel Pereira, pintor, morador na *villa* do Torraõ com o capitão Antonio Dias Bo/rralho de dourar o retavollo do *Senhor* do Vencimento *que* está na Igreja de Nossa Senhora das Sallas nesta *villa* de Sines / por outenta [...]

Saibaõ quantos este publico instromento [...] // [fl. 162v] este publico Instromento de esCretura de obrigassão *que* / fas Manoel Pereira official de pintor ao Cappitam Antonio dias bo/rralho de dourar a trebuna da Igreja de Nossa Senhora / das Sallas que esta em a Capella do *Senhor* do vencimento por outen/ta e Sinco mil Reis virem *que*, sendo em o anno do Nassimen/to de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setesentos vinte / e seis annos, sendo aos dois dias do mes de Setembro do dito anno, nesta Villa de Sines e Cazas de minha morada, / perante mim pareceraõ presentes de huã parte o Ca/pitaõ Antonio dias borralho e da outra Manoel pereira official de / pintor e morador na Villa do torram. Por elles me foi dito peran/te duas testemunhas *que* elles estavaõ Comsertados pera a/verem de dourarem a trebuna *que* esta na Capella de Nosso *Senhor* do / vencimento *que* esta na Igreja de Nossa Senhora das Sallas, dando lhe o dito ca/pitam outenta e Sinco mil Reis e o dito Manuel pereira a douralla / pondo todos os trastes neserarios asim o ouro como tudo o / mais *que* for neserario a sua custa e dalla aCabada boa e bem / feita de tudo; e o dito Cappitam a dar os outenta e Sinco mil Reis, logo / ao fazer desta escretura sasenta mil Reis e os Vinte e Sinco mil Reis feita a obra e a sustentar ao dito pintor enquanto du/rar a obra e nella trabalhar, tudo a custa delle Cappitam e dito pin/tor a hir logo com os Sasenta mil Reis que recebeõ a buscar o ouro e o mais *que* neserario for pera logo vir pegar na obra e de/lla não sair *para* outra obra emquanto a nam acabar dando / Deos Vida e Saude pera nella trabalhar, *para* o *que* obriga sua pe/soa e bens movens e de Rais, [h]avidos e por [h]aver, a não faltar a vir / pegar a fazer a dita obra tanto *que* o ouro lhe vir de Lisboa *que* indo de Ca se obriga a logo o mandar vir, que sera por to/do este mes de Setembro, Visto ter Recebido os Sacenta / mil Reis que Logo lhos Contou perante mim tabeliaõ ao fa/zer desta esCretura em moedas de ouro Correntes neste // [fl. 263] Neste Reinos [*sic*] e Senhorios de portugal Sem quebra o de/minuissaõ alguma e que faltando a vir a fazer a dita / obra o podera obrigar a vir logo a fazella Sem que possa fa=/zer mais obra alguma antes desta e faltando e não vindo / o não a fazendo a poderaõ mandar fazer a Suã Custa delle sem / mais altarassaõ de presso *que* o presso de outenta e Sinco mil / Reis e o Sustento enquanto nella trabalharem e pondo duvi=/da alguã a este ajuste as podera por Se não no Juizado Jeral des/ta *Villa* de Sines que escolher *para* Seu Juizo competente onde não / podera alegar duvida Sem *que* primeiro depuzitem os Saçenta mil Reis / *que* Reçebido them *para* Com elles; e os Vinte e Sinco mil Reis Se ir pagando / aos officiais *que* a fizerem não vindo elle, dito Manuel perejra a fazella / sem *que* possa fazer outra alguã obra antes desta; e

fazendoa por ou/tros offiçia[i]s por Cauza delle nã vir Se [h]avera por os Seus bens tudo [burrão] /tar quando o dito presso dos outenta e Sinco mil Reis nã chegue a dita o/bra e Sendo tambem presente o dito Cappitam Antonio dias borralho por elle / foj dito que elle aSeitava as Ditas Comdisois e se ogrigua por Suã pesoa / e bes a tudo cumprir e que acabada a dita obra e nã lhe entreguando logo / os Vinte e Sinco mil Reis que faltaõ para o a Juste da obra lhe pagara nã so / os vinte e Sinco mil Reis aCabada a obra estando capaz de Receber mas / lhe pagara todos os dias que o ditiver Como he uzo o pagarsse a hũ offi/cial do dito offiçio de pintor emquanto detido for por falta de se lhe nã / pagar. testemunhas que a tudo foram presentes: Joaõ de Al/meida camaraõ e o Alcade [sic] da vara francisco dias de oliveira / que Com elles asinaraõ, tudo pesoas conhecidas e maores / de Vinte e Sinco annos; depois de lhe Ser lida e eu Manuel de oliveira / Ballea tabaliaõ o escrevi, dia, mês e anno [burrão] /

O Cappitam Antonio dias Borralho [assinatura]

Manuel Pereira pintor [assinatura]

Joaõ de Almeida E Amaral [assinatura]

Documento 42

1731, outubro, 3 – *Nomeação de Tomás de França e Liz como governador da Praça de Sines.*

ANTT, Registo Geral de Mercês, *Mercês de D. João V*, liv. 22, fl. 410.

Inédito

Thomas de França e Lis disserão ser *filho* de
Estevão Luiz Velho *natural* de Setuval

Houve *Sua Magestade* por bem, sendo respeito a haver feito merce ao *dito* Thomas de / França e Lis, sargento mor da praça de Septuval per patente de 4 de / Setembro do anno prezente de 731 de o nomear per *Governador* da Praça de Sines / que vagou per falecimento de Joaõ Pereira Fidalgo; Ha *Sua Magestade* por bem que / elle tenha e haja em cada hũ anno, de seo soldo, deste refferido posto / 78 000 rs que he o mesmo que tinha e havia o *dito* Joaõ Pereira Fidalgo, a res-/peito de 6 500 rs cada mes, os quais hã de ser assentados e pagos no Almo/xarifado do Campo de Ourique aonde os começara a vencer do dia / em que constar se lhe deo baixa no posto de Sargento mor de que lhe foi passa-/do Alvara a 3 de Outubro de 1731.

Documento 43

1746 – *Descrição da vila de Sines e da sua estrutura administrativa e militar, assim como da devoção a São Torpes.*

Estêvão Lis Velho (1746) – *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Tórpes.* Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa.

9

Banha o dilatado Oceano a parte mais Ocidental da Província do Alentejo, que estende a sua costa desde o istmo, ou península de Tróia, que faz a barra, ou garganta da nobilíssima vila de Setúbal, minha pátria, até ao Cabo de São Vicente, ou Promontório Sacro, tão decantado dos antigos, como célebre neste reino, por guardar em si tantos séculos ocultas as milagrosas relíquias do glorioso corpo mártir São Vicente da mesma sorte, que estiveram encobertas as do prodigioso S. Torpes em Sines. Corre a costa de Norte a Sul, e daquele istmo até ao pequeno rio Odeseixas, que divide a mesma província do Reino do Algarve, haverá vinte e cinco léguas, que se dilatam em praias, baías, rochedos, restingas e cabos. No meio desta mesma distância está a antiga, e célebre Vila de Sines; que, ainda que não tenha muita antiguidade no seu foral, pois lhe foi dado por El-Rei D. Manuel em primeiro de Julho de 1512. com tudo pelo que os historiadores a celebram pela admirável trasladação do corpo do bem aventurado S. Torpes, e inscrições antigas, que nela se acharam do tempo dos Romanos, tem mais de dois mil anos de sua fundação. Está bom assentada em lugar iminente ao mar, que forma uma baía em semicírculo, que olha ao Sul, com bom fundo, onde podem ancorar todo o género de embarcações abrigadas dos ventos, não sendo Sul, ou Sudeste, que nesta parte descompõem muito os mares, levantando-os em formidáveis ondas. Mas nestas ocasiões recolhem as embarcações de menos fundo em uma calheta, na qual estão seguras de todo o perigo, por estar guardada do recinto de uma muralha, a que chamam Rebelim. Tem esta vila quase trezentos vizinhos obrigados à freguesia da Matriz, que á uma boa igreja com prior, e três beneficiados curados, e freires da Ordem de Santiago. A pouca distância está o Convento de Santo António de religiosos franciscanos da Província dos Algarves.

10

Entre as praças marítimas deste reino é numerada esta vila, que tem governador, tenente, ajudante da praça, e mais oficiais competentes com uma suficiente guarnição de soldados infantes, e artilheiros, todos pagos, e uma numerosa companhia de auxiliares. É também da jurisdição do seu governador Vila Nova de Milfontes, que lhe fica distante cinco léguas com a sua fortaleza, e a da Ilha do Pessegueiro, ambas guarnecidas com soldados pagos, e artilharia. É defendida a Praça de sines por um

grande castelo antigo, que para o mar tem dois baluartes guarnecidos de boa artilharia; e na ponta da baía, que faz ao Ocidente, está o Forte de Nossa Senhora das Salas com artilharia toda de bronze, e de bom curso, que defende dos corsários as embarcações, que buscam o abrigo da mesma baía. Um tido de canhão deste forte para o Ocidente, e em menor distância da terra firme está uma ilha, ou rochedo alto, a que chamam Perceveira, defronte de um cabo, a que dá o seu nome, bem conhecido dos navegantes, pois ordinariamente a vêm buscar para levarem mais certas, e seguras as suas derrotas. Toma esta ilha, ou monstruoso penedo o seu nome do célebre marisco, a que chamam perceves, de que sempre está coberta em tanta quantidade, que, quando o mar está com sossego, por ser nesta parte tempestuoso, carregam cinco, ou seis barricas deles, sem que se experimente a menor falta.

11

Para o governo civil tem esta vila um juiz de fora, vereadores, juiz de órfãos, com os oficiais necessários de justiça, e fazenda. Tributa-lhe o mar muito, e excelente pescado; e de verão é em tanta abundância, que dá provimento à maior parte do Alentejo, contribuindo muito uma boa armação, que todos os anos lançam ao mar na mesma baía, onde colhem tanta quantidade de peixe, que carregam muitas embarcações para vários portos deste reino, e algumas vezes por muito o não aproveitam. Abunda extraordinariamente em vinhos, que por muitos valem tão pouco, que houve ano, em que o almude valeu a cinquenta reis, e sempre tem um preço muito moderado, fazendo-se dele carregação para várias partes. Tem o trigo, que lhe basta; e, quando lhe falta, é provida com abundância das terras circunvizinhas, donde vem em muita cópia para se fazer remessa dele para Lisboa. É fecunda em milho, cevada, centeio, e legumes. Não tem muita fruta, mas é bem provida da que há na vila de Santiago do Cacém, que lhe fica vizinha. Cria bastante cópia de gado vacum, e numerosos rebanhos de ovelhas, o que faz haver excelentes carnes, especialmente de carneiro. É abundante de caça, sendo os coelhos, e lebres em uma extraordinária quantidade. Contam-se no âmbito da sua povoação sete fontes, cada uma com tanta abundância de excelente água, que qualquer delas bastava para provimento de toda a vila. O seu clima é muito benigno, e temperado, não se sentindo nela o calor, e o frio em excesso, o que a faz ser tão salutífera, que há nela poucas doenças, e comumente vivem os homens uma larga idade com robustez, e fortaleza.”

[...] 16

Crescendo a devoção do Santo com / os repetidos prodígios, que obrava, lhe eri/giram os devotos no ano de 1677 uma Capela ao lado do Altar Mor da mesma Igreja Matriz com um retábulo de primorosa pintura, e uma imagem em vulto do mesmo Santo com a Relíquia de um pedaço de osso no peito, que guarda um caixilho de cristal, passando para a mesma Capela o cofre das Sagradas Relíquias. No ano de 1695, vindo em visita o Doutor António Dias Figueiras, Desembargador da Relação Eclesiástica, da Cidade de

Évora, e Visitador do Arcebispado pelo Arcebispo D. Fr. Luís da Silva, mandou passar os ossos do glorioso Santo do cofre, em que estavam, para um Sacrário da mesma Capela, onde a devoção, por excessiva, passou inadvertidamente ao excesso de um sacrilégio, roubando muita parte dos sagrados ossos. Somente a ignorância pode servir de desculpa, a quem a cega devoção fechava os olhos para o reconhecimento do delito. Muitas destas Relíquias conservam ainda pessoas particulares da mesma Vila, e outras se espalharam por esta Reino: e fora acção muito do serviço de Deus, e do glorioso Mártir o mandarem-se recolher, para estarem com a justa veneração, que merecem.

17

A devoção dos fieis, dedicou ao Santo uma anual festa no seu dia, que é o da sua trasladação, que se repetiu por muitos anos com Procissão, em que era levado em decente andor. Estes obséquios, que se lhe dedicavam, satisfazia o glorioso Mártir com repetidos milagres, entre os quais se faz mais memorável o das borboletas de asas prateadas, atribuído ao mesmo Santo, que sucedia todos os anos em sexta-feira maior. Acabadas as cerimónias, que a Igreja celebra na manhã deste dia, saía a Procissão do Enterro fora da Igreja; e logo que se lhe dava princípio, se viam sair da parte da Capela do Santo Mártir, e lugar dos seus sagrados ossos uma numerosa multidão de borboletas; as quais, cobrindo o túmulo do Senhor, lhe serviam de prodigioso palio, fazendo-lhe vistoso acompanhamento em todo o tempo da Procissão; e acabada ela, desapareciam até o ano seguinte, que no mesmo dia, e hora se deixavam ver, vindo assistir prodigiosas ao mesmo acto, sem alguma em todo o mais tempo do ano. Muito semelhante a este prodígio foi o que sucedeu na Cidade de Girona no sepulcro de S. Narciso, seu Bispo, e Protector, saindo dele bastante cópia de borboletas, ou moscas brancas, mas com diverso fim; porque as da urna de São Torpes saíram a acompanhar o seu Criador no túmulo, e estas a dar morte aos Franceses, que no ano de 1285, sitiaram a mesma Cidade, como Refere um Autor.

18

Este milagre das borboletas, que alguns Autores (1) atribuem ao glorioso Mártir S. Torpes, e tem por testemunhas para a sua confirmação todos os moradores de Sines, que o presenciaram, se continuou até o ano de 1730. em que foi demolida a Igreja Matriz, passando as Relíquias do Santo para casa de um Beneficiado da mesma Igreja, onde estiveram mais de cinco anos; e com a mesma Matriz mudasse na sua reedificação a forma, que antes tinha, foi tal o descuido, ou pouca devoção, que se não fez nela Capela ao Santo, como antes havia, depositando-se os fragmentos de osso do Santo Mártir a rogos, e despesa de alguns devotos na Capela de S. Luís, ficando o Santo sem Capela própria, devendo ser a primeira, a que se lhe devia dedicar.

Esta falta de lembrança, de quem a devia ter grande para a veneração de um Santo, que era como Orago daquela Igreja, e especial Padroeiro, o Protector da mesma Vila, fez diminuir a devoção dos fieis, esquecendo-se da anual festa, que lhe faziam, ficando nas ruínas daquela Igreja novamente sepultadas as memórias de S., Torpes, como o tinham ficado no primeiro Templo, que lhe foi dedicado. Mostrou o Céu com sinais evidentes o quanto lhe era desagradável este esquecimento; pois suspendendo o milagre das borboletas, com que se mostrava grato à grande devoção dos fiéis, o não continuou mais, como castigando desta sorte o descuido, e omissão, com que se tinham havido desde aquele tempo, negando-se aos devidos obséquios do seu triunfante Mártir. Não quis continuar o prémio, sem o merecimento, servindo também de glória a este grande Santo a suspensão daquele contínuo prodígio, pois dava a conhecer o mesmo Céu nesta demonstração o quanto se empenhava na veneração de São Torpes, conferindo, ou negando aquele milagre à medida do culto, que lhe dedicavam, ostentando-se ou de uma, ou de outra sorte sempre prodigioso.

Documento 44

1746 - Idyllio

Sebastião Luís de Lis Velho MASCARENHAS (1746) – Idyllio. in *Exemplar da Constancia dos Martyres em a Vida do Glorioso S. Tórpes (...)*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa.

De Sebastião Luiz de Liz Velho Mascarenhas.

IDYLLIO

Este volume, ò Escritor discreto,
Pela elegância, pelo Sacro Objecto,
Outra cousa não he por frase pura
Mais do que, na eleição da intelligencia,
Da vossa devoção justa evidencia,
Do vosso entendimento alma em figura;
Porque, sendo verdade a mais notoria,
De sorte a repetis pela energia,
 Que na douta harmonia
 De tão Sagrada Historia
Bem mostrais que só vosso entendimento
Era capaz de descrever o alento,
Com que Torpes da Fé na relevância,
Sem padecer por Christo algum delirio,
 Tolerou o martyrio
 Com tão feliz constancia,
Que empenhado por elle o Sacro Empyreo
Fez, porque em seu louvor se lhe consagre,
Que fosse a sua morte por milagre
Ventura do Arno, dita do Oceano,
De Sines gloria, exaltação de Pisa,
Completo bem do Imperio Lusitano,
 Quando esse soberano
Cadaver, onde assombro se divisa,
Junto à praya aportou Sacro, mostrando
 Que os mares dominando
 Sem temor do destino,

Mais que humano, o poder era Divino.
De donde a vossa penna,
Quando de Torpes trata,
De tal sorte subindo se arrebatava,
Que pela devoção, que vos ordena,
Nos laços, que desata,
Sempre Aguia no conceito,
Toda a esféra estrelada he campo estreito.
Mas como o vosso juizo,
E a vossa devoção quer que à luz saya
Este volume em tudo acreditado,
Nos discursos limite não diviso,
Nem na devoção raya,
Quando vosso cuidado
Por Torpes elevado,
Descrevendo o que a pia affeição pede,
Por não ter semelhante a tudo excede.
E se a volatil fama
Toda a grandeza acclama,
Aos tropos, de que se orna a vossa escrita
Pela esfera, em que habita,
Pregoe attenciosa da maneira,
Que do tempo a carreira,
Ainda que por voraz tudo limita,
Por dar ao vosso nome eterno culto,
Veja que a vossa discrição de indulto
Vos serve para ter gloria infinita,
Não sendo este volume mais, que hum vulto,
Que visto nos persuade
Ser vossa sciencia a Fénix desta idade.

Documento 45

1747, janeiro, 19 – *Notícia da publicação do livro de Estêvão de Liz Velho dedicado a São Torpes.*

Suplemento à Gazeta de Lisboa, n.º 3, 19 de janeiro de 1747, p. 60.

Sahiu a luz hum livro de quarto da vida de S. Torpes, escrita com elegante estylo, na qual depois de se expor desde o seu nascimento até o seu glorioso triunfo se mostra, que vindo o seu sagrado corpo por divino impulso aportar neste Reino na praya de Sines, Santa Celerina, reconhecendo-o por revelaçam de Deus, lhe deu decente sepultura, e lhe edificou hum magnifico templo, que foy o primeiro da Europa, como se justifica com indubitáveis fundamentos deduzidos dos mais antigos, verídicos Escritores. He seu Author Estevam de Lis Velho, que se acha governando a praça de Sines. Vende-se na officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Oficio, e na loja de Joaquim Ferreira Coelho, por preço de 480, encadernado em pasta.

Documento 46

1748 – Francisco Manoel de Brito Mascarenhas, *Epicédio na morte do Senhor Estêvão de Liz Velho*.

BNP, vária, 1384 L (coleção), fl. 387.

Na morte do Senhor Estevão de

Liz Velho

EPICEDIO

Morreste, ó Heróe, morreste;
Que havias de acabar porque nasceste.
Tirana penção forte
Do cruel fatal Córtes
Ultrajar tão violento
O decoro, o valor, o entendimento!
Acabaste depreça,
Que he o que tem quem a luzir começa;
O que mostraõ queixosos
Os Astros luminosos;
E teu engenho agudo
Era Estrella, era Sol, continha tudo.
Perdeu a patria o lustre
Na tua sabia vida, e ser illustre
Com que o Ceo te animava
Nas prendas que te dava;
Porque era teu engenho
Seu Timbre, seu braço, seu desempenho.
Agora sepultado
Thesouro es descoberto, ainda encerrado;
Que enquanto houver memoria
Sempre será noticia
Tanta preciozidade
De eloquencia, aptidaõ, capacidade
No livro que escreveste
Testemunho immortal do que eras dèste;
Pois com tantas noticias
Pelas quais mais se aclama
Teu nome, teu estudo, tua fama,

De Saõ Torpes a vida
Tua penna discreta, e entendida
Descreveo relevante
Com estilo elegante.
Já lá terás o prémio
De alto solio, alta luz, ditozo grémio.
E como a nossa magoa
Faz que neste papel corra só agua;
Porque esta he que he a tinta
Com que o pezar se pinta;
Aceita em luto tanto
Nossa dor, nossa pena, nosso pranto.
Sirva ao teu monumento
De Epitafio, e perfume este concento;
Que eu não tenho ao presente
Para o culto decente,
Se em sacrificio o tomas,
Outro incenço, outra mirra, outros aromas.

Por Francisco Manoel de Brito Mascarenhas

Documento 47

1758, maio, 29 – *Memória Paroquial* redigida pelo padre Alexandre Bernardo Mimoso

ANTT, *Memórias paroquiais*, vol. 35, nº 177, p. 1311 a 1326

Publ.: José António FALCÃO (1987) – *Memória Paroquial do Concelho de Sines em 1758*.
Santiago do Cacém: Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

[...]

24 He Porto de mar, como já fica insinuado, / o qual forma huma bahia em semicirculo que olha / ao Sul com bom fundo em que pode ancorar todo o ge/nero de embarçaõs, e abrigar se dos ventos naõ sendo / Sul, ou Sudueste para os quais naõ tem abrigo, e fazem / qui grande alteraçã nos mares. As embarçaõs, / porem, de menor fundo, se recolhem neste tempo em hũa / calheta que se forma do recinto de duas muralhas hu/ma pela parte da terra, outra pela parte do mar, / parte dellas obra de arte, e outra parte obra da na/tureza. Nesta se recolhem tambem continuamente / as pequenas embarçaõs que há nesta Villa, e servem / de pescar na Costa, e nella se dizima, e fas lota do pey/xe que se pesca. As pontas que formaõ o semicirculo da bahia saõ firmes roxas, e o concavo ou centro della / parte saõ roxas, e pedras, e parte areas. No concavo da / terra que cinge esta bahia está aa Villa situada, / porem em lugar taõ alto, se bem que plano, que naõ lhe / chegaraõ os grandes fluxos de agoa no tempo do Terre/moto, ainda que as agoas subiraõ aonde nunca se ti/nha visto [.]/

25 A bahia, ainda que he capax de todo o genero / de embarcacoins [*sic*], como fica dito, raras vezes ancora / nella embarcacaõ [*sic*] de grande fundo, que como he de / pouco comercio a Terra, naõ há motivo para a // [1321] aqui ancore embarçaõ de grande carga. As embarçaõs / que mais frequentaõ este porto saõ pequenas, cmo caravellas, / lanchas do alto, cassilheyros, e outras semelhantes que / vem já carregar de carvaõ, já de vinhos, já de pescarias de / veraõ, e alguns annos de trigo que vem de algumas terras / deste Campo de Ourique a este porto para delle se transportar para a Corte com mais commodo. /

He esta Villa Praça de armas com gover/nador de cuja distribuiçaõ he tambem a Fortaleza / da Ilha do Pixigueyro, que dista tres legoas desta / Villa, mas neste mesmo Termo, e a de Villa nova / de milfontes, que dista desta Villa sinco legoas [,] / ambas inclinadas para o Sul em huma grande en/ceada que vai fazendo esta Costa para o cabo / de Saõ Vicente, ou promontorio sacro. /

Tem tambem Tenente, Ajudante da Praça / e mais officiais competentes com huma guarniçaõ de / soldados infantes, e artilheyros pagos, que todos fazem / o numero de sincoenta e dous entrando tambem nes/ta conta os officiais, excepto o Governador.

A Villa naõ / he murada, mas he defendida por hum grande Cas/tello antigo que para o mar tem dous baluartes guar/necidos de boa artelharia grossa. Na ponta da / bahia que

fas ao Occidente está o forte de Nossa / Senhora da = Salas = com artilharia de bronze de / bom curso que defende dos Corsarios as embraca/çoins que buscaõ o refugio desta bahia. Guarnecem / o Castello que está na Villa os soldados pagos, e ar/telheyros , no qual há corpo de guarda, e guarda / com sentinella continua. Guarnece o forte da / Senhora das = Salas = huma numeroza Companhia / de Auxiliares que há nesta Villa com seus cabos / competentes, e assiste com elles na guarda da mesma / fortaleza hum artilheyro pago para as occazioins / em que for necessario fazer se algum tiro. /

Distante desta Villa tres legoas, mas / no mesmo Termo, como ja se dice, está a Fortaleza / da Ilha do Pixigueyro, que he quazi regular, tem / tres pracas [sic], duas altas, e huma baixa, mas só nes/ta tem artilheria; tem cabo, e pequena guarni/ção de soldados pagos, mas no Veraõ que he o tempo / de mayor perigo por ser entaõ mais infestada a // [1322] a Costa dos Corsarios, a vai tambem guarnecer huma com/panhia de Ordenanças, que há no Termo, com os seus ca/bos ordinarios. Está esta fortaleza em terra, mas de/fronte cercada de mar está huma pequena Ilha / a tiro de Canhaõ, na qual se principiou a fazer an/tigamente huma pequena fortaleza que estando / quazi acabada nunca chegou a ter uso, sem duvi/da porque se entendeu ser impossivel conservar se a/li guarniçaõ, por naõ haver nella agoa, nem viveres / alguns, e naõ ser facil a commoniçaõ com a Terra / ainda que fica pouco distante, especialmente no / inverno, pela braveza dos mares que ali correm, que / mezes inteyros naõ permitem passagem de huma / parte, á outra./

Entre esta Ilha, e a Fortaleza de Terra, / se forma hum porto em que de Veraõ se recolhem algumas / embarçaõs perseguidas dos Corsarios, porem de in/verno he arriscado o porto pela grande, e impetuosa / corrente do mar, que ali tem destrocado [sic] já varias / embarçaõs. Naõ há mais Castello algum, ou Tor/re, nesta Villa, e Termo./

Padeceu esta Villa bastante ruina no / Terremoto de 1755, arruinando se varios edificios de / cazas, e Jgrejas, e ethe o mesmo Castello a padeceu / grande nas suas Torres que saõ sete entre todas, e / as mais dellas ficaraõ abertas com grandes fendas; / como tambem a Fortaleza da Ilha do Pixigueiro, / que se lhe arruinou a Capella, e as duas pracas [sic] altas.

Algumas destas ruinas se achaõ já reparadas, / especialmente algumas Jgrejas, e algumas cazas de / particulares que tiveraõ meyo para efectuarem / o seo reparo. Outras estaõ ainda no mesmo estado / por naõ terem os donos meyo para isso. Tambem / naõ tem tido reparo algum as Fortalezas da rui/na que tiveraõ, e na Fortaleza da Ilha por se ar/ruinar a sua Capella se está dizendo Missa no / campo aos soldados em huma pequena, e tosca bar/raca que se fez, e bemzeu para este ministerio com / licença do Prelado Diocezano, mas sempre in/decência, se exercita ali taõ sagrado ministério pe // [1323] pela pouca capacidade do sitio. /

Entre algumas Jgrejas que estaõ ainda sem / reparo he a principal a Ermida da Senhora das = Salas = / que sendo de bobeda de arcos de alvanaria, e cahin/do lhe um lanço della da parte da porta naõ se tem / descuberto nestas partes official que se atreva a con/continua la com a mesma formalidade, e alem disto / se tem estado observando a segurança da parte que ficou / para se ver se ha de continuar se só a parte que cahiu, /

ou se ha de fazer se toda de novo para o que não che/gaõ as pequenas rendas da Senhora, e algumas esmolos / que se tem offerecido, mas sem embargo disto se faz / diligencia pelo seu reparo. /

[1324] [...]

Na fox desta ribeyra de = Junqueyra = / que he na praya, está a sepultura de Saõ Torpes / asignlada por hum crux, o qual sendo martiri/zado em Piza por mandado de Nero, veyo ter a es/ta praya metido em hum barca velha com hũ caõ, e hum galo, e sendo Sancta Celerina aviza/da por hum Anjo da chegada daquelle Thezouro / o foi buscar no mesmo sitio, e achando o felizmen/te lhe fabricou nelle o seu sepulchro: não he só / tradiçaõ, ou conjectura, mas assim o escreveraõ va/rios Authores de boa nota, e delle fazem mençaõ alguns Martyrologios bem recebidos da Jgreja. / Neste mesmo sitio escreveraõ alguns, que lhe / erigira Sancta Celerina hum magnifico Templo / do qual não se acha hoje nenhum vestigio, mas / só sim o lugar da sepultura, que sem interrup/çaõ alguma tem sido ali sempre venerada. /

Nella foraõ achadas as suas sagradas / reliquias no anno de = 1591 = pela exacta de/ligencia que mandou fazer o Arcebispo Dom // [1325] Dom Theotonio de Bargaça, recomendada pelo / Sancto Padre Sixto Quinto, que entañ prezidia na / Jgreja, e sendo reconhecidas, e approvadas por especial / Breve do mesmo Sancto Padre, foraõ trasladadas / para a Matriz desta Villa, aonde se conservaõ al/gumas ainda, que poucas, que a mayor parte dellas / foraõ extrahidas do lugar do seu depozito parece / que a instancias da devoçaõ dos Fieis, e facilida/ de dos Parochos daquelle tempo, que deviaõ distri/buhi las com maõ larga, para satisfazerem a de/voçaõ dos que não satisfeytos de as venerarem na / Jgreja, as queriaõ tambem ter em sua caza, fa/cilidades que não sei se tem bastante desculpa no / excessivo fervor da devoçaõ; porem das que se extrahiraõ não / há noticia pelo Povo.

Motivados de estar no lugar referido a / sepultura do Sancto, conjecturaõ alguns que a povo/açaõ hera entañ nequelle [sic] sitio, o qual, como já / se dice, dista hum grande legoa desta Villa, / mas não tem isto mais fundamento, que a conjectura. /

[...]

Sines [,] 29 de Ma/yo de i758 /

O Prior Alexandre Bernardo Mimoso [assinatura] //

Documento 48

1762, março, 10 – *Requerimento do governador da praça de Sines, Francisco Mendes de Carvalho, pedindo armas e munições.*

Arquivo Histórico Militar, 3ª Divisão, 9ª Secção, Caixa 86, Doc. 1.

Inédito

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor

Recolhime a esta praça em vertude do Real decreto de *Sua / Magestade* e logo vizitey as Fortalezas desta Marinha que / São da minha repartição, e assim esta praça como as *ditas / Fortalezas* se achão muito faltas de aprestos e munições / que constaõ da relação *que* remeto, e sem ellas, nem nos pode/mos defender, nem Amparar os que se vierem refugiarçe / nestes portos, pello que sendo *Vossa Excelencia* servido mandará / o avizo ao Thenente *general Graduado* mandar os ditos aprestos, e mu/niçoeñs, *Vossa Excelencia* rezolvirá o *que* lhe parecer mais convini/ente ao Serviço de *Sua Magestade*; *Deus* guarde a *vossa Excelencia*. Sines 10 = / de Março de 1762

O Governador da Praça Francisco : Mendes de Carvalho [assinatura]

.....

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor

Sendo Repetidas as contas *que* tenho dado ao *senhor general* o *Illustrissimo / e Excelentissimo Senhor* conde Barão da falta de muniçoeñs = / em *que* se acha a Fortaleza desta Praça, e as mais e ella / anexas das quais ainda não surtio effeito algum = / em licença do mesmo *Senhor General* vay a esa Corte o / Thenente desta Praça a Requerer esta taõ Grande fal/ta pois Se achão as Fortalezas Sem Reparos *para* as peças / Polvora ballas, e mais *que* o mesmo Thenente exporâ / na presença de *Vossa Excelencia* a quem Rogo queira atender po/is tudo Se faz muito percizo *para* o Real Serviço de / Sua Magestade; *Deos* guarde a *Vossa Excelencia*. Praça de Sines 19 de / Novembro de 1762

O Governador Francisco : Mendes de Carvalho [assinatura]

.....

*Relaçam do que hé muito perçizo para
a Fortaleza da Villa de Sines
e as mais da sua Repartiçãõ
as Seguintes*

Reparos *para* as peças das 4 Fortalezas
Ballas meudas
Pederneiras
Guarda cartuxos
Huma caixa de guerra
Huma Bandeira *para* o Castello
Hum páo *para* ella
Outra Bandeira *para* a Fortaleza do Pechegueiro
Hum pão *para* ella que he muito preçiso
Alguñs Barris de Alcatraõ
Bozinas *para* as 4 Fortalezas
Alemternas *para* as 4 *ditas*
Cordas velhas *para* tacos das peças
Huma duzia de Emxadas
Huma duzia de ppicaretas
Huma duzia de pás
Seis pés de Quabra
Sincoenta Seirinhos
Doze peças de Bronze Colombrinas, ou meias, *ditas*
Trinta Quintaes de Polvora *para* as 4 Fortalezas
Vinte quintaes de morrãõ
Cento Sincoenta Armas Capazes, Com Suas Baonetas,
Patronas, e Bandoleiras, Porque as que há na dita Fortaleza
estãõ emcapazes de Servir por quebradas, e naõ haver na dita
Praça quem as Comsertem [*sic*].

Documento 49

1762, novembro, 19 – *Aviso do envio à Corte de um emissário para expor a situação da Praça.*

AHM, 3ª Divisão, 9ª Secção, cx. 86, doc. 1.

Inédito

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor

Sendo Repetidas as contas *que* tenho dado aos *senhor general* o *Illustrissimo / e Excelentissimo Senhor* conde Barão da falta de munições = / em *que* se acha a Fortaleza desta Praça, e as mais della / anexas das quais ainda não surtiro effeito algum = / em licença do mesmo *Senhor General* vay a esta Corte o / Thenente desta Praça a Requerer esta taõ Grande fal/ta pois Se achão as Fortalezas Sem Reparos *para* as peças / Polvora ballas, e mais *que* o mesmo Thenente exporâ / na presença de *Vossa Excelencia* a quem logo queira atender po/is tudo Se faz muito percizo *para* o Real Serviço de / Sua Magestade; Deos *guarde* a *Vossa Excelencia*. Praça de Sines 19 de / Novembro de 1762

O *Governador Francisco* : Mendes de Carvalho [assinatura]

Documento 50

1763, abril, 27 – *Relação da Guarnição da Praça de Sines, incluído a do seu castelo e fortalezas anexas.*

AHM, 3.ª Divisão, 9.ª Secção, cx. 86, doc. 3.

Inédito

Relaçõ da Guarniçãõ do Castello da Praça de Sines, Forte de *Nossa Senhora* das Sallas, Fortaleza de *Nossa Senhora* do Quei-/mado Ilha do pesegueiro, e da Fortaleza de *Villa nova* / de mil Fontes da Repartiçãõ da mesma Praça.

O Governador da dita Praça, Seu Thenente, hũ Ajudan/te, hũ Alferes, hũ Sargento, hũ Cabo de Esqua/dra, e vinte e sinco Praças de soldados pagos _____

Hũ Condestavel e vinte sinco Praças de Artilhei-/ros pagos _____

Hũa Companhia de Auxiliares com seu capitaõ, / hũ Alferes, dous Sargentos, quatro Cabos de Es-/quadra, e outenta soldados _____

Huã Companhia de ordenança da *Villa* com seu / Capitaõ, hũ Alferes, dous Sargentos, quatro / Cabos de Esquadra, e cento e dous Solda/dos _____

Huã Companhia de ordenança do termo da mesma / *Villa* com Capitaõ, cujo posto se acha vago; de *que* / já dei conta a *Vossa Excelencia*; hũ Alferes, *que* está coman/dando a mesma companhia, quatro Sargentos, / quatro Cabos de Esquadra, e cento e outenta / soldados _____

E he toda a guarniçãõ desta Praça e Sua Marinha / e Forte de *Nossa Senhora* das Sallas

A Fortaleza do Pecegueiro consiste de Sua guarniçãõ / de hũ Cabo, hũ Sargento, e seis Praças de solda/dos pagos _____

A Fortaleza de *Villa nova* de mil Fontes, consiste / de Sua Guarniçãõ de hũ Cabo, com graduaçãõ / e soldo de thenente de infantaria, hũ Aju//dante, hũ Sargento, e dezacete Praças de soldados / pagos _____

Há na dita *Villa nova* de lim Fontes huã Companhia de ordenança com Capitaõ, cujo posto se acha / vago; de *que* tambem ja dei conta a *Vossa Excelencia*; hũ / Alferes, *que* está Comandando a mesma Com/panhia, quatro Sargentos, quatro Cabos / de Esquadra, e cento e noventa solda/dos, esta Companhia guarnece huã vigia / na costa da dita *Villa nova*, a que chamaõ o Ca/nal, e he de *que* consistem as ditas guarni-/ssoës. Sines 27 de Mayo de 1763.

Nota: Na mesma caixa o documento 5 contem as relações de 16 de março de 1764, 28 de abril, 16 de maio, 26 de julho e 27 de agosto do mesmo ano.

Documento 51

1763, maio, 27, Sines – *Inventário das peças de artilharia, munições e viveres existentes na Praça de Sines e fortalezas dela dependentes.*

AHM, 3.ª Divisão, 9.ª Secção, cx. 62, doc. 2

Inédito

Extrato de Artilharia, munições, e viveres que Se achão na Praca de / Sines, e mais Fortalezas de Sua Repartição em 27 de Mayo de 1763

Denuminações	Quantidades	Notas
Pessas de Artilharia do Castello da Praça		
De calibre de huã Libra _____ Metal	1	
De calibre de quatro _____ Ferro	1	
De calibre de dez _____ Metal	6	
De calibre de quatro _____ Ferro	1	Desmontada
De calibre de doze _____ Metal	2	
De calibre de doze _____ Ferro	6	Desmontadas
De calibre de dezoito _____ Ferro	3	
De calibre de dezoito _____ Ferro	3	Desmontadas
De calibre de tres _____ Ferro	1	Imcapas de tirar
De calibre de seis _____ Ferro	1	Imcapas de tirar
De dalibre de doze _____ Ferro	4	Imcapazes de tirarem
De calibre de dezoito _____ Ferro	1	Imcapas de tirar
De calibre de vinte _____ Ferro	2	Imcapazes de tirarem
Forte de Nossa Senhora das Sallas da Repar-/tição da mesma Praça		
Pesas de Artilharia		
De calibre de dez _____ Metal	1	
De calibre de doze _____ Metal	3	
De calibre de doze _____ Ferro	1	Desmontadas
De calibre de dezoito _____ Ferro	1	Desmontadas
Fortaleza de Nossa Senhora do Queimado / Ilha do Pecegueiro da Repartição / da mesma Praça		
Artilharia		
De calibre de doze _____ Ferro	2	
//		
Denuminaoões	Quantidades	Nottas
De calibre de seis _____ Ferro	1	Imcappas de tirar
De calibre de outo _____ Ferro	1	Imcappas

De calibre de dez _____ Ferro	2	Imcappazes Imcappas
De calibre de quinze _____ Ferro	1	
Fortaleza de <i>Villa</i> nova de mil Fon-/tes da Repartiçã da mesma Praça		
Artilharia		
De calibre de doze _____ Ferro	1	Desmontadas e Imcapazes Na forma <i>dita</i> Na forma <i>dita</i>
De calibre de dezoito _____ Ferro	1	
De calibre de oito _____ Ferro	3	
De calibre de doze _____ Ferro	6	
De calibre de quatorze _____ Ferro	1	
Morteiros Naõ há nada _____		
Lhuzes _____ Naõ há nada		
Pedreiros, __ Naõ há nada		
Arcalbuzes de Arquilha, ou esmi-/rilhoës ____ Naõ há nada.		
Muniçoës <i>que</i> Se achaõ no Armazem / da Praça, da onde Saõ Socorridas / as ditas Fortalezas de Sua Repar-/tiçãõ.		
Ballas de calibre de huã Libra __	200	E deste calibre naõ há cá Pessas
De calibre de tres _____	250	
De calibre de seis _____	650	
//		
De calibre de outro _____	250	
De calibre de dez _____	550	
De calibre de doze _____	575	
De calibre de dezoito _____	150	
De calibre de vinte e quatro _____	150	
Muniçoës <i>que</i> se achaõ na For-/taleza Ilha do Pesegueiro		
Ballas de calibre de seis	62	
Ballas de calibre de doze	27	
Muniçoës <i>que</i> se achaõ na Fortaleza de <i>Villa</i> nova / de mil Fontes		
Ballas de calibre de oito	20	
De calibre de dez	151	
De calibre de doze	48	
De calibre de dezoito	90	

Bombas – Não há nada		
Bombas <i>para</i> obuses – Não há nada		
Paneiros ou Sestos de verga / <i>para</i> Lançar pedras com os pedrei-/ros – Não há nada		
Granadas de mão _____	1000 –	E não tem tempos, ou Foguetes
Cartuxos <i>par</i> as Peças de Artilharia		
Cartuxos de Papel de calibre de huã Libra – //	48	
De calibre de duas Libras _____	36	
De calibre de doze _____	38	
De calibre de dezoito _____	46	
Cartuxos de Pãno		
De calibre de quatro	95	
De calibre de dez	22	
De calibre de doze	33	
Reparos de Artilharia Não ha / nenhum, mais <i>que</i> os <i>que</i> Se achaõ / na <i>que</i> está montada, e quazi / todos incapazes _____		
Reparos ou caxas <i>para</i> os Mortei-/ros – Não há nada		
Reparos <i>para</i> os pedreiros – Não / há nada _____		
Plataformas, Plamentas / e outros petrexos, necessarios <i>para</i> as peças		
Plataformas , do Castello da Praça – As das Fortalezas ditas, anexas a esta Praça, menos mas. _____	2 –	Pouco Capazes <i>para</i> / Laborar.
Calibres de Coxamas		
De huã Libra _____	2	
De seis Libras _____	1	
De quatro _____	4	
De dez _____	7	
//		
De doze _____	7	
De dezoito _____	6	
Lanadas		
De calibre de huã Libra _____	1	
De calibre de quatro _____	4	
De calibre de dez _____	4	
De calibre de doze _____	4	
De calibre de dezoito _____	5	
Soquites		

De huã Libre	1	
De tres	2	
De calibre de dez	3	
De calibre de doze	2	
De calibre de dezoito	6	
Salatrapos	3	
Soleiras	25	
Pranxadas	25	
Espeques	12	
Pes de cabra	3	
Carniquim Simples	1	
Bixa	1	
Bugio de Levantar a Artilharia	1	
Trique Balle _____	1	Com alguãs faltas
Cordas, grossas, delgadas, ou fio - / Não há nada ____		
Ferraria – Naõ há nada _____		
//		
Armas de fogo		
Armas, ou espingardas, as / que tem a gente paga da / guarniçaõ, e os Auxí-/liares	___ __ _	Halhumas pouco ca/pazes
Espingardas que se achão no Armazem	120	Inutis
Cános de espingardas _____	60	Velhos
Baonetas _____	75	
Patronas _____	14	
Borraxinhas _____	130	
Armas de maõ – Naõ há nada _____		
Artefficios		
Barris de Alcatraõ _____	2	
Polvora, chumbo, e seus adjuntos		
Arrates de Polvora Bombar/deira en tres Barris _____	160	E he a que o Castello / da Praça, e mais Forta/lezas De Sua Repartiçaõ
Ballas para espingardas cunheite	..1	
// [fl. 5]		
Provisoẽs que só saõ precisas / em cazo de esperar sitio, – Naõ há nada _____		
Fachinas – Nada _____		

<p>Viveres – Nada</p> <p>Padaria – Nada</p> <p>Bebidas – Nada</p> <p>Hospital, ou movêns delle / Nada _____</p> <p>No firmado Estrato <i>que Vossa Excelencia / me remeteo, que fica para modello, / mandei fazer este como de/claração do que há nesta Praça / de Munições, e petrexos Mili/tares, Sines 27 de Mayo de <u>1763</u> /</i></p> <p>O Governador da Praça</p> <p>Francesco Mendes de Carvalho [assinatura]</p>		
---	--	--

Nota: Na mesma capilha guardam-se os inventários de 23 de julho de 1763 e de 27 de agosto,

No primeiro encontramos menos 20 arretes de pólvora e no seguinte outro 20 a menos.

O documento 4 da mesma caixa contem os inventários de 16 de março de 1764, 28 de abril e 26 de julho do mesmo.

Documento 52

1766, novembro, 16 – *Termo de arrematação da empreitada de recuperação da plataforma do Castelo a João Batista, pelo valor de 129 000 réis.*

AMS, CMS, *Arrematações*, livro 2 (1751-1773), fol. 136v-137v.

Inédito

[fl. 136v] [...]

Termo de aRematacaõ [sic] da plata/forma do Castello desta villa a / Joam Baupista em – 129 000 /

Aos dezaceis dias do mes de No/vembro de mil e setecentos / e sacenta e seis annos nesta villa // [fol. 137] de Sines e cazas do passo do Concelho / della sendo ahi os vereadores autuaes [sic] Pas/coal da Costa Camaraõ e Manoel Pe/res Garras e Thome Rapozo Cartaxo Pro/curador do Concelho, o j[u]iz Viegas Fran/co e sendo juntos mandaraõ [a]o Por/tejro deste senado [que] fosse a prasa lhe / tentasse aRematasse [sic] as hobra[s] da / Plataforma do Castello desta villa / o que satesfez andando pela prassa / dezendo em voz alta e emtelegivel / quem poen hum lanso da mesma / hobra e deu Sua fe o mesmo Por/tejro que andava andando sem/pre em prasa Com a mesma hobra/ e que naõ achou quem lhe desse me/nor lanso na dita obra do que / lhe dava Joaõ Baupista de / Cento e vinte e nove mil Reis / Com obrigacaõ de a fazer como os / apontamentos seguintes: presente/mente (?)a plataforma do Castello da / parte de nacente em Terlhe ela lagea/da emthe defronte do buraco que se ade Tambem Tapar e o mais / que diz desde da parte da mesma / Plataforma athe o que esta / dito que se ade lagiar hade // [fl. 137v] hade ser tudo calzado munto bem de sorte que tudo hade ficar perfeitamente (?) jgual ao muro da mesma for/ma, tudo Tambem hade enTrar / a Roxa que esta o pé da porta cita, / emTrando maes o Concerto do arma/Zem para o que ha reparo que se / da e que a plataforma da banda / do poente Se amdem (?) emderejtar / cen (?) Sentar as lajes por o que /Se lhe da trinta mojos de cal e emtre/lhe pedras que se axaõ no mesmo / Castello e que com os Apontamen/tos tomava a mesma obra / Sendo o lajedo de seis covados / e hũ palmo e per naõ haver quem / menos pessa menos pella mesma / obra mandaraõ os mesmos vereea/dores Rematar a mesma obra / ficando o mesmo Rematante o/brigado a fazer a mesma obra / pondo nella tudo o que faltar / de que tudo mandaraõ fazer este termo de aRematação que asi/gnaraõ com o mesmo aRematante / e Portejro eu Ignacio Dias Ta/caõ que o esCrevj.

Camaraõ [assinatura] + de Jose Viegas

João B[a]tista [assinatura]

Documento 53

1770, outubro, 30 – *Lista das munições necessárias na Praça de Sines e fortalezas dela dependente.*

AHM, 3.ª Divisão, 9.ª Secção, cx. 86, doc. 6

Inédito

Relaçam das Muniçoens, que são miuto precisas para / o Casttelo da Praça de Sines, e mais Fortalezas da / Sua Repartiçãõ.

Saõ perzizas [sic] 12 Reparos para meynos de Canhaõ de / Ferro, que tem 20 deamitos de comprido, e suas grossuras / comuas, e tira 18 de Balla./

Saõ percizos 12 Reparos para quartos de canhaõ de Ferro, que tem de / comprido 23 deamitos, e suas groçuras comuas e tira 12 de Balla /

Saõ percizos 10 Reparos para terços (?) de Canhaõ de Bronze que tem de / comprido 25 deamitos, e suas grocuras comuas e tira 10 de Balla /

Saõ precisos 6 Reparos para meyas Columbrinas de Bronze que / tem 27 deamitos de comprido, e suas procuras comuas e tira 12 libras / de Ballas /

Saõ preçizos 4 Reparos para terços de Canhaõ bastardos / de ferro, que tem 20 deamitos, e suas groçuras comuase tira 4de Balla /

150 Armas com Baunetas, Banduleyras, Patronas, Boldriés. _____ /

3. Sinos para ás 3. Fortalezas, e já cá estaõ 2 quebrados _____ /

1. Hua Casdeira de ferro, e já cá está aquebradas _____ /

30 Quintaes de Emxarçia vilha para Pacoz _____ /

Dous Paos com 2 Estendartes _____ /

Cartuxos de Pano de todo o calibre que não há nada _____ /

Peles para lanadas, e taxas, que não há nada _____ /

Hua caixa de Guerra _____ //

Seis Bozinas, que não há nada _____ /

Conhetes de Balla de Espingardam que não há nada _____ /

Humas Tiras viras, ou cordas groças e compridas _____ /

Sines. 30 de 8.^{bro} de 1770

O Governador da Praça / Francisco Mendes de Carvalho [assinatura]

Documento 54

1772, setembro, 14 – *Adjudicação da empreitada das obras do poço do Castello.*

AMS, CMS, *Arrematações*, liv. 2, fl. 192v-193.

Inédito

Termo de Arrematação do poço do Castello / *que hé dentro do mesmo Castello, na forma / dos apontamentos no mesmo termo / abaxo apressados /*

Aos catorze dias do mês de Setembro de mil / sete centos satenta e dous annos nesta / villa de Sines nas Cazas do Passo do Concelho / della, sendo ahi os vereadores actuáis Fran/cisco Correa Varella, Joze Antonio da Sil/veÿra, Francisco Rodrigues Sobral e Sem/do tambem presente o Governador da / Prasa [*sic*] pella pessoa de seu Ajudante / Francisco Joze Bentto de Carvalho e / Lemos; e sendo todos junttos mandá/raõ ao Porteÿro deste Senádo, Policár/pio dos Santtos fosse a Prássa, comfromta/se e arrematéce a obra do poço do Caste/llo, visto ter andado em Prassa varios / dias na forma da Provizaõ de Sua Ma/gestade *Fidelíssima* que Deos Guarde, o que / o ditto Porteÿro satisfes, andando pel=/la Prássa dizendo em vos álta e inte/legível quem me da menos de sa/centa mil Réis que me daõ pella obra / do poço do Castello desta Villa; há quem / mais deÿ: há quem mais lance, e logo / o mesmo Porteÿro deu sua feé que / naõ axava quem lhe desse menor lan/ço do que o que lhe daria Sebastiaõ / Joze, Mestre Pedreÿro que o de Sacenta // [fl. 193] o de Sacenta mil Réis toma obrigaçaõ de Ser to/do o poço desmanchado, e feÿto de novo e com / gráde de pinho, sendo nesseçaria, ficando o / mesmo mestre obrigado tambem a soprir / com a pedra que para a ditta obra faltar / e que seja pedra grossa; e a parede tam/bem grossa; e naõ importa que o mesmo pos/so lhe ficasse o bocal mais extreÿto; e ha / obrigaçaõ tambem que de doze palmos / para sima ser feÿtto de pedra e cal e tu/do a sua custa na forma dos apontamen/ttos, E por naõ [h]aver quem menos desse / mandaraõ os veriadores sobredittos are/matar a ditta obra ao mesmo Sebastiaõ / Joze pello presso asima ditto; demais obri/gaçoins tambem asima declaradas; de / que de tudo Mandaraõ fazer este / termo que todos asináraõ com o ditto / Rematante e Eu Joaquim Guelher/me Torcátto dos Reis Escrivaõ da Cama/ra que o Escreveu

Sebastião Joze [assinatura]

Nota: Este mesmo Sebastião Joze «Pedreijro» arrematou, no ano seguinte, de 1773, a renda das Cizas, pelo valor de 400 000 réis.

Documento 55

1773, maio, 18 – *Auto de Posse de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas como Governador Militar da Praça de Sines.*

AMS, CMS, *Vereações*, liv 10 (15 de fevereiro de 1766 a 8 de maio de 1790), fl. 122-122v.

Inédito

Termo de Vereação

Aos dezoÿtto dias do mes de Maÿo de mil / Sete Centos Satenta e tres Annos nesta / Villa de Sines nas Casas do Passo do Concelho / della, Sendo ahi presentes o Douttor / Juis de Fora Manoel Manso de Carva/lho o Vereador Francisco Correa Varella / Jose Antonio da Sylveÿra, Francisco / Rodrigues Sobral, e Marcos Dias [...]

Na dita apresentou Sebastião Luís / de Lis Velho Mascarenhas a Sua pa/tente per Onde Sua Magagestade Fidelissima que Deos / Guarde lhe faz merce do postto de Gover/nador destta Praça; e mais Fortalezas / a ella anexas; pedindo que em ver/tude della lhe dessem posse do ditto / Posto; O que sendo vistto e Ouvido / pello ditto Douttor juis de Fora e mais / vereadores abaixo assinados (?) a posse por dada, em virtude / do cumprasse que nella haja posto

E por não haver mais que requerer // [fl. 122v] requerer o dito Doutor Juis de Fora / e mais vereadores mandarão fice / este termo e autto de posse que todos / asinaram com o ditto Governador e eu / Joaquim Guilherme Torcatto dos Reisescrivão da Camara que o es/crevi

Sebastião Luiz de Liz Velho Mascarenhas [assinatura]

Manuel Manso de Carvalho [juiz de fora] [assinatura]

Francisco Correa Varella [assinatura]

Jozé Antonio da Sylveira [assinatura]

Francisco Rodrigues Sobral [assinatura]

Marcos Dias Rajão(?) Borralho [assinatura]

Documento 56

1773, junho, 30 - *Passados cerca de mês e meio da sua tomada de posse o novo Governador, Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas, faz apresentar perante a vereação uma proposta para recuperação da sua residência.*

AMS, CMS, *Vereações*, liv 10 (15 de fevereiro de 1766 a 8 de maio de 1790), fl. 123v-124

Inédito

Termo de Vereação

No mesmo Senado pareceu presente Sebastião / Jose de Almeiÿda [*sic*] ; e por elle nos foÿ apresentado / e por parte de Sebastião Luiz de Lix Velho Mascare/nhas Governador desta Prássa, huns Apontamenttos / de que nessecitão as Casa do mesmo / Castello; Requerendo que se lhe mandassem / reteficar a custo da Renda da imposição; / Cujos apontamenttos vem ja com hum despa/cho do Doutor Ouvidor desta Comarca: que dis / abonará em correÿção; a ditta despeza cujo sinal e Letra eu Escrivão bem recunheço; e ficam / os dittos Apontamenttos em meu poder - / O que ouvido pellos ditos Vereadores // [fl. 124] Vereadores determinarão se fi/zece a ditta Retefi[ca]ção pellos / Rendimenttos da imposição

Documento 57

1773, outubro, 26 – *Processo de habilitação a familiar do Santo Officio de Dom Bruno de Souza Almeida.*

ANTT, Tribunal do Santo Officio, Conselho Geral, *Habilitações*, Bruno, mç. 1, doc. 3

Inédito

Diligencia de Dom Bruno de Souza Henriques / de Almeida, Governador da Cidade de Faro, Reyno de Algarve / Cavaleiro professo da Ordem de Christo natural da villa de / Aljezur, cazado com D. Hilaria Thereza de Azevedo Coutinho, que pertende [sic] Ser Familiar do Santo Officio.

[fl. 3] [...]

Declara ser filho Legittimo do Capitão mor da dita Villa de Aljezur / Luiz de Abreu de Souza, natural da mesma Villa, e de D. Maria Joze-/fa Henriques de Almeйда, natural de Lisboa da freguesia dos Anjos, aonde forão / recebidos.

Neto paterno do Capitão mor Joaõ de Abreu e Souza natural da ditta Villa / de Aljezur, e de D. Violante de Freitas, natural da Villa de Alvor, Reino do Algarve.

Neto materno de D. Henrique Henriques de Almeйда, natural de / Castello de Vide e de D. Guiomar Maria Paes, natural da Cidade de Lisboa

Declara mais que he cazado com D. Hilaria Thereza de Azevedo Couti -/nho natural da freguesia das Mercês da Cidade de Lisboa filha de João de Campos / de Andrade familiar do Sancto Officio.

Como procurador Bernardino de Senna da Silveira //

[fl.9v] [...] D. Henrique Henriques de Almeйда que foi // [fl. 10] Que Foi Governador do Castelo desta Villa [de Setúbal] [...]

[fl. 13] D. Bruno de Souza Henriques de Almenida [...] Abolitando Cavaleiro / professo na Ordem de Christo, he natural da Villa de Aljezur deste Bispado e Reino / do Algarve, e morador na cidade de Faro, donde he Governador da mesma prassa, / e a (?) vive, Cazado com D. Maria Thereza de Azevedo Coutinho: he de / boa vida e costumes , Com júizo e capacidade para delle se (?) negócios de / importancia segredo Como são os do Santo Officio, e que de todos que lhe forem emcar-/regados dará boa conta e satisfação; Que sabe ler escrever, e vive com bom luzi-/mento na sua (?) de Cabedal assim das rendas das suas propriedades, e soldo de / Governador Outo centos mil reis em cada

anno pouco mais ou menos, e de / idade representa ter secenta anos: Não consta que fosse prezo ou penitencia-/do pelo *Santo Oficio* ou incorresse em alguma infamia publica ou pena vil defeito, ou / de Direito ou descenda de quem os aja incurrido.

O Abelitando já foy cazado não sabem o nome da sua primeira mulher, nem / Consta que lhe ficassem filhos, nem os tenha tido ilegítimos, e que de presente he / Cazado com a sobredita D. Maria Thereza de Azevedo Coutinho e da mesma tam-/bem não tem filhos, nem consta que a mesma fosse cazada mais vezes que / com o sobredito D. Bruno de Souza Henriques de Almeida. As pessoas informantes dão /

Documento 58

1776, janeiro, 15 – *Renuncia de Sebastião António Quartim ao hábito de Cristo.*

ANTT, Registo Geral de Mercês, *Mercês de D. José I*, liv. 28, fl. 307v.

Inédito

Sebastião Antonio Quartim filho de Es/
tevaõ Quartim, e natural de Lisboa/

Sua Magestade tendo Respeito aos serviços do dito Sebastião Antonio Quar-/tim morador nesta Corte, e no Estado da India por mais de 16 annos / em praça de Soldado Cabo de Esquadra, Sargento Supra e do nume-/ro e depois de restituído a este Reyno com o mesmo exercicio, e no Posto / de Alferes do Regimento de Infantaria de que foy Coronel o Marquez / de Louriçal, contado tudo de 20 de Abril de 1740, athe 8 de Novembro de / 1756, em que ficava continuando, havendoce na Restauração da Pro-/vincia de Bardes, na tomada da Praça de Mornar, Daro, Tiracol, e em / outras operações de Guerra daquelle Estado: Em sattisfação de / tudo: Houve por bem fazerlhe mercê do habito de Christo com vinte mil / de tença efectiva e facultade para Renunciar; E por ter Renunciado / por seu Procurador o dito habito de Christo com vinte mil reis de tença effec-/tiva em Manoel Francisco Serra de que lograria doe o titulo de / habito da ordem de Christo , que lhe tem mandado Lançar, e lhe expedimos / (?) em seus nomes que se assentariaõ nos (?) do Reyno

15 de Janeiro de 1776.

Documento 59

1777, setembro, 8 – *Carta de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas a D. Frei Manuel do Cenáculo.*

BPE, Cod. CXXVII / 2-14, fl. 131.

Inédito

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

As dependencias que me tróxeraõ á / Corte, ainda me não deixaõ Restetuir / ao soccego de Sines; e esta Rezaõ que =/ Sobejára para fazer-mas penosas, / me inquieta hoje muito mais, tendo / diante dos olhos a Singular benevolen=/cia com que *Vossa Excelência* Se quis dignar / de se Lembrar do meu nome de Huã / maneira Taõ marcada, que ella me mo=/ve eFicasmamente o meu vivo desejo de / hir quanto antes á prezença de *Vossa Excelência* / para ter a honra de receber os Seus / preceitos, e para depois executalos com / Santa deligencia, e cuidado que todo / conheçaõ, que eu sou/

De Vossa Excelência/

O mais attento Venerador e Criado/

Sebastião Luiz Liz Velho e Mascarenhas [assinatura] /

Lixboa 8 de 7embro de 1777

Documento 60

1778, Julho, 11 – *Inventário dos bens da confraria do Santíssimo Sacramento, sendo juiz Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas.*

AMS, *Livro de Inventários da Confraria do Santíssimo Sacramento*, fl. 7-8.

Inédito

Inventario dos bens *que* tem esta confra-/ria do Santissimo Sacramento desta *Villa* de / Sines dos quais sâs entrega o Tezoureiro / *que* acabou Matheus Ignacio de Miranda ao novo Tezoureiro Joze da Fonseca Ravasco / sendo Juiz da mesma Sebastião Luiz de Liz / Velho Mascarenhas este anno de 1778 /

Hum Palio novo de damasco com / galoões e franjas de trosal amarelo /

Hua manga de Cruz do mesmo damasco com a mesma guarnição /

Hua umbrela do mesmo damasco com galaõ e franja do mesmo trosal /

Hum Palio de brocado com seis varas de prata /

Hua capa de aspeges vermelha e branca velha / com estola branca taõbem velha /

Outra capa nova de damasco tambem bran-/co com estola e veo de hombros /

Hua Caldeirinha com izope, tudo de prata /

Seis vara de páo encarnadas *que* serviaõ no Palio demolido /

Hum Oratorio *que* serve do Prezepio pintado / e dourado; com seu pano de cobrir /

Hua vara de prata *que* serve *para* o levaro o Juiz des-/ta Irmandade nas procições /

Hua Cruz de prata com sua vara prateada /

Hua manga de Cruz velha encarnada e branca /

Outra manga de tambem de damasco branco com / galam e franjaõ de trosal amarelo //

Quatro Ciriaes dois novos prateados, e dois velhos / encarnados /

Hum paramento rico de Altar *que* consta de hum / frontal, hum pano de Estante, hua Cazula / com sua Estola e manipulo, duas Dialmaticas [sic] / com quatro borlas de ouro,

e dois manípulos, / hua estola, e hua bolsa de meter os Corporaes, e / hum veo de cuprir
o Calix, tudo de damasco bran/co com galaõ e franjaõ de ouro /

Hum pano de pulpito tambem de damasco branco / com galaõ, e franjaõ de ouro /

Hum veo de hombros tambem rico com ramos de / ouro /

Hua Custodia com seu veo de cobrir, duas caxas em *que* / se guarda, hua fita *que* serve
de atar quando se / poem no Trono /

Hum docel de seda com sua franja de ouro /

Hum veo de ló *que* serve de encerrar o Senhor /

Hum Santo Sudario com sua bolsa e cacha em *que* /se guarda /

Hua campainha de bronze /

Hum Tumulo estofado de ramos de ouro /

Seis alampiões /

Seis jarras grandes prateadas /

Quinze ditas pequenas prateadas /

Quinze alcaparras de folha de Flandes [sic] /

Quatro toxeiros dourados /

Seis castisaes de prata /

Hua alampada de prata /

Tres alvas arrendadas, tres amitos, e tres cordões /

A armaçaõ de toda a Igreja /

Dois pares de quortinas, *que* se fizeraõ do palio encar/nado velho, com suas sanefas
para as duas janelas / da Capella Mor /

Tres escadas hua grande e duas mais pequenas /

Hua Meza de duas gavetas com suas fechaduras // e hum pano *que* serve de cobrir na
caza do capi-/tulo /

Dois pavilhões hum encarnado já usado, outro / tambem de damasco branco com galaõ
e franjaõ / de ouro /

Tres caxões com suas fechaduras, dois panos e duas al-/catifas hua grande outra pequena /

Hum capello /

Dezaseis quadros, quinze grandes e hum peque/no /

Duas toalhas arrendadas /

Hum pano *que* serve de cobrir o Tumulo Sexta / feira Santa /

Hua almofada *que* serve na adoração da Cruz /

Hua jarra *que* serve de guardar o azeite /

Hua almotolia de folha de Flandes /

Hopas novas /

Hopas Velhas /

E nam se achou mais no ditto inventario de *que* o / ditto Thezoureiro se obrigou dar conta de *que* assignou / com o Juiz da mesma Confraria na presença de mim / escrivão ao diante nomeado sendo em os doze dias do / Mês de Julho de mil sete centos setenta oito, e eu / Joze Antonio de Oliveyra escrivão da mesma confra/ria o escrevi e asignei /

Joze Antonio de Oliveira [assinatura]

Documento 61

1780, década de - *João Xavier de MATTOS, "Fazendo annos o mesmo Excelentissimo, e Reverendissimo Bispo"*.

Rimas de João Xavier de Mattos, TomoIV, manuscrito inédito da biblioteca do MNA.

Inédito

Fazendo annos o mesmo *Excelentissimo*, e *Reverendissimo* / Bispo

Soneto

Selectos livros, Originaes Pinturas,
Priscas medalhas em Muzeo guardadas,
Nobres ruinas por milagre achadas
De mil Composições, de mil figuras

O Pallio Episcopal, as Vistiduras
Preciosas magnificas Sagradas,
Canções devotas, Odes Levantadas,
Beija mão, parabéns, outras venturas,

Tudo he grande, Senhor, tudo he jucundo,
Mas o mais que com teus anos se festeja
Não são estas razões, n'outras me fundo.

Tu es o Justo, o Santo, o Heroe de Beja
O maior sabio, que tem Hoje o Mundo,
O melhor Bispo, que conhece a Igreja.

Documento 62

1780, década de - *João Xavier de MATTOS, Epistola. "Ao Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Beja"*.

Rimas de João Xavier de Mattos, Tomo IV, manuscrito inédito da biblioteca do MNA.

Inédito

Ao *Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Beja* estando nos descriptos da villa de Sines tomando banhos de agoa salgada

Epistola

Magnanimo Pay dos pobres,
Em cujo bom Coração
Os virtuosos estão
Ainda primeiro que os Nobres

Tu sabes quam pouco presta
A grandeza temporal
E que he somente hum sayal
Que a fortuna nos empresta.

Delle havemos desistir
Na hora, em que se morrer
E antes disso pode ser
Que nolo fação despir.

Não he a virtude assim
Que em si tem por Natureza
Huma solida grandeza
Que não morre, nem tem fim.

Eis aqui como tu pensas
Como são os teus cuidados
Para exemplo de Prelados
Para Mestre de sentenças.

Mas tu, Senhor, onde estás
Que falho, e já te não vejo!
Tem dó de nosso desejo
Ó nos leva, ó te não vás.

A tua aflita Cidade
Orfã de seu Pay ficou
Onde eu qual Pupillo estou
Chorando a minha orfandade.

Mas sei que justa razão
Senhor a Synes te chama:
Vai porque só quer, quem te ama,
Verte vivo, e verte são.

Na Praia piscosa, e rude
Desse mar, não se duvida
Que a troco da nossa Vida
Se te restaure a saude.

Formem te as nuvens do Céu,
Os Anjos de Cantem Hymnos,
Rodeitem ares benignos
Sejão te os Homens fieis.

Respeitando quem tu és
De todo os teus males cessem
E as mesmas ondas se aprechem
Por irem beijar te os pés.

Tambem teus filhinhos são
De Synes os moradores
Encheios dos mesmos favores
Leva-lhes a consolação.

Que diferentes os destinos
São dos Homens que diferentes:
Para huns serem constantes
Hão de ser outros mofinos.

Eu inda aqui de ançia em ançia
Conservo entre aflitos gestos
Alguns milagrosos restos
Da minha antiga Constancia.

Pezada mão sobre os olhos
Erguellos bem me não deixa
Ainda o meu penar os feixa
Nelles semeando abrolhos.

Tristes imaginaçoens
Rodeão-me o pobre Leito:
Se me levanto, ó me deito
Tudo são perturbaçoens.

As negras azas batendo
Novos cuidados me trazem,
E ao triste som que ellas fazem
Foge o sono estremeçendo.

Ver através do futuro,
Então se me representa
Não velegendo em tormenta
Sem achar porto Seguro.

Agora hum mástro lhe cahe
Dando em vão no mar cavado
Agora roto o costado
Por elle o mar entre, e sobe.

Athe que já de huma vez
Ao fundo abysmo baixou,
E nas ondas só ficou
O redomoênho, que fez.

A náó, que perder-se vi,
Sou eu, e do meu Naufragio
O fatidico presagio
He ver-me agora sem ti.

Frio susto se apodera
Do coração palpitante:
Pareçe que a cada instante
Novos dezastres espera.

Porem se Lazaro, e Jó
São teus Validos iguais
Então já não quero mais
Que eu para ti basto só.

Fugi fantasmas que o susto
He para as almas pequenas:
Não precisa de Mecenas
Quem tem o favor de Augusto.

Com isto dizer não quero
Que o Sabio Frei Constantino
De ajudar-me não he digno
Na grande mercé que espero.

Digo só que o vivo fogo
De tão Santa Caridade
Tem pouca necessidade
De que o asopre o meu Rogo.

Diogenes quando via
Estatuas publicamente
Sem nenhum péjo da gente
Logo esmola lhe pedia.

Dizendo com genio agudo
A quem mofa delle faz
Estas palavras que assaz
São dignas de homem cezudo.

De estatuas pouco differem
Alguns homens: Nisto intento
Costumar o sofrimento
Quando estatuas se fizerem.

Ainda mal que eu sei dizer
O quanto custa o pedir:
Hum foge por não me ouvir
Outro athe pot menão ver.

Tudo he huma froixa excuza
Vejoos em pedras tornado:
Eu serei por meus peccados
A cabeça da Meduza.

Tão baixo, e vil coração
Tem alguns ho Ceos que os vejo
Á custa do nosso pejo
Vender o favor, que dão.

Esperão que se lhe peça
Se for na Praça melhor:
Porque acharem do louvor

Documento 63

1781, junho, 16 – *Carta de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas a D. Frei Manuel do Cenáculo.*

BPE, Cod. CXXVII / 2-14, fl. 132.

Inédito

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Meu *Senhor*. As Honrarias, que *Vossa Excelência* me tem feito / caminhaõ comigo, e me recordaõ da *minha* obrigaçaõ [sic] - / em todos os Lugares, e a todos os instantes. Deste / principio resulta, que apenas aperto nesta terra / ao que *presente* satesfaço Eu a aquelle estímulo; eu / não deixo passar o *presente* correo, Sem que Vá To=/mar a bençaõ a *Vossa Excelência*. Já quando parti de / Sines fui Sabedor, de que *Vossa Excelência* Se Restetuiria feliz=/mente á Sua Capital, Sempre *Vossa Excelência* Conte / o mesmo de todas as Suas digressõens. Não estou / de animo de determe aqui mais que o tempo / que *precizamente* exigirem as *minhas* dependencias; / mas aonde quer que eu presista (?) Sabe *Vossa Excelência* / o que lhe pertence na *minha* Gratidaõ. / Eu tenho a honra de cumprimentar o meu / Amo o *Reverendíssimo Senhor Padre Manuel Definidor Geral*, / e de repetir a *minha* prosternaçaõ á *Sagrada* / Peçoa de *Vossa Excelência*, que *Deus* Guarde muitos annos. Setuval / 16 de Junho de 1781 /

De *Vossa Excelência* /

Fiel e Reverente *Venerador* (?) e humilde Criado

Sebastião Luiz Liz Velho e Mascarenhas [assinatura]

Documento 64

1783, janeiro, 30 – *Carta de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas a D. Frei Manuel do Cenáculo.*

BPE, cod. CXXVII/2-14, fl. 136.

Inédito

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Os Governadores desta Praça, por huma / devoção que se fez sucessiva e como obrigatoria, / costumavaõ sempre festejar a S. Sebastião / no seu proprio dia, com toda aquella solenidade / que permite o estado desta terra. Eu desejei / imitalos nesta piedosa obra, e fiz fazer os / avisos conducentes para que o meu desejo / tivesse hum perfeito socesso. Mas isto naõ / obstante, o Prior desta Matriz, antecipando / notabilissimamente a Missa Conventual / inutilizou os preparatorios formados para / a ditta Solenidade, privou dela a hum Santo / taõ particularmente invocado, e a mim, aos / meus Camaradas, e ao Povo dessa Consolação /

Os motivos de que o ditto Prior se servio *para* / Contestar esta irregularidade, vem a ser a mais / exacta prova dela, e da segunda tenção, com / que se resolveo a Celebrar o Sacrificio Sa=/crosanto. Eles parávaõ, em que estava de / semana, e devia expedirse *para* acodir a / administração dos Sacramentos para que / fosse chamado: Como se nelle se encerrassem / todos os sacerdotes que ha nesta Praça e essa / administração se naõ fizesse pelos Beneficia=/dos, ou por algum dos outros Sacerdotes quando / ele se acha embaraçado, ou ausente: ou como se / ele naõ pudesse delegar a acção de dizer a / Missa Conventual para lhe ficar Livre e / acodir a esta superveniencia Caso que ocorresse / na hora da Festa. Tais como isto foraõ os / pretextos de que o Prior se valeo, deixando nisso ver a todos e com geral escandalo que / a causa era munto outra. Com efeito, ele, / dias antes, se tinha retirado do uso da minha / Caza, sem disso deixar sentidos os que me / fazem a cortesia de frequentala; e achou / que o desatenderme publicamente devia / despicar o voluntario motivo que delas retirou. //

Naõ me custou pouco a conter os Soldados / compor, a disciplina na presença daquela dis=/cortesia. Mas ainda que dentro das minhas / paredes dissimulei a aquelle Ecclesiastico mun/tas coisas que nunca lhe faraõ gloria, naõ me / atrevo a ter esta tolerancia em hum aconte=/cimento publico, e em que a minha devoção, / e a de todo hum Povo foi taõ ultrajada como / a minha autoridade. A *Vossa Excelência* tenho obri/gaçaõ de representar a minha Sensibilidade -/ para esperar aquella satisfação de que julgar/merecedor o meu cargo sempre munto -/ mais digno dela quanto (?) peçaõ.

Ade *Vossa Excelência* / Sagrada e dignissima *Guarde Deus muitos anos*. Castelo / da
Praça de Sines. 30 de Janeiro de 1783 /

Seu mais attento Venerador e Criado /

Sebastião Luiz de Liz Velho e Mascarenhas [assinatura]

Documento 65

1783, agosto, 21 – *Final do libreto da ópera Teséo, da autoria de Gaetano Martinelli, levada à cena no palácio de Queluz a 21 de agosto de 1783, em comemoração do aniversário do príncipe do Brasil, D. José, com música de Jerónimo Francisco de Lima (1741-1822).*

Gaetano MARTINELLI (1783) – Teséu. Lisboa: imprensa régia. p. 31. Libreto da ópera.

[p.31]

Teseo

LICENZA

Minerva.

Lungi il timor. Difende il Ciel gli Eroi.
D'ogna'alma géneros
Le bell'opre, il valor, degne le imprese,
Quanto grate agli Dei, tanto più sono
Dell'ingiusta Fortuna invido oggetto;
Ma ad onta non cangian mai d'aspetto.
Teséo respira. Il Cielo
Propizio a'tuoi desiri
Guida, e regge il tuo cor. D'esempio, e norma
All'Augusto GIUSEPPE,
De'REGI LUSITANI inclito Germe,
Tu mai sempre farai. Fermo del Fato,
Oggi del suo Natal, liesta, e felice
È prescritta l'Aurora. Augusta l'Alma,
D'ogni virtu adorna,
D'ogni pregio farà. Palme, ed allori
Già l'Onore, e la Gloria
Gli preparano a gara. Ammiratore
L'Universo io prevedo
D'un Eroe sì preclaro; e mille ascolto
Già dell'Esperio Tago
Su la superba riva
A GIUSEPPE l'Invitto alari evviva. //

[p. 32]

Coro

Ah dal Ciel l'Eroe promesso
Apra i lumi ai raid el giorno;
E la Gloria a lui d'intorno
Vegli atenta al suo vagir.
Ed imiti adulto poi,
Cinto il crin di verdi allori,
Degli Augusti Genitori
Coraggioso il bell'ardir.

Il Fine

Documento 66

1788, setembro, 17 – *Carta de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas a D. Frei Manuel do Cenáculo.*

BPE, cod. CXXVII/2-14, fl. 133.

Inédito

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Depois que tive a honra de escrever / a *Vossa Excelência* de Setuval, dizendo que estava de / partida para Lisboa, e que eu mesmo / Seria o portador das Bocetas para / *Monsieur* de Chermont, e o Seu Ajudante, não / pude pessoalmente executar esta deli-/gencia por ter tido hu ataque da minha / molestia; mas Sem perda de tempo remeti / pelo meu criado as mencionadas en=/commendas de que *Vossa Excelência* ja estará Sien/te. Tambem ja Cumprido Com / as Ordens de *Vossa Excelência*; indo a Brancanes Vezi=/tar ao Guardiaõ e ao *Padre Frei Jose* do Cora=/caõ de Jesus; e a este expressei a recommen/daçaõ de *Vossa Excelência*; que elle muito prezou dizen=/do-me ao mesmo tempo que estava de partida / para a Beira, e que pella primeira occasiaõ / de Correo gratificaria a *Vossa Excelência* a lembrança / com que o honrava. O *Padre Guar=/diaõ* não se achava em casa mas o *Padre / Frei Jose* se incumbio de lho fazer presente / e com miçaõ de que eu vinha encarregado. /

Logo que cheguei a esta Corte expuz / tambem da parte de *Vossa Excelência* semelhantes /demonstraçõens a meu bom amigo Manoel / de Figueiredo e a meu Primo Jose Joa=/quim de Barros; ambos deraõ a *Vossa Excelência* / as provas mais significantes do Seu Reconhe=/cimento, e daquelle particular respeito que / lhes professaõ.

Em Belem aonde agora me acho / e em otra [*sic*] qualquer parte tem *Vossa Excelência* // *Vossa Excelência* em mim quem munto ex-/peccialmente esp^{te} (?) as Suas estimaveis (?) Ordens / e faz o maior gosto de executalas. /

Deus Guarde a Sagrada Pessoa de *Vossa Excelência* / muitos anos. Belem i7 de Setembro de 1788 /

De *Vossa Excelência* /

O mais attento Venerador e Criado /

Sebastião Luiz de Liz Velho e Mascarenhas. [assinatura]

Documento 67

1788, agosto, 17 – *Excerto do Diário de D. Fr. Manuel do Cenáculo onde descreve a sua primeira jornada estival a Sines, referindo a notícia da morte do príncipe e o culto a São Torpes.*

BPE, Cod. CXXIX/1-19

[fl. 81]

Jornada de Sines em 17 de Agosto de 1788.

Neste domingo de tarde sahi para Ervidel. Faço esta *jornada* por muito boas razois / e para descansar de bastante cançaso com que me acho, e trabalhar com repouso algumas / coisas emportantes da minha Igreja. Louvado [seja] Deos.

Chegámos a Sines em 3ª feira ao jantar, e vim assistir para o Castello. Celebro no Oratorio da Fortaleza: mas era necessario visitar o Santíssimo Sacramento, e portanto / Celebrei da Matriz no dia oitavo de Nossa Senhora da Assumpção em 6ª feira / 22 do corrente mes de Agosto.

No Sabbado 13 de Setembro começaraõ as vozes de ter falecido o Principe das bexigas: / com effeito no Domingo pelas nove horas me chegou proprio de Lixboa com carta dando / certa de haver falecido na quinta feira onze pelas quatro horas e tres quartos da / tarde. Louvado seja Deos.

Neste Domingo 14 fui celebrar à Igreja Matrix e acabada a Missa crimei o Governador / do Castello e seo sobrinho; e logo lancei a Absolvição Papal para que se havia / feito os Avisos oportunos, foi este hum dia dos dois que nomeei desde o principio / sendo o 2º dia de Pascoa.

Neste domingo de tarde crimei na Igreja Matriz a trezentas e vinte pessoas, / esmola quatro moedas e meia menos hum vintém./

Na segunda feira 15 conferi o Sacramento do Chrisma e confirmação a hum homem / e a huma mulher na Capella da Fortaleza depois da Missa./

Na 3ª feira 16 se foraõ (?) Frei Vicente Salgado e guardiaõ de S. Francisco / de Beja que tinhaõ chegado a visitarme no Castelo ao jantar. Tem vindo destas visinhansas / muitas pessoas a condoerse pela morte do Principe./

Nesta 3ª *feira* conferi na Matriz crisma a cinco meninas, a hum menino, / e a huma mulher, e Tonsura Menor (?) A hum Frade Minimo de Andaluzia / e Lavei o Viatico a huma mulher./

Nesta 3ª *feira* de tarde fui com os *companheiros* á Cruz e sepultura de S. / Torpes rezarlhe, e responsar (?) O Principe que Deos haja, e ahi com derramamento / de coração sollicitei os Primitivos Santos da nossa christandade ali [...] Nação em tantos apertos como são os em que / ella se acha.

[...] [fl. 81v] [...]

Neste *sabbado* de tarde fui orar ao *Senhorr* do Vencimento e *Senhora* das Salas na / Sua Igreja, e visitar e orar a S. Torpes e oscular a Reliquia na Matriz, / e fazer as despedidas pela villa./

No *Domíngo* de manhã partimos a vêr o escatalar, viemos a Cassem, e dahi / fomos jatar ao Convento do Loreto, e fomos dormir a S. Bartolomeo; / na *segunda feira* viemos jantar ao Roxo e dormir a Ervidel./

Na 3.ª *feira* viemos a casa pelas sete da manhã. Te Deum Laudamos!

Documento 68

1789, novembro, 4 – *Epitáfio e soneto dedicados à memória de João Xavier de Matos.*

Joaquim Antonio Alho MATOZO (1789) – *Epitaphio que se gravou na sepultura do memoravel Joaõ Xavier de Mattos (...).* s.l.: s.n. Biblioteca do MNA.

Inédito

EPITAPHIO

QUE SE GRAVOU NA SEPULTURA
DO MEMORAVEL

JOAÕ XAVIER DE MATTOS,

NA MATRIZ DE VILLA DE FRADES

AONDE SEU BOM AMIGO O BAXAREL

JOAQUIM ANTONIO ALHO MATOZO,

lhe fez á sua custa as ultimas honras de corpo
presente com a maior descencia no dia 4 de

Novembro de 1789.

AQui, debaixo desta campa fria,

Onde os raios do Sol não tem entrada,

Depositou da Morte, a mão gelada,

O segundo Camoens, que perseguia:

Aqui jáz Joaõ Xavier, que merecia

Ter mais que aquelle vida dilatada;

Porém tudo o que he bom não dura nada,

Sómente o mal em existir profia:

Foi-se das Muzas quem lhes dava gloria;

Mas fique, sobre a sua sepultura,

Este Epitaphio á futura Historia:

*DEBALDE A MORTE A EXTIÇÃO PROCURA:
DE JOAÕ XAVIER DE MATTOS A MEMORIA
HA DE DURAR ENQUANTO O MUNDO DURA.*

Documento 69

1794, maio, 26; junho, 4; agosto, 8 – *Excertos do Diário de D. Frei Manuel do Cenáculo relativos à Jornada de Sines de 1794.*

BPE, Cod. CXXIX 1-21.

Inédito

[fl.1]

N. 76

+

Na Segunda feira 26 de maio benzi no meu oratorio huma Pixide / e huma ambula viatoria para a Capella de S. Pedro de Pomares.

Na quarta feira quatro de Junho sahi para Sines a reparar-me costa / pelo bem que me faz o vapor salino que tomo junto às ondas e me vigora fibra / e nervos, e a trabalhar o que me for possivel nas composições que se achaõ feitas e / se devem polir, e particularmente na hesposição da carta de S. Juda Tadeu excessiva-/mente necessarias hoje *quanta* he a miséria a que se acha reduzido o mundo desaforado / contra a Religiaõ, e Nosso Senhor Jesus Cristo e bons costumes.

Chegamos a casa na 6ª feira oito de agosto desse anno de 1794.

[...]

Documento 70

1798, abril, 28 – *Carta do governador Sebastião António Quartim a D. Frei Manuel do Cenáculo.*

BPE, cod. CXVII / 2-14, doc. 97

Inédito

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Meu Senhor muito Respeitavel da minha Verdadeira ve/neração a minha molestia tem sido o motivo de eu ter faltado / aos meus deveres, mas agora *que* me acho melhor, vou seneficar [*sic*] a / *Vossa Excelência* muito *que* deveraz me emtereço *que Deus* Nosso Senhor lhe asista / com vigorosa saude e forças *para* tolerar o combate dos muitos emcomo/dos *que* permitem o seu alto Menisterio, o mesmo *Senhor* felicite a / *Vossa Excelência* *para* minha conçoção e das Suas Ovelhas, *que* verdadeiramente / ho amaõ./

Heide estimar muito *que Vossa Excelência* esteja mais sose/gado da áflição *que* aqui me diceraõ estava atacado com a tris/te, e desgraçada noticia, a respeito de Sua Santidade, *Deus* Nosso / *Senhor* permita por Sua Divida Mizaricordia secorrer a Sua / Santa Igreja, e por tudo em sosego *para* bem de todos. Taõbem / hade ter grande regozijo em *que* o *Senhor* Definidor Geral pace / bem, e com saudem *para* consolação de *Vossa Excelência* e delle./

Por este contenente naõ tenho novidade *que* possa partici/par-lhe, só *que* a Vila de S. Thiago de Cacem anda Revolta em recru/tas (?) *para* o *Rigimento* de Infantaria de Setubal porque dizem lhe falta du/zentos Homens, e em Lixboa contenuadas prizoens *para* as Embarca/çoens de Guerra, e *que* continuamente entraõ pela barra dentro Cor/sarios, Espanhoes, e Francezes, aprezados pelos Inglezes, *Deus* Sose/gue tudo, e de a *Vossa Excelência* contenuada Saude *para* me detremenar as su/as Respeitaveis Ordens, *para* eu izicutar como devo/

Deus Guarde a *Vossa Excelência* muitos annos. Sines 28 de Abril/ de 1798 /

Muito atento e afetuoso o brigadeiro Governador/

Sebastião Antonio quartim [assinatura]

Documento 71

1799, outubro, 20-21 – *Excerto do diário de José Cornide Saavedra, relativo à sua passagem por Sines.*

Juan Manuel ABASCAL; Rosario CEBRIÁN (2009) – *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801.* Madrid: Real Academia de la Historia. p. 574-575.

A la misma parte del poniente están los campos de Cacém, que son fértiles y tienen muchas viñas, olivares y fruta de espinos, de la cual sus naranjas son celebradas. En Santiago y en Melides hay fábricas de tapones de botellas y desde allí ya se ven muy pocos alcornoques.

También por el resto de su contorno tiene muy buenas tierras de pan y por el suroeste, por donde yo salí para Sines, continúan buen espacio, pasándose como a medio cuarto de legua de la villa un arroyo que va a la albufera y a [...] en este tiempo es de corto caudal; a cosa de una legua larga se atraviesa otro arroyito, a las márgenes del cual hay una ribera muy frondosa de viñas, olivos, encinas, robles y alcornoques, y luego sigue legua y media de charneca y arenal hasta media legua de Sines, que hay otro valle con algunos caseríos y tierras de labor.

Sines dista 3 leguas de Cacém y está sobre la costa y rodeada de arenales en que hay muy buenas viñas con algunas higueras y otros arbolillos. Sines consta de seis calles tiradas a cordel, como las de Grandola [Grândola] levante-oeste; tiene iglesia parroquial de la Orden de Santiago y, como a medio cuarto de legua del pueblo, sobre la mar un conventico de Observantes que suele servir de destierro a los frailes que tienen algunos delitos.

Sines está sobre un playazo y, poco más al poniente, tiene lo que llaman puerto, que no es otra cosa que una caleta apenas capaz de dos lanchas, cubierta de la mar por un murallón formado por un peñasco que le resguarda de todos vientos; estálo de enemigos por un fuerte que hay en la villa y que sólo es una casa fortificada con una batería de doce cañones para la mar, [y] por un reducto que está en una punta a la entrada y tiene dos cañones y el nombre de la Señora de las Alas por una ermida dedicada a la Virgen que cae allí cerca. En otra punta más adentro hay otro fuertecito llamado de Santa Catalina [Santa Catarina], que tiene cuatro cañones. Para guarnecer estos fuertes hay una compañía fija compuesta de 25 artilleros y 25 fusileros, su teniente y alférez y ayudante, pues de capitán hace el gobernador de el fuerte principal, que manda no sólo en los fuertes de este pueblo sino de los de la isla de Pessegueiro [Ilha do Pessegueiro] y el de Vilanova.

Sines es puerto de mucha pesca pero yo sólo he visto caballas y ninguna comodidad para un forastero; me detuve la noche de esta día y en la mañana del 21 salí a las 7 y media; siguiendo la costa, y como a una legua, atravesé un largo arenal llamado de la Junquera [Junqueira], por el cual baja de los montes vecinos dos arroyos, de los cuales el segundo es de mediano caudal; continuando luego por charneca y arenas, llegué a un lugarcito nuevo como de 12 a 14 casillas, llamado [pliego 17→] Portocovo [Porto Covo] por una caleta formada entre dos mogotes de tierra y terminada en una arenal al que baja un arroyo; este puertecito aunque malo, es frecuentado en verano, pues aquí concurre mucho carbón del que se consume en Lisboa, a donde es conducido por los barcos Casillas [Cacilhas] así como traído de lo interior del país por carretas del Campo de Orique e otras partes.

Un cuarto de legua más adelante hay un fuerte llamado de la Isla, no porque esté islado sino por caer enfrente de la isla de Pessegueiro [Ilha do Pessegueiro]; esta fortificación es un cuadrado com dos baluartillos a la parte de tierra y una batería baja a la de la mar, el todo defendido con su foso y camino cubierto; el objeto parece que es defender un fondeadero que hay entre tierra firme y la isla; ésta es muy pequeña e inculta y toda su costa de roca; el canal tendrá medio cuarto de legua y, a lo menos por la parte de tierra, no rompe la mar; en la parte más alta se empezó a fabricar un castillejo en forma de un cuadrilongo fortificado con cuatro baluartillos pero está medio arruinado y, a decir verdad, yo no sé para qué ni él ni el de tierra sirvan, pues la costa es brava y de peñas y el objeto nulo, pues sólo en medio de la charneca hay tal cual monte; por medio de aquélla, y dejando siempre a la derecha grandes médanos de arena, fui a comer a Vilanova de Milfonte [Vila Nova de Milfontes], distante dos léguas del fuerte; aquél miserable pueblo está situado a la margen derecha del río Mira, que un poco más abajo entra en la mar por una barra muy peligrosa; este río es navegable 5 leguas, esto es, una más de Odemira, y por él baja muchos trigos, corteza para curtir y aun carbón para Lisboa, vienen a buscar barcos de Casillas [Cacilhas], que dan fondo entr el pueblo y la barra en una playa segura. Dentro del río hay algunos barquillos y uno destinado para dar paso a los transeúntes y otros para la pesca cuando la barra lo permite y, cuando no, se ocupa la gente del país en hacerlo a la vara; yo el pescado que he visto fue murena y cazón; en el río hay barbos e salmonetes, mágiles, etc., safios, tahiñas, corvinas, porque tiene buenos comedeiros.

Mal le conviene a este pueblo el nombre de Milfontes pues yo en él sólo he visto pozo; es parroquia del Orden de Santiago y tendrá [vacat] vecinos. Aunque yo llegué aquí a la una, como me dojeron que al primer lugar, llamado Odeseijas [Odeceixe], había seis leguas, no creí poderlas hacer en la tarde y me detuve hasta la mañana.

En Vilanova hay también su fuerte, que es un cuadrado con un solo cañón montado y guarnecido por 6 hombres de la compañía de Sines; tiene foso, camino cubierto y puente levadizo, pero tudo en tan mal estado como la artillería.

Documento 72

1800, dezembro, 30 – *Carta de Jose Cornide a D. Frei Manuel do Cenáculo.*

BPE, CXXVII/2-3, Carta 2851.

Vi en la estimada de V.E. los descubrimientos hechos en Sines: aquel extremo de la costa de Portugal no hay duda que estuvo poblado de muy antiguo; el sepulchro descubierto lo prueba: ? y cuántos otros se hallarían si se removiesen esas dunas o meclanos? Pero este trabajo es casi imposible en una materia tan movable: contentémonos con lo que descubra el acaso y la cuidadosa diligencia de V.E., cuya descripción y dibujo me ponem en estado de conocer esa obra, que acaso habrá sido algún segrundario o sepulchro de una familia.

Los soldados tienen cuarteles en Lisboa y en todas las plazas del reino y, si alguno vive fuera, es com licencia de sus jefes; los que casi todos son casados son los de ciertos regimientos y compañías fijos como el de Lagos, Faro, Tavira, Sines, Sagres, etc.

Documento 73

1804 – *Requerimento de D. Rosa Gertrudes Escopezzy Quartim, solicitando em remuneração de serviços do seu tio, Sebastião António Quartim, governador da Praça de Sines, a administração de duas capelas instituídas em Runa e em Veiros.*

ANTT, Ministério do Reino, Expediente Geral, *Requerimentos*, 0268, doc. 00014.

Inédito

Pelas fés de officios e mais papeis que se aprezem-/taraõ consta que Sebastiaõ Antonio Quartim ser-/vio a Vossa Alteza Real depois de Despachado pelos / seos primeiros serviços n'esta Corte e nas campanhas / de guerra próxima passada nos Postos de Alferes / e Ajudante no Regimento de que era comman-/dante o Marquez das Minas, e no da Arttelharia / da Corte nos Postos de Tenente, Capitaõ, Sargento Mór / Governador da Praça de Sines, e Tenente Coronel / de Infantaria com o mesmo exercício por espaço / de quarenta e cinco anos, dois mezes, e quinze di-/as, contados de vinte de Abril de mil sete centos e / sincoenta e seis em que teve o primeiro despacho a-/the sinco de Fevereiro de mil oito centos e hum, dis / antecedente ao do seo Falecimento. Tendo servido / em todas as Companhias com distincto prestimo / e valor, e sendo Capitaõ de Arttelharia fez sinco / embarques com a sua Companhia aos Portos / da India Reino de Angola, America, em combo-/yo, ultimamente de esquadra, portando-se // sempre com muita actividade e Zelo do Real Servi-/ço dando inteira conta das muitas comissões de / que foi encarregado e sem nota alguma em seos / acentos como tudo consta das fés de Officios e mais / papeis que se aprezentaraõ. [...]

Documento 74

1808, junho, 29 – *Aviso à população acerca do desaparecimento de mobiliário e documentos do Castelo*

AMS, CMS, *Vereações*, Liv. 11 (1804-1828), fls. 56v-58.

Inédito

Termo de Vereação

Aos 30 de Junho de 1808 annos / nesta Villa de Sines nas cazas / da Camara della, sendo ahi o / Juis Prezidente da mesma / Francisco Onofre de Faria e o / Vereador mais Velho Gregorio / Machdo E vilhana e o segun-/do Francisco Joze Ferreira e o / treceiro [sic] Joaõ Hemriques Perei/ra Damaz e Joze Alexandre /de Campos, sendo todos jun/tos fizeraõ Vereação para / proverem o bém comum / deste Povo na forma do seu / regimentto, de que de tudo/ para constar mandaraõ fa/zer este termo de Vereação / que Eu Joaõ Guilherme Tro/catto [sic] dos Reis O Escrevo /

Nesta Acordaraõ e determina/raõ que se fizece [sic] ajuntar toda / a ordenança e Auxeleares / e que juntamente com a / Tropa deste Castello se quize/cem promptos a defender / este Reino do ataque do ini// [fl. 57] Inimigo, em defeza das Ar/mas Portuguezas [sic] e do Prin/cipe Regente Noso Senhor / e que foi obrigado este Povo / em observancia das reque-/zisoens das Camaras e Povos / vezinhos como se mostra / desde a f 54. /

Em Virtude de todo o decla/rado detreminaraõ que se / mandace pedir auxilio / a Esquadra Ingleza /

Nesta acordaraõ que se man/dace fazer publico a todos / os moradores desta Villa e Ter/mo que se alguma Peçoa / tivesse em seu poder algum / traste pertencente a esta / Fortaleza ou Comprado aos / Francezes ou dados os De/vem entregar para Serem / recolhidos e guardados no / seu Lugar distinado. /

Nesta detreminaraõ que Se / Inventariase tudo quanto / Se achou na Sahida do Go// [fl. 57v] Sahida do Governo Frances / nesta Fortaleza e que o Gover/no da mesma foce entre/gue ao Tenete Protogues [sic] Joze / Rapozo Guerreiro Ferreira / Lobo para de tudo dar conta / pello Inventario, Sendolhe abo/nados os recibos que mostrar / desta Villa e da de Santiago de / Casem para os quais detre/minaõ se de a Polvora, bala / e mais muniçoens que for ne-/sesaria para a defeza comum / pasando disto os Competentes / recibos /

Nesta detreminaraõ que se toma/se conta dos viveres que fica/raõ [...] na sahida / da Tropa Franceza e que / todos os Viveres ficacem em / depozitto e que o dinheiro / do Paõ cozido que se vendeu / foce aplicado para a despe/za que fês o Barco que / foi a Esquadra e emquanto / ao azeite que se achava detrimi/naraõ que se foce aplicado

pa/ra as Guarda[s] destas Fortalezas // [fl. 58] E por não haver mais que pro/ver ouveraõ
a ditta por fin/da e asignaraõ e Eu Joaõ / Guilherme Trocatto dos Reis / o escreveo /

Faria [assinatura]

Campos [assinatura]

Documento 75

1811, janeiro, 17 – *Carta de Maria Helena de Saldanha e Castro para D. Miguel Pereira Forjaz, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, sobre o seu marido que está preso no Castelo de Sines.*

AHM, 1ª Divisão, 14ª Secção, cx. 167 [PT/AHM/DIV/1/14/167/70]

Inédito

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor

As bondades constantes de *Vossa Excelencia* serão iternas [*sic*] na mi=*n*ha lembrança, e esta me dicta que vá deste modo / agradecer a *Vossa Excelencia* quanto lhe devo, e fazer os meus / cumprimentos a *Illustrissima e Excelentissima Senhora* Condeça; assim o cum=*pro* , e espero das virtude de *Vossa Excelencia* a continhação do /seu amparo.

He verdade que em Oitão me vi afflitissi=*ma* e no acto da minha paixão tão justa, recorri por / via do meu cunhado a *Vossa Excelencia*; e se me excedi em algũa / expressão, peço a *Vossa Excelencia* que me desculpe. Cheguei a Si=*nes* por meio de incomodos com muito prazer, por / tocar o sitio onde o restabelecimento do meu Homem, / que lentamente já i vai conseguindo; mas para que se / effectue este beneficio (como creio ser da mente de *Sua Alteza Real* / e da de *Vossa Excelencia*) eu encontro hũ inconveniente, que fisica / e moralmente nos obsta; he ser equivoca a ordem do / General dirigida ao Governador desta Praça, por que / pedindo eu a *Vossa Excelencia*, e devendo esperar que o meu Ho=*mem* fosse conservado na homenagem; que estava go=*zando*; pois que nem a tinha quebrado, nem abuzo=*do* della, nem tinha dado motivo algum para restrição / algũa; e se então *Sua Alteza Real* achou justo ampliar-lhe / a homenagem para o dstricto desta Praça e Villa e / Praia, .pareceu que lhe deve ser conservada, existindo // os mesmos motivos e mais fortes, por *que* a saude do meu / Homem está agora em muito maior perigo. Os motivos, que / se alegarão, forão 1.º não ter esta Fortaleza dentro do / seus muros mais do que hũ espaço livre de 15 ou 20 / paços [*sic*], em que se poça passear, e este assombrado pellas / muralhas, e percizar [*sic*] o meu Homem de hir dando ma=*iores* passeios á proporção que puder, e de hir beber as / as agoas. Que ha no fim desta piquena Villa, e muito mais / agora, que em consequencia do mau tratamento, que / teve no Limoeiro e na Torre, e da quina, que tomou / em dezordem, tem principio de obstrucção. 2.º não haver / Missa certa dentro dos muros, e ser percizo [*sic*] para ouvila, / e assistir aos officios divinos ir á Matriz ou a qualquer / Ermida da Villa. 3.º não poder uzar dos banhos (1) apezar de ser / tão proximo ao mar, quando for tempo delles: por estes / motivos justamente lhe foi ampliada a homenagem / como *Vossa Excelencia* saberá por força do Avizo, que remetto: por tan=*to* eu creio que tudo isto se imendará, dirigindo *Vossa Excelencia* / a este Governador, que he homem de capacidade hũ Avizo / declarando, que a homenagem actual do meu Homem, / se deve entender a mesma de que estava gozando antes / de ser removido para Lisboa, e fazer Mercê de o dirigir / por meu cunhado, para que eu mesma o entregue pois só assim se evitão demoras, e equivoações. O avizo // O Avizo do General termina nestas palavras = conser=*vando*-lhe a homenagem da Praça: he verdade que / se pode entender, e intrepetrar [*sic*] o dstricto do Governo della; / o Governador assim o entenderia; mas o meu Homem / não quer exceder.se em duvida e por isso

eu peço a / dicta declaração a *Vossa Excelência*. Como estas mudanças e jorna=/das me tem obrigado a despesas com que certamente não / podemos suprir só com o soldo; por isso padecemos o que *Deus* / sabe; e para minorar este mal, pedia a *Vossa Excelência* ser pago o meu / Homem, *quando* a Tropa de Sines por que alias falta portador / e crescem despesas, foi *Vossa Excelência* servido atender me pelo *que* / lhe rendo *muitos* agradecimentos mas infelizmente na / Thezouraria não me pagaraõ quando se pagou o Pret; e /aqui chegou o Portador sem dinheiro nosso, dizendo que / lá lhe diceraõ que, como o meu Homem era offeial, / talvez intenderião o Avizo *para* lhe pagarem quando aos / offeiciaes de Sines, e como estes andaõ atrasados dois / mezes, viriamos nós a ficar peor do que estávamos, / se na Thezouraria entrepetrarem [sic] assim o Avizo; o que / parece injusto, pois quando se fala de Tropa, enten/desse soldados tambem, e como a mente era favorecer=/me naõ se deve tomar aquelle sentido lezivo, e por isso rogo tambem a *Vossa Excelência*, que sendo necessario fa=/ça faça declarar ao Thezoureiro que o soldo do meu // Homem deve ser pago na ocaziaõ em que o Pret / *para* a Tropa de Sines no principio de todos os mezes [...]

Documento 76

1821, novembro, 22 – *Ofício de Francisco Eleutério de Correia Melo para Cândido Xavier Dias da Silva sobre o pedido de fornecimento de luzes, lenha e utensílios para o destacamento do Batalhão de Caçadores 2 que euxiliam a polícia dos distritos de Santiago do Cacém, Sines e Vila Nova de Milfontes contra contrabando e salteadores.*

AHM, 1ª Divisão, 17ª Secção, cx. 26, doc. 38.

Inédito

Sendo destinado para fazer a policia de contra-/bandos e Salteadores nos destrictos das trez Villas / S. Thiago de Cassem, Sines e Villa Nova de / milfontes, hum destacamento do Batalhão de / Cassadores N.º 2 e devendo na forma do Plano / que tive a honra de remetter ao Senhor General / da Provincia da Estremadura, collocarse parte / desta força em Sines, Ilha do Pessegueiro e Vil-/la Nova reppresentei ao mesmo Senhor Gene-/ral que era muito menos incommodo aos moradores das duas Villas e não menos commo-/do aos Soldados, o aquartelarem-se estes nos quar-/teis que tinham os Fortes onde havia todos os / utensilios necessarios para este fim, e com effeito / *Vossa Excelencia* em officio de trinta e hum de oitubro [sic] / me respondeo // respondeo que expedira as ordens necessarias / ao Governador para deixar aquartelar os / destacamentos nos differentes fortes, porem / o doto Governador me diz que para a entre-/ga dos utensilios (que na verdade ali existem / mas que pertencem á quinta Companhia / de veteranos e se estão arruinando no arma-/zem sem utilidade alguma da Nação) / era necessaria ordem ao Commandante da / Companhia da Secretaria d’Estado dos Nego-/cios da Guerra: e como por outro lado / não so são necessarios para o quartel esteiras / mantas e travesseiros, porem luz e lenha / e na Villa de Sines pagão os Cidadãos hum tributo // Chamado Imposição para os fornecimentos necessa/rios de obras do Castello, e dos quarteis; me pareceo / do meu dever pôr tudo o referido na prezença de / *Vossa Excelencia* para o elevar, parecendo-lhe bem Á / de Sua Magestade de se expedirem, / quando O Mesmo Senhor o Haja assim / por bem as precisas ordens não só para / a entrega de esteiras, mantas e travesseiros / do Deposito da Quinta Companhia de Ve-/teranos mas para se poderem fazer as des-/pezas de azeite, e lenha pela Imposição de que he Administradora a Camara / de Sines, ficando deste modo conciliado / o bom // o bom alojamento dos Soldados com / o commodo dos Cidadãos, que não cessão de reppresentar-me a vexaçam que actual-/mente soffrem no aquartelamento, não / pela conducta dos Soldados que he excellen-/te, mas por suas poucas possibilidade. / *Deus* Guarde a *Vossa Excelencia*. S. Thiago de Cassem / 22 de Novembro de 1821 /

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Candido /
Jose Xavier Dias da Silva

O Juiz de Fora
Francisco Eleutherio de Faria Mello [assinatura]

[despacho à margem esquerda da primeira página]

Ao Comandante do Batalham de vete/ranos *que* forneça os uten-/silios. /

Ao Brigadeiro Fava *que* / forneça as luzes e lenha /

Ao Juiz de Fora partici/pação _____ /

28 novembro

[abaixo, informação]

Passarão-se Por-/tarias ao Comandante do Batalham / de Veteranos da Provincia da /
Extremadura; ao Brigadeiro / Fava, e ao Juiz de Fora / da Villa de S. Thia-/go de Cassem,
em / 4 de 10.bro de 1821

Documento 77

1825, janeiro, 27 – *Correspondência entre Jacinto Salema da Mota Negrão, Governador Interino da Praça de Sines, para várias entidades, sobre pessoal.*

AHM, 1ª Divisão, 18ª Secção, cx. 025, doc. 05.

Inédito

Copia

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor = Achando=se esta Praça na / maior necessidade [sic] de Tropa para a Guarnição da / mesma e fortes adjacentes; he do meu dever repre=zentar a Vossa Excelencia para que o faça presente a Sua Ma/gestade, a fim de que se expeção as Ordens percizas [sic] / para se me dar hum Destacamento Composto de / dois Sargentos dois Cabos e Vinte Soldados de Ar/tilharia com mais hum Subalerno e trez Sar/gentos quatro Cabos e cincoenta e oito Soldados de Infantaria que fazem huma Guarnição modica pa=/ra o Portos que tem a Guarneçer e que se mostraõ / pello Mappa que encluzo remeto lembrando a / Vossa Excelencia que a Companhia de Veteranos que se acha / nesta Praça só tem hum Sobalerno dois Sargen/tos e Sete Soldados que possaõ fazer algum Serviso / fazendo-se igualmente indispençavels [sic] as provi/dencias de Camas e Lenha para os ditos destacados / dormirem e fazerem o seu Rancho = Deos Guarde / a Vossa Excelencia Quartel da Praça de Sines 20 de Janeiro / de 1825 = Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Visconde de Alhandra / Jacinto Sallema da Mota Negrão = Ajudante Governador / Interino.

Quartel General na Calçada de Santa / Anna 27 de Janeiro de 1825
Antonio Gabriel de Salles /
Official da Secretaria

Documento 78

1829, outubro, 30 – Memória Descritiva reflativa ao projeto de reparação das ruínas que existiam em diferentes pontos do Castelo, da autoria do segundo tenente do Real Corpo de Engenheiros, Domingos Zacarias da Silva e Santos.

AHM, 3ª Divisão, 9ª Secção, cx. 86, n.º 18.

[...] Portanto devendo susten= / tar-se as terras que formaõ o despenhadeiro das quaes depende a estabelidade do flanco da / bateria, projectou-se encher com terras hum vaõ de 54 braças cubicas comprehendido entre este / despenhadeiro, e outro, que lhes fica diametralmente opposto sendo perciso [sic], para sustentar / estas terras, fazer-se huma muralha a qual atravessando o vaõ apoia os seus extremos nos / despenhadeiros, estando por esta razão as dimenções das muralhas dependendo da extenção / do do [sic] vaõ. Deverá ter a muralha no seu cume 70 palmos de comprido, e no lugar da baze, / que fica no plano inferior do vaõ 10 palmos, sendo os outros pontos da baze situados so= / bre os despenhadeiros os quaes se aproximaõ hum do outro á medida, que se chegaõ pa= / ra o plano inferior do vaõ disto resulta ser a muralha terminada por huma super / fice a qual tem a figura de hum trapezio cujos lados paralelos o maior he de 70 pal= / mos, e o menor de 10 estando a inclinação dos outros lados dependendo dos diferentes pon / tos da baze da muralha que se forma sobre os despenhadeiros sendo a maior altu / ra d' esta muralha marcada d' esde o vaõ aonde tem os seus fundamentos ate ao seu / cume de 50 palmos cuja altura vai sucessivamente deminuindo em todos os pontos / da muralha a qual por esta razão deverá ter de grossura 4 palmos

Quantidade, e despesa dos materiais necessários

53,1	Moios de cal a	2\$100 reis o moio	111\$510
106,5	Ditos de area a	240 reis o moio	25\$560
356	Carradas de Pedra d' Alvenaria a	440 reis a carrada	156\$640
70,8	Cargas de Pedra de Calçada a	100 reis a carga	7\$080
2,9	Milheiros de tijolos a	8\$000 reis o milheiro	23\$200
50	Telhas a	10 reis cada huma	\$500
2	Tabuaões de casquinha de 2 pollegadas a trez fios a 960 r cada hum		4\$800
2	Duzias de ripas de pinho da terra a 480 r cada duzia		\$960
200	Pregos de Cetia grande a	140 reis o cento	\$280
350	Pregos de Cetia pequena a	120 reis o cento	\$420
		Somma.....	330\$950

Despeza Relativa aos Jornaes

56	Jornaes de Mestre da Obra paizano a 480 reis cada jornal	26\$880	
152	Jornaes de Pedreiro paizano a	480 reis cada jornal	72\$960
3,5	Jornaes de Calceteiro paizano a	480 reis cada jornal	1\$680
3	Jornaes de Carpinteiro paizano a	480 reis cada jornal	1\$440

456	Jornaes de Servente paizano a 240 reis cada jornal	109\$440
67,5	Jornaes de Carros para transportar as terras que devem encher o vaõ compreendico entre os despenhadeiros a 1\$600 r cada jornal ...	108\$000
	Somma	320\$400

Documento 79

1833, outubro, 19 – *Notícia do ataque do Corpo Franco organizado pelo Corregedor Provedor de Beja a um bando de rebeldes que se preparavam para atacar Sines.*

Chronica Constitucional de Lisboa (1833) – n.º 74, 19 de outubro de 1833.

Secretaria de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça

Policia Judiciaria

José Ignacio de Vasconcellos, Major do Corpo Franco, organizado pelo Corregedor Provedor de Beja, annuncia em data de 8 do corrente, que no dia anterior marchára com a força do seu Commando em direitura á Aldêa do Cercal, onde um bando de Rebeldes se organizava, e dispunha para ir atacar a Villa de Sines. Á esquerda dos montes proximos ao sitio de Chuqueiros logo a nossa guarda avançada se encontrou com o inimigo, que appareceu na força de cento e vinte homens. Houve fogo de parte a parte, e os Rebeldes, favorecidos pelas grandes montanhas que lhes serviam de apoio, pederam retirar-se sem serem torneados pelos nossos, deixando com tudo no campo cinco homens mortos, e tres cavallos. Por nossa parte não houve perda alguma.

Continuando a marcha, encontrou o Major Commandante, a distancia de meia légua da Aldêa do Cercal, um Corpo de mais de duzentos Rebeldes, que logo foram acometidos peça nossa gente. Os inimigos opposeram alguma resitencia, porém logo que viram aproximar-se a nossa força, só trataram de fugir na direcção de S. Luiz, sendo vivamente perseguidos até ás sete horas da noite. Neste segundo recontro perderam os Rebeldes dez homens, que ficaram mortos no campo, entrando neste numero o seu Commandante, Domingos Louzeiro, homem, em quem eles tinham a mais illimitada confiança. Constava no dia 8 que estas Forças Rebeldes andavam já dispersas, e cheias de terror, porque entre eles era constante que a Tropa Constitucional não dava quartel a forças irregulares.

Documento 80

1834, julho, 2 – *Ofício de Jorge de Avillez para José Lúcio Travassos Valdez, Ajudante General do Exército, sobre Praças da 5ª Companhia de Veteranos de Sines.*

AHM, 1ª Divisão, 19ª Secção, cx. n.º 001, doc. 075.

Inédito

Envio a *Vossa Excelencia* o incluzo officio do Coronel Commandante / do Corpo de Veteranos desta Provincia do meu Governo que ac-/companha uma Relação de vinte e duas praças pertencentes / a 5ª Companhia de Sines que lhe enviara o Commandan-/te da Companhia com o officio tambem incluzo, e cujas pra=/ças tendo sido avizados para recolherem a tempo a esta Cida-/de ou ao menos a Setubal se deixaraõ ficar em Sines onde / tem permanecido. Sobre cujo objecto rogo a *Vossa Excelencia* / me indique as ordens de Sua Magestade Imperial o / Duque de Bragança Commandante em Chefe do / Exercito para as por em execuçaõ.

Deos Guarde a Vossa Excelencia. Quartel General no Beco do Carrasco 2 de Julho / de 1834. /

Illustrissimo Excelentissimo Senhor Jose Lucio Travassos Valdez

Jorge d'Avillez [assinatura]

Documento 81

1836, setembro, 25 – *Auto de Juramento que o Governador Militar da Praça de Sines, e mais Officiaes do Estado-maior-e menor, e da Guarnição della – prestárão á Constituição Política da Monarchia – de 23 de Setembro de 1822, com as modificações que as Cortes Geraes da Nação Portuguesa houveram de decretar.*

AMH, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3346, fl. 1-1v.

Inédito

Aos vinte cinco dias do mez de Setembro de mil oito centos e trinta e seis no / Quartel do Governador da Praça de Sines onde / presentes se achavão o mesmo Governador Militar interino, o Major Jeronymo Martins Salgado, e assim mais o Tenente Ajudante da Praça / Jacinto Salema da Mota Negrão – o Alferes / Joze Lucio Pinto Gorjão (como Commandante interino da 5.^a Companhia de Veteranos da Extremadura / de guarnição nesta Praça) – o Alferes da mesma / Bernardino Gomes da Silveira – e eu Francisco / de Almeida e Silva 1.^o Sargento, e na qualidade / de Secretario. = Assim juntos – Leu o dito Governador o Officio do Excelentissimo Senhor Governador Militar / da Provincia, de 17 do Corrente – em que manda / dar cumprimento á Portaria, cuja copia vinha / a elle junta – do Ministerio da Guerra e em data / de 11 do corrente – em que Sua Magestade Manda que / as authoridades Militares, e mais empregados jurem – segundo a fórmula que veio na mesma / Portaria – E logo o ditto Governador apresentando / humas Horas nas mãos do Ajudante da Praça, / o pondo sobre ellas a sua mão direita jurou da / maneira seguinte, e segundo a formula = / “Juro guardar, a Cons// a Constituição Política da Monarchia, / de 23 de Setembro de 1822, com as modifi=cações que as Cortes Geraes da Nação Por=tugueza houverem de Decretar. = O que / feito, pegou o mesmo Governador nas ditas / Horas, e recebeu o juramento que presta=rão seguidamente o Ajudante da Praça – / o supradito Alferes – e o Almojarife desta / Praça: todos segundo a formula respectiva: / e acabado elle, na mesma Salla se derão / os vivas = a Sua Maestade a Rainha – á Cons=tituição Política da Monarchia de 23 de / Setembro de 1822 = que o dito Governador de=regiu, e com o maior entusiasmo forão re=petidos, e aplaudidos. Em fé do que se / fez este Auto que todos os supradittos assi=gnárão. E eu o fiz. Francisco de Almeida / 1.^o Sargento servindo de secretario /

Jeronymo Martins Salgado [assinatura] /

Major graduado de Engenheiros, e / Governador Militar interino da Praça de Sines /

Jacinto Sallema da Mota Negrão [assinatura] / Ajudante da Praça de Sines /

Jozé Lucio Pinto Gorjão [assinatura] / Alferes de Veteranos /

Bernardino Gomes da Silveira [assinatura] / Almojarife da Praça de Sines

Documento 82

1836, outubro, 31 – *Ofício do governador da Praça da Sines dando informação acerca do estado da Praça e seu equipamento militar.*

AMH, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3346, fl. 2-2v.

Inédito

[...] Passando a dar a devida execução á Ordem de *Vossa Senhoria* tenho / de levar á sua prezença a inclusa requisição em du= / plicado, e na forma das Reais Ordens – dos artigos que / julgo indispensaveis / para segurança desta Praça. /

Mas, *Illustríssimo Senhor*, esta Praça carese de tantas couzas, que hu=/mas sem as outras se podem tornar perjuducuaes [*sic*]. Como / guardar, e pôr na devida arrecadação esse armamento / (quando me seja mandado dar) se eu não tenho precisa / guarnição para defender esta Praça? quando todos os Arma/zens, alem de não terem a necessaria segurança, / estão expostos as chuvas por não haver aqui hum só telhado / que não esteja arruinado? debalde o tenho feito / ver e tenho pedido o necessario remedio / em varias representações, e muito particular=/mente na ultima (a este respeito) em 13 de Agosto findo. /

No entanto o que me moveu a pedira aquele ar=/// armamento, foi o perigo em que se achavão Vi=/la e Praça; por não haver nesta a suficiente / guarnição, nem aquele armamento necessario para / se armarem alguns Cidadãos para a defeza: foi / por contar eu com a boa oppinião que felizmente, / de mim formão estes povos, e sua Autoridades Civis; foi ultimamente por contar com a boa vontade / de alguns Cidadãos, de bons sentimentos, e de re=/conhecido Patriotismo, que voluntariamente me / coadjuvarião em cazo de precizão. Com estes dados / ainda hoje conto; pois que eu busco os meios de / conservar a amizade dos bons Portuguezes, e de fazer guerra de morte a todos os que não amarem / as nossas Instituições Politicas expressadas no Sagra=/do Codigo da Cosntituição de 23 de Setembro de 1822. /

Deos guarde a *Vossa Senhoria* Quartel na Praça de Sines em / 26 de Setembro de 1836.

Luiz de Moura Furtado [assinatura]

Documento 83

1836, setembro, 30 – *Ordem da Praça.*

AMH, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3346, fl. 3-3v.

Inédito

Governo Militar da Praça de Sines

Ordem da Praça

Quartel na Praça de Sines em 30 de Setembro de 1836.

A *Senhor* Capitão Bento Joze Duarte fará de hoje em diante / as funções de Commandante da força armada desta Praça / fazendo o detalhe para o serviço pelos dois corpos de / que actualmente se compõe [*sic*] a guarnição desta Praça. /

O serviço sera fundado: 1.º Guarda da Praça que / será composta de hum Sargento, ou Alvorado, e de / seis soldados: para se conservarem duas sentinelas / das effectivas: a primeira da parte de fora da por/ta que cumpra as ordens geraes, e estabelecidas na / Praça, e que vigie igualmente sobre os prezos que / se achão na Cadêa da Villa: a segunda rondante / interior que vigie sobre os prezos que se achão no Ca=/labouço desta Praça: vigiando que não entrem bebi=/das para os prezos – que se lhe não fornêção instrumentos, / ou couzas suspeitas, e com que possão arrombar a prizão. /

2.º – Haverá hum reforço de hum inferior, ou Cabo / e tres soldados –que sahirá as Avemarias – ajuntando=/se-lhe os tres soldados da guarda que formarem a / sentinella de fora, e se hira colocar na Caza da Cama=// Camara – conservando a senttinella á porta, e prêzos, / e do reforço tirará hum senttinella rondante aos / Cantos - que vigia quem entra na Villa e sendo / força inimiga se reunirá ao Corpo da Guarda da / Caza da Camara – grintando ás Armas. Este re=/forço se recolherá as outo horas da manhã ao / seu Quartel – e a parte da guarda se reunirá á / mesma guarda, continuando assim o serviço da / forma dita. /

3.º Os destacamentos continuarão a ser privativos / da Companhia de Veteranos – continuando da mê=//ma forma. /

4.º Os toques geraes serão as horas do costume. /

5.º no cazo de haver de noute alguma novidade / os Senhores Officiaes que ficão fora da Praça se / reunirão as Cazas da Camara. A sentinella interi=/or logo que ouça a de fora gritar as Armas fará / o mesmo, e o Commandante da guarda mandará to=/car a rebate para tudo na Praça pegar em armas. /

O mesmos e praticará durante o dia; a cujo signal / todas as praças se devem reunir na Fortaleza. / Sebastião [assinatura]

Documento 84

1836, outubro, 31 – *Ofício do governador da Praça da Sines dando informação acerca do quarto do ajudante da Praça.*

AMH, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3346, fl. 6v-7.

Inédito

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor = Acuzo a recepção do officio / de Vossa Excelência em data de 22 do corrente – com a copia da / representação, que a Vossa Excelência foi dirigida pelo Capitão / de Veteranos estacionado nesta Praça = na qual pede / o dito Capitão que Vossa Excelência decida a quem de direito com/pete occupar o pequeno Quartel que ha nesta Praça: / se os officiaes de Veteranos (que estão pagando ca=/zas) – ou se o Ajudante da Praça, que de facto o oc=/cupa? = E sobre esta materia manda Vossa Excelência, / que eu informe. /

Devolvendo a supradita copia da representação / tenho a honra de Communicar a Vossa Excelência, que sobre / este objecto já expedi a minha fraca oppinião na / informação que dei em 29 de Fevereiro deste anno / em cumprimento do Despacho de Vossa Excelência em 30 de Ja=/neiro sobre o requerimento do Ajudante desta Pra=/ça, Jacinto Salema da Motta Negrão. O que então / disse, he o mesmo que hoje posso dizer; porque ne=/nhuma circumstancia, nenhuma razão se me apre=/zenta que me obrigue a mudar de oppinião. /

A Caza, ou Quartel em questão tem pertencido / tanto aos Officiaes de Veteranos, como ao Ajudante / da Praça. O Quartel mostra ser– senão tão anti=/go como a Praça – construida ha mais de Cem annos. /

O Ajudante da Praça veio para ella Despachado em / 1810: tempo em que nella ainda não havião Vete=/ranos; e começou a morar naquele Quartel. //

Em 1814 – ou depois disso he que veio instalar aqui a Dita / Companhia de Veteranos (segundo me consta por soldados / ainda existentes desse tempo) e porque o Ajudante da Praça se / achava com licença fora della – aconteceu que o Official que / veio fazer os quartéis para os Veteranos lançou mão dos / Armazens da Praça para Quartéis dos soldados – e do Quartel / do Ajudante, para Quartel dos tres Officiaes da Companhia: / resultando desta monstruoza obra ficar – A Praça sem / Armazens capazes – o Ajudante sem quartel – e os officiaes / de Veteranos pessima, e indevidamente aquartelados, pois / que neste Quartel (segundo o pensar de quem assim o / o distribuiu) ficava o Capitão com hum so pequeno quarto: / e quando quizesse hir á cozinha – commum a todos os tres / officiaes – devia passar por hum tambem pequeno, e / unico quarto do Tenente:

em quanto que o Alferes, / devia ficar em hum pequeno quarto terreo com aspe=cto de rediculo calabouço./

Mal podem aqueles quartos servir decentemente / para habitação de hum so Official, quanto mais para / tres! porem tornando ao assumpto desta informa/ção = parece que mais direito tem o Ajudante / da Praça a morar naquele Quartel do que os Officiaes / da Companhia de Veteranos: por isso que tem a posse / della ha mais tempo, e muito mais porque mos=tra ter feito nella despezas em concertos, e obras / á sua conta. He por estas razões que *Vossa Excelência* / em Despacho de 10 de Março de 1836 = mandou en=/tregar aquele Quartel ao dito *Ajudante*, logo que / este voltasse limpo da acuzação que se lhe fiz/éra = O que assim se executou. /

He quanto posso informar a *Vossa Excelência* a tal repeito; / porem *Vossa Excelência* mandará o que for servido /

Deos *guarde Vossa Excelência* em 31 de Outubro de 836 /

Para o General da Provincia

Documento 85

1836, novembro, 2, Sines – *Informação acerca da situação e necessidades da Praça de Sines.*

AHM, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3346, fl. 8-8v.

Inédito

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor = Acabo de receber huma confidencial pela / repartição do Governo Militar da Corte e Provincia da Extremadura, / em consequencia da portaria – tambem confidencial – que pelo Ministe/rio a cargo de Vossa Excelência lhe fora dirigido em 24 do mez findo. O objecto / della he de tal transcendencia, e tão extraordinario que não admi=/rará nem merecerá castigo, que eu saia dos caminhos marcados / dirigindo immediatamente a Vossa Excelencia as minhas suplicas, e húmil=/des reflexões, para que mais prontamente dê o remedio, / quando ellas tenham a ventura de merecerem a alta concide=/ração de Vossa Excelência. /

Vossa Excelência não ignora que a enceeda que vae da ponta / de Percebeira athe ao Sardão offerece alguns pontos de fa=/cil desembarque, em hum arco de mais de 15 legoas. /

Sendo muito mais para merecerem concideração o serem / apoiados pelas serras – de S. Luiz – de S. Bartolomeu – / e outras – por onde desgraçadamente girão os nossos inimigos: / sendo de não menos concideração o poder a embarçaõ / (que tal tentesse) ter escapado á vigilancia do cruzeiro no / Algarvem que, apenas se metesse na enceeda, delle não pode ser vista. /

Parece pois que esta Praça (unica sentinela que / melhor pode fazer essas funções) deverá estar mais em cir=/constancias de poder por si mesma impor algum respeito. /

A sua posição geografica he bem vantajosa n’aquele / ponto de vista; porem de que lhe serve a vantagem, que / a natureza lhe deu, se a Arte a não coadjuvar? Esta / Praça apenas disso tem o nome. Tem Peças – mas não / tem Artilheiros para as manobrar. = E de que servirão as / Peças se o Navio que tentasse fazer o dezembarque se / dirigisse a hum dos portos fóra do alcance da Artilharia? /

Estas conciderações, Excelentíssimo Senhor, me levão a rogar / a Vossa Excelência se sirva dar-me os meios que as circunstancias / permitirem. Eu julgo de absoluta necessidade / que esta Praça tenha alguns Artilheiros – julgo tam=/bem que seria de grande importancia se no porto desta / Villa houvesse huma boa lancha (pelo menos) que / podesse levar vinte homens armados para hir reco=/nhecer os Navios que se aproximassem á Costa ou / para com facilidade transportar a força aonde com=/veniente fosse na mesma Costa. /

O desejo que tenho de bem empregar-me no / serviço da Cauza Liberal – pelo qual tenho // tenho sofrido – me obriga a levar estas considerações / a *Vossa Excelência*, esperando que *Vossa Excelência* desculpará este excesso / do meu zelo. /

Deos *guarde* a *Vossa Excelência* – em 2 de Novembro de 1836. /

Para Sua Excelência o Conde de Lumiar

Documento 86

1837, março, 22 – *Excerto de um artigo publicado no jornal O Ecco, acerca do envio para Sines de tropas para dar lura à guerrilha do Remechido.*

O ECCO, Jornal Critico, Litterario, e Politico (1837) – n.º 172, 22 de março de 1837

O Remechido forçou o *altivo* Congresso de S. Bento a fallar exclusivamente delle em muitas Sessões; deo ao Governo a occasião desejada de apresentar o seu projecto da suspensão das garantias que foi logo julgado urgente, discutido, votado á carga, e publicado como lei;

É verdade que no dia 11 partio d'aqui um Vapor para Sines com 30 e tantos soldados e 4 generaes mas que vai lá fazer este novo exercito, e tanto cabo de guerra depois de estar ali tudo concluído, só em virtude cheiro que deo pelo nariz

Documento 87

1837, junho, 30 – *Informação do governador militar da Praça de Sines para o general comandante da 1.ª Divisão Militar, acerca de uma possível tentativa de linchamento do homem que havia apedrejado D. Miguel.*

AHM, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3347, fl. 32.

Inédito

[...]

Neste instante me veio communicar o Administrador deste / Concelho, que sabe = que alguns soldados do Nº 1 perguntáraõ / quem hera hum sujeito da terra que havia atirado / huma pedrada a D. Miguel quando aqui veio embarcar; / porque lhe queriaõ cortar a cabeça = Estas palavras / corrêraõ, e diz-se que o digitado de o haver feito se escondêra, ou que se auzentára da terra. Esta espece he / inteiramente nova: logo a discutirei no Concelho: e do que houver darei parte a *Vossa Excelência* que não descanço de dia nem de noute / para acautelar – da maneira que me for possível – não se desenvolva alguma desordem. /

Deos *guarde Vossa Excelência* em 30 de Junho de 1837. /

Para o General Comandante da 1.ª Divizaõ Militar

Documento 88

1837, agosto, 31 – *Informação do governador militar da Praça de Sines acerca do estado da mesma.*

AHM, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3347, fl. 51-51v.

Inédito

1837 - / N.º 99 /

Illustríssimo, e Excelentíssimo Senhor = Quando a Nação se arma para re=pelir, e expulsar do seu seio ingratos filhos, não deva o go=vernador de huma praça – que se jacta de fiel, e honrado – deixar / de se pôr em huma actitude guerreira para bem poder susten=tar o deposito que lhe foi confiado. /

Mas Excelentíssimo Senhor – precisas são tantas couzas, que dificulto=zo he muneralas – e mais deficultozo (senaõ impossível) / a pol-as em execução – e muito mais no estado presente das / nossas finanças. /

Como pedir objectos para defeza desta Praça – se tal nome / lhe cabe? Os objectos precizos para defeza de huma Praça / devem tem huma certa relação com a grandeza da mesma Pra=ça – com as suas obras de fortificações actuaes, e accessorias. / A posição desta Praça, he excelente; mas a Praça não (?) / Creio que nunca se teve em vista que esta / Praça servisse para outra couza senaõ para defender o porto; / pois que – fóra deste serviço (que muito mal pode dezem=penhar) para nenhum outro serve, visto que não tem / em sí appoio, por falta de flancos./

A Praça de Sines, não he mais do que – hum rectan=gulo amuralhado – metido no meio de huma villa / aberta por todos os lados – e quazi unida a huma Igreja, / da qual pairesse ser Cemiterio – sem que desta mesma l=greja tirar possa partido para lhe flanquear a entrada, / visto que forma com a sua frente hum angulo de mais de / cento e cincoenta grãos./

As muralhas não prometem longa duração: a porta da Praça – os quartéis – e os armazéns – tudo se acha / arruinado; Como por vezes o tenho representado a *Vossa Excelência* / (em meus officios do 1.º de Dezembro de 1834 – de 3 de / Agosto de 1835 – e de 13 de Agosto de 1836 –) sem / que athe hoje se tenha curado de remediar taõ grandes / malles. Para cúmulo de desgraça – athe o payol – / (unica pessa que se acha em soffrivel estado) he / situado sobre o alto da muralha – bazeado sobre / hum antigo batiaõ – exposto a ser arruinado (do mar / ou da terra) ao primeiro tiro de canhaõ. //

[fl. 51v.]

Estas verdades, *Excelentíssimo Senhor*, - verdades porque eu / me responsabilizo – me obrigaõ a representar a *Vossa Excelência* / que, em minha consciência, eu nada devo pedir, que / se pôr esta Praça em estado de guerra; porque tudo / quanto pedisse (segundo o meu pouco entender) seria em /perjuizo [*sic*] da cauza que defendemos: 1.º porque não ha / segurança nos armazéns. 2.º porque o mau estado dos / mesmos armazéns se oppõe a boa e necessaria conservação dos géneros que nelles depositados fossem. 3.º; porque não podendo / ter esta Praça, senaõ huma muito precaria, e limitada / despeza, os objectos nella contidos se podem tomar em pro=/veito dos inimigos. /

Estas mesmas verdades me levaõ a pedir a *Vossa Excelência* a graça / de me permitir que eu possa – como soldado ou da / maneira que *Vossa Excelência* julgar mais conveniente – hir servir / em outro qualquer logar. Eu cuido posso com huma es=/pingarda; e prefiro mil vezes antes cobater em campo / aberto contra triplicadas forças – do que expor-me aqui / a ser ludibriado por meis dúzia de guerrilhas; porque / mais vale morrer com gloria do que viver sem honra. /

Deos *guarde* a *Vossa Excelência* (?) em 31 de Agosto de 1837. /

Para o *Excelentíssimo Senhor* General Comandante da 1ª *Divisam Militar*

Documento 89

1837, novembro, 11 – *Informação do governador militar da Praça de Sines acerca dos ataques dos guerrilheiros em Porto Covo e nas imediações da vila.*

AHM, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3347, fl. 61-61v.

Inédito

– N.º 129 – / Parte semanal / de 4 a 11 de / Novembro. /

Illustríssimo, e Excelentíssimo Senhor = Tendo a honra de participar a *Vossa Excelência*, / que nesta semana nada ocorreu nesta villa, e seus su=/burbios que podesse alterar a tranquilidade publica. /

O Rachado com força de dés salteadores acometeu o Porto / Covo no dia 4 do corrente: ahi roubou o estanque de tabaco, e // [fl. 61v.] e esturquio mais alguns dinheiros de particulares. Nesse / mesmo dia roubou duas eguas em diversos montes. / No dia 5 se achava a duas léguas desta villa, entre / ella, e a de S. Thiago no sitio chamado a Ortiga. A pessoa / daqui que com o Rachado (e outros) estivera, diz, que *quando* / elle fora perguntado = aonde he que hum Inglez (aqui re/zidente) tem a sua egoa – e se Gervazio Ferreira Rego – Adminis/trador do Tabaco, se achava nesta villa: perguntou mais = *que* / força havia nesta Praça. = /

Bem estimo que houvesse este encontro: d'elle se tirou / nesta villa huma grande vantagem – fazendo que os Povos / della que mostrávoa bastante indiferença [*sic*] a tudo (possuindo / alias optimos sentimentos) corressem immediatamente as / armas á vox do Administrador deste Concelho, e *para muintas* deligendias. /

No dia 7 houve hum alarme nesta villa. Avistaraõ-se / alguns cavaleiros no Alto dos Chaõs. Mandeí huma patru/lha a fazer o reconhecimento, e com ella marcharão varios / cidadãos armados, huns a pé – a cavallo outros – distinguindo-/se entre os primeiros o Administrador do Concelho. Tendo cpr/rido os valles vezinhos nada encontráráõ: supõe-se que os / cavaleiros seriaõ o acompanhamento de hum Novvado (?). /

Desde aquele dia nada mais se tem ditto do Rachado / mandou-se todavia, pelas terras verzinhas, que elle já contava / mais de 15 companheiros bem armados, e bem montados. /

Naõ consta que tenhaõ pouzo certo: em hum mesmo dia / apparesem em differentes partes mui distantes: o que faz / com que se lhe naõ possa armar hum laço. /

Deos Guarde Senhor General – em 11 de Novembro de 1837. /

Para o Excelentíssimo Senhor General Comandante da 1ª Divisam Militar.

Documento 90

1838, janeiro, 8 – *Informação do governador militar da Praça de Sines acerca dos ataques dos guerrilheiros em Porto Covo e nas imediações da vila.*

AHM, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3347, fl. 77-77v.

Inédito

[...] sou a informar / a *Vossa Excelência*, que: O Porto Covo do Bandeira fica a mais / de duas legoas desta Praça – he huma pequena aldeola / formada em hum quadrado: huma das faces he ocupa/da por hum palacete do Visconde do Porto Covo. /

Consta-me que o Rachado com mais 10 dos seus / entrára em Porto Covo no dia 4 de Novembro: ahi roubou / o estanque do tabaco – ahi pediu algumas moedas a hum / sogeito que vende carvão. Dizem-me que o todo de per/dido e roubado não passará de dés moedas. O que não / admira por ser a aldeola muito pobre, e muito pequena / – a sua riqueza he carvão. Do palacete não me consta / que roubassem nada – e talvez mesmo pouco ou nada ti/vessem que roubar – á exceplão da mobília. /

O Rachado entrou pelas 8 horas da manhã – sem resistêcia / porque pessoa alguma havia que estivesse em estado de (?) / pelas 10 horas já elle e os seus se havião retirado. /

Nesse dia roubou duas eguas em diversos montes; porem / eguas de mui pequena valia. /

No dia 5 não me consta que roubasse nada: foi visto / no sitio da Ortiga a huma legoa de S. Thiago – e a mais / de duas d'aqui – aonde fizera variasperguntas relativas a / pessoas desta villa – o Administrador do Tabaco Jervazio Ferreira / Rego – e Samuel Pidwel, inglez, socio, e administrador de / hum grande armazém de cortiça. /

Esta mesma noticia tive a hinra de levar ao conhe=/cimento de *Vossa Excelência* na posta semanal – em *offício* N.º 129 – datado / em 11 de Novembro ultimo.

Documento 91

1838, maio, 16 – *Informação acerca de uma embarcação suspeita.*

AHM, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3347, fl. 95-95v.

Inédito

- N.º 98 - / Parte das me=/didias que tomei / pale desconfiança / que tive de / huma escuna / que se aproxi=/mou da costa

Illustríssimo Senhor = Hoje, perto do meio dia vi passar próximo a terra huma / escuna: no primeiro golpe de vista me pareceu a escuna de guerra / Esperançam que cruza neste máres. /

Naõ deixou de me cauzar espectação que o seu commandante – ho=/mem experiente, e accautelado se metesse para o reconcavo da / bahia, quando o vento que soprava hera do Sud-Oeste – o mar em / agitação – e o tempo ammeassador. /

Perto da huma hora – lançando os olhos a dita escuna, a vi proxi-/ma da Ilha do Pecegueiro; e, affirmando-me nella reconheci / que naõ hera a Esperança. /

Lembrado das methemorfozes que os corsarios, e contrabandistas / costumaõ fazer em seus navios, para melhor enganarem os inex=/pertos – julguei que muito bem poderia ser o Eduardo – foi reco=/mendado em tres differentes ordens de *Sua Excelência*, como portador de ar=/mamento que se destina para os rebeldes. Mui bem podia /tambem ser que o Brigue Sardo, sabendo da vigilância que / sobre elle há – passasse os objectos da sua carga para huma / escuna – que nenhuma desconfiança deveria cauzar. /

Estas mal alinhavadas ideias me fizeraõ tomar o expedi=/ente de mandar guarnecer o indefezo, mas muito interes=/sante porto do Porto Covo; e para isso – porque a força / que tenho nesta Praça, he muito deminuta para as preci=/zoes que a mesma Praça tem – expedi hum officio (como da / incluza copia N.º 1) ao Comandante da Força de Caçadores N.º 2 – em S. Thi=/ago do Cacem, pedindo-lhe = que na conformidade da Ordem de *Sua Excelência* / de 27 de Abril findo, se sirva mandar huma força para Porto Covo / dando-lhe as razões da minha desconfiança – e prevenindo-o dos / perigos que poderia ter, para sea cautela. = /

A este tempo vinha a dita escuna no bordo do Norte; porem pouco / depois tornou a embicar-se para o Pessegueiro. Entaõ reflectindo / eu, que – por muita pressa que se dessem – o expresso em chegar / a S. Thiago de Cacem – o Comandante em expedir a força – e a força em / chegar a Porto Covo – so das onze para a meia noute se acharia / deffendido o Porto Covo; sendo certo que em dés horas de tempo muito se / pode

desembarcar – julguei dever mandar – imediatamente – o des=tacamento que nesta Praça se acha do N.º 10 de Infantaria. O que / se fez com a maior promptidão, zelo, e interesse pelo bem do / serviço – não so da parte do Alferes Comandante J. P. de Castro, mas / tambem de todos os praças do mesmo Destacamento – tornando-se / por tudo bem dignos de elogio //

[fl. 95v.]

A expedição [sic] não se demorou, senão, o pouco tempo que gas=/tei em fazer o officio (copia N.º 2) ao dito Alferes, no qual lhe / dou as instrucções do que em Porto Covo fazer deve = fortificar=/se no quadrado que forma a pequena aldea, para não ser / sueprehendido – tirar informações se houve algum dezembar-/que no Pecegueiro, ou suas imediações – observar que caminho / leva a escuna – segui-la para Villa Nova de Mil-fontes, no cazo / que ella dobre a Ponta do mesmo nome; e que quando a Porto / Côvo chegue a força de Caçadores N-º 2 se recolha (elle Alferes com o seu Destacamento para esta Praça – deixando a aquele Commandante estas instruxões. /

Marchou a expedição ficando eu apenas com sete / artilheiros capazes, e com huma dúzia de veteranos, que / por sua idade – moléstias – e deboxes – para nada prestaõ – / salvo muito poucas, mas honrosas excepções. /

A expedição ainda não teria caminhado mais de / meia legua – sendo tres as que tinha de andar – quando / eu vo que a escuna – tendo o vento rondado ao Nor-Oeste – / seguia costa costa o caminho de Villa Nova de Mil-fontes. /

O mar não dava lugar a que fora sahissem barcas – essas pequenas barcas que aqui há!.. mas de que me servi=/riaõ as barcas se forças não tinha para mandar. Villa / Nova de Milfontes desarmada de antemão pelos rebeldes, / e com hum bom porto offerecia optimo dezembarque do armamento. /

Tomei hum expediente – *Vossa Senhoria* julgará se foi acertado. / Mandei hum expresso a cavallo com o officio (copia N.º 3) para / o comandante da muito brioza, e valente Guarda Nacional do Cer/cal, pedindo-lhe = de mandar – de vinte a trinta dos / seus bravos tomar pozição no Forte de Villa Nova de Mil/fontes, para obstar o sezembarque do armamento para / os rebeldes, ou fazer a apprehensaõ delle: dando-lhe as / razões do meu pedido, fundadas na desconfiança daquela / escuna = Partui daqui o expresso ás 5% horas da tarde. / Conto que chegará ao Cercal das 9 – para as 10 horas da noute. / O que mais se seguir participarei a *Vossa Senhoria* – no entanto lhe pesso se sirva levar o expendido ao conhecimento / de *Sua Excelência* – de cuja benignidade espero alcançar desculpa / de algum excesso – podendo assegurar a *Vossa Senhoria* – e mesmo a *Sua Excelência* / que os meus desejos são de acertar; e que se nisto algum / erro cometi – não he de vontade; mas sim pelo acanhado / do meu entendimento = Deos Guarde *Vossa Excelência* – em 16 de Maio de 1838 /

Para o Chefe do Estado Maior

Documento 92

1839, janeiro, 5 – *Obras solicitadas.*

AHM, Fundo Geral, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Cópia dos Offícios Participações e Ordens Começado em 25 de Setembro de 1836 e Findo em 8 de Novembro de 1838*, liv. 3347, fls. 8v-9.

1.º Um Portal de cantaria para a Porta dos Armazens inte/riores.

2.º Uma Porta nova para o Armazem que fica por baixo da / Salla dos Concelhos – e abrir para elle uma fresta da parte / do Sud’Oeste para lhe fazer entrar o sol, e mais ar.
/

3.º Tapar um portal que dá communicação da Loja (que / fica por baixo da cozinha) para os Armazens interiores: / por quanto – o que nelles se acha está a cargo do Almoxa/rife, e não deve haver outra comminuação para elles, / que não seja da confiança do responsavel – nem eu so=/bre mim dezejo tomar essa responsabilidade./

4.º Abrir uma fresta para dar Luz, e ar a esta dita Loja.

5.º Fazer os arranjos, e acomodações para os géneros nos / diferentes Depozitos, e suas Divizoes.

6.º Reparar as ruinas que se achaõ nas muralhas – em varios logares – que ammeassaõ a sua total destruição. /

Documento 93

1839, março, 12 – *Notícia do ataque do Destacamento n.º 17, da Praça de Sines, a um bando de guerrilheiros comandados pelo Rachado, que teve funestos resultados.*

O ECCO, Jornal Critico, Litterario, e Politico (1839) – n.º 353, 12 de Março de 1839

Mais uma desgraça acaba de ter logar no Concelho da Villa de Sines, desgraça digna de ser lamentada tanto pela sua origem, como pelo seu rezultado. Em a noite de vinte dous do corrente perto das onze horas, uma quadrilha de Salteadores commandados pelo guerrilha Rachado, vieram ao Monte do Coelho termo de Sines; e ali pernoitaram comendo e descançando até poderem seguir seu destino, que se dizia ser o de irem atacar a Aldea de Melides na noute seguinte. Um rapaz do dito Monte de Coelho foi a Sines dar avizo de que a quadrilha estava ali, e então parte do Destacamento de n.º 17 sem esperar pelo seu Alferes Commandante, e guiado por um Capitão de Cavallaria adido á Praça daquela Villa foram ao sitio onde os malvados descançavam e sem maior acordo, podendo surprehende-los, sem desgraça alguma, mandou tocar a corneta a avançar, e chegando á porta do Monte fez dar uma descarga serrada de que rezultou ficar gravemente ferida a mulher do Lavrador, morta uma filha, e com as pernas quebradas um filho, somente queimado sem que lhe ficasse mais do que as paredes, sendo o resultado que podendo ser prezos ou mortos, todos os guerrilhas, elles fugiram com a simples perda de um morto e um prisioneiro, ficando o desgraçado Lavrador privado de seus bens e familia!! Será crível que o Governo não tome este caso na consideração que elle merece? Tal acontecimento clama ao Ceo vingança e justiça contra o aggressor. S. Thiago de Cacem 4 de Fevereiro de 1839.

Documento 94

1839, agosto, 10 – *Ordem do governador militar para o acompanhamento da festa de Nossa Senhora das Salas.*

AHM, Fundos Gerais, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Registo dos Offícios e Participações para Autoridades Superiores e Ordens aos Subordinados*, Lv. 3347, fl. 36 e 26v. [PT/AHM/5/G13/899]

Inédito

N.º 158 - / Para o Alferes / Barbosa man-/dar guarda / para / as / Sallas.

Illustríssimo Senhor = Sirva-se *Vosssa* I^ª passar as precisas ordens para / que o Sargento do Destacamento do seu Commando – com / quinze soldados do mesmo – marche ámanhã as 8 / horas da manhã para a Senhora das Sallas, estabe-/lecendo lá a sua caza de guarda em uma das cazas dos / Romeiros que os Festeiros lhe destinarem. Neste / ponto conservará uma sentinella ás Armas; e, / durante o dia mandará sahir uma patrulha, de / tres Baionetas, rondante em torno da Igreja. Se / os Festeiros lhe pedirem alguma outra sentinella / ella lhe será ministrada. A tarde aquela guar-/da acompanhará a Procissão que hade sahir da mês=/ma Igreja. A noute – á hora do Fogo, a guarda / toda assistirá a esse espectáculo, deitando um / Cordão de sentinellas para fazer conservar o Povo / na distancia que os Festeiros lhe indicarem. //

Esta guarda no todo, e a Patrulha em particu=/lar, são para fazer manter a Ordem, Não poderaõ / prender nenhum individuo paizano, senaõ, em / flagrante delicto, e á Ordem do *Senhor* Administrador / do Concelho; devendo executar as mais deligencias / que lhes incumbir o mesmo *Senhor* Administrador / do Concelho – O *Senhor* Jose de Campos e Oliveira; ou / o seu Escrivão o *Senhor* Jose Leocinio Augusto d’Ornellas – / ou o Cabo da Policia o *Senhor* Joaõ Fermينو. /

Vossa Senhoria se servira rondar aquela guarda amiudo / a feira de que os seus soldados, animados com a / sua presença, continuem a da rprovas de que / são taõ valentes com os inimigos, como pruden/tes no meio de um povo pacifico. /

Pouco depois de haver findado o Fogo a Guarda / se recolherá a esta Praça – cujo Postigo so se / fechará uma hora depois de acabado o Fogo. /

Deos *Guarde Vossa Senhoria* em 14 de Agosto de 1839. /

.....F. P. Barboza [assinatura]

Documento 95

1841 – *Relato dos acontecimentos ocorridos em Sines e Santiago do Cacém.*

Charles NAPIER (1841) – *Guerra da Successão em Portugal.* Lisboa: Typographia Commercial. Tomo II. Tradução de Manuel Joaquim Pedro Codina.

[p. 5] [...] Durante a inactividade do inimigo diante de Lisboa, e as Festas em consequencia da chegada da Rainha, não estávamos ociosos em outros pontos. O Capitão Peak tinha-se apoderado de Santiago, pequena Villa para // [p. 6] o interior de Sines. Porem os guerrilhas tendo-se reunido em grande numero, aquelle foi obrigado a retirar-se sobre esta ultima Praça, que estava bem fortificada como o podia permitir a natureza do terreno. Eu tinha felizmente á minha disposição hum corpo consideravel de Marinhagem Portugueza e Ingleza, e dois Vapores, o que me habilitava a poder ir socorrer qualquer Ponto da Costa que se achasse em perigo, sem esperar pelos demorados arranjos dos Ministros. O Capitão foi reforçado com noventa marinheiros e soldados de Marinha Ingleza ás ordens do Capitão Birt, da Náo D. João, e huns duzentos Portuguezes, reunidos em Peniche e Commandados pelo Coronel Almada. Occupou-se outra vez Santiago, e todo o paiz ficou limpo até hum distancia consideravel; feito isto o Capitão Peak dêo á vela para Lagos, que se achava outra vêz em perigo, e embarcou a marinhagem Ingleza no Vapor Jorge 4.^o para o mesmos destino.

Apenas a Fragata se tinha affastado da Costa, que as guerrilhas avançarão outra vêz em grande força sobre Santiago, que fômos obrigados a abandonar pela segunda vêz. A marinhagem Ingleza, tendo desembarcado do Jorge 4.^o, reunio-se aos Portuguezes partio de Sines durante a noite, e fazendo hum grande dorêo, cahio sobre eles ao romper do dia, derrotou completamente todo aquelle bando que deixou cento e cincoenta homens sobre o campo de batalha. Este exemplo poz // [p. 7] termo aos seus roubos por algum tempo, e a Marinhagem Ingleza dirigio-se a Lagos. (...)

[p. 67] Só Deos sabe o que esteve a fazer o General Lemos depois da Acção d'Alcacer do Sal; elle não tinha mais do que apparecer, e teria sido recebido com os braços abertos pelos habitantes, a maior parte dos quaes erão Miguelistas assanhados. Não tendo noticias algumas d'elle em Setubal, conclui que marcharia sobre Sinnes e purprehenderia a guarnição d'aquella villa, para onde parti, e não a achando defensável, retirei a guarnição, (que consistia de dozentos homens de Marinhagem) e os principaes habitantes, e os conduzi a Setubal. [...]

[p. 278] Não tenho a menor dúvida de que a sua conducta, (dos dois Ministros) fosse guiada por motivos de humanidade; tinha corrido o boato, e julgo que era verdadeiro, de que muitos dos Officiaes da Rainha tinham devlarado, que, se se lhes offerecesse occasião, farião morrer tanto Miguel como Carlos, e os Ministros Inglez, Francez, e Suéco ins-// [p. 279] tárão com Freire para que passasse as ordens mais positivas para evitar huma acção tão vergonhosa, a cujo passo elle se negou como desnecessario; elle devia acquiescer aos seus desejos, e tomar toda as precauções para evitar aquella cathastrofe, entendendo-se bem expressamente, que o destino de Carlos e de // [p. 280] Miguel seria deixado á plena direcção do Governo da Rainha.

Não se fêz assim; e em logar de D. Miguel sêr recebido a bordo de hum Navio de Guerra Portuguez estacionado em Sinnes para esse effeito, mandou-se lá huma Fragata Ingleza para n'ella embarcar, o que foi executado com alguma dificuldade e perigo pelos // [p. 281] Capitães Lockyer, e Macdougall, no meio das apupadas da populaçã que mostrava huma forte disposição para dar cabo d'elle.

Esta Fragata foi mandada com consentimento dos Ministros Portuguezes, mas sem se me fazer communicação alguma; e se em frente de Sinnes existisse huma Fragata Portugueza, em logar d'huma Corveta, e o Of-//[p. 282]ficial Commandante fizesse o seu dever, não tendo ordens para consentir que Miguel embarcasse n'hum Vaso de Guerra Inglez, teria havido alguma coisa muito desagradavel entre os dois Navios.

O Capitão Lockyer, depois de receber Miguel a seu bordo; dêo á véla para a Bahia de Cascaes, acompanhado pela Nimrod;//[p.283] então fêz o Almirante Parker todos os arranjos necessaros para o transportar para Genova, logar que elle tinha escolhido para sua futura residência; e de donde, no dia 20 de Junho, publicou hum Manifesto annullando a submissão que tinha feito em Evora!

Documento 96

1841, janeiro, 20 – *Pedido de materiais para a caiação dos aquartelamentos do Castelo.*

AHM, Fundos Gerais, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Registo dos Offícios e Participações para Autoridades Superiores e Ordens aos Subordinados*, Lv. 3347, fl. s.n. [PT/AHM/5/G13/899]

Inédito

[...]

Illunstríssimo Excelentíssimo Senhor = O estado emdecete em que se achão ao quartel/teis da tropa nesta praça, que julgo á annos não teem sido / caiados; e sendo esta limpeza de huma nessecidade, alem / de ser hum beneficio para a conservaçoã das paredes, e para a / conservaçoã da saude dos soldados que nelles [h]abitaõ, e / boa apparencia do quartel, a acudirse=lhe com nova caiaçoã / pesso a *Vossa Excelência* a bondade de manda, que na direçoã competente / se de pronta execuçoã a inclusa requizicaõ, que tenho a honra / de enviar a prezença de *Vossa Excelência*, ficando *Vossa Excelência* na serteza / que este trabalho, eu me emcarrego de mandar fazer / por faxinas sem que por isto se possa fazer mais / dispesas para a fazenda, serto da aprovaçoã de *Vossa Excelência* / Do Governador da Praça Sines 20 de Janeiro 1941 – *Illustríssimo Excelentíssimo Senhor . J. / T. da Silva e Costa = Inspetor Geral dos Quartéis e Obras Militares*)

[...] Requisição de para caiação dos quartéis dos soldados nesta Praça / a seguinte di arsenal das obras melirares /

Cal Branca Alqueires 20 //

Oca Arrotes 6

Broxas Grandes..... Seis 6

Ditas pequenas Quatro 5

Quartel na Praça de Sines 20 de Janeiro de 1941.

Documento 97

1841, agosto, 14 – *Ordem para as comemorações do aniversário da rainha D. Maria II e festa de Nossa Senhora das Salas*

AHM, Fundos Gerais, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Registo dos Ofícios e Participações para Autoridades Superiores e Ordens aos Subordinados*, Lv. 3347, fl. s.n. [PT/AHM/5/G13/899]

Inédito

Governo Militar da Praça de Sines, 14 de Agosto 1841. Ordem da Praça /
1º = Amanhã – 15 do corrente = Aniversario [sic] do Nome / de Sua Magestade A Rainha, o Castello e mais Fortalezas / dependentes, serão embandeiradas ao meio dia // e haverá huma salva de artilharia de 21 tiros, o destacamento de artilharia se achará formado as 10 ½ para marchar / para o Forte das Salas, aonde terá lugar a dita salva = 2º / O destacamento de Infantaria 12 com a força que se achar despo-nível, marcham a dita hora para a Capella da Senhora / das Sallas, para acompanhar a porcução [sic] , e recolherá / a Praça finda ella, toda a força / no melhor aseio possível, e o rancho será distribuí-do antes da hora de marcha = 3º huma patrulha / de 4 soldados a hum cabo sahira hoje pelas 7 hora da / tarde para rondar o destricto das Salas evitando de-sordens e auxiliando [sic] a Policia Civil logo que lhe / seja requezitado, o comandante da patrulha terá todo / o cuidado para que ninguem seja maltratado, de que / sera responsável. Recolherá as 5 horas da manhã / do dia 15. 4º = O Senhor Official de Ronda à guarnição fará / frequentes visitas no destricto de Patrulha.

Documento 98

1842, janeiro, 29 – *Requisição de materiais para as obras dos quartéis da Praça de Sines.*

AHM, Fundos Gerais, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Registo dos Offícios e Participações para Autoridades Superiores e Ordens aos Subordinados*, Lv. 3347, fl. s.n. [PT/AHM/5/G13/899]

Inédito

Illustríssimo Excelentíssimo Senhor – Tenho a honra de levar as mãos de Vossa Excelência / a requisição incluza em duplicado, para que Vossa Excelência tenha a bondade / de lhe mandar dar a direção competente; cujos artigos se me fa-/zem munto percizo para o serviço dos Quartéis, e praça. /
Pesso a Vossa Excelência que os artigos, cal, e olio, me seja [sic] / fornecidos com a brevidade possível para o aseio dos mesmos / Quartéis, porque, como disse a Vossa Excelência, no meu Offício nº 7. de / 20 de Janeiro próximo passado, que muntos annos antes, nunca tinhaõ / sido caiados, de sorte que a caiação que se lhe deo pouco / limpos os deixou, e estaõ nas mesmas circunstancias de / pronta reparação, neste artigo. = Deos Guarde a Vossa Excelência Sines / 29 de Janeiro de 1842 – Illustríssimo Excelentíssimo Senhor – J. F. da Silva Costa /

Cópia da Requisição

..... - Praça de Sines

Percizase para os Quartéis, e serviços da praça, os segui-/ntes artigos de Aeçenal das Obras Militares. /

Barras de Madeira completas	Duas – 2
Padiollas com abas.....	Quatro – 4
Carrinhos de mão	Dois – 2
Massos de páo	Dois – 2
Vassoras de palma	Doze – 12
Pás de ferro	Seis – 6
Ditas de páo para lixo	Quatro – 4
Barriz de gale para agua	Quatro – 4
Lanternas de 4 vidros grandes	Quatro – 4
Pucaros de folha de flandes para agua	Seis – 6
Armeiro para 100 Espingardas	Hum – 1
Caldeiras para rancho de 8 praças de folha de flandres	Quatro – 4
Cal branca para cair os Quartéis	Vinte alqueires – 20 alqueires
Broxas grandes	Quatro – 4
Ditas piquenas	Duas – 2
Olio de Linhaça	Huma Arroba – 1 @

Praça de Sines 29 de Janeiro de 1842 –

Documento 99

1842, junho, 8 – *Informação acerca das salvas que se costumavam dar por ocasião da Festa de 15 de agosto.*

AHM, Fundos Gerais, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Registo dos Offícios e Participações para Autoridades Superiores e Ordens aos Subordinados*, Lv. 3347, fl. s.n. [PT/AHM/5/G13/899]

Inédito

Nº 57

Illustríssimo Excelentíssimo Senhor – Pello Decreto de 18 de Abril ultimo, que designa / as salvas anuais, se tirou huma, dada no dia 15 de Agos-/to; hera esta dedicada ao dia do Nome de *Sua Magestade A Rainha* / e prehenxia ao mesmo tempo nesta villa a recordação / de hum seu filho – o Grande Vasco da Gama – fazçe [sic] nesse / dia nos arraáis, e na capella de *Nossa Senhora* das Sallas, huã / das maiores festividades, e é esse dia santificado por / toda esta gente (Edificio levantado por aquelle grande / homem Portuguez) a nova tabela os deixa abas-/tante magoados por perderem aquella Salva, e / julgão que por isto se riscará a memoria daquele Portugues / seu compatriota que tanta honra lhes dá, a vista / pois, *Excelentíssimo Senhor* do N.º 3 da mesma tabela, rogava a *Vossa Excelência* / a bondade de o fazer sienta a *Sua Excelência* o *Senhor General Comandante* / da *Divisam* que a vista do exposto se dignase [sic] ordenar a com-/tinuaçãõ desta Salva. Não só por se dedicar a mimoria / do Grande Vasco da Gama, pois por ser dia do Nome de / *Sua Magestade A Rainha*, e com isso facaraõ satisfeitos os desejos destes gratos [h]abitantes. Deos Guarde a *Vossa Excelência* – Sines 8 de Julho de 1842

Documento 100

1842, agosto, 3 – *Proposta para a plantação de amoreiras nos terrenos do Castelo.*

AHM, Fundos Gerais, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines, *Registo dos Offícios e Participações para Autoridades Superiores e Ordens aos Subordinados*, Lv. 3347, fl. s.n. [PT/AHM/5/G13/899]

Inédito

[...] sobre as Amoreiras; *que* nesta Villa [h]á hum grande / número d'ellas, as cujas teem pegado munto bem de estaca, / e como no recinto desta praça [h]á huma já bastante / grende, eu aproveitarei todos os remaneçentes della, / e os farei dispor nos lugares mais apropriados dos / terrenos da praça que caibaõ no possível, sem o menor / prejuízo das muralhas, e sendo-me entãõ desnesseçaria [*sic*] a semente, que Sua Excelência me diz que requezite.

Documento 101

1850 – Francisco Luiz Lopes constada que nada em Sines lembra a memória de Vasco da Gama, o maior homem aqui nascido, pelo que se propõe comprova-lo num livro, enquanto não for possível erguer um monumento do Navegador.

Francisco Luiz Lopes (1850) – Breve Notícia de Sines; Pátria de Vasco da Gama. Lisboa: Typographia do Panorama.

PREFACIO.

Este folheto, cuja insufficiencia a todos os respeitos, ninguem conhece melhor do que eu, não é um ensaio historico ou statistico – é uma simples noticia – é o *vult et non vult piger*.

Com mais meios materiaes e intellectuaes, os meus collegas poderão fazer, e bem, em todo o Reino, o que eu neste canto esbocei, e mal.

Isto é um incentivo.

O meu primeiro e unico fim foi mostrar que Vasco da Gama era natural de Sines.

A 2.^a parte foi feita para servir de contrapeso á pequenez da 1.^a

De que ambas porem se resentem, sei eu melhor do que o leitor..., cuja indulgencia não captarei com lisongearias.

Sines, 31 de Dezembro de 1849.

[...] [p. 13]

Quando em dia de S. Barlholomeu, vai para dous annos, eu dirigi pela primeira vez meu melancolico passeio pela praia amiga de Sines, associárão-se-me na mente umas poucas de idéas baralhadas... tive um sonho vigil. Pareceu-me ver sair do centro do nosso malfadado Paiz uma exhalação densa e mefítica de escravidão, que me abafava e me suffocava – pareceu-me sentir um cheiro de sangue, que me arripiava d’horror; voltei-me instinctivamente para o mar, bebi nelle uma aspiração consoladora, mergulhei nelle meu pensamento doloroso, equitei por elle como um Euro equóreo d’Horacio! «Numquid ingressus es profunda maris, et in novissimis abyssi deambulasti?» De repente este *ægri somnium* foi-me varrido por uma refrega de vento e uma vaga sonora banhou-me os pés de sua espuma fremente. Antolhou-se-me então ver no traço unduloso, que o mar alongava pelas areias da praia, uma seria de = m m m. = Pareceu-me que o velho Oceano vinha, por despeito, ou ira, escrever aqui um repto, e repetir a

sua inicial na patria do maior navegante, no dia do nome d'outro tambem famoso, o grande Bartholomeu Dias! Era um cartel escripto pelas vagas a dous dos seus celebres domadores!!!

Sines é pois uma terra historica! disse eu entre mim. Esta praia, aonde se estampou a ultima pegada d'um miseravel tyranno, esta rocha que o repulsou, virão nascer em eras idas um homem indelevel a todo o esquecimento na memoria dos homens, nobilificador da sua patria, glorificador da sua nação, bemfeitor da humanidade! Sines é pois o berço de Vasco da Gama, do heroe do Homero portuguez! O cantado tem mais privilegio que o cantor... // [p. 14]

Onde é a patria de Camões? Qual é? – Varias terras disputão essa primazia a Lisboa, que a usurpou toda para si. N'um grande numero de edições dos *Lusiadas* ella imprime por sua conta e risco: «Camões nasceu em Lisboa. Mas se isso é assim, o que quer o poeta dizer no soneto, em que escreve:

Criou-me Portugal na verde e cara

Pátria minha Alemquer...

Quererá a capital lusitana parodiar Ravena com o Dante de Florença? Mas Ravena deu a Alighieri perseguido um asylo na vida, e um tumulo na morte; e Lisboa o que deu a Camões? Um lençol na morte e um *memorandum* letreiro posthumo n'um largo, e n'uma loja de bebidas!!!

Deixemos porem esta questão aos d'Alemquer, e tornemos ao nosso proposito.

Quaes são as provas que ha da naturalidade do descobridor das Indias? Que sabe Sines a este respeito? Que padrão grande ou pequeno levantou ella ou o Governo á sua memoria? Foi para responder á primeira destas interrogações, que então me fiz, que eu comecei por ler o livro acima citado. O auctor era um homem douto, tinha lido muito, era militar, consagrava o seu trabalho a uma celebridade de Sines, devia por força fallar de Vasco da Gama, que era a maior. Mas de facto, não encontrei uma palavra sobre o grande maritimo. «Á Villa de Sines ficou illustrada (diz elle) por ser sphaera de dous brilhantes astros da Igreja Catholica, dando a um o seu oriente e a outro o seu occaso.» Estes dous astros são Santa Celerina e S. Torpes. E nem o nome do maior navegante portuguez n'uma obra encomiastica de Sines, feita por um homem lido, que cita quasi todos os nossos escriptores, e historiado-/ [p. 15] res latinos, francezes e hespanhoes. Isto encheu-me de espanto, e ainda não atino com a rasão de tal silencio. A unica, a mais plausivel, a que se offerece immediatamente ao nosso espirito, é não ser Vasco da Gama de Sines.

Eis aqui porem o resultado das poucas investigações, que pude fazer a tal respeito n'uma terra falta de livros e de documentos, e d'outras que me fizeram o obsequio de communicar alguns amigos, de quem mais adiante farei honrosa menção.

[...] [p. 23]

Á vista do que deixo transcripto, creio que ficará para todos fora de duvida que o grande argonauta Vasco da Gama é de Sines, e não de Sagres ou de S. Francisco (Concelho de S. Thiago), como gratuitamente pertendem algumas pessoas, mal informadas, dessas Villas, e não sei se alguns escriptores d'obscura nota.

Com frente ao sul, no caminho que leva á Ermida da Senhora das Sallas, e defronte da barroca acima mencionada como horta de D. Vasco, existem umas casas de pobre apparencia, que os habitantes deste porto tradicionalmente conhecem pelo Palacio de Vasco da Gama. Parte dellas é um pardieiro, já meio sotterrado pela parte posterior, mas ainda pelo ambito, que occu-/[p. 24]pão, e outras circunstancias de data recente, que muito por desnecessarias, se vê claramente sem esforço systematico d'antiquario, que alli houve uma casa nobre, que devia ter sido um prédio rico e saliente, sobresaindo entre os pobres e terreos, de que a Villa ainda hoje quasi exclusivamente se compõe, e que então devião ser muito mais numerosos.

Era alli mesmo junto do mar, contiguo ao seu predilecto elemento, vasto como a sua idéa, aspero como o seu character, era ao ruido das vagas que vinhão quebrar-se os abas do seu mirante que o grande Jason Portuguez devia estender sua vista de nauta pelo rumo da India, que se lhe devolvia em páramos d'agua defronte das janellas – era d'alli que n'um scisma nebuloso elle devassava d'olho as praias d'Asia no seu alteroso galeão; era alli que as lufadas do sul lhe devião agourar em sibilos as tormentas do penhasco africano; era alli que o nosso grande navegante devia viver de mar, de gloria, de vento e d'ondas, para ir morrer ao longe de fadiga, para nunca talvez ser lembrado em Portugal se não fosse a penna daquelle «que foi mais afamado que ditoso !...»

E a Sines que importa ter por coterraneo um dos maiores homens dos fastos maritimos, cantado pelo maior vate das Hespanhas? – Ella ouviu dizer que a Ermida da Senhora das Sallas foi edificada por *elle*, que quando por aqui passava em suas derrotas a *saudava* com uma salva festiva – repete isto apathicamente, faz a festa á Senhora das Sallas com uma indiferença!!!!!!...

Pois a devoção tem quarenta ou cincoenta moedas para o vão apparatus d'uma festa d'arraial, e o amor patrio, a recordação das cousas grandes não terá igual quantia para a erecção d'uma agulha, d'um modesto monumento, que diga a estranhos e naturaes «que esta rocha é a terra natal do homem, cujo nome será sabido / [p. 25] dos mais remotos seculos em ambos os hemispherios? Pois nós Portuguezes d'hoje tão degenerados estamos, que até já perdemos a ufanía das nossas glorias passadas! Quando o velho moribundo, e já para nada, ainda testa com orgulho recordações á sua juventude – nós nem isso!!!

Não fallâmos ao Governo Portuguez, porque não fallâmos a surdos... – fallâmos ao coração rude, mas nobre desses homens do mar, cinzeiro ainda fumegante do avito fogo nacional – dizemos a todos os habitantes generosos de Sines, que nos ouvirão, «que é ignominioso para elles o que para grandes nações seria de infinita gloria, que é ignominioso para elles saber-se no mundo que veio aqui á luz o descobridor das Indias, e que nesse solo, em que elle nasceu, não ha o minimo padrão, que o memóre, quando

nos paizes cultos não ha poeta secundario, nem artista subalterno, a quem seus patricios não tenham elevado um pobre ou rico monumento. A grandesa está na sublimidade da idéa, não no primor do artefacto! Que a Camara Municipal da Villa, por uma subscrição espontanea, pague promptamente essa divida atrasada, solva della todo o nosso povo, erguendo uma pedra commemorativa, que date ao menos o *grande feito*, o nascimento e a morte do *seu* celebre nauta.» E o dia da inauguração dessa pedra será um dia de gloria para Sines e para todos os Portuguezes magnanimos, que ainda tenham lagrimas sinceras para chorarem o que somos, e nobre entusiasmo para se gloriarem do que fomos!

Documento 102

1865, março – *Relatório da inspeção feita às fortalezas da Baleeira, N. Sr.^a das Salas, Sines e Pessegueiro, onde se refere um documento de 1424 com o pedido do Procurador do Povo, Francisco Neto Chainho Pão Alvo, para que se edificasse o Castelo de Sines.*

Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar.

Inédito

Inspeção feita aos pontos Fortificados do Forte da Baleeira, Bateria de N. S.^adas / Sallas, Praça de Sines e Forte do Pecegueiro. /

Em / Março de 1865 //

Relatorio /

Da Inspeção feita aos pontos Fortificados do Forte da Baleeira ao / Sul do Cabo Espichel: Bateria de N. S.^a das Sallas, ao Poente / de Sines; Praça de Sines, e Forte do Pessegueiro na costa de Sines, pro-/ximo a Porto côvo, para o lado de Vila-nova de mil fontes. /

Forte da Baleeira./

Este Forte acha-se edificado a mais de meia encosta na alcantilada serra / do Cabo d'Espichel, tem apenas uma pequena bateria que mostra ter tido o ter-/rapleno de lajedo, mas que está, quazi absolutamente destruído; o seu para-/peito á barba teria 4,5 palmos d'altura, e 3 ditos d'espessura, teve um quartel, / que poderia accomodar 30 a 40 praças, e um pequeno paiol, e hermidia que se / acham desmoronados bem como o quartel – Tem apenas uma porta para o ser-/viço exterior do lado do Norte, tornando-se n'actualidade quazi impraticavel / o serviço até á gente de pé, para aquelle Forte. /

Ignora-se a data da construcção d'este pequeno Forte, mas é de suppôr que se-/ria do tempo de muitos outros, que foram construidos para evitarem os insultos, / que os Sarracenos praticavam nas nossas Costas maritimas. /

Este Forte é de nenhuma importancia por estar construído no aspero declive / de uma innaccessivel rocha, que entra pelo Oceanno com um recife de rocha, que / prohibe a aproximação de qualquer navio, e mesmo por que não liga a sua / deffeza com outro algum ponto Fortificado, pois na costa que segue para o Sul / so tem a mais de 2 legoas de distancia na enseada de Cezimbra o chamado Forte das Barandas, que tambem está quazi demolido, e occupado hoje (segundo dizem) / por particulares./

Em vista pois das razões expendidas e da inspecção da pequena planta N.^o1, que / acompanha este Relatorio para mais illucidas a oppiniaõ da Commissaõ, é esta / de parecer que este Forte seja abandonado, por que o não julga d'importancia p.^a/ a deffeza do Paiz. //

Bateria da Snr^a das Sallas./

Esta Bateria de acanhadissima perferia [sic] está construida sobre uma pe-/quena saliencia d'alcantilada rocha ao Poente da Praça de Sines, tem o ter-/rapleno de lajedo com seu parapeito de 2,5 palmos d'espessura e 4 ditos d'al-/tura; esta bateria poderia conter apenas 2 bocas de fogo de grosso calibre, –/tem uma pequenissima casa que servio de paiol, e um quartel que pode accomodar oito praças. /

Esta Bateria foi segundo consta construida pelo anno de 1424 quan-/do o foi a chamada Praça de Sines, e o motivo da sua construcção foi o mes-/mo que induzio a construir pelas nossas costas maritimas, um grande nu-/mero d'estes pequenos pontos Fortificados, para evitar os continuos insultos que / os Sarracenos faziam em suas excurções nas diversas partes da Costa em / Portugal./

Esta Bateria é de nenhuma importancia pela sua acanhada perferia, / e mesmo por serem os seus fogos muito mergulhantes para o Oceano. /

A Commissão atenta as razões que deixa expendidas como se pode ver / pela inspecção da Planta e Perfil N.º2, que accompanha este Relatorio, é / d'oppinião que este ponto Fortificado seja abandonado, evitando-se d'esta for-/ma despeza continuada com Fortificações que para nada servem, a uma / meditada e bem delineada deffeza do Paiz. /

Praça de Sines.

A chamada Praça de Sines acha-se edificada na aspera costa / que parte da Comporta por Melides, até ao Algarve. /

Esta Praça não é mais do que um irregular paralelogramo fechado / por quatro altas muralhas com suas ameias, e um pancopé no grosso das / mesmas muralhas, para o transito dos defensores; tem um quartel para o Go-/vernador, e outro para a guarnição que poderia accomodar 30 a 40 praças; augmentaram-lhe para o lado do mar uma acanhada bateria, que mesmo se-/ria difficultoso, e arriscado assestar [sic] ali peças de grosso calibre pelo acanha-//do do seu terraplano, e por lhe ficar a cavaleiro, e muito contigua uma / das grandes muralhas de que já se fez menção. /

Esta Praça, segundo consta, foi edificada a rogo do Procurador do Povo / Francisco Neto Chainho Paõ Alvo em 1424, afim de servir de refugio aos / povos circumvisinhos, para se acoitarem dos diversos insultos, que os Sarracenos fazi-/am com os seus continuos desembarques nas nossas costas, levando captivos os q. podi-/am surpreender. /

Esta chamada praça pouca ou nenhuma importancia pode ter mesmo com-/siderando-a como ponto Fortificado na deffeza da costa, e mesmo porque não sem-/do um desenvolvimento de Fortificação incapaz é d'offerecer uma deffesa propria / para a

pequena Bahia de Sines, que pela sua localisaçã e aspereza da Costa / se torna de difficil acesso em quazi todas as estações do anno. /

A inspecção da pequena planta N.º3 que accompanha este Relatorio / demonstra com evidencia a opinião de que a commissã está, que este ponto / Fortificado seja abandonado, até que uma bem entendida e delineada / deffeza do Paiz, seja adoptada, e mesmo definida a deffeza das nossas cos-/tas marítimas. /

.....

Documento 103

1876, novembro, 26 – *Artigo de homenagem a Francisco Luiz Lopes, pelo padre António de Macedo e Silva.*

Padre António de Macedo e Silva (1876) – Dr. Francisco Luiz Lopes. *In* Francisco Luiz Lopes – *A Ave*. Lisboa: Nova Livraria Internacional.

Dr. Francisco Luiz Lopes

Pur fúss'io tal!
Per l'aspero esillo suo com sua virtuta,
Darei del mondo il piu felice stato.
(Mich. Ang.)

Tive um amigo que foi a maior intelligencia que tenho conhecido. A amizade que nos uniu, por mais de vinte annos, impõe-me um sagrado dever – lembrar quaes os titulos que lhe adquiriram a estima e veneração de todos os que crêem que a luz pura do pensamento é um beneficio para os homens. As faculdades essencialmente pessoas do seu espirito e do seu coração, os seus aturados estudos, infatigavelmente proseguidos [sic] até á sua ultima hora, a sua vida virtuosa e em tudo conforme aos seus nobres princípios, são esses titulos. E que maiores? Entre a sua vida e as suas idéas a harmonia foi completa. Na sua alma, a energia da convicção produzia o acto; e o acto, por seus effeitos, confirmava e fortalecia a convicção. Queria partilhar com todos o bem que lhe fazia a verdade. Empenhava-se em praticar a caridade moral. Eu fui um dos seus favorecidos. E entre tantas provas da sua verdadeira estima, é esta a que se gravou no meu coração com caracteres mais profundos.

Este amigo chamava-se Francisco Luiz Lopes. Nasceu em Faro, aos 21 de julho de 1816. Concluidos os seus estudos preparatorios, frequentou a escola medico-cirurgica de Lisboa, onde adquiriu a reputação de um dos melhores estudantes, e tambem um distincto nome litterario e poético que lhe grangearam algumas obras, umas impressas, outras inéditas. Entre as primeiras, merece especial menção o romance – *Uma duqueza de Florença* – em que se revela a originalidade do seu talento e estylo. A ardente e doidejante phantasia do mancebo traduzia-se em periodos de incomparavel belleza. Na dicção, no destacado da phrase, na energia dos pensamentos, adivinhava Michelet o seu predilecto d'ahi a annos. Entre os nossos bons prosadores, nem um só, que eu saiba, se lhe assimelha no estylo. Que se permitta transcrever ao acaso alguns excerptos. São apenas duas flôres arrancadas de variado ramallete:

(...)

Depois de clinicar algum tempo em Lisboa, obteve o sr. Lopes o partido de medicina na villa de Sines. Para onde veio em 1847. O isolamento fez-lhe o estudo mais necessario. A sciencia enriquecia-lhe o espirito de dia para dia; e em poucos annos, o seu nome era citado como o do melhor medico de todo o Alentejo.

Sem prejuizo dos seus estudos profissionaes e scientificos, a litteratura antiga e moderna attrahia-o. *Dante, Shakespeare, Goethe e Schiller* eram os seus poetas favoritos. Mas como todos os espiritos superiores, nunca se deixou seduzir só pelo encanto da fórma. Antes de admirar, procurava sempre o valor da idéa. Para elle o *bello* não consistia só no poder plastico e sensivel; admirava-o nas qualidades morais e immateriaes. Não via nos grandes prosadores, nos grandes poetas, só a harmonia da prosa ou do verso; via pensadores sublimes, espiritos privilegiados, a quem a humanidade deve os conselhos da mais alta sabedoria.

Dilatava-se a esphera da sua intelligencia, meditando nos chefes-d'obra da litteratura; mas cresciam na mesma proporção os seus meios de fortuna? Os periodos que vou transcrever, provam-nos que luctava contra as prosaicas necessidades da vida material. Mas luctava com heroismo; porque a seu lado existiam dois entes queridos, que sustentavam sua coragem e santificavam o seu trabalho.

«Quando pela primeira vez lá me vi (na bica da Silveira, em Sines), já fez dois annos, uma voz intima disse-me tristemente ao ouvido: « - não zombes de quem aqui vem! Não caminhaste tambem tu trinta annos pelo charco de... para vir na gruta humida do desamparo, beber um gôlo de desengano?!» (1)

A sorte da classe medica entristecia-o, e o seu futuro inspirava-lhe bem fundos receios. Ai! Um fim prematuro, ampliando-lhe os horisontes da sua vida, escureceu-lhe os de suas estremadas esposa e filha.

«Não ha ahi n'essa capital um facultativo, que sinta em si uma pulsação de nova idéa, que erga a classe d'esse tumulto egoísta em que jaz; que se lembre que a velhice e a doença colhem mil vezes em indigência a vida mais honesta e laboriosa; que se lembre que ha infortunios que devastam todos os recursos, - adversidades em que não ha lucta senão para succumbir; que saiba que a posição precaria do isolamento rebaixa a dignidade moral s especulações aviltantes, e a sciencia, n'esse ermo avido, a um trafico immundo? Que saiba que a independencia é a escora de toda a moralidade; que saiba que um facultativo é um homem, que a associação é um principio vigente da epocha, e que um monte-pio (instituição generalizada em toda a Europa) é uma das primeiras necessidades da classe? Quid expectatis, nisi forte pudat, aut piget tecte facere?» (1)

Foi neste isolamento que o meu amigo escreveu a *Breve Noticia de Sines* (2) opusculo que em poucas paginas offerece a mais completa descripção historica, topográfica e estatística que se pode fazer d'um concelho.

Nos seus escriptos , nas suas cartas, na sua conversação translusia o seu immenso amor á liberdade, a sua intima execração a todas as tyrannias. Não adulava o poder, não se curvava perante essas *plutocracias* estupidas, que em toda a parte, em todos os tempos, e mesmo hoje.

Documento 104

1896, setembro, 13 – *Artigo do jornal O Século que faz uma descrição geral de Sines.*

O Século, n.º 5:266, 13 de setembro de 1896

A VILLA DE SINES

N'um dos mais aprasiveis trechos da costa de Portugal assenta Sines.

Parece o seu nome vir do latim, *sinus* – enseada.

Tem esta villa perto de setecentos fogos e a sua população orça por quatro mil almas. Conta mais de dois mil anos d'existencia; e provém grande parte da sua celebridade de ter sido a pátria de Vasco da Gama – e a predilecta terra de Santa Celerina – e de possuir os ossos do glorioso S. Torpes.

N'um castello ainda hoje cheio de majestade e imponência, debruçando sobre as vagas as suas rendilhadas ameias, existia antigamente um governador, ajudante, soldados e artilharia. Nada já resta d'isso.

Um forte existe ao norte e um pouco fóra da villa, denominado – Forte da Senhora das Salas – nome que provem d'uma ermida perto.

Ao sul estende-se uma ponta rochosa conhecida por Pontal, que, com outra, cerca do forte da Senhora das Salas, abrem ao Oceano a primeira bahia que se encontra de Setubal ao Cabo de S. Vicente.

É formosa esta bahia e uma das primeiras da costa de Portugal.

A cinco kilometros do Pontal, para o sul fica a grande e linda praia de S. Torpes. Diz a lenda ter sido n'esta praia que Santa Celerina construiu o primeiro templo existente da Europa e o segundo christão, templo onde foram depositados os ossos do glorioso S. Torpes.

Assim se conta a vida d'este santo: morto o imperador Caludio subiu ao throno Nero, o encarnizado perseguidor dos christãos. A esse tempo vivia em Roma Saliu Ticiano, irmão de Saliu Otho, depois imperador. Nasceu de Saliu Ticiano, Saliu Torpes, sobrinho portanto do imperador Otho. Conhecendo Nero em Torpes virtudes d'excepção e a sua rara intelligencia, deu-lhe no seu palácio o mais honroso lugar. Arvoravam por essa época S. Pedro e S. Paulo o pendão do Christianismo quando Torpes, vendo ser esta a verdadeira doutrina a seguir, abraçou as leis do Christianismo.

Ao saber Nero a transformação que se dera no valido mandou a Satelicio que lhe infligisse os mais duros tratos a fim de que abjurasse da lei nova.

A tudo resistiu Torpes. Até que Silvino, governador que sucedeu a Satelicio, para evitar clamores maiores, ordenou que decapitassem Torpes, e lhe fosse lançada a cabeça na foz do rio Orno [sic] (Mediterraneo). Como era d'uso fazer n'esse tempo ao parricidas, para que se lhes perdesse de todo a memoria, o corpo era metido n'uma barca velha com um cão e um galo.

Attribue a lenda a Deus a ideia de mandar a Santa Celerina um anjo anunciando-lhe ser ella a destinada a receber o corpo sagrado de S. Torpes, que devia aportar á foz do rio Junqueira. Isto foi no dia 7 de maio do anno 64. D'ahi a construcção do templo na praia da Junqueira, feita á custa de dispêndios enormíssimos por Santa Celerina, para guardar o corpo d'aquelle que Deus tinha debaixo da sua protecção.

Deve ter sido, como acima ficou dito, este o primeiro templo christão erigido na Europa, se bem que os hespanhoes pretendem que fosse S. Thiago em Saragoça quem levantasse a primeira igreja. Uzuarte, Magereicio e S. João Chrisostomo negam a S. Thiago essa primazia.

Tudo desapareceu d'esse enorme e rico edificio. E nem um padrão, e nem uma cruz lhe celebram a existência finda!

Segundo o padre Francisco da Fonseca, Santa Celerina viveu temporariamente em Évora, onde, com as suas riquezas, sustentava um bispo e muitos sacerdotes.

Autores há porém, que contam ter Santa Celerina passado o resto da vida em Sines, onde se refugiou para escapar ás perseguições de Nero.

Na igreja da Misericordia há reliquias e ossos que se dizem ser d'esta santa, mais um braço de S. Silvestre e a cabeça de Santa Ursula.

Tambem na igreja matriz n'uma cappella feita especialmente para isso ao lado do altar-mór, houve em tempos um cofre cerrando os ossos do venerável S. Torpes.

Esse cofre em 1736 passou para a capella de S. Luiz e desapareceu.

Esta passagem foi feita por terem demolido a igreja, quem que, na reconstrucção, se lembrassem de levantar ao santo um altar.

Em Sines é importante a industria cortiçal, exercida em numerosas fabricas, empregando centenas de operários.

Tem a villa bellas quintas e quantidade bastante de cercas ou cerrados, onde se cria a videira, a laranjeira e muitas outras espécies de arvores de fructo.

Exporta cortiça e laranja. No seu porto raro é o dia em que não entra algum vapor; e abriga constantemente cahiques, palhabotes, hiates, etc.

Do Rebelim à Esporoeira, rocha que sae um pouco abaixo da praia da Silveira, estão lançadas três armações á valenciana, que fornecem peixe em abundancia.

Esse pescado exporta-se para Hespanha na sua maior parte. O imposto d'esta pesca regula annualmente por dois contos de réis.

Parte do imposto de um so anno bastaria para reparar uma calheta que existe ao fim da Ribeira, hoje completamente inutilisada, porque póde abrigar apenas alguns pequenos barcos de pescadores.

Tem Sines alguns importantes edificios particulares. O clima é temperado. E, como a agua das suas fontes, é puro o ar que se respira.

No sitio chamado Balhão há uma fonte de agua sulfurosa, que começa a exportar-se. E na Silveira uma fonte de agua ferrea.

A igreja matriz é um vasto templo, satisfazendo perfeitamente as exigencias da freguezia. Tem mais outras ermidas e capellas, como a de Santa Izabel, na Praça; a de Santa Catharina, junto à casa de S. Pedro Fernades; a de S. Marcos, na estrada do Cercal e a da Senhora das Salas, junto à Ribeira. É esta a segunda da villa depois da igreja matriz. N'ella se reza todos os annos a 15 de agosto, uma missa de festa, havendo arraial, fogos e musica.

Querem certos escriptores que primitivamente fosse esta igreja chamada Senhora das Salvas, por mandar o grande Vasco da Gama, sempre que passava em Sines, que os seus navios salvassem. Contudo, antes de existir essa ermida, já isso era costume, como sucedeu em 1499 na volta da India e em 1502 commandando já nova frota. Explicando-se o facto da manifestação pelo immenso amor que tinha á sua terra e grande quantidade de amigos que nélla deixára.

Parece provir o nome de ter tido Vasco da Gama em sua casa, enquanto andava em construcção da igreja, a Senhora exposta numa salla á adoração dos fieis. (1)

Nasceu Vasco da Gama em Sines; era filho de Estevam da Gama e de D. Izabel Sodré. Muito cedo começou a servir na guerra contra Castella, obrando prodígios de valor. Foi elle que em tempo de D. Afonso III entrou n'aquelle reino hasteando a bandeira real. Deu-lhe el-rei D. Manuel o commando da frota que o levou á descoberta da India, armada que sahiu de Lisboa a 8 de julho de 1497 e de tal forma de houve,

«Soffrendo tempestades e ondas crias,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do sul e regiões de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado c'hum árduo sofrimento,

Que em 1499 voltou a Lisboa a mostrar o caminho para as grandes terras do Oriente.

Em 1502 de novo D. Manuel nomeou Vasco da Gama para commandar uma armada de 20 embarcações e no acto de embarque fez-lhe entrega do estandarte real e elogiou-lhe o malimento.

Voltou Vasco da Gama a Lisboa trazendo grandes tesouros. Dá-lhe D. Manuel o prenome de *Dom*, 3000\$000 réis de renda pagos pela decima de Sines e Villa Nova, pelas sisas de Sines e de S. Thiago de Cacem e pela renda do paço da Madeira. Mais lhe deu o titulo de almirante do mar das Indias e o de conde da Vidigueira.

O 5º conde da Vidigueira, descendente do grande navegador e chamado D. Vasco Luiz da Gama, foi feito marquez de Niza por D. João IV, a 18 de outubro de 1646. Mais tenças foram dadas por D. Manuel ao almirante, alargando-as muito mais D. João III. Um documento ou alvará existe no entanto, firmado por aquelle rei, expulsando o que o tinha feito grande de terra que tanto amava.

Vasco da Gama viveu n'uma casa que fica no caminho da Senhora das Salas. Encontram-se n'essa casa para o lado Norte muitos muros sotterrados, indício d'antigas construcções.

Era d'alli, olhando o vasto Oceano, que desvendava as maravilhas que os nevoeiros do mar e as phantasias crédulas encobriam é civilisação occidental.

O sr. Teixeira d'Aragão diz que em 1849 ainda existia da casa do grande navegador uma porta em ogiva. No entanto, em 1830 parece que já não existia coisa alguma.

Em 1828 ou 1829 o sr. Joaquim d'Oliveira Paulito mandou reconstruir a casa, fazendo do lado Norte uma parede alta e abaixando a parede sul para que as casa ficassem com uma só agua; construcções essas que soffreram successivas mudanças, vendo-se alli hoje umas casa abarracadas com frente para o sul, tendo duas portas e tres janellas. Ainda existem tres grades que pertencem á primitiva casa e n'umas escavações há pouco feitas descobriram-se uns azulejos tambem muito antigos. Ha uma amoreira no quintal, que a tradição diz ter abrigado muitas vezes o nobre navegador.

A horta em frente das casas pertence hoje ao sr. conde do Bracial.

A ingratidão que amargurou a vida do grande navegador continuou-se no seu tumulto. Não ha em Sines coisa alguma que diga ao visitante que foi n'esta terra que nasceu Vasco da Gama!

Assim se deixa esquecer, no proprio torrão natal a memoria d'um grande heroe!

Diz-se que o sino das horas do relógio da Vidigueira foi das embarcações em que D. Vasco da Gama dobrou pela primeira vez o cabo da Boa Esperança.

Pinho Leal dizia em 1880:

«O povo de Sines, é no geral pacifico e religioso. Como os algarvios (cujo dialecto é muito semelhante) gritam muito, rogam pragas medonhas – principalmente os homens do mar – porém muito poucas vezes passam d'isto. Quasi todos usam da competente navalha, mas só para mostrar nos conflictos, e raríssimas vezes a ensangentam.»

No entanto os tempos mudam e as navalhas embotam.

Resta-nos agradecer aos snrs. João Alexandre Nunes e J. Vaz Pessoa, áquelle a amabilidade com que forneceu algumas notas e ao segundo a maneira bizarra com que offereceu as photographias que illustram o artigo com que um nosso amigo honra hoje o *Seculo*.

O retrato de Vasco da Gama, que o nosso *croquis* reproduz, existe na igreja da Senhora das Salas, em uma antiga lithographia.

Como já há dias noticiámos, o forte de S. João, que ficava na ria, vae ser vendido em hasta publica, por não ser preciso para o serviço militar.

(1) *Pinho Leal* diz no *Portugal antigo e moderno*: «*Sallas*, aqui não significa *sallas*, *salões*, mas é o plural de *sal*, sahimento (portuguez antigo) ie significa – Nossa Senhora dos defunctos...» Segundo outros vem do antigo portuguez *salas* que significa *salvas* de qualquer metal...

Documento 105

1898 – *Excerto de um artigo da autoria de Cláudia de Campos, descrevendo a vila ao tempo das comemorações do quanto centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia*

Índia (1898) – Sines. número único.

(...) O castello é uma ruína, que poderia parecer mais pitoresca se a não houvessem deformado com janellas e outros accessorios modernos. O Forte, igualmente em ruínas, conserva-se bem mais interessante, por lhe não terem tocado mãos profanas.

Sines é uma villa aristocrata no seu socego e no seu isolamento. Por toda a parte nos penetra uma impressão suavemente melancolica de silencio, de paz, de solidão – solidão povoada de vozes, vozes frementes de suggestões. É um scenario propicio ás reminiscencias e aos sonhos.

Na ultima rua da villa, que desemboca no logar mesmo onde a estrada se divide em dois ramos – o que vae ter ao caes, e o que vae ter á Ribeira – vê-se, voltada para o Atlantico, a casa em que nasceu Vasco da Gama, para onde se sóbe por uns tôscos degraus de pedra. Em frente d’ella, no declive da barroca vestida de salgadeiras, cannas e jonias, há uma horta, que lhe pertenceu, e que conserva o nome de horta D. Vasco. A casa soffreu grandes alterações. Primitivamente era um predio nobre, de um andar, com janelas de varandas de ferro. Ha anos, guardavam ainda lembranças d’elle os mais velhos habitantes de Sines. Deixado, porém, ao abandono, desmoronou-se a pouco e pouco, e só resta a casinha humilde que a gravura representa.

A povoação – que muito deveria ter sofrido de o ver injustamente expulso fóra da terra – guarda ali, desde seculos, o culto do seu grande almirante. Adoram esse leão dos mares, nascido e creado entre elles, orgulham-se de o terem por conterraneo, aprendem de creanças a soletrar-lhe o nome. Para os que sabem Historia, é de um heroe o busto representado no quadro que pende n’uma das paredes da sua igreja na Ribeira; para os que a ignoram, é ainda o retrato d’um alto personagem, do Senhor de Sines, do patrono da ermida santa das Salvas. Aquella devoção de homens do mar, vem de longe, do passado remoto, ainda estreitamente ligada ao Gama, homem do mar também.

É portanto, justo e natural que Sines inteira esteja, como vai estar, em festa, na occasião do centenário da India, como seria justo e natural que o governo e a comissão de Lisboa se lembrassem de algum modo da villa do immortal almirante, que tantos vestigios lá deixou da sua passagem. Na manhã de 17 de maio, quando repicarem os sinos, e as fortalezas e os navios derem as salvas officiaes, na bahia de Sines, e em frente da

Senhora das Salvas e da casa do Gama, pelo menos um dos nossos primeiros vasos de guerra tem obrigação de ir salvar também. As naus de Vasco da Gama saudavam d'esta fórma, por ordem d'elle, e em signal de respeito, a sua terra querida. Porque não fará o mesmo o paiz, no momento em que quer prestar uma homenagem de eterno reconhecimento e de veneração á memoria d'aquelle que tanto o serviu e honrou?

Documento 106

1898 – *Teixeira de ARAGÃO descreve avila de Sines, como a conheceu em 1847, destacando o que ainda aí viu dos edificios mandados construir por Vasco da Gama.*

A. C. Teixeira de ARAGÃO (1898) – *Vasco da Gama e a Vidigueira; Estudo Historico.* Lisboa: Imprensa Nacional.

[p. XIV] [...] descrevemos o estado em que encontrámos em 1847, na villa de Sines, os tres pequenos adifícios, muito notáveis como monumentos da residencia ali de Vasco da Gama, e cumpre-nos hoje informar o leitor, do vandalismo que soffreram nestes ultimos anos.

A ermida da Senhora das Sallas, construcção da infanta D. Bataça da Grecia, no começo do seculo XIV, mandada restaurar pelo famoso almirante, conserva-se em muito bom estado, mas unicamente devido á grande devoção que aquelles povos dedicam á Santa.

Da ermida de S. Giraldo, edificação de Vasco da Gama, provavelmente quando para ali foi habitar depois da sua segunda viagem á India, nem já as paredes restam, sendo o seu material applicado a novas construcções.

O antigo pardieiro com portal em ogiva, com certa apparencia de casa nobre do seculo XV, e que se suppõe, com muita probabilidade, ter sido n'esta casa o nascimento do grande argonauta, foi ha poucos annos // (p. XV) comprada por um pedreiro chamado Paulito, que destruiu as venerandas ruinas, e nos novos caboucos metteu em pedaços a cantaria da porta ogival, levantando n'aquelle terreno uma barraca!!! Quando alguém de S. Thiago de Cacem soube da demolição, que representava crime de lesa-civilização, foi logo a Sines na intenção de salvar ao menos o portal, mas chegou tarde...

Aquellas construcções que tanto offenderam a prosapia senhorial do mestre de S. Thiago, e que deram origem a tão graves desintelligências, as suas ruinas ainda eram reliquias preciosas que constituíam o melhor brasão de Sines!... Assim vae o camartello destruidor apagando os vestogios materiaes que nos restam dos homens que tanto contribuíram para a gloria da nossa pátria!

[...]

Lisboa, 5 de Janeiro de 1898.

Documento 107

1904 – *Narrativa feita por José Leite de Vasconcellos das suas investigações feitas na vila de Sines, no ano de 1904, em busca das relíquias de São Torpes.*

Leite de VASCONCELLOS (1927) – *De Terra em Terra; Excursões Arqueológicas-Etnográfica*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. I. p. 105-114.

Levou-me a esta vila principalmente o desejo de verificar se ainda existiriam uns objectos arqueológicos que, tendo aparecido na Foz da Junqueira em 7 de Junho de 1591, foram transportados para Sines, e guardados lá religiosamente em uma caixa, arca ou cofre, num templo, por se supor que pertenciam à sepultura de S. Torpes. [...]

Em 1591 fez-se um inventário dos referidos objectos, como consta do *Exemplar da constância dos martyres em a vida do glorioso S. Torpes*, por Estevão de Lis Velho, Lisboa 1746, p.166-168: [...]

Tornei a depor todos os objectos no cofre, que o eclesiástico, de que falei, fechou no sacrário. Seria talvez melhor tê-los trazido para o Museu, porque d’ali, mais cedo ou mais tarde, não por causa do ingénuo sentimento que lá os fez depositar, mas por um sentimento oposto, embora filho da mesma ignorância, poderão vir um dia a ser violentamente arrebatados e dispersos: todavia, como não me seria fácil conseguir que m’os dessem, e alem disso achei curioso que continuassem em Sines, pelo menos durante mais algum tempo, a servir de documentação efectiva ao livro de Lis Velho, nem sequer tentei adquiri-los, e contentei-me com cometer a indiscrição, bem justificada, de deixar dentro do cofre um cartão com a data da minha visita, e a explicação do que aquilo era.

Documento 108

1906 – *Duas cartas enviadas por Inácio da Costa Palma a José Leite de Vasconcelos, acerca das dificuldades no envio das peças de cantaria para Lisboa.*

MNA, Correspondência de José Leite de Vasconcelos, 17269

Inéditas

Hontem mandei para o cáes as / as 2 lapides q.~ devião embarcar no hiate Pa- /
quete de Sines. Não embarção por os carregedo- / res fazerem greve e não
quererem fazer o ser- / viço de levar a bordo por menos de sete / mil reis, o que
acho demasiado. ¹⁶

Três dias depois volta a enviar novos esclarecimentos sobre o mesmo assunto:

As pedras que em meu bilhete men- / cionava, são 2; queira ver o orsa- / mento
B, uma com inscripção ro- / mana, tirada do cunhal do castello, / sendo de fora,
a outra uma verga / da porta da torre, dentro do cas- / tello; esta pedra tem
silvado em / duas faces. /

V.ª Ex.ª em tempo fallou em tirar / tambem outra verga da mesma / porta que
tem gravada uma / cruz de Malta mas em vista / do orçamento elevado (nº A)
de- / terminou ficar para outra vez. /

Novamente lhe peço que falle / com o José Maria Rodrigues, / foi quem levou
a outra pedra / de S. Thiago, este homem está / muito em contacto com os car-
/ gadores e pode obter o embar- // que mais barato. /

Depois de lhe endereçar o meu / postal, uma + outra + companhia de carga- /
dores pedio Rs. 4:500 para a bordo / do hiate. /

Deve-se notar que, todos-elles, (?) / é gente sem palavras. /

Sines 21 de Março de 1906. /

Francisco Ignacio da Costa Palma. [assinatura]

¹⁶ MNA, Correspondência de Leite de Vasconcelos, 17268.

MEMORANDUM

Palma, Sande & C.^a

Sines

15 de Abril de 1906

Ao Ex^{mo} Sr. D.^r José Leite de /

Vasconcellos/

Lisboa

Com respeito ao que me diz em seu fa- / vor de 27 po p. p. direi que não hove
nenhum / mal-entendido, pois, quando V. Ex.^a me res- / pondeu relativo aos
dois orçamentos dice que /

Não obstante ter obtido as tres pedras, optava / pelo orçamento B e tirar
somente as duas / pedras sendo: a inscrlisão romana (da rua) e a ver- ga da
porta. E quando tivesse o Museu dinhei- / ro tiraria a outra. Durante m.^{to} tempo
não / se falou na terceira, só há pouco tempo o Sr. / Campos começou a falar
nessa pedra. //

Falei com o Sn̄. Major Gama com respeito / á extracção da 3.^a pedra; diz-me
que já / há muito que tinha ordem para isso, por- / tanto podia dispor da pedra.
/

A despesa que aqui abonei é o que segue: /

Por sobre a carreta	-	1 600
Carregadores { Descarregar + da carreta + p. ^a o caes	-	<u>600</u> - 2 200
Carreta q̄. conduziu p ^a o caes	-	500
Condução do caes p ^a o batel e este / para bordo do hiate	-	<u>2 500</u>
		<u>Rs 5:200</u>

Peço desculpa de não ter feito / o serviço a seu tempo, não o pode fazer /
melhor. Sou de V. Ex.^a m.^{to} Att.^o e Obg.^{do} /

Francisco Ignacio da Costa Palma. [assinatura]

Documento 109

1919, agosto, 15 – *Artigo de Júlio Gomes da Silva lembrando as festas de N. Sr.ª das Salvas da sua meninice.*

Júlio Gomes da SILVA (1919) – Sombras do Passado; A Festa da Sr.ª das Salvas. *A Folha de Sines*. Sines, n.º 4.

Sines, a ridente vila que olha de cima dos rochedos a agua azulina, por onde vogaram as caravelas do seu nobre filho e [i]mortal navegador Vasco da Gama, envolve-se hoje n'um ambiente festivo.

15 d'Agosto! Festa da Sr.ª das Salvas!

A alegria resplandece em todos os rostos, alucina os corações juvenis, no goso de uns dias de folguedo, e invade de saudosas recordações os véelhos, que revivem os dias do seu tempo.

– Oh!; no meu temo!... isso é que éra festa! – dizem.

E era. Nos tempos da nossa juventude, em que o *tio* João Baia-Baia, envergando o seu fato domingueiro ostentando na lapéla uma medalha de salvação, escorrendo-lhe enormes bagas de suor pela face queimada do sol, na dextra o inseparavel lenço branco, dirigia a procissão, a festa da Sr.ª das Salvas, envaidecia os Sinecenses, que se orgulhavam de realizar todos os anos o mais pomposo festejo d'estes arredores.

A *gaita-de-foles* – instrumento imprescindível ao bom luzimento do festejo – guinchava a *Margarida-vae-á-fonte* e outras canções populares, e os sons estrídulos das gaitinhas de folha confundiam-se no espaço com os pregões das fogaças em louvor da Nossa Senhora.

A santinha era levada em procissão á volta da ermida, e sob o andor caminhavam mulheres supersticiosas, a *pagar promessas*.

Á noite, no Revelim, o pirotécnico largava o fogo d'artificio, que a multidão de curiosos admirava enquanto no corêto em frente da ermida uma filarmónica executava trechos de muzica apreciavel que eram sempre coroados por uma reboada de palmas. E quando, riscando o espaço n'um rasto fosforescente, lá no alto um foguete rebentava, decompondo-se em copiosa chuva de estrelinhas multicolores, sahia de algumas bocas um ah!... de pasmo.

14, 15 e 16 de Agosto eram três dias de plena alegria para os Sinecenses.

Era uma festasinha muito simpática a todos pelo quinhão de felicidade que fruíam – porque em dias festivos todos são felizes, esquecendo todas as agruras da vida.

Hoje, porém, que a crença religiosa abandonou o seu lugar á verdade; em que novos ideais abraçam, invadem os corações, a festa da Sr.^a das Salvas perdeu o cunho religioso, para ser simplesmente uma tradição secular; uma herança dos nossos avoengos, uma sombra tenue do passado, que se mantem como tres dias consagrados á folgança d’este povo.

Perdura como grata recordação da mocidade no coração dos velhos, e como imagem dos dias belos da nossa meninice.

A festa da Sr.^a das Salvas é querida de nós todos porque nos evoca episodios inesquecíveis.

Sines – 1919

Julio Junior.

Documento 110

1919, julho, 1 – *Artigo de Júlio Júnior decrevendo a vila e o seu castelo.*

Júlio Gomes da Silva (1919) – Quadros da Minha Terra; Panorama. *A Folha de Sines*, 1 de Julho.

Quadros da Minha Terra

Panorama

No seu pedestal de rochedos, ergue-se majestosa a vila de Sines, formando um renque de casas que se estendem desde Santa Catarina até à Sr.^a das Salvas, como gaivotas pousadas, e desenhando no fundo azul do céu a linha recortada dos seus telhados.

No sopé, como base fica a praia Vasco da Gama, branco e vasto lençol, e a praia das Bicas, estreita faixa escura, formada de seixos, seguindo aquela indo morrer na Calheta, que fica no extremo desta vila, é o porto de embarque.

Como imenso tapete estende-se o oceano irrequieto, que vem beijar a areia fina da praia, e os escarpados rochedos, num gracioso escurilar de ondas mansas, marulhando na areia, e dando uma toada semelhante ao espadanar da água, sulcada pela proa de navios, ou pelo bater das caudas de sereias, que viessem em noites de luar cantar-nos a epopeia da épica viagem do Gama.

Esta remota vila, assentando os seus alicerces sobre o dorso de um planalto de rochedos vertentes, estendendo-se de E. a O., é limitada nos extremos por duas imagens do passado, representantes da fervorosa crença religiosa, e dos cometimentos da raça portuguesa dos primeiros séculos da nossa história.

A leste, curvando a Pala Caída, grosso morro de rocha que entra pelo mar, assenta uma pequena ermida, isolada, da invocação de Santa Catarina; além a oeste à beirinha da fraga, levanta as suas paredes tisonadas e carcomidas pelo tempo, o fortim espreitando o mar, como sentinela vigilante que guarda preciosa relíquia. É uma edificação mourisca já muito gasta e semelhante à face de um velho guerreiro, enrugada pelo tempo e crestada pelo sol das batalhas.

Quase ao meio da vila e também sobranceiro ao mar, com o seu rendilhado de ameias e a sua barbacam (???) de chão lajento, ergue-se *[sic]* as muralhas de um antigo castelo em ruínas. A um ângulo dessas muralhas, do lado norte, ficam os paços, de quadros *[sic]* largos e tectos pintados de figuras alegóricas da arte da guerra. Dá[-lhe] acesso a uma escadaria de pedra, na parte interior do recinto formado pelas muralhas.

Trabalho monumental que se extinguiu aos goles das espadas cristãs que abriram o caminho da civilização e alargaram âmbito territorial dos Lusitanos desde as alcantiladas cerras do Minho, às vastas planícies do Algarve, o castelo de Sines, como todos esses

baluartes mouriscos dispersos no país, e conquistados pelos guerreiros de outra era, são páginas da nossa história.

Olhar essas paredes gretadas, a esboroarem-se quase, é reviver um passado de Glória que imortalizou na história dos povos o nome dos portugueses – tão audazes nas guerras, como tímidos na religião.

* *

*

Quem subir ao último pavimento deste vetusto castelo desfruta daí um panorama maravilhoso. Dominante, elevado algumas dezenas de metros do solo, oferece-nos à vista ávida de impressões agradáveis, o prazer de gozar-mos o surpreendente espectáculo de toda a perspectiva desta ridente vila.

Olhando ao norte enxergamos ao longe, muito esfumada, a esbater-se como uma aguarela na azul do céu, a cerra de Arrábida. Mais cá umas pequenas dunas à margem da praia do –norte que se estende desde o Canto do Mosqueiro até Tróia.

Como cauda a esses montes alvos de areia, segue-se um areal de pobre vegetação até próximo da vila. Além como um farrapo de veludo azul fica o lago, a que se segue um vasto pinhal estreito e comprido como enorme serpente escura, coleando os montes e encostas da Ribeira de Moinhos.

Principiando quase dentro da vila, vêem-se relevos de valados cingindo pequenos quinchoeiros de vinhas, e terriolas pouco produtivas, que se seguem contíguas até à praia do Norte.

Volvendo a vista do norte ao sul vamos lá recriar no rendilhado de praias que vão desde a de Vasco da Gama até à de S. Torpes.

E lá ao longe, pontozinho brancos como manchas de cal, que são algumas casitas dispersas do pequeno lugar Porto Covo destacam-se do tom pardacento da Serra do Cercal.

O mar, como uma moldura orlado pela espuma das ondas desfeitas nas rochas, e a areia das praias abraça este quadro cheio de encantadora beleza, - tela imensa cheia de vida e de sol.

A Natureza na exibição da sua caprichosa vegetação, da estética soberba das serras e planícies cortadas de ribeirinhos de prata atapetadas de verdejantes relvados!

O espírito goza a sensação de um prazer invisível, que nos oferece À vista de tão vasto e belo panorama, numa concentração estática!

Quadro soberbo de policromia suave, assunto estonteante, oferecendo à vista dos admiradores um conjunto de figuras dispostas caprichosamente desenhando-se em fundo azul diáfano do céu cheio de sol e criador!

Documento 111

1919, julho, 4 – *Artigo de António Chalbert dos Santos acerca do início da época balnear, que virá animar a praia Vasco da Gama.*

António Chalbert dos SANTOS (1919) – Magnífica Excursão. *A Folha de Sines*. Sines. 4 de julho.

Magnífica Excursão

Estamos em plena estação calmosa e não tarde que doentes e são se aprestem, uns para fazer as suas curas de ares, banhos e águas e outros para repousar das fadigas profissionais. Começam pois as termas e as praias de banhos a ser procuradas, a povoar-se dos seus habituais frequentadores.

Sines, a *Biarritz natural* dos portugueses, em breve verá na sua Baía Grande uma das melhores do país, a multidão pitoresca dos seus fiéis pisando dolentemente a areia fina e brilhante.

Nas tardes calmas de Agosto é interessantíssimo como espectáculo, o ver-se centenas de pessoas à beira mar, indo e vindo, brincando e conversando, desafiando as ondas miudinhas que junto da maré se formam e molham os pés aos desprevenidos.

A planície glanca e ligeiramente encrespada, recuando até à linha do horizonte onde o sol mergulha a sua face rubra e faiscante, é sulcada por pequenos barquitos cheios de banhistas que sentem prazer em fazer o bonito trajecto da Ribeira ao Pontal.

Quando o crepúsculo anuncia a proximidade da noite a debandada produz-se lentamente em grupos numerosos, e as barquitas dirigem-se apressadamente para a Calheta. É interessante! O que é para desejar é que a Câmara arranje os fundos necessários para concluir o caminho para a Praia Vasco da Gama, de uma maneira decente, e que a iluminação se modernize. Deste modo a estada dos visitantes na praia prolongar-se-ia até mais tarde e a terra não teria a caracteriza-la essa temerosa monotonia nocturna, consequência das espessas trevas que a envolvem logo às primeiras horas da noite.

É também indispensável que se criem distrações, que haja esculpido asseio, que (...?????) Perdão. Íamos saís do nosso objectivo, já o perdemos, mesmo um pouco de vista. Voltemos a ele.

Foi pensando em quebrar a monotonia da sua terra nos primeiros dias do próximo mês de Setembro, que Jacinto Faria empregou a sua notável influência no Club Naval, de cuja direcção faz parte, para organizar uma excursão a Sines. E, devemos dizer-lo belo rapaz que é um Sineense às direitas, venceu todas as dificuldades – e não eram poucas – que se opunham à realização do seu simpático e louvável projecto e um dia ainda não

determinado, vai proporcionar aos seus conterrâneos e aos frequentadores da nossa terra um espectáculo por muitos títulos interessantíssimo.

Oportunamente enviaremos o empolgante programa e aproveitamos o ensejo para solicitar dos nossos conterrâneos que se preparem convenientemente para receberem os excursionistas, que são muito numerosos, e ao mesmo tempo dar um tom de festa à entrada e saída do magnifico vapor que os transportará.

Lisboa, 4- 7- 919

António Chalbert dos Santos

Documento 112

1919, outubro, 1 – *Artigo de António Chalbert dos Santos criticando o atrazo em que se encontrada a vila de Sines.*

A[ntónio] Chalbert [dos SANTOS] (1919) – Honny Soit.... *A Folha de Sines*. n.º 7, 1 de outubro.

Honny Soit...

Sines não tem na sua estrutura uma só dedáda de modernismo. Do Pontal á Ribeira, pontos extremos que se oferecem á vista dos que a visitam pela via marítima, na larga curva que a baía lhe imprime, como se a sua configuração topografica fosse devida à pressão teimosa e indomavel do oceano, apenas a Natureza se salienta e impõe. Os homens, através dum numero imprecisavel de seculos, ainda não souberam fazer n'este canto extremo do ocidente europeu, em que a terra entra no mar como uma formidavel cunha, absolutamente nada que haja de perdurar e merecer o respeito e o reconhecimento dos vindouros. *Rien du tout*, como diria qualquer dos nossos irmãos latinos d'alem Pirineus. Nada do que está feito é aproveitavel se algum dia o camartelo de Progresso se dispuser a demolir com fins reconstrutivos. A arte, creadora de beleza, e a sciencia precursora e pesquisadora da Verdade em todas as alturas e grandes manifestações da vida, varinha magica que o homem não pode dispensar, quer se proponha avassalar o Mundo na pyra das suas criminosas ambições, como na Guerra Mundial; quer pretenda elevar-se ás nuvens ou utilizar as correntes magneticas; construir uma poderosa maquina ou um prodigioso monumento, nada, absolutamente nada, terão que aproveitar do que está feito e é utilizado [sic] pelos habitantes d'esta terra inditosa, votada a um ostracismo que póde ser apenas uma resultante do proverbial desleixo que é uma tára da raça, mas que ás vezes nos parece um sistematico proposito dos nossos poderes publicos.

Como que que seja, tudo n'ela é antiquádo, inestetico, destituído de grandeza, conforto e beleza.

As suas casas, na maioria baixas, abarracadas, fortemente laivadas de tradicionalismo moirisco no que ele tem de mais rudimentar e grosseiro, ainda não pressentiram a existencia da higiene; as suas ruas, mal calçadas e desconhecendo a utilidade e a beleza da simetria, não sentiram a benefica passagem do Grande Marquês na vida publica do país. As rajadas de progresso, ladeiam, contornam a pobre Sines, deixando-a intacta na sua primitividade de terra á margem da civilização. Para em tudo ser confrangedôr o quadro que a largos e mal esboçados traços deixamos descrito, os costumes de uma

grande parte dos seus habitantes condizem plenamente com a tela onde se exibem os atos da vida local.

O *agua vae* medieval exerce-se com todo o rigôr, excetuando apenas o aviso salvador das *fatiotas* dos transeuntes; o lixo, a viscosidade e a lama mal cheirosa de algumas ruas, de quase todas as ruas, demonstram com uma flagrancia que é uma vergonha, a falta de hábitos de aceio, que são a pedra de toque e a mais bela característica dos povos tocados pela vara magica da civilisação.

Resumindo e concluindo – Sines, geograficamente é uma das terras mais bem situadas do nosso litoral, devendo ser hoje um soberbo emporio do comercio português, é apenas uma localidade insignificantissima, que só se conhece porque na sua formosa baia se pesca bôa sardinha e uma ou outra vês o seu horisonte é riscado pela expressa fumarada expelida pelo cano de algum vapor estrangeiro – nacionais são raros como os actos de bom senso dos nossos poderes publicos – que nos vem buscar cortiça em prancha e as apáras do mesmo producto que a industria nacional tarde ou nunca saberá utilizar.

Devemos frisar antes de concluir que muito nos dóe escrever as verdades que aí ficam e que de modo nenhum temos o proposito de melindrar os nossos presados conterraneos quando as proclamamos. Não.

Nem lhes queremos mal algum pelo facto de não reagirem contra o miseravel isolamento que os amarra ferreamente a um passado contra o qual o português em geral reage fracamente, por falta de energias creadôras e de iniciativas que só as energias educadas e inteligentes sabem ter: o que sinceramente lamentamos e contra o que nos insurgimos com veemencia é que a nossa terra não merece, por parte d'aqueles que tinham o dever de a libertar de tantas causas afrontosas do nosso brio, um bocadinho de solicitude.

Todavia... todavia – como na frase do poeta, é bom crêr em alguma coisa – alimentemos a esperança de que as paralelas de aço que hão de trazer a locomotiva, conduzirão tambem os elementos modificadores de toda a vida local.

Sines

A. Chalbert

Documento 113

1924, dezembro, 25 – *Programa das comemorações do quarto centenário da morte de Vasco da Gama e do lançamento da primeira pedra do seu monumento.*

A Comissão promotora das homenagens (...) (1924) – Programa. Santiago do Cacém: tipografia Capela.

**A Comissão promotora das homenagens
a prestar em SINES, á memória do ilustre filho desta
terra e épico navegador
D. VASCO DA GAMA
por ocasião do quarto centenario da sua morte, elaborou o respectivo
PROGRAMA
o qual se cumprirá no dia 25 de Dezembro de 1924, começando por**

ALVORADA

Anunciada por muitos morteiros, tocando nesse momento, a filarmónica «Matos Galamba» de Alcacer do Sal.

Ás 10 horas será distribuído um

BODO

A 50 pobres, cuja distribuição será feita por um grupo de senhoras, coadjuvadas pelos membros da comissão, acto que será abrilhantado pelo grupo musical «Primeiro de Maio»

Ás 11 horas organizar-se-ha na Praça da República (antigo Rocío) o

CORTEJO CIVICO

no qual se incorporarão, pela ordem que lhes fôr indicada, todas as auctoridades civis e militares, corporações administrativas, contingentes da Marinha de Guerra, Guarda Fiscal, Guarda Republicana e todos os funcionarios publicos do concelho, professores e alunos das escolas primarias, todas as associações de classe e de beneficencia, sociedades recreativas, filarmónica Matos Galamba e grupo musical Primeiro de Maio, devendo ser o

ITINERARIO DO CORTEJO

pela estrada, desde a Praça da Republica, até ao Largo da Senhora das Salas, parando

o cortejo em frente da ermida, a fim de ser trazido pela comissão um retrato que ali existe do insigne navegador e exposto depois, durante este dia, na sala das sessões da Câmara Municipal. Por-se-ha em seguida o cortejo em marcha, torneando a dita ermida e, seguindo pelo Caminho da Ribeira e Rua Vasco da Gama, deter-se-ha no Largo 5 de Outubro (antigo Penedos) onde, com o devido cerimonial, será colocada a

PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO

a erigir á memória do eminente nauta e descobridor ilustre do caminho maritimo para a India, D. Vasco da Gama.

Terminada esta cerimonia, dirigir-se-ha o cortejo aos Paços do Concelho, em cuja sala nobre se realizará uma

SESSÃO SOLEMNE

em honra da memoria do homenageado e durante a qual usarão da palavra as pessoas que assim o desejarem.

BAILE

Realizar-se-hão durante a noite nas diversas sociedades recreativas, havendo um

CONCERTO MUSICAL

pela filarmónica Matos Galamba, das vinte às vinte e duas horas, no largo Cinco de Outubro, que se encontrará profusamente iluminado.

NAVIOS DE GUERRA

Espera-se a vinda a Sines, neste dia, de dois navios da nossa Marinha de Guerra, os quais virão salvar a Terra que foi berço de D. VASCO DA GAMA.

Documento 114

1925, julho, 25 – *Texto poético dedicado ao Castelo.*

Zé da Mó (1925) – O Castelo. *A Folha de Sines*. Sines. n.º 20, 25 de julho.

O Castelo

Sobre as arvores do caminho, os passarinhos chilreavam.

Os seus trinados sublimes, maviosos, perdiam-se na imensidade, em cânticos d'amor.

O Sol morrera no Acaso. Vinha descendo o crepusculo. A Natureza parecia iniciar-nos nos segredos do Alem.

O Oceano anunciava-se próximo, pelo seu constante murmurar.

Lá ao longe, distinguia-se o Castelo na sua silhueta sombria e altaneira, assente sobre o dorso duns rochedos. Em seu redor recortava o espaço a silhueta da casaria da vila.

A minha alma poetica comprazia-se em fantasiar aqueles cavaleiros lendarios que debruçados nas seteiras espiavam a aproximação do inimigo, esperando o momento assaz propicio, para num arranco de valentia e de fé, levar até ao meio do acampamento mouro o pendão das quinas.

Depois ali em seu redor, combatiam com denodo e galhardia.

O Castelo lá ficava como sentinela vigilante, para num dado momento novamente os acolher do inimigo infiel, cem vezes mais numeroso.

E o Castelo lá ia resistindo sempre ás arremetidas do inimigo que lhe tributava respeito, pela sua silhueta «sombria e altaneira».

Zé da Mó

Documento 115

1926, dezembro, 26, Sines – *Artigo de Zé de Sines (por certo pseudónimo), criticando o esmorecimento da iniciativa do monumento a Vasco da Gama, um ano depois da grande festa do lançamento da primeira pedra.*

Zé de Sines (1926) . Palavras Perdidas, *A Folha de Sines*. Sines, 26 de dezembro.

Palavras perdidas

Já decorreu um ano apoz o lançamento de primeira pedra para o Monumento a D. Vasco da Gama, e até hoje não ha nada que indique a atividade da comissão – se é que existe - encarregada d’essa homenagem.

Ou este ano ou o ano passado!

Aquilo é que foi festança!

Musica, foguetes, discursos, cortejo, o retrato em procissão, paus com bandeiras, ets.

Havia entusiasmo, havia até mesmo comoção nos corações sinienses.

Mas o tempo corre ligeiro, e atraz do tempo corre, voam, desaparecem as boas iniciativas.

Foi o que sucedeu com o Monumento: *foi um ar que lhe deu – voou.*

E como n’um ano nada se fez, no ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, de 1926, nada se fará, e apoz este outro ano virá, depois outro, mais outro, vinte, quarenta, seculos infindos e o Monumento ficará tal qual está.

Podemos dizer com orgulho, referindo-nos ao esforço dos sineenses – *ditosa terra que tais filhos tem.*

Sines, 26.12.926

Zé de Sines

Documento 116

1928, junho, 18 – *Artigo de Ferreira da SILVA, referindo pela última vez as relíquias de São Torpes.*

Ferreira da SILVA (1928) – *A Folha de Sines*. n.º 33, 18 de junho.

[...] hoje guardadas adride no sacrário do altar mór da mesma igreja [da Misericórdia], como objectos absuletos [sic] sem qualquer valôr, inacessíveis ao sentimento religioso e a adoração dos fieis.

Causou-se infinita tristeza o criminoso desleixo a que se acham votadas as reliquias do glorioso martir, como se, tanta impiedade, fosse bastante para lançar no ostracismo, a lenda impressionante que o meu espirito revive comovidamente. Mais do que impiedade é um crime sem remissão, este alheamento propositado, pelas coisas relembram o passado!

No referido sacrario apenas existe, alem da cabeça de Santa Celerina, o osso rádio de S. Torpes, encastado num antebrço de madeira e uma caixa inteiramente desconjuntada, que envergou-a [sic] á mesa da Misericórdia de Sines, contendo uns restos d'ossos atribuidos pela tradição ao glorioso santo, mas que na realidade, pertencem a uma sepultura prehistorica como afirma o distintíssimo ethnologista Dr. José Leite de Vasconcelos, Director do Museu Ethnologico Portuguez, que os examinou em 6 de Janeiro de 1905; una pedaços dum vaso de barro que um curioso tentou unir sem o ter conseguido, atribuídos como pertendo á alampada funebre encontrada junto do sepulcro e uma placa de ardosia ornamentada, nada se sabendo acerca do destino que tiveram os restantes ossos de S. Torpes e da lápide com inscrição latina indicando o dia do seu martirologio, encontrada nas escavações de 1595.

Documento 117

1932, dezembro, 23 – *Parecer acerca da importância estratégica da baía de Sines e dos planos para a sua defesa.*

AHM, 3ª Divisão, 9ª Secção, Cx. 86, Doc. 32

MINISTERIO DA GUERRA – 3.ª DIRECÇÃO GERAL

Estado Maior do Exercito

2ª REPARTIÇÃO

DESCRIÇÃO

A ponta de Sines constitue o saliente mais pronunciado de toda a / Costa desde o Sado ao Cabo de S. Vicente e mede 4.000 m. de perímetro / até à praia situada ao Sul da vila do mesmo nome. Escarpada em ro-/cha irregular, é coroada por dunas de areia e destaca, a S.O., duas fia-/das de rocha que avançam muito para o mar, denominadas a Pombeira e / a Percebeira. Fica ao S. 31º E. e a 32 milhas de distancia do Cabo / Espichel. /

A enseada de Sines é formada: por uma parede de rocha, desde a Ponta / das Percebeiras a O., até à Calheta da Ribeira, tendo adjacente uma / orla de pedras destacadas; para E. da Calheta continua a rocha alta, / limitando a praia de Sines, virada a S.O. e de uns 300 m. de extensão. / A Calheta de Ribeira consta de um pequeno carreiro, orientado de E.O. / com a boca para nascente, defendido do lado do sul por um quebra-mar / e tendo ao fundo uma pequena praia e um bom cais de cantaria do /

Com a praia de Sines pega rocha elevada e irregular, num percurso de 6 Kilometros, até à praia de S. Torpes, constituindo esta parte da costa propriamente a curva da enseada. [...]

A praia de S. TORPES tem 2.000 m. de extensão aproximadamente, é de faixa estreita e limitada por dunas e escarpas rochosas. Bancos de seixos e algumas rochas dispersas contrariam o acesso, sempre difícil de fazer com segurança pelo curso do mar, que se produz geralmente em carreiras paralelas e sucessivas, desde grande distancia da terra, tornando esta praia muito esparcelada.

CONSIDERAÇÕES MILITARES

Considerada militarmente, a importância da enseada Sines de conjugada com a praia de S. TORPES advém:

a) – da sua proximidade da península de Setubal e, portanto, da capital e obras mais avançadas da sua defesa sul;

- b) - da possibilidade de forças nela desembarcadas de apoderarem do importante nó de comunicações de S. TIAGO DE CACEM e ameaçarem a linha férrea do Sul;
- c) - do efeito moral que produziria nas nossas tropas operando no Alemtejo a noticia de um desembarque inimigo em sines.

É claro que um desembarque só poderá ser empreendido por um inimigo que seja senhor do mar, hipótese esta que só poderá dar-se se a Inglaterra não entrar na luta em nosso favor. Mas o rumo que devemos imprimir à preparação da nossa defesa é o de manter em primeiro plano o caso mais desfavorável, isto é, o de nos vermos sós em face do inimigo provável.

O inimigo não desembarcará grandes forças na enseada de Sines porque esta nem tem condições para uma medíocre base marítima. Mas sendo ela em agua profunda, utilizando simultaneamente as duas praias, de SINES e de S. TORPES, o inimigo poderá desembarcar por surpresa um destacamento importante de todas as armas, o qual apoderando-se rapidamente de S. TIAGO DO CACEM e cobrindo-se ao N. para GRANDOLA, procuraria na direcção de A Bela-ERMIDAS, atingir o caminho de ferro do Sul, cortando-o.

A hipótese, portanto, a admitir, é a do desembarque de um destacamento para operações limitadas e procurar efeito desmoralizador sobre o adversário.

O facto é que desde a foz do SADO ao Cabo de S. VICENTE o único ponto da costa de apreciável importância estratégica é a enseada SINES-S. TORPES, convindo por isso assegurar-lhe a defesa. Pô-la ao abrigo de um golpe de mão será certamente um dos primeiros passos do plano de defesa das costas em caso de guerra.

O primeiro lanço do inimigo desembarcado seria para atingir a linha A: GAMELINHA-PALMEIRAS-CHÃOS(A)-S. PEDRO (ermida). A linha B, ainda fora do alcance eficaz da artilharia ligeira das posições de S. TIAGO e do CONVENTO, seria – S. BARTOLOMEU – (ermida, junto à ribeira da JARDÔA)-BALGÃO-CARACHOLA-LAGOA-ESTEVEIRA.

Se as posições de S. TIAGO DE CACEM e do CONVENTO estão defendidas como é indispensável à defesa, o ataque pelo lado da estrada é perfeitamente exequível. O ataque seria pelo lado da posição do CONVENTO, fazendo cair esta para se assenhorear de S. TIAGO DE CACÉM.

Atendendo aos limitados recursos de que pode dispor o País, deverá a defesa contra um desembarque ser entregue a forças moveis de campanha, procurando-se ocupar posições de onde se possa varrer, na sua quasi totalidade, as praias e enseadas. Escolher-se-á, portanto, local para o estabelecimento de baterias de artilharia de campanha, e, alem disso, organizar defensivamente posições para a infantaria.

Para varrer de enfiada a praia de SINES convém postar uma bateria de campanha na posição mais conveniente junto à capela da Sr^a DAS SALLAS, ao N. do Castelo, embora exposta ao fogo do lado do mar.

O que mais convém é certamente o estabelecimento no alto dos CHÃOS (cota 101), de uma bateria de morteiros pesados, enterrada, com o fim de bater as embarcações que tentem aproximar-se de SINES e de S. TORPES. Os fogos desta bateria seriam conjugados e completados, se para isso houvesse recursos, com os de outra bateria pesada na ESTEVEIRA, magnífica posição de artilharia. As instalações de estas duas baterias seriam de construção semi-permanente. E o sistema seria completado por metralhadoras pesadas das forças moveis convenientemente instaladas para o flanqueamento próximo das praias.

Documento 118

1937, maio, 37 – *Ofício do Director Geral da Fazenda Pública para o Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.*

PT DGEMN:DSARH-010/253-0001

TXT.01748425

Inédito

Em 13 de Maio de 1937.

Ao Ex.mo. Srn. Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

O Ministério da Guerra pediu a transferência para este Ministério do antigo Castelo de Sines e das suas muralhas, considerado de interesse público nos termos do decreto nº 22.737 de 24 de Agosto de 1933, mas sem utilidade militar.

Assim, tenho a honra de solicitar de V. Ex^a que se digne dar o seu parecer sobre a aplicação a dar aos referidos imóveis, seu recinto e suas dependências, remetendo-lhe para melhor ilucidação, a título devolutivo, a respectiva planta e a informação sobre os mesmos prestada pela Secção de Finanças concelhor.

A bem da Nação.

O Director Geral,

A. Luiz Gomes [assinatura]

Documento 119

1937, julho, 30 – *Ofício do Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais para o Director Geral da Fazenda Pública.*

SIPA TXT.01748432

Inédito

Exmº. Sr. Director Geral da Fazenda V. Exa.

Em referência ao ofício de 27 do corrente, processo nº 2223, dessa Direcção Geral, relativo ao Castelo de Sines, compre-me informar de que o assunto obriga a um estudo meticoloso, mas, logo que este esteja concluído, apressar-me-hei em dar resposta solícita por V. Exa.

A Bem da Nação

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em
30 de Julho de 1937.

O Engenheiro Director Geral-

Luiz [rúbrica]

Documento 120

1938, julho, 16 – *Ofício do Diretor dos Monumentos Nacionais para o Diretor Geral*

SIPA TXT.01748432

Inédito

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Exm^o. Snr.

Engenheiro Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Em referência ás O.S. de V. Ex^a. Nos.3530 e 5934 respectivamente de 15 de Maio e 30 de Julho de 1937, junto devolvo a V. Ex^a. a planta do Castelo de Sines e informação respectiva, cumprindo-me informar V. Ex^a. que aquele Castelo se encontra em adiantado estado de ruína.

Todavia, atendendo a que nele está instalado o posto da Guarda Republicana e habitação do respectivo comandante e cavaliças da Guarda Fiscal, poder-se-ia reparar essa parte (a mais estável do Castelo) e dar-lhe a sua actual aplicação.

Além disto, deveriam ser demolidos os casebres meseráveis que se encontram encostados á face exterior das Muralhas e um outro, relativamente recente, instalado dentro do Castelo e proibir a praça de armas de ser cultivada.

Informo mais V. Ex^a. de que em atenção ao seu mau estado de conservação ésta Direcção não vê qualquer outra aplicação a dar-lhe além daquelas já indicadas.

A Bem da Nação

Lisboa, Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, em 16 de Julho de 1938-

pelo O Arquitecto Director

Joaquim [...] [assinatura]

1944, agosto / setembro - «A Vila de Sines; A terra gloriosa onde nasceu VASCO DA GAMA tem grande interesse turístico», *Revista Turismo* nº 59.

A Vila de Sines

A terra gloriosa onde nasceu VASCO DA GAMA
tem grande interêsse turístico



Sines vista ao crepúsculo

DESCONHECE-SE a verdadeira origem de Sines. Contudo, é possível que a sua fundação seja obra dos navegadores fenícios ou gregos. Dos povos da antiguidade só os romanos deixaram vestígios da sua passagem. Foram encontradas várias lápidas; e o nome da vila, segundo parece, é de origem latina, derivando de *simes*, que significa *seio* ou *enseada*.

A história de Sines não é animada de grandes lances. Sabe-se que D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 1 de Julho de 1512. Em compensação possui a honra invejável de ser a terra natal de Vasco da Gama, cujo elogio não vamos fazer aqui porque figura tão conhecida de todos nós e de tal grandeza histórica, bem merece um elogio muito especial nestas páginas da Revista «Turismo».

Outro acontecimento digno de nota foi o facto de ter aportado aqui, miraculosa-

mente, a 17 de Maio do ano 45 da era cristã, num barco desmantelado, o corpo de S. Torpes, vindo de Pisa onde havia sido bárbaramente martirizado. Santa Celerina e S. Mâncio, primeiro Bispo de Évora, foram por suas próprias mãos dar sepultura ao cadáver do santo, construindo, mais tarde, no local, um majestoso templo que os árabes arrazaram em 716. D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora, por recomendação do Papa Sixto V, fez todas as diligências para encontrar a sepultura, acabando por achá-la junto da foz da Junqueira. Com a assistência das autoridades apostólicas foram os restos de S. Torpes transportados para a igreja matriz, onde ficaram depositados.

É possível que outros factos notáveis tenham ocorrido, através dos tempos, na antiqüíssima vila de Sines, mas a história não as gravou para a posteridade. O

último digno de registo foi a assoada que a população fez a D. Miguel, quando aqui embarcou a 1 de Julho de 1834, a caminho do exílio, atitude pouco própria para demonstrações a um vencido.

*
*
*

Mas todos os factos referidos pertencem ao passado, e a vida actual de Sines também merece interêsse.

Sines tem apreciável movimento industrial derivado, especialmente, da indústria corticeira, existindo aqui também fábricas de conservas e congelação.

Sob o ponto de vista turístico, tem apreciáveis monumentos, como o seu castelo, a ermida de Nossa Senhora das Salvas e a casa onde nasceu o insigne navegador Vasco da Gama, assinalada com uma lápida. Além destes monumen-



Vista parcial de Sines

Mas Sines tem uma grande e justa aspiração — que é a construção do seu grande pórto, bem necessário à região. Como os leitores estão vendo, Sines trabalha. Não vive apenas das glórias do passado.

*
* *

Por todos os títulos históricos de que se orgulha; pelo valor dos seus monumentos que recordam a existência de Vasco da Gama, um dos maiores vultos nacionais; pelo soberbo panorama marítimo e o pitoresco das suas praias; Sines tem lugar especial nessa vasta e rica zona turística compreendida no distrito de Setúbal.

Muitos são os melhoramentos projectados para esta vila. Mas seria para desejar que alguma coisa de grande ali se fizesse de molde a glorificar a memória de Vasco da Gama, que teve seu berço dentro das muralhas de Sines.

tos, possui Sines lindos pontos de vista sôbre o Oceano, diversas praias, campos e asseadas, muito pitorescas e concorridas, sendo uma das mais antigas estâncias balneares do sul do país, freqüentada por famílias de tóda a parte, nomeadamente do Baixo Alentejo.

Para a vida progressiva de Sines muito tem concorrido a acção persistente da Câmara Municipal, composta pelos Srs. Avelino Soares de Jesus, seu presidente, e vereadores Mário Tavares e Joaquim Lopes Paulo.

Pode afirmar-se, sem exagêro, que o Sr. Presidente da Câmara Municipal, que muito estima a sua terra, só pensa no engrandecimento da região, nunca perdendo a oportunidade de tratar de melhoramentos locais junto das autoridades superiores.

Para darmos uma nota rápida sôbre a feição progressiva de Sines, bastará dizer que aqui existem boas escolas oficiais, escola da Casa dos Pescadores, postos de ensino, não faltando um asilo para velhos e preventório para crianças. Também Sines hoje dispõe de boas vias de comunicação — nomeadamente a estrada de primeira classe, que faz ligação com Santiago de Cacém, Alentejo e Algarve; e o ramal de Sines às Ermidas, pelo caminho de ferro.

Entre os mais importantes melhoramentos contam-se o projecto de abastecimento de águas, criação de postos escolares, reparação do muro suporte do Sanatório Prats e aformoseamento da vila. Está em estudo o projecto para as obras de esgotos e saneamento, orçadas em 2 mil contos, para as quais já existe comparticipação; e já se encontra elaborado o plano de urbanização da praia, tendo sido pedida comparticipação para diversas obras importantes, nomeadamente as dos Paços do Concelho. Vão ser construídos dois edificios escolares, com oito salas, e já está em reconstrução o edificio dos Correios.



Murálias do Castelo de Sines



A Praia de Sines

Documento 122

1956, dezembro, 28 – *Carta enviada pelo tenente Seixas, da Mocidade Portuguesa, ao Diretor-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, alertando para os estragos causados pelas fortes chuvas nas muralhas do Castelo de Sines.*

SIPA

Inédito

MS-Cópia

--- Ministério da Educação Nacional – Mocidade Portuguesa –Delega-/cão Provincial do B. Alentejo – Ala de Sines – Nº 81 – Exmº Sr. / Director.Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais –

- No sentido de evitar que despesas de maior vulto possam vir a / resultar, parece-me dever informar, directamente a V. Exª para evi-/tar perdas de tempo, que as águas pluviais que na madrugada de / hoje caíram sobre Sines, causaram grande danificação no muro de suporte há pouco construído na bateria adjunta ao Castelo e pa-/rada, esta a cargo desta Sub-Delegação regional. /

As águas que, da parada, correm para a bateria não tendo en-/contrado saída, fizeram aluir a parte interior do muro, não / em toda a sua extensão, para se infiltrarem muro abaixo até ao / alicerce para, atravez dele, correrem para a praia, tendo o mu-/ro cedido um pouco do seu alinhamento. /

Porque estamos no tempo das chuvas e para que novas águas não / possam causar maior ruína ao muro, que poderá ir abaixo, torna-/se de maior necessidade que a parte aluída seja reparada o mais / urgente possível, e que, no muro, seja abertas francas passa-/gens para as águas que da parada correm para a bateria. /

Apresento a V. Exª o melhor dos meus cumprimentos e protestos / da mais subida consideração. /

A Bem da Mocidade Portuguesa Sines – 28 de Dezembro de 1956 /

Ano XXX da R. N. e XX da Mocidade Portuguesa. /

O Sub-Delegado Regional (a) António Augusto Seixas – Tenente. /

----- Está conforme -----

Secção de Expediente Técnico, em 7 de Janeiro de 1956. /

O Chefe de Secção /

Entrada 3-1-57/

Despacho da D.G: /

Pª informação e de-/volver 31-12-56

Documento 123

1959, maio, 14 – *Artigo de Júlio Gomes da Silva criticando a despesa feita na recuperação das muralhas do Castelo.*

Publ. *Diário Ilustrado*, 14 de maio de 1959

PROBLEMAS DE SINES

EM VEZ DO ARRANJO DAS MURALHAS DO CASTELO:

- UM MUSEU MUNICIPAL E UM MIRADOURO COM ACESSO À PRAIA POR MEIO DE ELEVADORES

• *POUPE-SE O PINHAL E CUIDE-SE DE UM BEM ORGANIZADO PLANO DE URBANIZAÇÃO*

Contrariando uma nossa opinião sobre determinados problemas relacionados com os interesses de Sines, em tempo posto na Imprensa, escrevia-me dali o artista plástico Ermuérico [sic] Nunes: «Quanto ao castelo, deixe-o estar de pé. Embora não tenha valor histórico, ele dá uma nota de antiguidade à vila que infelizmente ainda não está estragada com modernismos absurdos. Veja V. o que fazem os ingleses: conservam as ruínas de desmoronados castelos, revestindo-as de trepadeiras para as alindar!...»

Poderia, aqui, acrescentar que os ingleses, além de alindarem os seus castelos, ainda lhes conservam os fantasmas lendários, para maior valor histórico e turístico.

• Com vista a obras de moderna urbanização

Mas este não é o caso do castelo de Sines, que, no próprio dizer do artista, «não tem valor histórico», e isso bem o sabemos, pelo que não encontramos razão para se despenderem verbas inúteis com a conservação das desmanteladas muralhas. Simplesmente nos parece que, ultimamente, se exacerbou uma certa «castrofilia» (passe o neologismo) sem finalidade histórica. Quanto a nós, conservar desmanteladas muralhas que nada evocam do nosso passado histórico, que nada nos dizem de feitos heroicos, é «crime» de lesa-embelezamento, de lesa-urbanismo, de que, aliás, Sines tanto precisa. E para que Sines conserve alguma «nota de antiguidade», não é imprescindível conservar muralhas que devem ser arrasadas para em seu lugar se erguerem obras de moderna urbanização.

• Um mercado em parque ajardinado e a torre de menagem

Para testemunhar a antiguidade de Sines, seria mais útil a criação de um museu municipal, onde se recolhessem e catalogassem todos os elementos que tivessem valor. Lembro alguns: um obelisco que jaz esquecido na foz da ribeira de Junqueira, ali à praia de São Tarpes [*sic*] que só mereceu a atenção do arqueólogo de Santiago de Cacém, dr. João Gualberto da Cruz e Silva; algumas «pedras» com inscrições existentes na quinta do Convento, que foi dos frades franciscanos, e mais algumas coisas que por cá existem. Esse museu municipal, devia instalar-se... no castelo.

Paradoxo meu? Explico: pretendo a demolição, o arrasamento completo das arruinadas muralhas do castelo, para nessa ampla área, sobre a praia Vasco da Gama, se construir um miradouro com acesso ao mar, por elevador; um mercado decente, enquadrado em parque ajardinado; a conservação da torre de menagem, sem trepadeiras nem fantasmas, para aí se instalar o museu municipal e uma comissão de turismo.

Isto seria muito mais vantajoso, para a urbanização de Sines, do que estar a gastar-se dinheiro no conserto de muralhas que não merecem conserto, pois não é possível reconstruí-las na sua traça inicial.

Ficamos por aqui, que o espaço é pouco e temos de nos referir a outro caso.

• O pinhal camarário

Há uma fase da nossa distante mocidade ligada à existência desse pinhal em Sines.

Pedro de Campos David, Joaquim da Luz, Clemente Pita, Higinio Guisado Espada, Gabriel Vasco dos Santos, João de Matos Leote e nós, (se mais alguns houve que nos perdõem o esquecimento), constituíram-se em comissão para levarem a efeito a sementeira do penisco, em baldios da Câmara.

Com a colaboração da extinta Associação Comercial, que comprou o penisco, e o assentimento da própria Câmara, tornou-se a ideia realidade.

Convidaram-se pequenos agricultores a oferecer a sua colaboração, com a cedência de juntas de bois e as respectivas alfaias agrícolas – charruas e grades – e o próprio trabalho em «adiafas», como se diz do trabalho gratuito, em linguagem campesina. E o pinhal surgiu em resultado do trabalho dedicado daqueles e de muitas outras pessoas cujos nomes não nos ocorrem.

O pinhal foi semeado com a dupla finalidade de aproveitar baldios arenosos, inadequados a outra plantação e formar uma «cortina de verdura» beneficiadora do clima e amparadora do vento norte predominante, tornando-o em amena brisa.

Pois, criado o pinhal, acontece agora que está a ser devastado – não é desbastado, note-se bem – para se abrirem clareiras onde se vão erguendo moradias e vivendas.

- **Uma avenida no prolongamento da Rua do Terreiro**

O bom gosto dos proprietários dessas moradias é incontestável, mas o mau gosto de quem autoriza essa excrescência da desmetodizada [*sic*] urbanização de Sines, é flagrante e constrangedora.

Privar a vila da acção salubérrima do pinhal, quando este devia expandir-se por maior área, é resultado de uma má visão, que deve ser corrigida. Poupe-se o pinhal e essa devastação, e cuide-se do «levantamento» topográfico de Sines, para se organizar um bem estudado plano de urbanização, cujo alargamento deve tender para o sul, aproximando-se quanto possível do litoral.

A expropriação da quinta que foi propriedade da firma Herold, impõe-se para, no plano de urbanização, se abrir uma avenida em prolongamento da Rua do Terreiro, que iria entroncar na estrada do Cercal. E depois, leiloar talhões para construção de prédios, obedecendo a requisitos modernos e de bom gosto. Mas não sacrifiquem mais o pinhal.

E, por hoje, é a promessa de continuarmos... a bem de Sines.

JÚLIO GOMES DA SILVA

Documento 124

1960, abril, 5 – *Informação do arquiteto chefe da 1ª secção da DGEMN acerca da recuperação de canhões reutilizados na proteção dos cunhais de algumas casas.*

SIPA

Ministério das Obras Públicas

—————
Direcção Geral
dos

Edifícios e Monumentos Nacionais

—————
Direcção dos Serviços
dos Monumentos Nacionais

—————
Repartição Técnica
1.ª Secção

Referência

Castelo de Sines

Setúbal 18

Exm^o. Senhor
Arquitecto Chefe da Repartição Técnica

L I S B O A

Quando em 1959, se procedia a obras de conservação / no CASTELO DE SINES, os Serviços a cargo desta Secção tiveram / da respectiva Camara Municipal a maior manifestação de boa von-/tade em ajudar no que fosse possível para a dignificação dos / Monumentos daquela Vila./

Acontecia que em alguns cunhais de casas particu-/lares foram colocados antigos canhões, de ferro fundido, embe-/bidos nas paredes protegendo a aresta, contra o roçar das via-/turas. /

Junto dos Serviços da Câmara procuramos inquerir / da possibilidade de recuperação daquelas peças, a fim de as / colocar no Castelo, como elementos de Museu. /

Pouco tempo decorrido, verificou-se que a Câmara / Municipal de Sines, não só recuperou aqueles elementos, em nu-/mero de 5, como os colocou no Castelo, sobre armação de madeira, como se observa pelas fotografias que se juntam e sem qualquer / dispêndio para os nossos Serviços. /

Nestas condições, permitimo-nos sugerir, e se V. / Ex^a. O entender conveniente, que fosse manifestado áquela Câ//mara Municipal o apreço que à nossa Secção mereceu o espi-/rito de boa

colaboração que decerto virá a traduzir-se no / maior benefício para os Monumentos da cotada Vila. /

A bem da Nação /

Lisboa, 1ª. Secção em 5 de Abril de 1960 /

O ARQUITETO CHEFE DE SECÇÃO

[assinatura ilegível]

Documento 125

1960, maio, 18 – *Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sines, Carlos Alberto Pidwell e Silva, para o diretor-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a pedir a continuação dos trabalhos de recuperação do Castelo.*

SIPA TXT.00730322

RS. – Cópia –

Câmara Municipal de Sines – Ofício nº. 760 – 7 de Maio de 1960 - /

Exm^o- Senhor Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais /

- - - - - Não Contava a Câmara Municipal de Sines que V. Ex^a. Entendes-/se dever officiar-lhe em termos tão elogiosos, como os do officio / nº. 5771, de 4 deste mês, agradecendo a modesta colaboração / no esforço que consideramos dever, em auxiliar quem se interessa / pelo património da nossa terra, o que foi muita amabilidade da / parte de V. Ex^a. - - - - - /

- - - - - Seria nosso desejo conseguir-se a completa reparação do / Castelo de Sines e urbanização da cerca anexa e respectiva pa-/rada, razão por que estamos dispostos a colaborar nessa obra, com-/vencidos que V. Ex^a. Não deixará de nos auxiliar com o indispensá-/vel patrocínio económico, técnico e artístico que de há muito tem / dispensado aos Monumentos Nacionais do nosso lindo e querido / Portugal. - - - - - /

- - - - - Creia V. Ex^a. Nos protestos da nossa muita consideração e / permita-me que lhe apresente os mais respeitosos cumprimentos. - - - - - /

A bem da Nação – O Presidente da Câmara – (a) Carlos Alberto / Pidwell e Silva. - - - - - /

- - - - - Está conforme - - - - - /

Secção de Expediente Técnico, em 18 de Maio de 1960 - - - - - /

O Chefe de Secção. /

Entrada em 13/5/60 /

Despacho da D. G. /

p/ conhecimento e devolução. 12/5/60

Documento 126

1960, setembro, 23 – *Artigo de Júlio Gomes da Silva, criticando os gastos realizados na conservação das antigas muralhas de Sines.*

Publ. *O Distrito de Setúbal*, n.º 643, 23 de setembro de 1960.

COISAS E LOISAS DE SINES

Artilharia a mais, urbanização e turismo a menos

CONSERVAR na sua traça primitiva, preservar dos danos do tempo e da devastação dos homens os monumentos nacionais que tenham *história*, é obra meritória dos Municípios, das comissões de turismo ou de outras entidades a quem tal compita. Esses monumentos são páginas do Livro da Nacionalidade, que nos falam do nosso passado. Mas conservar teimosamente, com emplastos de argamassa, arruinadas muralhas de castelos sem história, sem *passado heróico*, sem legenda de feitos nobres, é deitar dinheiro à rua, gastando verbas inutilmente, que melhor seriam aplicadas em outras obras de verdadeira utilidade pública.

Estão neste caso as arruinadas e mostrengas muralhas do castelo de Sines.

Quando, há pouco tempo, fiz uma fugidia visita a Sines, notei um *importante* melhoramento na minha terra, de sugestiva atracção turística. A barbacã do castelo está *ornamentada* com quatro ou cinco – não fixe a conta – antigas peças de artilharia, o que me sugeriu a ideia de um cenário de opereta, certamente para o espectador – turista nacional ou estrangeiro – admirar, extasiado.

E o que é certo, segundo leio na reportagem das festas da Senhora das Salas, essas velhas peças de artilharia abriram fogo a saudar a santinha, mercê da acção benemérita de um grande amigo de Sines.

Por isso, devem os sineenses estar de parabéns, pois é de esperar que os seus problemas de urbanização, de turismo, de porto de mar, sejam resolvidos com urgência... a tiro de canhão.

Com aqueles canhões apontados ao mar por onde singraram as naus do Gama a buscar a glória do seu nome e da terra que lhe foi berço, estão resolvidos os problemas ingentes da minha terra.

Nunca mais se pensou na erecção do monumento a Vasco da Gama, embora há muitos anos, ali no Largo dos «Penedos», se tivesse solenemente lançado a primeira pedra. Da casa onde o nauta nasceu, não se pensa fazer a Casa-Museu de Vasco da Gama e o turista, curioso ou estudioso, passa por lá e contenta-se em ler a lápide marmórea que diz que foi ali que ele nasceu.

Porém, estas *ninharias* não fazem falta nem ao turismo nem à história de Sines porque lá estão na barbacã do castelo os canhões, como dedos hirtos apontarem às gerações o mar que as naus e caravelas araram em demanda de novos mundos, escrevendo a melhor página da epopeia marítima dos portugueses.

Com aqueles canhões engraxados e bem burnidos, parece ter-se resolvido o problema de urbanização e de turismo do malfadado berço do Gama.

No entanto, porque sou inconformista, algumas coisas e loisas ainda direi, se a benevolência do ilustre director deste jornal mo permitir. Mesmo que não mo tolerem os que tudo acham bem... Desde que tudo lhes corra bom.

Júlio Gomes da Silva

Documento 127

1962 – *Ao publicar a sua tese de Doutoramento, D. Fernando de Almeida descreve, não só, as peças encontradas em Sines, como a sua visita ao Castelo, em busca de novos elementos, não deixando de referi como ali perto pairava a lenda de São Torpes.*

Publ. D. Fernando de ALMEIDA (1962) – Arte visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova Séria, VI. p. 197-200; 210; 253.

[p. 197] Grande pilastra trazida do castelo de Sines para o Museu Etnológico (Figs. 89 e 90). É em calcáreo [*sic*] de S. Brissos. Infelizmente foi, em parte, amputada no sentido do comprimento. De secção rectangular, a fig. 91 mostra a pilastra reconstruída, // [p. 198] quanto ao fuste e á base; pelo que resta do capitel, não foi possível indicar o relevo que realmente teria tido. A decoração da face mais larga (a posterior não foi trabalhada) mostra uma série de quatro círculos dispostos em dois grupos e separados por hastes que se vêem a ondular à periferia, deixando pender folhas alternadamente para um e outro lado. Dos quatro círculos, o superior ostenta uma vieira; os outros, uma cruz formada pelas intersecções de círculos secantes. No lado, a decoração é feita pelas mesmas hastes onduladas, com folhas nos espaços deixados pelos arcos.

A base tem moldura clássica. Altura 2,08 m, largura 0,39 m e espessura 0,305 m.

Impressionou-nos o facto de tal monumento ter sido encontrado no Castelo de Sines e resolvemos ir ao local procurar outros elementos contemporâneos. A muralha do lado Sul mostrava então muito material reaproveitado, colunas, etc., e na primeira volta que demos, com dois amigos, encontrámos duas peças visigóticas metidas no paramento da muralha; em nova visita surgiram mais pedras esculpidas, o mesmo sucedendo uma terceira vez. Como já nos anunciaram mais peças e um outro amigo nos mostrou, no seu jardim, um ábaco visigótico, (e outro, dois trientes de Recaredo e de Egica, também ali encontrados), somos forçados a crer na existência, em Sines, no período visigótico, de um importante edifício religioso.

Aqui perto paira a lenda de S. Torpes, mártir que no mesmo dia e ano teria dado à costa junto da Ribeira da Junqueira, no terreno da Provença... tal como no Sul de França, o corpo de S. Tropez teria dado um uma praia da Provença onde há um riacho de nome idêntico ao da Junqueira. Fosse como fosse, e não é este o lugar para divagações sobre o assunto ⁽¹⁾, um capitão-tenete da fortaleza de Sines e secretário da «Academia Problemática» de Setúbal, chamado Estêvão de Lis Velho, em 1746 reuniu as suas investigações sobre este assunto em um volume que intitulou: «Exemplar da Constância dos Mártires em a vida do Glorioso S. Torpes «(...)» construindo-lhe um Magnífico Templo que foi o Primeiro da Europa e o segundo da Cristandade «(...)», etc.

Mesmo que não fosse «o primeiro da Europa», os achados que a pouco e pouco temos juntado e que irão descritos a seguir ou, no lugar próprio consoante os seus tipos (Fig. 173 e 174), permitem garantir o ter existido na área de Sines um templo visigótico magnífico, possivelmente arrasado pelos Árabes em 716, com posterior reaproveitamento do material na construção do Castelo.

*
* * *

Grande pilastra de calcáreo a fazer de padieira (dintel) em uma porta interior, no andar térreo do Castelo de Sines (Figs. 92 e 93). Pela situação em que se encontra conseguimos dificilmente fotografá-la; mas o escultor Joaquim Correia conseguiu // [p. 199] tirar um molde com o qual foi possível fazer uma reconstituição parcial da peça. Talvez a pilastra esteja intacta e o que falta à vista se encontre metido nas muralhas; por enquanto vê-se um círculo (e parte de um outro) com uma cruz inclusa, idêntica à da pilastra anteriormente descrita. A parte superior mostra uma cruz patada e, o que é insólito, o alfa e o ómega nas cantos de cima e as pombas nos cantos de baixo: é sempre em situação contrária que temos encontrado estes quatro motivos.

Os lados da face da pilastra são decorados por uma série de trifólios alongados, uns no seguimento dos outros.

Na parte visível, a face mede 1,04 m por 0,58 m.

*
* * *

Pilastra em calcáreo de S. Brissos, também encontrada no Castelo de Sines (Fig. 94). Está metida na muralha em um canto do lado Nascente, onde há um parque de automóveis. Vê-se parte da base e do fuste; por elas se averigua o ter pertencido, segundo toda a probabilidade, ao mesmo templo para onde foram lavradas as pilastras anteriores. Há o mesmo círculo, com cruz idêntica, inclusa. A parte visível mede 0,60 x 0,28 m.

*
* * *

Parte de uma pilastra em calcáreo de S. Brissos (Fig. 95); está metida na muralha do mesmo castelo, lado Sul, na face interna. Mais gasta que a anterior, o desenho e a moldura da base são-lhe idênticos. Serão fragmentos da mesma pilastra? Mede 0,525 m de altura e 0,125 m de largura.

*
* * *

[...][p. 200] Fragmento de mais uma pilastra, metida no muro do Castelo de Sines que dá para a rua do lado Nascente. É de mármore branco e mostra, dentro de um rectângulo, uma cruz patada e estriada (Fig. 98). Por cima vê-se um braço de outra cruz e em baixo há vestígios de um outro. A parte visível mede 0,195 de altura e 0,097 m de lado.

*
* * *

[...] [p. 210] Ábaco, de Sines (Figs. 173 e 174); encontrado por Paul Bensliman no jardim de uma sua casa sobre a ponta Sul da baía de Sines. É em calcáreo de S. Brissos. Os bordos opostos têm decoração idêntica: tetrafólios entre duas palmetas de um lado, moldura de linhas paralelas e horizontais, do outro. Está actualmente a servir de mesa no jardim da Pousada de Santiago do Cacém. Mede 0,56 x 0,58 m; altura 0,14 m.

[...] [p. 253] Já tivemos ocasião de assinalar a importância de Sines como localidade onde encontrámos uma série notável de pedras visigóticas; levou-nos a procurar ali monumentos deste

período, como já dissemos, o facto de estar depositada no Museu Etnológico uma bela pilastra para lá levada do Castelo de Sines. A ela (Fig. 89-90 e 91), se juntaram aqui mais quatro pilastras (Figs. 92 a 95 e 98), todas metidas nas paredes do castelo, das quais, pelo menos duas, são do melhor que se produziu neste período, como se pode verificar pelas estampas; há ainda um ábaco (Fig. 173 e 174) e um fragmento de placa, este lavrado com a conhecida decoração em arquinhos. Entendemos não valer a pena reproduzir esta peça, para não irmos, com ela, sobrecarregar a já longa série de figuras; está metida no paramento exterior da Casa da Guarda, no Castelo. Recordámos, a propósito da série, o culto de S. Torpes, nos arredores de Sines ou na própria vila, e pusemos a hipótese de todo este material ter pertencido a um templo levantado em seu louvor. De qualquer modo, a vizinhança do mar com um porto de abrigo, não devem ter sido estranhos à boa qualidade do material agora encontrado.

Documento 128

1962, agosto, 8 – Artigo publicado do jornal *Diário de Notícias*, defendendo a demolição das muralhas do Castelo de Sines.

Publ. *Diário de Notícias*, 8 de agosto de 1962

AS MURALHAS **do Castelo de Sines**

Ao afirmar que as muralhas arruinadas do castelo de Sines devem ser demolidas não se veja irreverência, que a não possuimos pelos velinhos monumentos que, onde quer que existam, são marcos miliários de remotos fastos da História Pátria.

Porque somos patriotas, embora sem alarde de oportunista; porque o nosso civismo é parte integrante da nossa educação e da nossa modéstia, mas sã cultura intelectual, veneramos essas relíquias do passado e achamos justo que as entidades a quem esteja confiada a sua guarda olhem com desvelo pela sua boa conservação. Quando o tempo, na sua imponderável insânia, ou mãos profanas de homens incultos ponham em iminência o desaparecimento desses monumentos nacionais, que são páginas da nossa História, porque essas pedras enegrecidas, cariadas pelas intempéries nos «falam» dos feitos heroicos dos nossos avoengos, justo é que se acorra pressurosamente a salvá-los dessas injúrias.

A par da elevação do seu nível cultural, a conservação dos monumentos pátrios, contemporâneos ou coevos, atestam a civilização, o civismo, o grau de educação dum povo que, embora evoluindo na senda do progresso, na ansia de melhor futuro, sabe respeitar e venerar o que de monumental lhe ficou do passado histórico.

Assim o compreende a nossa inteligência, assim o sente o nosso coração de patriota, sem exacerbados exibicionismos deste sentimento, de que somos possuídos convictamente, embora sem alarde. Não somos, pois, iconoclastas, permita-se-nos o termo dessas relíquias do passado histórico do nosso Portugal.

Com este mal alinhavado exórdio pretendemos justificar a razão por que preconizamos a demolição das arruinadas muralhas do Castelo de Sines.

Saiba-se que não estamos possessos de vezanico [sic] desejo de destruição de obras de valor arquitectónico ou de valia histórica, mas sim, desejosos de ver desaparecer umas arruinadas muralhas, em pouco tempo convertidas em disforme amontoado de pedregulhos, em monstruosa afronta á [sic] estética urbanística de Sines.

Note-se bem que só nos referimos ás muralhas, pois enquanto desejamos a sua demolição, a torre de menagem deve ficar de pé porque, então, o seu arrasamento seria crime de lesa-história. E porque desta ideia de demolir muralhas, cruamente aqui posta, sem mais quê nem para quê, pode deduzir-se que estamos possuídos de desvatrado [sic] desejo de demolição, permitimo-nos,

em defesa do nosso critério, esboçar um projecto de construção, porque a nossa crítica, embora pareça destrutiva, é puramente construtiva.

Demolidas as arruinadas muralhas, toda a vasta área desobstruída seria aproveitada para ajardinamento arborizado, um recinto para recreio infantil com biblioteca para a infância; um miradouro sobranceiro à praia Vasco da Gama, com elevadores de acesso; um parque de estacionamento de viaturas automóveis. A torre de menagem seria convenientemente reparada exterior e interiormente, de baixo a cima, e nas suas salas instaladas uma biblioteca publica municipal e a comissão de turismo – que Sines ainda não tem mas de que precisa. Ligada a este corpo do castelo conservar-se-ia a parte da muralha em que se abre o portão de acesso e a torre do relógio. Assim se conservaria o castelo de Sines, na parte que merece conservação, sem se destruir esse padrão da nossa história. Porque as muralhas, arruinadas como se encontram, não merecem conservação, que só seria possível... reconstruindo-as desde os fundamentos.

Com este arranjo urbanístico a própria igreja matriz teria mais realce por se ver desafogada do mostrengo daquelas pedras que não nos falam de qualquer feito histórico. E, para que esta obra resultasse perfeita, a elaboração do seu projecto seria confiada arquitecto urbanístico, por meio de concurso.

Teimar em conservar essas arruinadas muralhas, que o tempo implacavelmente se encarregará de ir reduzindo a escombros, tendo ornamentado a barbacã com meia dúzia de velhos canhões engraxados e brunidos, em ridículo cenário de opereta, como lá se vê, não é mais patriótico do que a consecução do arranjo urbanístico aqui preconizado. E se as entidades competentes se obstinarem em não lhe dar oportuna execução, o tempo, grande mestre da vida, se encarregará de mostrar de que lado está a razão.

JÚLIO GOMES DA SILVA

Diário de Notícias, 8 de agosto de 1962.

Documento 129

1962, novembro, 1 – *Carta de D. Fernando de Almeida ao Diretor Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Repartição dos Desrviços Administrativos, Secção de Estatística e Armazéns, *Castelo e Muralhas de Sines*, Processo Geral, 1.º Volume

PT DGEMN:DSARH-010/253-0001

TXT.01748479 e TXT.01748480

Inédito

Ex.mº Senhor
Diretor-Geral dos Edifícios
e Monumentos Nacionais

Para os devidos efeitos informo V.Exª. do que adiante se segue.

Existe, no Museu Etnológico de Belém, uma bela pilastra visigótica outrora encontrada no Castelo de Sines. Por outro lado a lenda de S. Torpes, mártir dos princípios do cristianismo, de quem o corpo mutilado deu à Costa um pouco ao Sul de Sines e o haver-lhe sido dedicado poe alí, segundo a tradição, um belo templo, levaram-me a pensar na provável existência de mais peças visigóticas nas vizinhanças do Castelo, ou no próprio local do Castelo e que tivessem pertencido outrora à dita igreja, ou a outra sua contemporânea.

Felizmente assim sucedeu, pois em visitas que por alí fiz ou só ou com amigos, um deles o Sr. Arquitecto Lyster Franco, localizei uma boa série de pilastras daquela época metidas nos paramentos das muralhas.

Em vista destes achados, mais se arreigou a ideia de ter por alí existido um belo edifício no período visigótico. Pensei que talvez umas sondagens no recinto do Castelo e em torno das muralhas, mais fáceis de levar a cabo ao ar livre (Sul), pudessem esclarecer o problema no todo ou em parte.

Entretanto fui informado de que a Câmara de Sines se preparava para transformar o sitado terreno em um jardim público e, por outro lado, o Sr. José Miguel Costa convidava-me para ir a sua casa ver materiais romanos encontrados no mesmo local, quando se procedia à construção de esgotos.

Efectivamente, mostrou-me moedas, fragmentos de ânforas, fotografias de mosaicos, etc., tudo daquela época.

Fui com aquele Senhor ao local e, de acordo com o Senhor Presidente da Câmara, que também compareceu da nosso pedido, combinámos fazer uma trincheiras de prospecção. Para isso destaquei um homem já prático em escavações arqueológicas, pois trabalhára em Miróbriga com o Dr. Cruz e Silva e agora comigo. Passados dois dias voltei a Sines expressamente para observar

os resultados; como nada surgisse, combinei com o Senhor José Miguel Costa continuar as sondagens e avisar-me imediatamente desde que al//guma coisa surgisse, a fim de se tomarem as devidas precauções e participar o facto a quem de direito

Nunca mais tive notícias de Sines; por isso foi grande o meu espanto quando há meses alí estive com o Senhor Arquitecto Lyster Franco com o fim de ver outra pedra visigótica, esta achada por ele, metida na muralha do Castelo em um local sem luz, e tapada por uma grande pilha de materiais. No local onde marcara as sondagens, haviam surgido então, sem que disso me tivessem dado a menor informação, várias construções romanas: um forno de cozer cerâmica, tanque do tipo “cetárias” de Tróia, muito material romano espalhado pelo chão, etc.; tudo isto estava com ar de abandono e a continuar a desmoronar-se. O que foi julgado dever ser guardado, levou-o Sr. Costa para sua casa, à espera de transitar para um futuro museu, segundo me informaram.

Do que brevemente relato creio ser necessário, para já, deverem ser tomadas as medidas indispensáveis de molde a que não se acabe de perder o que está à vista. Por outro lado, julgo dever ser destinada uma pequena verba com o fim de serem concluídas as escavações, não só fora, como dentro do Castelo, possivelmente ao mesmo tempo que os trabalhos futuros em Santiago do Cacém. Se nada disto for possível, o mais prudente será levantar a planta do que foi encontrado e tudo recobrir de novo com terra. Os trabalhos de jardinagem da Câmara ficarão para depois do completo estudo do local.

Permito-me ainda chamar a atenção de V. Ex^a. para o facto de esta zona arqueológica descoberta ficar junto das muralhas do Castelo, portanto dentro da sua área de protecção, o que a Câmara deverá respeitar, como é de lei.

Aproveito a ocasião para apresentar a V. Ex^a. os meus mais respeitosos cumprimentos.

Lisboa, 1 de Novembro de 1962.

Fernando de Almeida [assinatura]

Documento 130

1963, janeiro, 16 – *Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sines ao Diretor Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Repartição dos Desrviços Administrativos, Secção de Estatística e Armazéns, *Castelo e Muralhas de Sines*, Processo Geral, 1.º Volume.

PT DGEMN:DSARH-010/253-0002

TXT.01748484 e TXT.01748485

ASSUNTO: Castelo de Sines e terreno anexo. /

Conforme os apontamentos de Sua Escelência do Subse-/cretário de Estado das Obras Públicas, datado de Setembro / de 1962, referentes a diversas obras neste concelho, que / nos foram enviados para cumprimento, e porque como já o ano / passado dissemos, é necessário a esta Câmara Municipal dar / cumprimento ao projecto que tem aprovado da urbanização do / terreno anexo ao Castelo de Sines, vimos junto de V. Exª pe-/dir a melhor atenção desses serviços para a conclusão das / obras de reparação das muralhas do Castelo e pavimentos da esplanada da bateria. /

Tambem, o ano passado foram feitas escavações na / cerca do Castelo, por ordem do senhor professor D. Fernando / de Almeida, encontrando-se ainda em aberto os buracos onde / parece que se encontram antigas ruínas e que urge tapar, não / tendo a Câmara Municipal já procedido a esse trabalho em / virtude de esperar que os Monumentos Nacionais informem já / não ser necessário que essas escavações assim continuem. /

Mais informo V. Exª estar na posse desta Câmara o / espólio encontrado e, ser nosso desejo, conservar o mesmo, / para o que já temos um pequeno museu no próprio edifício / dos Paços do Concelho. /

Ainda, com referência ao ofício nº 26, de 3 des-/te mês, dessa Direcção-Geral, cumpre--me informar V. Exª que / já foi feito o levantamento das ruínas encontradas, e se / torna urgente iniciar os trabalhos de arranjo e embelezamen-//to do local pela sua situação num ponto central da Vila / de Sines, tanto mais, que o actual estado das obras de es-/cavação e seu abandono há perto de um ano, mereceram jus-/tificados reparos de Sua Excelência o Subsecretário de Es-/tado das Obras Públicas queando da sua visita a Sines. /

Espero a melhor atenção de V. Exª ao exposto, / pelo licença para lhe apresentar os meus cumprimentos, / sebscrevendo-me, /

A bem da Nação

O Presidente da Câmara

[assinatura]

Carlos Alberto Pedwell e Silva.

Documento 131

1963, janeiro, 22 – *Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sines ao Diretor Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.*

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Repartição dos Desrviços Administrativos, Secção de Estatística e Armazéns, *Castelo e Muralhas de Sines*, Processo Geral, 1.º Volume

PT DGEMN:DSARH-010/253-0001

TXT.01748478

Inédito

Acaba de me ser dado conhecimento de que a muralha de suporte da bateria do Castelo de Sines havia aberto uma fenda, havendo risco de desmoronamento.

Imediatamente, fui ver o que se passava e verifiquei que efectivamente na muralha de suporte da bateria do lado Poente, havia uma grande racha e que por isso, em cima, já se desligava do terreno, facto esse que certamente teria sido motivado pelas grandes chuvadas que ultimamente aqui têm feito.

Como esse facto representa um perigo grande para as pessoas que passam por esse local junto à muralha, apresso-me a trazer o caso ao conhecimento de V. Ex^a. rogando-lhe o favor de determinar a vinda imediatamente a Sines de técnicos para estudarem o caso, a fim de se proceder seguidamente aos necessários trabalhos de segurança da mesma muralha de suporte.

Com todo o interesse, fico aguardando as providências que se torna necessário urgente tomar no caso e, entretanto, peço licença para apresentar a V. Ex^o os meus cumprimentos

A bem da Nação

O Presidente da Câmara

Carlos Alberto Pidwell e Silva [assinatura]

Documento 132

1963, fevereiro, 22 – *Parecer do Arquitecto Chefe de Secção da DGEMN acerca do estado de conservação das muralhas.*

PT DGEMN:DSARH-010/015-2160

TXT.00730397

Inédito

ASSUNTO: CASTELO DE SINES

Em aditamento à Comunicação nº. 121 de 15 do corrente / relativa à muralha do CASTELO DE SINES, tenho a honra de informar / V. Ex^ª. que as fendas verificadas naquela data de acentuam. /

A “testemunha” em gesso colocada na fenda, partiu-se e / acusou no dia 22 deste mês, um deslocamento de 0,025; a citada fen-/da que terminava a cêrca de 1,00, a contar da aresta da base, atin-/ge agora esta aresta. /

Por outro lado nota-se que o muro se moveu segundo uma / linha irregular, paralela à aresta da base, e cêrca de um metro dela / dando-se o esboroamento dos rebocos. /

Sondagens efectuadas mostram não existir propriamente mu-/ro de suporte, mas sim um capeamento de alvenaria com cerca de 40 cm. / de espessura, de faces paralelas, e jorrando para as terras a pro-/teger. /

Crêmos ser urgente o apeamento desta alvenaria, pois as / terras são pulverulentas, provenientes de um antigo cemitérios, e na / hipótese da continuação das chuvas, continuarão a empurrar o capea-/mento já referido e decerto o seu desmoronamento. /

A bem da Nação

Lisboa, 1^ª. Secção em 22 de Fevereiro de 1963

O ARQUITECTO CHEFE DE SECÇÃO

[assinatura ilegível]

Documento 133

1964 – *Carta do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sines para Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian com a proposta para a instalação do Museu de Sines na igreja da Misericórdia.*

Arquivo do Museu de Sines

Inédito

Presidente da Fundação Calouste / Gulbenkian

LISBOA

20.6.964

Passa este ano o cinquentenário da restauração deste / concelho.

De entre os vários actos que assinalarão esta data / festiva, pretendia esta Câmara, instalar dignamente o rico es-/pólio arqueológico que, presentemente se encontra armazenado / em três divisões impróprias no edifício dos Paços do Concelho. / Conseguiu-se que a Santa Casa da Misericórdia cedesse a títu-/lo de empréstimo a sua Igreja que há muitos anos está fechada / ao culto, e tem servido até agora de casa mortuária, por estar / junto do Hospital e da Igreja Matriz, fazendo a Câmara as o-/bras de conservação e de adaptação a Museu.

A dita igreja é suficientemente espaçosa e está si-/tuada no meio da Vila junto ao mar e num local de passagem o-/brigatória; simplesmente precisa de obras de limpeza, arranjo / do telhado, tecto, chão e paredes e compra de vitrinas, despe-/sas estas que a Câmara, por ser pobre, não pode suportar./

Vimos, portanto, apelar para a Fundação, a que V. Ex.^a/ tão dignamente preside, para nos ajudar nesta obra de tão gran-/de interesse cultural./

Transcrevemos da obra do Professor Dr. D. Fernando de / Almeida – A Arte Visigótica em Portugal, página 106:/

“Um lugar de destaque merece Sines, de onde era co-/nhecida somente uma bela pilastra; juntámos-lhe uma série in-/teiramente desconhecida constituída por outras pilastras, um / ábaco e um fragmento de placa, a revelarem no seu conjunto, / um foco de valor de escultura visigótica”./

Em 1963 entraram, por depósito da Direcção-Geral dos / Edifícios e Monumentos Nacionais, mais quarenta pedras lavra-/das, visigóticas, para não falar de muitas romanas e quinhen-/tistas, guardadas também, mas que ninguém vê./

Em suma: temos uma rica colecção de pedras visigoti-/cas do século VII, todas colhidas no castelo, mas não as pode-/mos mostrar por falta de instalações condignas./

Aguardando a boa vontade e alta compreensão destes / assuntos culturais, cumprimento-vos respeitosamente, /

A Bem da Nação

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

José Monteiro Guerreiro [assinatura]

Nota: esta carta não está em papel timbrado da Câmara, nem está assinada, pelo que provavelmente nunca foi enviada, tem o número de entrada(?) 1091

Documento 134

1965, março, 22 – *Carta de D. Fernando de Almeida para José Miguel da Costa propondo a parceira para a publicação de uma obra sobre a arqueologia de Sines.*

Arquivo do Museu de Sines

Inédito

Lisboa 22 . Março . 1965

Meu caro amigo

Não sei se recebeu umas coisas que lhe mandei, / isto é, uma separata e fotografias das moedas visigóticas, aliás / prometidas há tempo./

Estive com o Governador Civil do Distrito e acordamos / fazer uma publicação sobre Sines, isto é, arqueologia da região / de Sines. Lembrei-me eu [...] para assim, de qualquer modo, / chamar a atenção para o seu museu. A dita publicação teria / dois colaboradores: o meu amigo faria a parte pré-histórica e / a romana, eu a visigótica. Se estiver de acordo, eu estarei, / como já lhe disse, ao seu dispor para aquilo que em que possa / ser-lhe útil. Espero ir aí deste Domingo, digo, neste próximo / Domingo, dia 28, da parte da manhã (cerca das 11). Irei directa-/mente ao museu. Se o tempo estiver “excelente” farei a viagem / de avioneta; caso contrário irei no carro. Se estiver em Sines / terei pelo menos o gosto de o encontrar. /

Creia-me

Fernando de Almeida [assinatura]

Documento 135

1965, agosto, 3 – *Carta de D. Fernando de Almeida para José Miguel da Costa acerca da parceria para a publicação da arqueologia de Sines no Arquivo de Beja.*

Arquivo do Museu de Sines

Inédito

Cartaxo, 3 de Agosto de 1965

Ex^{mo} Senhor

José Miguel da Costa

Meu caro amigo

Ando em peregrinação pelo país à cata de paredes / romanas. Saí há dois dias de Lisboa onde tive, com poucos dias de / intervalo, duas notícias pouco agradáveis sobre as coisas em Santiago e / Sines. Quanto a Santiago foi pura e simplesmente, o corte de verba para / as escavações durante este verão; por isso... em que / ando metido vai para dois anos. Quanto a Sines foi a não aceitação da / ideia de se publicar, por intermédio da Junta Distrital, uma pequena / monografia no género da de Mirobriga. Ainda não decidiram, o Presi-//dente concorda mas é preciso a concordância dos outros, etc./

Parece-me que o melhor seria o meu amigo ir anotando as coisas / romanas e pré-históricas de Sines; quando achar conveniente diga-me / que irei lá com muito gosto. Far-se-iam assim dois trabalhos seus / (1 sobre pré-história e outro sobre romano) e 1 meu (sobre o visigótico) / Publicar-se-iam no Arquivo de Beja e depois de impressos juntar-/-se-iam o que faria um volume; isto é, com as separatas faríamos / um pequeno volume. Parece-me, nesta conjuntura, a coisa mais / acertada. Tenho Tenho pena [de] não ir para Santiago, mas os altos poderes / têm outras ideias.

Creia-me amigo. De?

Fernando de Almeida [assinatura]

Documento 136

1966, 23 de agosto – *Carta de Mauel Ferrera, enviada ao Comissário do Secretariado de Propaganda Nacional, informando-o do estado deplorável em que se encontrava o Castelo de Sines.*

SIPA TXT.01749044/5

Manuel Ferreira

Rua da Ilha do Principe 6, c/v Dtº.

Lisboa 1 – Telef. 836342

Exmº Senhor

Dr. César Moreira Baptista

Digno Comissário do Secretariado de

Propaganda Nacional

Lisboa

Escelência

Aproveitando as nossas férias anuais, eu e a minha esposa, amboa fucioná-/rios do Estado, fomos de abalada até Sines, Vila que não visitava há vinte / e seis anos. Do que vimos e da maneira como fomos tratados só temos que dizer / bem e agradecer a gentileza da sua gente. Quanto ao asseio das suas ruas, lim-/peza de prédios, bairros novos, parque de campismo e de uma maneira geral tu-/do quanto nos foi dado observar, deixou-nos encantados e satisfeitos. /

Agora, o reverso da medalha: /

Depois de quatro dias de permanência na Vila e já à despedipa, resolvemos / ir visitar o histórico Castelo de Sines, para dali observarmos a Vila em com-/junto. /

Começa a tragédia: Mesmo junto à entrada do Castelo, está localizado o / mercado móvel da Vila, sem quaisquer condições de higiene e paradoxalmente ins-/talado o serviço de Propaganda e Turismo! Entramos para o Castelo, só com meia / porta apodrecida e serge-nos um lamaçal enorme onde andam patos e galinhas / à solta, bem como ciganos a dormir pelo chão. Logo a seguir uma série de / barracas com péssimo aspecto. Sucedeu que à nossa frente ia um casal es-/trangeiro, Inglês, que como nós pretendeu subir às amuradas por uma escada de / pedra em péssimo estado. Depois tentaram ir à Torre de Menagem, recuando brus-/camente e a tapar o nariz. Eu e a minha esposa, também fizemos o mesmo, em má / hora, pois que se nos deparou um espectáculo porco e pouco próprio da grandeza / do local. Uma autentica sentina pública crivada de moscas! /

Que vergonha e que triteza para nós portugueses e para os estrangeiros / que nos visitam ao verem tal espectáculo. /

Ao retirarmo-nos tristes e envergonhados pelo abandono que nos foi dado / observar, de um monumento histórico, que o Turismo apresenta como sendo digno / de ser visitado, senti-me no dever de levar o assunto ao conhecimento de V. Ex^a. //

Procurei lavar o meu protesto junto das autoridades da Vila, e, assim / falei com o Sr. Vice-Presidente da Câmara, pessoa muito distinta e delicada, / que lastimou o sucedido, mas que infelizmente a Câmara nada podia fazer sobre o / assunto, visto des da competência dos Monumentos Nacionais, e que só o Secreta-/riado da Informação e Turismo poderia providenciar, pois que já por várias vezes / tinham oficiado nesse sentido, sem que fossem tomadas quaisquer providências. /

Excelência. Faltaria a em dever de português, que ama a sua terra, se / não lhe desse conhecimento do assunto, que certamente desconhece, para que na / medida do possível, se dê remédio a este lamentável caso. /

Creia-me com os protestos da minha elevada consideração. /

De V. Ex^a.

Atenciosamente

[assinatura ilegível]

Lisboa, 23 de Agosto de 1966

Documento 137

1968-1970 – *Artigo publicado por D. Fernando de ALMEIDA onde relata a análise efetuada às muralhas do Castelo, em busca de peças de cantaria «visigóticas» e o plano por si gizado para as retirar e localizar a «basílica» com o apoio de José Miguel da Costa.*

Publ. D. Fernando de ALMEIDA (1968-1970) – Sines Visigótica. Arquivo de Beja. Beja. Vol. XXV; XXVI; XXVII. p. 17-18.

Em 1962 o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, actualmente Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia publicou, em separata da sua revista, «O Arqueólogo Português», IV, nova série, um trabalho por nós elaborado com o título «Arte Visigótica em Portugal». ⁽¹⁾ Nele reunimos todos os elementos que encontrámos, outrora pertencentes aos monumentos daquele período germânico.

Por estar exposta, no Museu Etnológico, metade de uma pilastra visigótica seccionada do sentido longitudinal, proveniente do castelo de Sines e de lá trazida por Leite de Vasconcelos, resolvemos procurar no dito castelo mais elementos visigóticos. De resto, já em notícia publicada na revista acima citada havia também referência a capiteis visigóticos encontrados igualmente em Sines e então oferecidos pelo sr. Costa Palma, seu proprietário, ao Dr. Leite de Vasconcelos ⁽²⁾; mas não chegaram a dar entrada no Museu. Soubese-se que o benemérito doador falecera pouco tempo depois da oferta, sendo, tendo os capiteis sido entregues por um neto do Sr. Costa Palma ao Dr. Evaristo Gago, de Grândola, onde tivemos ocasião de os estudar. Muito amavelmente este ilustre clínico ofereceu há pouco ambas as peças ao Museu de Sines, atitude a todos os títulos louvável por serem peças únicas na colecção.

Andávamos calcorreando o país de lés a lés para elaborarmos o inventário de elementos visigóticos. Naturalmente tínhamos o maior interesse em ir ao castelo de Sines à procura de mais pedras daquele período, pois não é muito natural o aparecimento de tais elementos isolados, metidos naquele tipo de construção.

As muralhas do castelo, quando as vimos pela primeira vez, não apresentavam aspecto de construção sólida; por outro lado, nos paramentos havia, e há, pedras reaproveitadas que pertenceram a outras construções (Fig. 1). Há silhares utilizados nos cunhais, uns maiores, outros mais pequenos, colunas, etc.. As maiores extensões dos muitos muros são em alvenaria com aspecto pouco sólido e trabalho mal cuidado. Esta mistura de pedras reutilizadas aumenta-nos logo a esperança de encontrar o que buscávamos. E foi assim que ao perscrutarmos mais devidamente a muralha logo encontrámos, metidas nela, duas pedras com labores visigóticos.

Fizemos outras visitas e sempre com proveito. Alguns amigos nos acompanharam, interessados em procurar, quase com a certeza de achar, mais pedras visigóticas! Foram, entre outros o Prof. Nobre de Gusmão, o Prof. Escultor Joaquim Correia, o arquitecto Lyster Franco, José Luís Mourão Júnior, alguns dos meus alunos que comigo trabalhavam nas ruínas de Miróbriga, etc.

O grupo de pedras recuperadas já então representava um núcleo com uma certa importância; por isso. Por tal abundância nos fazer supor ter por ali existido um templo muito cuidado, entendemos dever substituir a observação um tanto apressada em que decorriam as pesquisas para passarmos a esquadrihar regularmente, metro a metro quadrado, o paramento interior da muralha para depois passarmos ao exterior, bem como às construções situadas no recinto, entre elas a antiga casa do Governador da praça.

Também gisámos um plano de exploração, tanto no terreno interior como no do exterior do castelo.

Foi no decurso destes trabalhos que conhecemos o Sr. José Miguel da Costa, de Sines, tão entusiasta pelos assuntos de arqueologia que organizou ultimamente um pequeno Museu Municipal com muito critério, onde está já guardado um número de peças cheio de interesse, fora do vulgar e disposto com muito acerto, embora em instalações muito modestas.

Interessado, pois, por estes assuntos o Sr. José Miguel da Costa ofereceu-se, na medida em que os seus afazeres lho permitissem, para ir extraíndo das muralhas as pedras visigóticas já localizadas e outras que lhe fossem surgindo no decurso dos trabalhos. Foi assim que em pouco tempo e sempre à sua custa, ia depositando no jovem Museu Municipal, sua criação, um número já muito razoável de pedras visigóticas, pois passa de meia centena!

Este conjunto de Sines, todo lavrado em «mármore» de S. Brissos, à excepção de três peças, é hoje um dos mais interessantes no país, não só pelo número, como pela qualidade do trabalho, dos relevos e ainda pela variedade das formas. São capitéis, ábacos, pilastras, placas de cancelas, colunas, frisos, um fragmento de mesa de altar, etc. São todos da mesma época, século VII conforme nos revelam os motivos e a técnica usados. Podemos, sem receio, incluí-los no tipo dos de Beja, portanto emeritenses. Devemos acentuar que os de Beja, nos mostram, aqui e ali, um trabalho mais erudito, o que é natural dada a categoria de Pax Julia não só sob o ponto de vista administrativo, como religioso. [...]

Documento 138

1971, junho, 30 – *Carta do arquiteto diretor de serviços ao diretor geral da DGEMN*

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Repartição dos Desrviços Administrativos, Secção de Estatística e Armazéns, *Castelo e Muralhas de Sines*, Processo Geral, 1.º Volume

PT DGEMN:DSARH-010/253-0001

TXT.01748581, TXT.01748582 e TXT.01748583

Assunto: Castelo de Sines

Em conformidade com o despacho de 16/6/71, exarado na carta da Secretaria Paroquial de Sines, que se devolve, informo V. Ex^a. de que foi tomado o devido conhecimento do seu conteúdo, julgando esta Direcção dos Serviços de agradecer as referências feitas pala Comissão Fabriqueira aos técnicos destes Serviços, directamente ligados aos trabalhos de recuperação e valorização da Igreja Paroquial de Sines.

Concluídas as referidas obras e porque aquele imóvel se encpntra localizado junto às muralhas, entende esta Direcção dos Serviços oportuno tomarem-se as medidas abaixo sugeridas, tendentes a dignificar e valorizar as muralhas do Castelo.

- 1 – Promover junto da Câmara Municipal de Sines as diligências necessárias à rápida demolição de um inestético barracão existente junto às muralhas e à Igreja Matriz (fotografia 1).
- 2 – Promover, junto da mesma edilidade, ao abrigo do Decreto-Lei nº. 18 123, de 22/3/1930, a remoção dos posteletes de linhas aéreas de distribuição de energia eléctrica colocados ao longo das muralhas do Castelo, devendo, igualmente, ser removida a sirene dos bombeiros, que poderia ser instalada na torre de exercícios que aquela corporação possui junto do respectivo quartel (fotografias 2,3,4,5 e 6).
- 3 – Prover, de igual modo, a retirada de uma antena de televisão, com cerca de 4 metros de altura, colocada sobre a muralha do Castelo (na zona A, assinalada na fotografia 7), e muito visível do jardim onde se localiza a estátua de Vasco da Gama.
- 4 – Acabar com a acumulação de toda a espécie de detritos lançados para a cerca do Castelo, onde também existem diversas barracas habitadas que seria da maior conveniência demolir (fotografias 8 e 9).
- 5 – Aos inconvenientes apontados e aos desmandos e actos indecorosos que ocorrem no local, se obviaria construindo dois portões de tipo adequado, que garantissem a necessária vedação da cerca do Castelo, devendo fornecer-se cópias das respectivas chaves à G.N.R. e à Câmara Municipal para efeito de guarda e limpeza do local (fotografias 10 e 11).

Informo, por último V. Ex^a. de que se verifica a necessidade de consolidar algumas zonas da muralha – no Largo do Bocage (frente ao Posto de Turismo) – onde existe perigo de

desmoronamento em virtude de fendas ocasionadas pelas intempéries, e também no troço junto à estátua de Vasco da Gama. Para os referidos trabalhos, bem como para a execução em madeira exótica e respectivo assentamento dos portões atrás referidos, seria necessária a verba de cerca de 70 000\$00.

No Plano de Obras do ano em curso não foi possível a inclusão de qualquer verba destinada ao imóvel em causa.

V. Ex^a., todavia, determinará sobre o caso como julgar masi conveniente.

A BEM DA NAÇÃO

O Arquitecto Director dos Serviços,

[assinatura ilegível]

Documento 139

1972, julho, 26 – *Parecer da Junta Nacional de Educação relativo ao pedido do GAS para intervir no Castelo de Sines.*

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Repartição dos Desrviços Administrativos, Secção de Estatística e Armazéns, *Castelo e Muralhas de Sines*, Processo Geral, 1.º Volume

PT DGEMN:DSARH-010/253-0001

TXT.01748589, TXT.01748590 e TXT.01748591

Ex.mº Senhor Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Para os devidos efeitos, tenho a honra de remeter a V. Exª., por fotocópia, o parecer da 4ª Subsecção da 2ª Secção da Junta Nacional da Educação, homologado por despacho de hoje de Sua Excelência o Subsecretário de Estado da Administração Escolar, acerca da restauração das ruínas do Castelo de Sines.

Apresento a V. Exª os melhores cumprimentos.

A bem da Nação
Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, em 26 de Julho de 1972.

O DIRECTOR-GERAL
DOS ASSUNTOS CULTURAIS
[assinatura ilegível]

Anexo

1 fotocópia //

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
Junta Nacional da Educação
4ª. Subsecção da 2ª. Secção
JNI1 Proc.27/13(1)

O Gabinete da Área de Sines solicita autorização para a reconstrução do exterior do Castelo de Sines, limpeza e desobstrução do interior do mesmo imóvel, instalação, na zona sul deste recinto, de um parque de recreio infantil, e na do norte, do mercado levante que tem vindo a realizar-se no exterior do Castelo.

- Zona de protecção : Castelo de Sines

PARECER

Analizado o problema posto pelo Gabinete da Área de Sines, relativamente à restauração das ruínas do Castelo de Sines, considera-se pertinente afirmar o seguinte:

- A preocupação do Gabinete da Área de Sines de vir a atender aos problemas que se relacionam com a valorização dos imóveis classificados existentes no perímetro fixado pelo Governo para o empreendimento que lhe foi confiado é muito positiva, podendo constituir mais uma via de resolução destes mesmos problemas, em face das possibilidades de cabimento de que poderá dispor para este sector.

Sem embargo, considera-se que o assunto, pelas especificações que contém, deverá disciplinar-se em moldes que venha a permitir, de facto, a valorização destes imóveis, pela introdução dos processos habituais de trabalho que têm sido defendidos por esta J.N.E. e seguidos pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nas tarefas que empreende, por intermédio da sua Direcção de Serviços dos Monumentos Nacionais.

Dentro destes critérios, deve ponderar-se que não se considerará a “restituição do monumento à veracidade da sua traça primitiva,” na medida em que se considera que os trabalhos de restauro não possuem, hoje em dia, qualquer sentido, como consequência da evolução de conceitos que se verificou nestes aspectos particulares.

Pretende-se, sim, uma valorização dos imóveis, mediante a adopção de critérios que atendam à sua evolução histórica, documentada pela justaposição de elementos arquitectónicos das sucessivas épocas da sua mais ou menos longa existência.

Por outro lado encara-se, sempre que possível, a sua revitalização pela adaptação a fins consentâneos com a sua intrínseca expressão e conteúdo histórico ou arqueológico.

Nesta base de raciocínio, não será possível, antecipadamente, fixar o critério, ou critérios, a prever para a sua utilização, impondo-se, antes de mais, um profundo e sereno estudo do monumento, acompanhado de um plano de sondagens, tendentes a reunir todos os elementos susceptíveis [sic] de virem a permitir o estabelecimento dos mais adequados conceitos a adoptar.

Exposta, muito sucintamente, a orientação a seguir, devem hierarquizar-se as intervenções a prever, por forma a que, progressivamente, se obtenham elementos seguros

Documento 140

1976 – *Poema de Al Berto onde descreve o impacto sentido perante a destruição da paisagem de Sines.*

Publ. Al Berto (1976) – mar-de-leva; sete textos dedicados à vila de sines. Sines: edição do autor.

Chegaram as máquinas para talhar a cidade que vem
das águas cresce a obra do homem, ouve-se um lento grito d`espuma e suor
na memória ficaram os sinais dos bosques ceifados, as dunas desfeitas e algumas casas
abandonadas
estenderam-se tubos prateados, onde escorre o negro líquido
levantaram-se chaminés, serpenteiam auto-estradas na paisagem irreconhecível do teu rosto
onde estarão as tâmaras maduras de tuas palmeiras?
e o perfume intenso das flores debruçando-se ao sol?
que murmúrio terão as pedras do teu silêncio?
a memória é hoje uma ferida onde lateja a Pedra do Homem, hirta como uma sombra num
sonho
e as aves? frágeis quando aperta a tempestade... migraram como eu?
aonde caminhas, Doce Moura Encantada?
ouço o ciciar dos canaviais dentro do sono, adivinho teu caminhar de beijos no rumor das
águas
tuas mãos de neve recolhem conchas, estrelas secretas, luas incendiadas... que o mar esconde
na respiração das marés
estremecem-me nas mãos os insectos cortantes do medo, em meu peito doído ergue-se esta
raiva dos mares-de-leva

Documento 141

1983, outubro, 20 – *Texto de Alberto R. Pidwell Tavares (Al Berto), coordenador do Núcleo Cultural da Câmara Municipal de Sines, de introdução do Levantamento Cultural de Sines.*

Arquivo Municipal de Sines – PTCMSNS/CMSNS/PC/7/1

“REENCONTRAR

... olhar atentamente a desolação que nos deixaram

a escassez da nossa memória colectiva, depois da implantação do parque industrial

preservar, reconstruir, iniciar pistas, desvendar vestígios, recolher, reanimar

aquilo que parece irremediavelmente perdido...

... com a humildade de nossos conhecimentos, com a sensibilidade diferente de cada um, com a memória das pessoas

e sobretudo a URGÊNCIA, contribuiu para que adquiríssemos essa lenta paixão de arquivar

registar, fotografar, anotar, gravar, ouvir, perscrutar, deduzir

... assim nos movemos, quase silenciosamente, atentos

aos últimos resíduos da nossa memória colectiva...

... debruçamo-nos sobre o passado ainda fresco

sem angústia, e projectarmo-nos para um espaço onde as relações entre o homem e a terra deveriam anunciar-se mais equilibradas

por agora, deixamos que tudo se cruze, se intercepte, se funda, se complete

e acabe por se esclarecer...

por isso, esta exposição é um imenso caderno de apontamentos

é o esforço de um grupo de pessoas à procura do que resta das vivências duma população assolada por um negro progresso...

...dantes, podíamos virar costas à terra

com a certeza de que as eiras estavam cheias de grão

hoje, apenas podemos sonhar com eiras que não veremos nunca, as do imenso mar...

... mas, as máquinas vieram para talhar a cidade que vem, e o falso ouro contaminou a terra

refina a morte das aves, esquece a vida dos peixes, morrem as árvores, degrada-se a vida dos homens...

... na memória doem os sinais dos bosques ceifados, as dunas arrasadas e algumas casas abandonadas

A memória é hoje uma ferida que lateja ao fundo da insónia...

... escavaremos o chão, procuraremos essas raízes em pedra cinzelada, objectos da vida simples doutros povos, preciosas navegações

procuraremos a velha dança à roda dum mastro, rodopiaremos com uma quadra de alegria na boca

... tentaremos esquecer a morte que se insinua em permanência

e que de tão presente já não lhe sentimos o cheiro...

... olhamos o mar, os pássaros e esses navios negros que nos escondem a linha do horizonte

Olhamos nossas minúsculas embarcações, semelhantes a beijos que nos percorrem de felicidade...

... no coração nada secou, nem possuímos o desastre dentro dos sonhos

reconstruiremos estes jardins suspensos, onde alguém ousou espalhar sujidade e instalar
desequilíbrios...

... com este corpo frágil e magoado, procuraremos preservar a nossa memória colectiva da voragem do tempo, e do abandono dos homens...

... guia-nos esse vislumbre de esperança, essa vontade também, de que a terra e o mar, o homem e a ave, a árvore e a chuva, acabem por reencontrar o equilíbrio necessário

à vida preciosa de velhíssimas memórias...

Sines, 20 de Outubro de 1983

Núcleo Cultural da Câmara Municipal de Sines

Alberto R. Pidwell Tavares”

Documento 142

1986, junho, 27 – *Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Sines ao Secretário de Estado das Finanças.*

Inédito

Em referência ao v/ ofício acima citado, informo V. / Ex^a., que o mesmo em reunião de Câmara de 23.07.86, mereceu o despacho de:

“A C.M.S. recebeu da G.N.R., quando esta força militarizada decidiu a sua saída da Torre do Castelo de Sines, as respectivas chaves de acesso. A-chámos que provisoriamente poderíamos dar alguma / ocupação a algumas das salas do Torreão e daí termos / procedido a algumas obras e termos instalado o / Museu de História Natural. /

Aproveitamos este ensejo para solicitar a colaboração da D.G.P.E. na recuperação do Castelo e passagem deste p/ administração da Câmara. Estamos / seriamente interessados em promover e / ou colaborar / na recuperação deste valioso equipamento. “ /

Com os melhores cumprimentos /

O Presidente da Câmara Municipal

Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco [Assinatura]

Documento 143

1993, novembro, 15 – *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados no Castelo de Sines nos anos de 1992-93, sob a orientação de Carlos Tavares da Silva.*

Inédito

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO CASTELO DE SINES. 1992-93

1. No âmbito da elaboração do projecto de obras de recuperação do castelo de Sines, da iniciativa da Câmara Municipal desta vila e da autoria do Arqtº. Trindade Chagas, foi solicitada por aquela autarquia à Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (Centro de Documentação Arqueológica) a realização de sondagens com o objectivo de se obterem elementos sobre o interesse arqueológico do subsolo do lado norte do interior do castelo e a cronologia de alguns edifícios aí existentes.

Os trabalhos arqueológicos foram realizados em Dezembro de 1992 e Janeiro de 1993 pelo Centro de Documentação Arqueológica da Costa Sudoeste (Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina) com a colaboração do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Contaram com a participação de funcionários de ambas as entidades e da Câmara Municipal de Sines.

Foram abertas sondagens, designadas por letras maiúsculas (de A a C) cuja localização é indicada na planta da fig. 1.

2. Sequências estratigráficas e estruturas

2.1. SONDA A

Localizada no canto formado pelo pano oeste da muralha e o edifício I, com 3,40m x 2,70m, revelou a seguinte estratigrafia, de cima para baixo (figs. 2 e 3):

C.1A - Espessura ca. 0,1m. Piso actual formado por calhaus rolados.

C.1B - Espessura ca. 0,5m. Sapata do alicerce da muralha. É constituída por grandes calhaus rolados (0,25m de dimensão máxima) ligados por argila. Desenvolve-se na horizontal e em cunha, abrangendo uma faixa com ca. 0,7m de largura que se estende ao longo do pano interno da muralha. O muro sul da casa I, cujo alicerce, com cerca de 0,2m de profundidade, se reduz a uma única fiada de blocos, foi assentar sobre a C.1B.

C.2 - Espessura de 0,1m a 0,8m. Areia pouco argilosa, amarelo-acinzentada, com fragmentos de carvão dispersos. Escassa cerâmica e rara fauna. Forma bolsa que passa sob o alicerce da muralha.

C.3 - Espessura de 0,3m a 1m. Areia argilosa acinzentada clara, rica em fragmentos de cerâmica e com abundantes restos de fauna malacológica e mamalógica; carvões disseminados. Trata-se de nível de lixeira, anterior à construção da muralha, formada talvez na segunda metade do século XIV ou mesmo nos inícios do séc. XV, como é sugerido pelo conjunto das formas cerâmicas aí identificadas de que se destacam um prato fundo esmaltado a branco, com decoração azul turquesa e pasta bege, talvez valenciano e uma taça de bordo vertical polilobulado e pé em anel, com o interior esmaltado a branco e a pasta bege.

C.4 - Espessura 0,1m a 0,5m. Descontínua. Areia solta amarelada clara. Arqueologicamente estéril.

C.5 - Espessura indeterminada. Argila amarelada com manchas cinzento-esverdeadas. Arqueologicamente estéril. Representando o substrato consolidado.

A abertura da Sond. A veio mostrar que:

a) o local começou por ser ocupado, por uma lixeir, na segunda metade do século XIV/inícios do séc. XV;

b) a muralha foi construída em época posterior;

c) a Casa I é de construção muito recente, dos períodos Moderno ou Contemporâneo.

Forneceu ainda elementos sobre a técnica de construção da muralha: no sítio da Sond. A, aquela foi assentar sobre um alicerce, com a altura de 0,5m, formado por duas a três fiadas de blocos rolados, ligados por argila. Essa fundação desenvolvia-se para o interior da área fortificada, em sapata, com cerca de 0,7m de largura, também constituída por blocos rolados embalados por argila.

2.2. SOND. B

Aberta junto da parede sul do edifício IIE, no seu exterior.

2.2.1. Estratigrafia

Removida a camada 1 (entulhos formados por pedras e numerosos fragmentos de "caliça" e de tijolo, numa espessura de cerca de 0,4m.) ficou a descoberto a parte interior do muro (m. 1) de uma torre circular que fazia corpo com o edifício IIE, guarnecendo a sua esquina SE. A escavação realizada no interior da torre permitiu observar a seguinte sequência (de cima para baixo):

C.2 - Espessura máxima ca. 0,5m. Desenvolve-se em bolsa que se encosta à face interna do muro da torre (m. 1). Areia pouco argilosa amarelo-acinzentada com blocos de argila amarela. Escassos e incharacterísticos fragmentos de cerâmica.

C.3 - Espessura máxima ca. 0,7m. Semelhante à C.2 mas mais escura e mais argilosa, com algumas pedras. Cobria o topo do muro 3. Escasso e incharacterístico espólio cerâmico.

C.4 - Espessura máxima ca. 0,4m. Areia pouco argilosa, cinzenta. Sobre ela assentam os muros 2 e 3. Escasso e incharacterístico espólio cerâmico.

C.5 - Espessura máxima ca. 0,1m. Areia solta amarelada clara. Forneceu um seixo afeiçãoado com patine eólica, peça que atribuímos ao Paleolítico.

C.6 - Espessura indeterminada. Argila amarelada. Arqueologicamente estéril. Representa o substrato consolidado.

No exterior da torre observámos a seguinte estratigrafia (de cima para baixo):

C.2 - Espessura máxima 0,3m. Areia argilosa muito escura. Carvões disseminados. Escassos restos de fauna. Abundante cerâmica atribuível ao século XVI:

- Pratos de lábio descaído;
- Panelas de bordo com espessamento de secção quadrangular (na tradição das panelas de bordo em aba), colo tronco-cónico separado do bojo por moldura pouco saliente;
- Panelas de colo cilíndrico com canelura sob o lábio;
- Tampa de lábio convexo simples;
- Fragmentos de cerâmica alto-alentejana com engobe vermelho brunido;
- Pratos com vidrado melado e pasta bege;
- Alguidar esmaltado a verde;
- Pratos esmaltados a branco, pasta branca, de fundo exterior côncavo, onfaloide;
- Escudelas carenadas, esmaltadas a branco, pasta branca;
- Alguidar esmaltado, possivelmente com decoração de reflexos metálicos, pasta bege (importado de Sevilha ou da Catalunha);
- Fragmentos de faiança italiana com esmalte a branco e pintura azul cobalto.

C.3 - Espessura máxima 0,4m. Areia argilosa cinzento-amarelada. Carvões disseminados. Escassa cerâmica, sendo de assinalar apenas a presença do prato de lábio descaído com superfícies vermelhas e brunidas. Raros restos de fauna. Encosta aos muros 1 e 4. Junto da torre (m.1) a base da C.3 (3B) é constituída por argamassa rica em cal que representa o prolongamento, na horizontal e para o exterior, do topo do alicerce da torre.

A C.3A, que se forma imediatamente a seguir à construção da torre (C.3B) parece não ser anterior ao séc. XV, dada a presença do prato de bordo descaído.

C.4 (observável somente a sul do m.4) - Espessura máxima ca. 0,2m. Areia argilosa amarelada. Cobre o topo do muro 5. Escasso e incaracterístico espólio.

C.5 (observável somente a norte do m.4) - Espessura máxima ca. 0,4m. Areia pouco argilosa, cinzenta. Contém os alicerces dos muros 1 e 4. Forneceu espólio escasso e pouco característico. Parece corresponder à C.4 do interior da torre.

C.6 - Espessura indeterminada. areia solta amarelada clara. Arqueologicamente estéril. Corresponde à C.5 do interior da torre.

2.2.2. Estruturas

A abertura da Sondagem B revelou diversas estruturas arquitectónicas:

Muro 1. - Faz parte de uma torre de planta circular quase completamente arrasada, com 3 metros de diâmetro interno e 5 metros de diâmetro externo, que guarnecia a esquina SE do edifício IIE. Este muro, circular, tem 1m de espessura e é formado por blocos irregulares de gabro-diorito ligados por abundante argamassa de cal e areia. Assenta sobre o substrato consolidado. No exterior o alicerce encontra-se construído na C.5 e o seu topo é coberto directamente pela C.3A. Esta parece não ser anterior ao século XV; a torre não seria, por conseguinte, muito mais antiga. De notar que o seu alicerce se adossou ao muro 2, enquanto a sua parte superior destruiu o mesmo muro; além disso, cortou o muro 3.

Representa, pois, talvez com o muro 4 e a segunda fase do muro 3, 4 a fase construtiva mais recente da área da Sondagem B.

Muro 2. - Trata-se do alicerce da primeira fase construtiva do muro sul do edifício IIE, anterior à construção da torre circular. Como atrás dissemos, esse muro foi destruído superiormente para a construção daquela. O que resta do muro 2, ou melhor, do seu alicerce, apresenta-se esquinado e é constituído por blocos irregulares de gabro-diorito ligados por abundante argamassa de cal e areia. Assenta sobre a C.4 do interior da torre.

Muro 3. - De orientação N.-S. e com 0,5m de espessura, revela duas fases construtivas. Na fase mais antiga, representada pelo troço existente no interior da torre circular e pela parte inferior do troço posto a descoberto no exterior da mesma torre, o muro 3 era formado por blocos não aparelhados de gabro-diorito ligados por argila. A construção da torre foi cortar transversalmente este muro e inutilizar o troço que ficou no seu interior. Na segunda fase construtiva só o troço do exterior da torre é reutilizado: sobre a base de blocos ligados por argila é erguida uma parede (cuja extremidade norte se adossa à torre) de blocos de gabro-diorito agora ligados, à semelhança do verificado no muro 1, por abundante argamassa de cal e areia.

Muro 4. - Parece ser contemporâneo da construção da torre, uma vez que assentou sobre o topo do seu alicerce e ocasionou uma alteração visível no contorno da parede subaérea da mesma. Por outro lado, o muro 4 faz corpo com o troço reestruturado (segunda fase construtiva) do muro 3, a que é perpendicular, não obstante os blocos, de gabro-diorito e não aparelhados, que o integram terem sido ligados por argila (na segunda fase do muro 3 foi utilizada argamassa de cal e areia). Apresenta 0,6m de espessura. O seu alicerce foi construído na C.5 da área exterior da torre e assentou parcialmente sobre o topo do muro 5. A sua utilização parece estar em conexão com a C.3B que, como observámos anteriormente, constituiu uma espécie de piso de argamassa de cal e areia que prolongou na horizontal o topo do alicerce da torre. Estaríamos assim perante mais um testemunho da contemporaneidade da construção desta e da do muro 4.

Muro 5. - Pertence a uma fase construtiva anterior à do muro 4, pois foi parcialmente coberto por este. Espessura indeterminada. É constituído por blocos irregulares ligados por argila; integra fragmentos de tijoleira. É coberto pela C.4.

Podemos pois admitir que a torre circular teria sido construída durante o século XV. Foi guarnecer a esquina SE. do edifício IIE, de construção anterior à da torre (atenda-se ao muro 2). Igualmente anteriores, mas não sabemos se contemporâneos entre si, são os muros 3 (primeira fase construtiva) e 5.

2.3. SOND. C

Foi aberta no canto formado pelo pano E da muralha do castelo e a parede sul do edifício VB, no interior deste.

2.3.1. Estratigrafia

Observou-se a seguinte sequência, de cima para baixo:

C.1 - Espessura máxima ca. 0,2m. Calçada formada por blocos subparalelepípedicos de cor negra.

C.2 - Espessura ca. 0,2m. Entulhos contendo abundantes fragmentos de argamassa de cal e areia. Sem espólio cronologicamente significativo.

C.3 - Espessura 0,6m. Areia argilosa castanho-escura. Passa sob o alicerce do muro sul do edifício VB que foi, por conseguinte, construído muito depois da formação deste nível, cuja cronologia, com base no espólio cerâmico aí exumado, parece situar-se nos finais do século XV ou nas primeiras décadas do século XVI:

- Pratos de lábio descaído com superfícies vermelhas e brunidas;
- Panelas de colo cilíndrico;
- Pratos esmaltados a branco e pasta bege, de fundo exterior côncavo, onfaloide;
- Fragmentos de faiança esmaltada a branco e decorada a azul cobalto.

C.4 - Espessura 0,15m. "Piso" de argamassa de cal e areia que prolonga, na horizontal, o reboco da face interna da muralha. Encontra-se ao nível do topo do alicerce desta.

C.5 - Espessura 0,3m. Areia argilosa negra. Preenche a vala de construção da muralha e cobre os muros 10 e 11. O seu espólio indica o período tardo-romano/visigótico:

- Recipiente aberto, carenado, bordo extrovertido; perfil geral em S; pasta castanho-escura, manchada de cinzento com abundantes e.n.p. iguais ou superiores a 1mm; montado à mão ou ao torno lento;
- "Panela" de bojo ovoide ou globular e bordo extrovertido, pasta cinzenta-escura, grosseira;
- Ânfora da forma Almagro 51C tardia: o arranque superior da asa faz corpo com a parte superior do lábio.

C.6 - Espessura 0,35m. Areia acinzentado-clara. encosta aos muros 10 e 11. Foi cortada pela bolsa de construção da muralha (C.5). Escasso espólio, todo da Época Romana Imperial: terra *sigillata hispânica* (forma Drag. 27), *sigillata* clara A (forma indeterminada), *sigillata* clara D (forma Hayes 63).

C.7 - Espessura 0,3m. Areia solta amarelo-clara. Passa sob os muros 10 e 11 e foi cortada pela vala de construção da muralha. Arqueologicamente estéril.

C.8 - Espessura indeterminada. Argila amarelada. Arqueologicamente estéril. O alicerce da muralha parece ter assentado sobre a parte superior desta camada.

2.3.2. Estruturas

No seio da C.6 (assentando na C.7 e cobertos pela C.5) surgiram os muros 10 e 11, perpendiculares entre si, o primeiro de orientação N.NW.-S.SE. e o segundo de orientação E.NE.-W.SW.. São formados por blocos de gabro-diorito não aparelhados e ligados por argila. O muro 11, com ca. 0,5m de largura, foi cortado, na sua extremidade E.NE. pela vala de construção da muralha. Pertencem, certamente, à ocupação da Época Romana.

A muralha possui, aqui, alicerce constituído por blocos de gabro-diorito não aparelhados, que atinge uma altura de ca. 0,7m e que repousa sobre a parte superior do substrato consolidado (C.8); para a sua construção foi aberta uma vala a partir da C.5 que cortou as Cs.6 e 7. A face interna, subaérea da muralha, recebeu um reboco de argamassa de cal e areia.

A parede sul (m.13) do edifício VB é formada por blocos de gabro-diorito não aparelhados e ligados por abundante argamassa de cal e areia. De orientação E.-W., a sua extremidade E adossa-se à face interna (rebocada) da muralha e o seu alicerce cortou e assentou em parte na C.3, datada dos finais do séc. XV/primeiras décadas do séc. XVI.. Esta estrutura, como, aliás, todo o edifício VB, de que faz parte, é, pois, posterior a essa data.

3. Conclusões

Não apresentamos, por ora, ilacções de carácter estritamente arqueológico. Importa, neste momento, reter, tão somente, alguns aspectos que deverão ser considerados no âmbito da realização das obras de recuperação do Castelo de Sines. Assim, os trabalhos arqueológicos efectuados apontam no sentido de que se deverá atender:

- a) à possibilidade de existirem estruturas no subsolo da área interior da fortificação;
- b) à existência dos alicerces de uma torre de planta circular que guarnecia a esquina SE. do edifício IIE;
- c) ao carácter tardio dos edifícios I, III, IV e V, construídos nos períodos moderno/contemporâneo (das estruturas sub-aéreas conservadas, só o edifício II, para além das muralhas, parece ser anterior ao século XVI).

Setúbal, 15 de Novembro de 1993

O Arqueólogo Responsável



(Carlos Tavares da Silva)

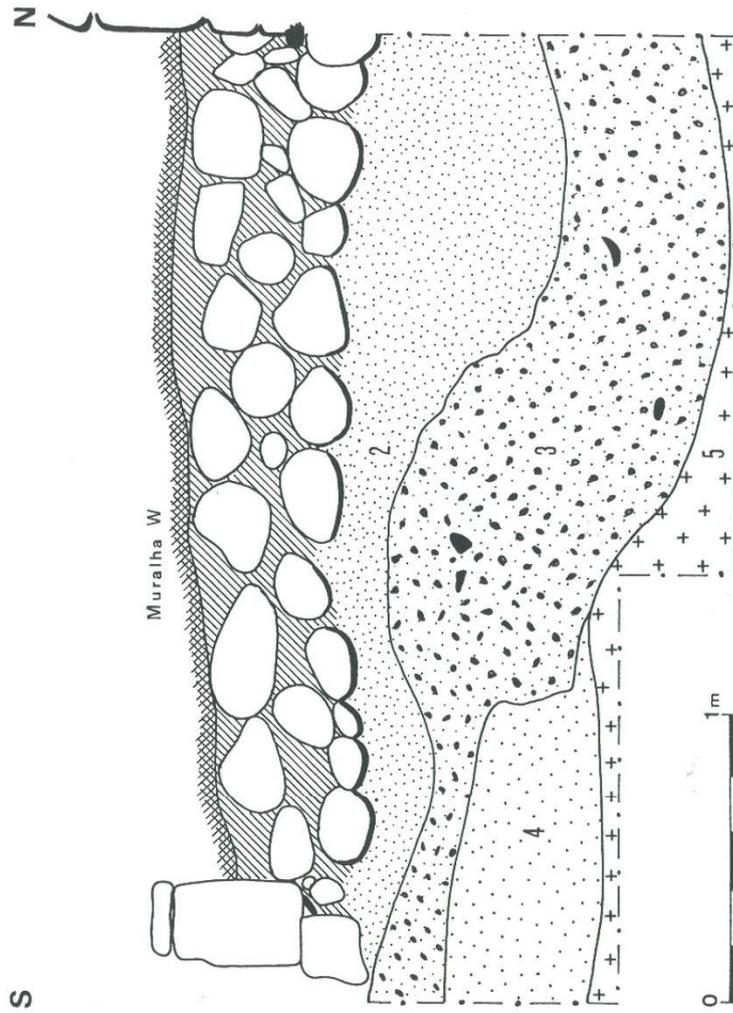


Fig.2 - Castelo de Sines, 1993. Perfil oeste da Sond.A..

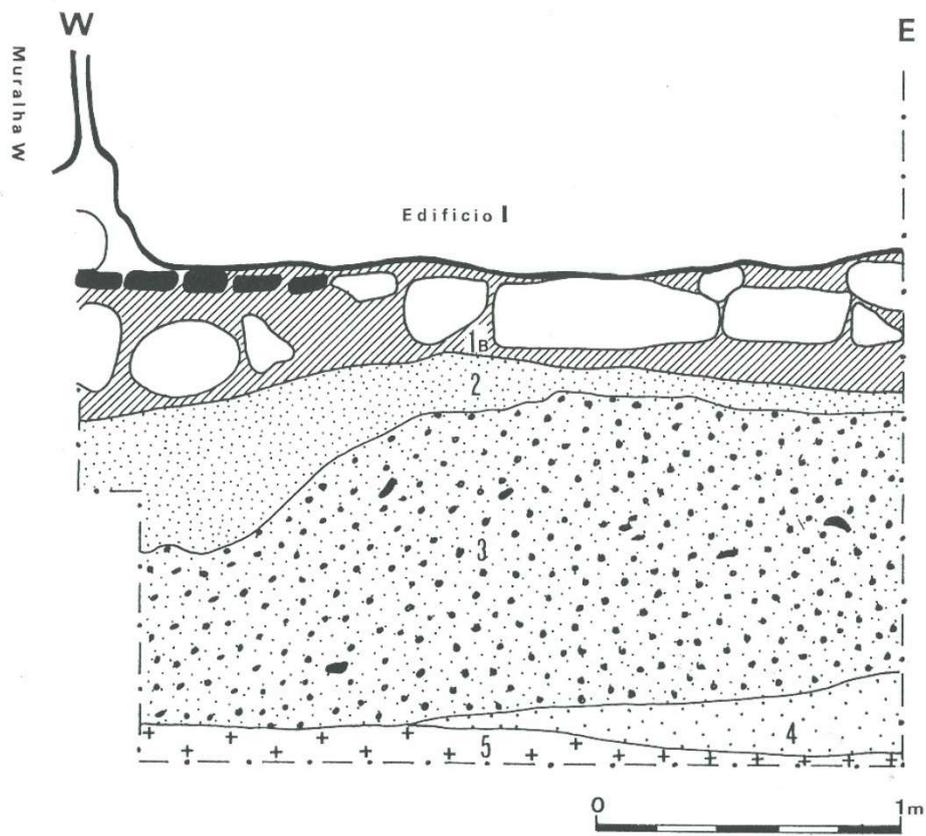


Fig.3 - Castelo de Sines, 1993. Perfil norte da Sond.A.

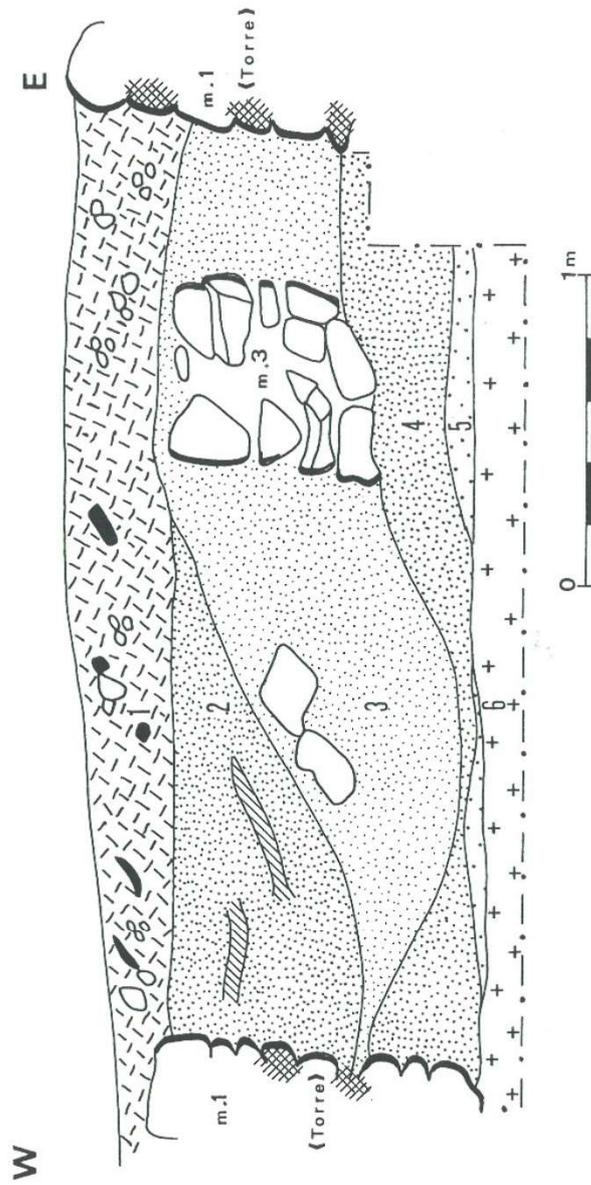


Fig.4 - Castelo de Sines, 1993. Sondagem B. Perfil obtido no interior da torre.

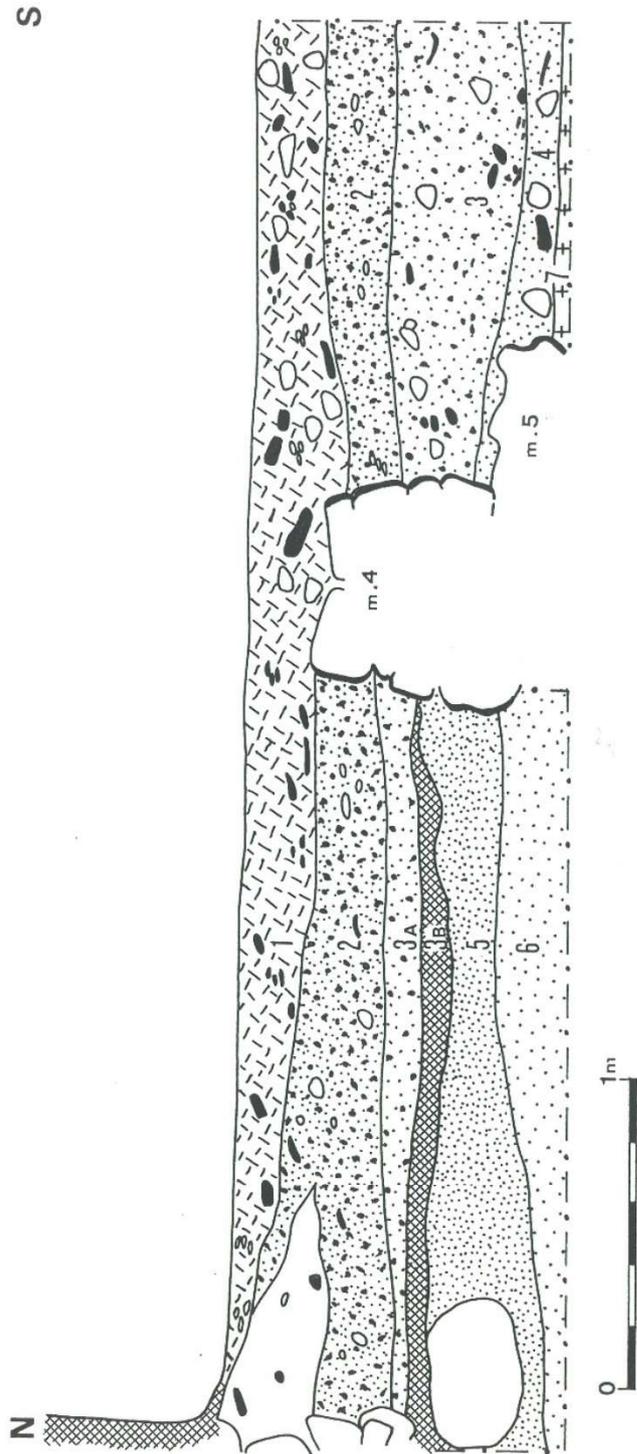


Fig.5 - Castelo de Sines, 1993. Perfil E. da Sond.B (exterior da torre).

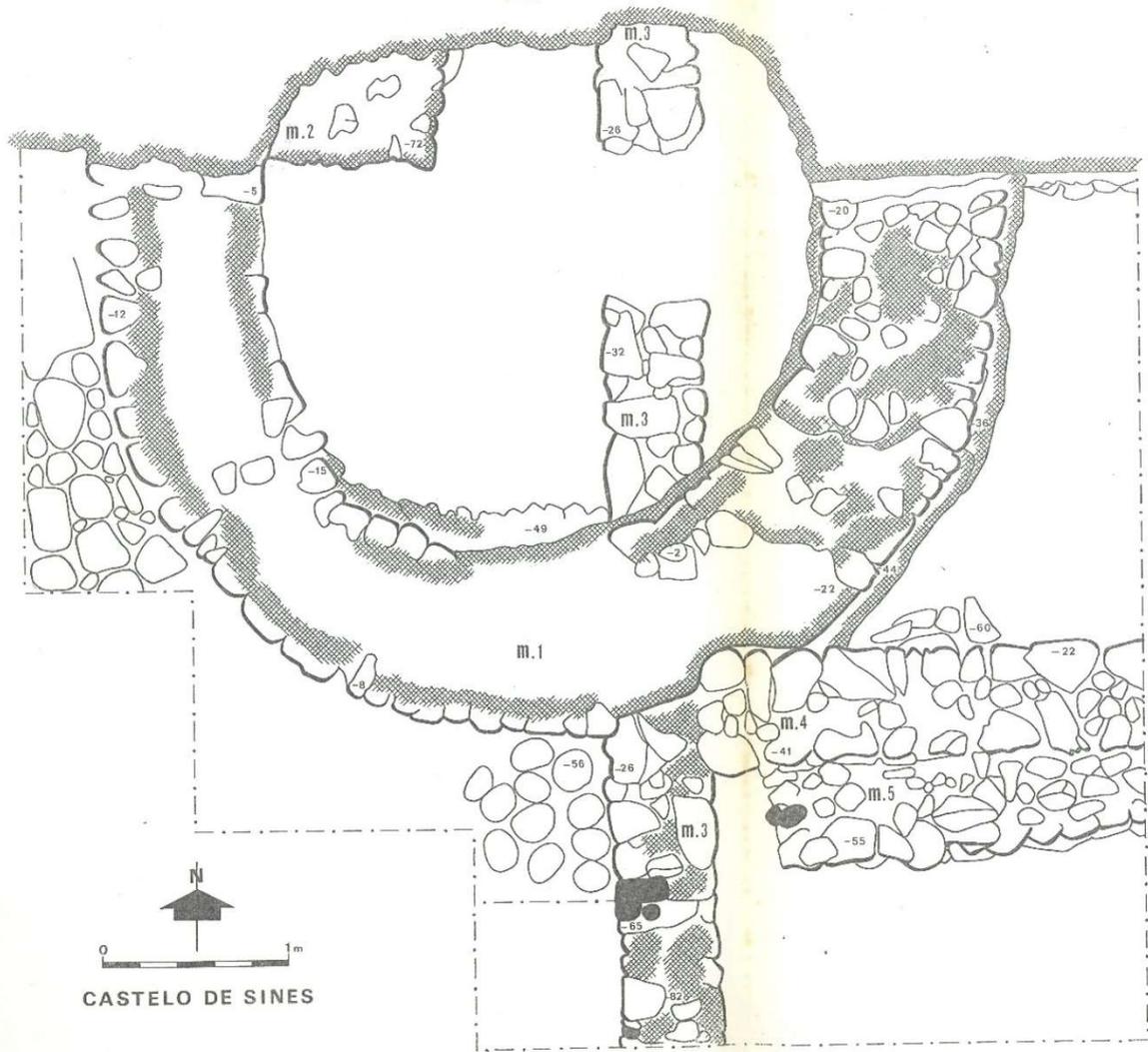


Fig.6 - Castelo de Sines, 1993. Planta da Sond.B.

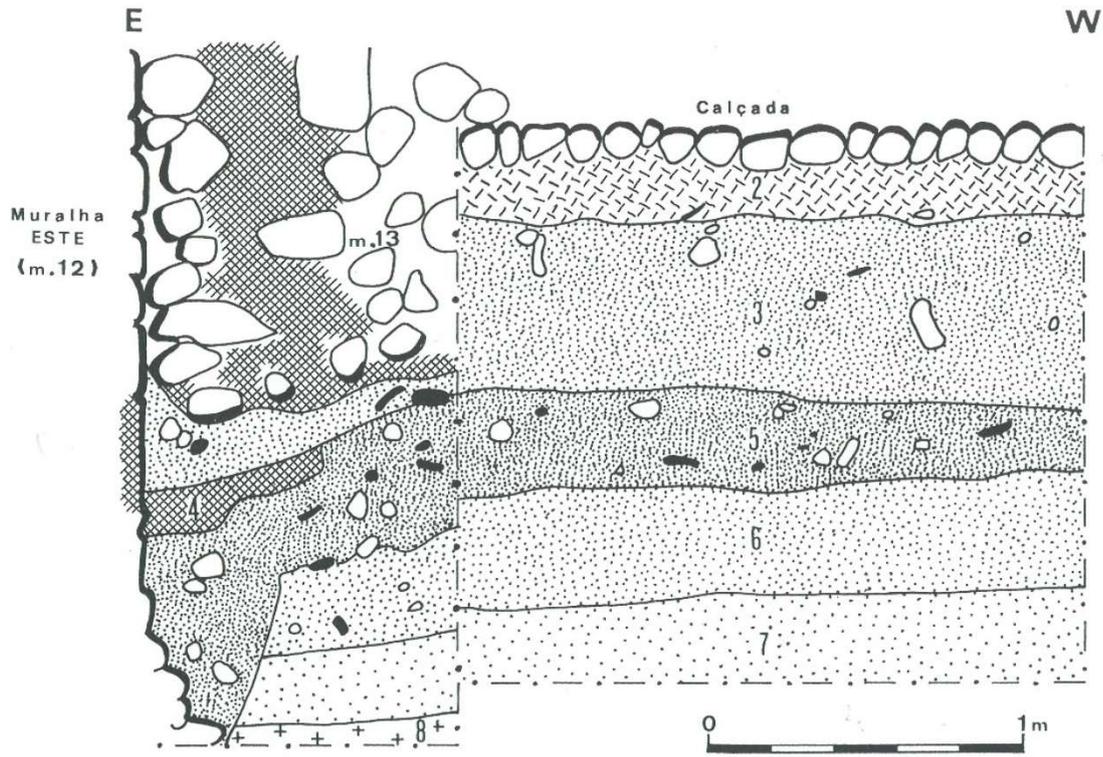


Fig.7 - Castelo de Sines, 1993. Perfil sul da Sond.C.

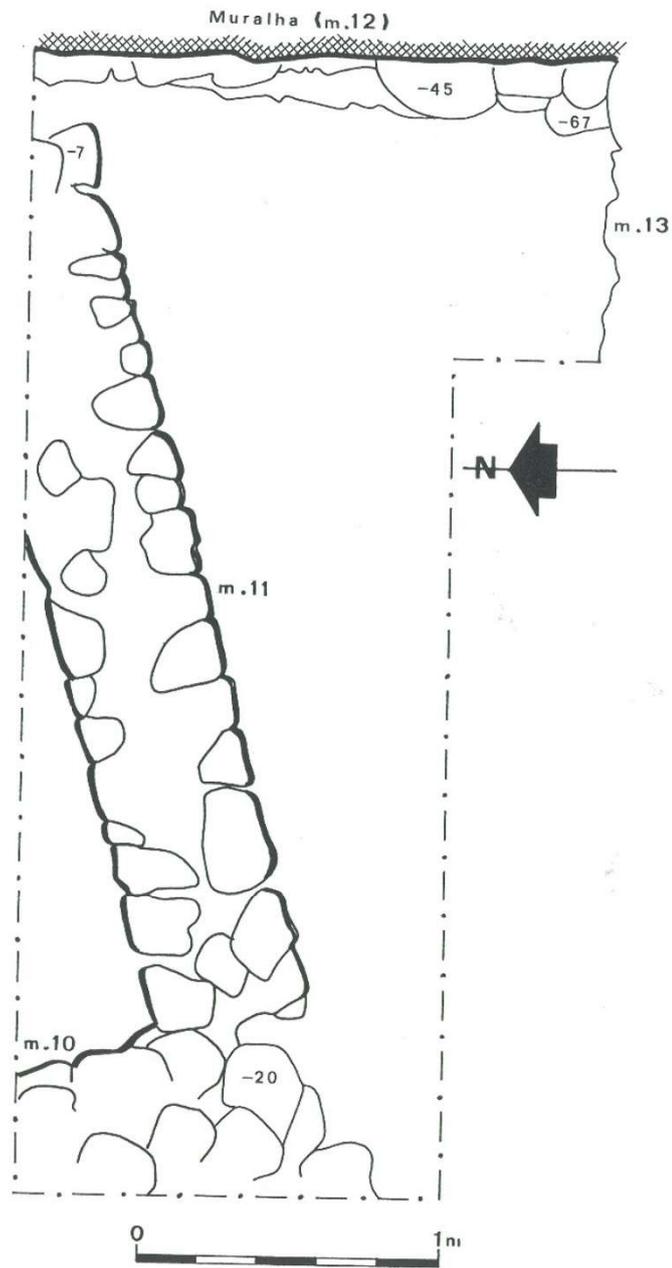


Fig.8 - Castelo de Sines, 1993. Planta da Sond.C.



Fig.11-Castelo de Sines, 1993. Sond.B. Aspecto do alicerce da torre circular.

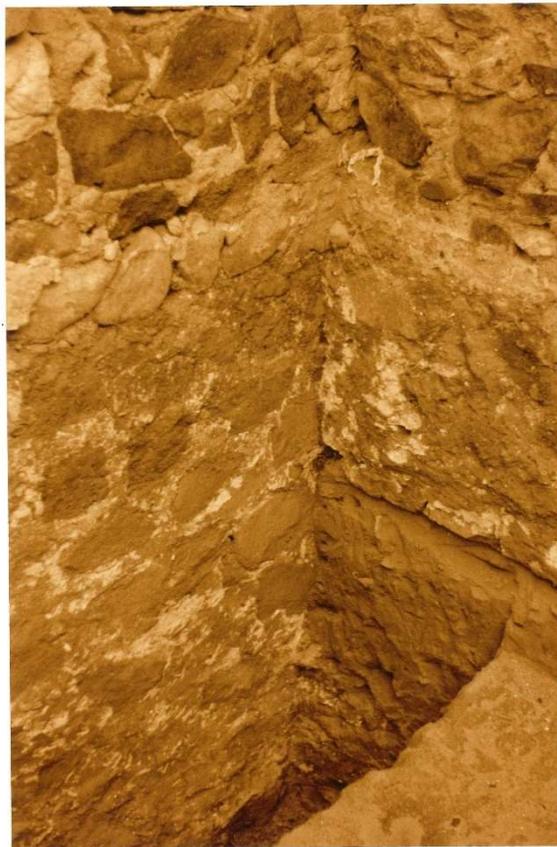


Fig.12-Castelo de Sines, 1993. Alicerce da muralha na Sond.C.

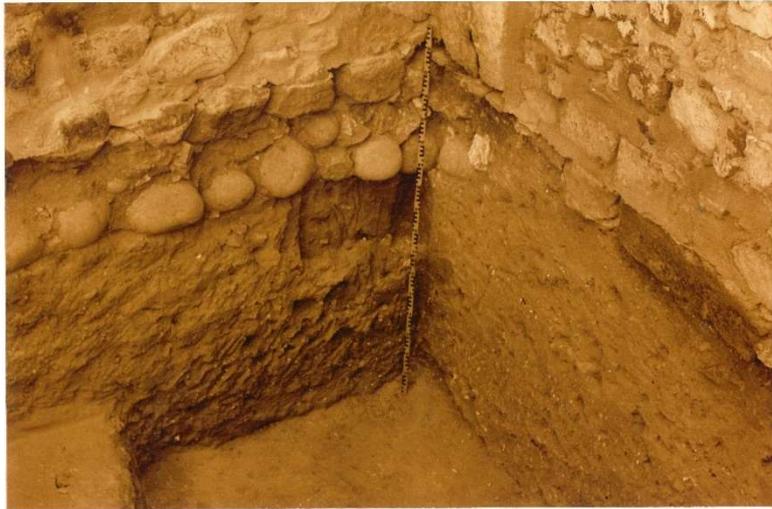


Fig.9 - Castelo de Sines, 1993. Sond.A. Vista (de SE.). Notar o alicerce da muralha constituído por blocos rolados.



Fig.10- Castelo de Sines, 1993. Vista geral da Sond.B (fotografia obtida de oeste).

Documento 144

2007 – Ricardo Estevam Pereira: *Memória descritiva do projeto de arranjos exteriores do Largo Poeta Bocage.*

MEMÓRIA DESCRITIVA

Pretende a Câmara Municipal de Sines valorizar o espaço do Largo Poeta Bocage, situado junto da entrada do Castelo (imóvel classificado como de Interesse Público pelo Decreto n.º 22:737 de 24 de Junho de 1933) e da Igreja Matriz de São Salvador (em vias de classificação), aproveitando a ocasião em que a inauguração próxima de um novo espaço destinado à realização de velórios, em local apropriado, vai permitir uma utilização mais lúdica deste espaço urbano de características únicas na cidade, até agora bastante inibida pelos naturais constrangimentos provocados pela realização dos funerais.

Pretende-se que este espaço venha a ter uma vocação virada prioritariamente para a população mais jovem, adaptando-se a antiga casa de velórios a espaço de informação e actividades dos jovens do concelho. Por outro lado, pretende-se dignificar a entrada do Castelo e melhorar as condições da esplanada actualmente existente como factor de atracção da população, favorecendo a permanência e o usufruto do largo. A eliminação do estacionamento e da circulação automóvel irão contribuir grandemente para o cumprimento deste objectivo, no entanto fica livre uma faixa de circulação para viaturas de emergência ou cargas e descargas com uma largura mínima de 4m.

A proposta baseia-se num princípio de intervenção mínima na estrutura edificada, criando-se estruturas em madeira que apenas pousam na antiga caçada, na qual será fixado o mínimo de fundações, apenas superficiais, de forma a não intervir num terreno cheio de potencialidades arqueológica.

São criadas duas plataformas quadradas com 8m x 8m, destinadas uma a esplanada e outra a apoio da casa na juventude, que se articulam com o declive natural do terreno por meio de degraus (como acontece no vizinho adro da Matriz) e onde se apoiam bancos de madeira e dois armários destinados a esconder barris de cerveja e outros materiais de apoio. Todos os elementos serão em madeira de casquinha ou pinho nórdico, devidamente tratados e imunizados em autoclave contra podridões, fungos e insectos, com 15% de humidade e garantia de 10 anos contra a podridão. As tábuas e barrotes deverão apresentar-se perfeitamente planos, axialmente direitos, sem qualquer empeno, torção ou falhas.

Todas as peças metálicas a utilizar, incluindo os parafusos, porcas e peças de ligação às fundações serão executados em aço inoxidável, não sendo permitida a utilização de qualquer outro metal devido a rápida oxidação resultante do ar marítimo.

Os “decks”, com 8m x 8m cada um, serão formados por tábuas estriadas, anti-derrapantes, com secção de 14,5cm x 2,8cm e 180cm de comprimento, aparafusadas a barrotes com secção de 6cm

x 12cm, espaçados de 50cm em 50cm, que por sua vez se apoiam em pilares formados por barrotes idênticos, espaçados de metro a metro, assentes em pequenas sapatas a que se ligam por meio de peças de aço inoxidável. Todo o contorno dos “decks” é rematado por espelho em tábuas lisas com 12cm de lado.

A articulação dos estrados com o terreno inclinado é feita por meio de degraus com o cobertor executado em tábuas idênticas às dos “decks” com espelho em tábuas lisas com alheta inferior de 4 cm. Na estrutura de apoio será necessário efectuar no local a natural adaptação ao terreno, inclinado e irregular, mediante o corte ou desbaste parcial dos barrotes, que nunca poderá ser rigorosamente definido em fase de Project.

Servindo de guarda e simultaneamente de banco e armário para arrumo de barris de cerveja e outros materiais de apoio, serão instalados dois móveis encastrados nos estrados, construídos em tábuas lisas aparafusadas a uma estrutura interior de barrotes, de acordo com as dimensões constantes nas peças desenhadas. As portas serão equipadas com dobradiças de aço inoxidável e fechaduras.

Os quatro bancos que completam o projecto serão executados em tábuas lisas idênticas às dos “Decks”, com estrutura interior em barrotes, de acordo com a pormenorização construtiva definida em coerência com o conjunto.

A solução encontrada permite criar uma atmosfera descontraída e festiva, com o conforto que a madeira lhe dá, que de certa forma evoca as antigas estruturas de temporárias que se armavam para a realização de touradas no interior do Castelo e as velhas bancadas que aqui existiam para o mercado diário que se realizou até aos anos oitenta do século vinte.

O arquitecto

Ricardo Estevam Pereira

Documento 145

2008 – *Texto para o filme sobre a Casa de Vasco da Gama, paptente no último piso da Torre de Menágem do Castelo.*

Texto de Cristena Neiva Correia e Ricardo Estevam Pereira, produção YDreams

Casa de Vasco da Gama

Este Castelo de Sines, onde nos encontramos, é hoje um museu. Mas nem sempre assim foi... Ao longo dos séculos, habitaram nesta casa alcaides e governadores militares, por aqui passaram engenheiros, bispos, artilheiros, pintores, escravos, arqueólogos e músicos, entre tantos outros, por entre os quais se destaca, naturalmente Vasco da Gama, que aqui morou há mais de quinhentos anos.

Desde essa época, muitas coisas se alteraram nas edificações, mas a sua estrutura base conserva-se ainda como era no tempo dos Gama. Se olhar para a janela que está aqui ao lado, verá um dos elementos sobreviventes do século XV, que terá sido mandado lavrar pelo pai do navegador. Este alcaide-mor chamava-se Estêvão da Gama, e a ele se ficou a dever a conclusão das obras de construção deste paço, onde habitou com a sua família e terão nascido alguns dos filhos. Mudou as escadas de sítio, reparou os telhados e alterou a compartimentação dos espaços. Mas também se preocupou muito com a defesa do castelo, que era a sua principal responsabilidade. Aumentou as torres, protegeu as portas e reparou as muralhas que ainda hoje nos cercam.

Apesar de terem sobrevivido estas paredes seculares, nada nos chegou do mobiliário e dos outros objetos que pertenciam à sua casa, com exceção de alguns achado arqueológicos que podemos ver nas vitrinas do lado. Vamos por isso recorrer a pinturas daquela época, conservadas no Museu Nacional de Arte Antiga, para nos ajudarem a descobrir como aqui se vivia, no tempo em que nasceu Vasco da Gama.

Neste quadro vemos uma casa onde acabou de nascer uma criança. O nascimento do próprio Vasco da Gama não terá sido muito diferente.

Para a ocasião, a casa encheu-se de gente. À volta da mãe vemos a parteira e outras mulheres atarefadas. A ama, com o recém-nascido ao colo, experimenta com a mão a água aquecida num tacho de cobre, vendo se está à temperatura certa, para lavar o bebé.

Outra mulher agita um abanico de palha, para viver as brasas do fogareiro de barro onde a água acabou de ser aquecida. É muito importante manter o fogo aceso, porque é difícil reacendê-lo, sem isqueiros ou fósforos, que naquela época ainda não tinham sido inventados.

A mãe, como todas as mulheres que acabaram de ter um bebé, está muito cansada. É necessário que se restabeleça depressa, por isso o pintor mostra-nos que já está a ser preparada a sua refeição. Uma das mulheres acaba de entrar com um cesto cheio de ovos e vários objectos estão já colocados junto do fogareiro – entre eles uma escudela de barro, um jarro e um pequeno pote.

No meio desta azáfama algumas das mulheres até ataram as mangas atrás das costas, para poderem trabalhar mais à vontade.

Como vê, naquele tempo as casas abastadas não estavam divididas como hoje: repare como havia um espaço comum onde se vivia, dormia, cozinhava e se faziam as refeições. Os espaços interiores eram muitas vezes bastante amplos e era difícil mantê-los aquecidos, porque as janelas raramente tinham vidros. Existia por isso uma lareira para aquecer cada um dos compartimentos de habitação deste castelo, alguns dos quais tinham tetos forrados a cortiça para conservarem melhor o calor durante o inverno.

Numa casa de fidalgos, como eram os Gama, a cama seria o móvel mais importante. Apesar de ser pouco mais do que um estrado, ela era totalmente coberta por ricos tecidos, por vezes bordados. Mas os teares naquela altura eram estreitos, repare nos laços que unem as bandas de tecido que formavam o dossel – esta espécie de tenda que protege a cama e divide o espaço.

O dossel protegia das correntes de ar e ajudava também a manter alguma privacidade. As famílias eram grandes, tinham muitos filhos e normalmente dormiam todos no mesmo espaço, acompanhados até por alguns dos seus criados.

Havia poucos móveis e quase todos tinham mais do que uma função. O mais frequente era a arca, que servia para guardar a roupa e pequenos objectos. Servia de banco ou de cama, e até para guardar alimentos, como a farinha ou a carne salgada.

As cadeiras – à época muito raras – só eram usadas por pessoas de grande importância. Normalmente, os restantes sentavam-se em bancos ou em almofadas no chão, em cima de estrados de madeira, tapetes ou belas esteiras de palha, como aqui vemos. A mãe de Vasco da Gama, D. Isabel Sobré, terá passado muitas horas assim, sentada, em almofadas no chão, costurando, bordando ou fiando, atividades frequentes das senhoras da época. Aqui vemos uma cesta de costura com uma tesoura semelhante às que ainda hoje utilizamos.

Em finais do século XV ainda não havia local fixo, nem sala própria, para as refeições. Punha-se a mesa em diferentes sítios, consoante a época do ano ou o número de pessoas, por isso ainda hoje dizemos “pôr a mesa”. Montava-se um tampo sobre cavaletes e cobria-se com uma toalha.

Nesta época os garfos eram também muito raros, comia-se principalmente com a colher, a faca e até com a mão. Mesmo os pratos eram poucos, a comida era colocada sobre trinchantes, que eram pequenas tábuas de madeira ou por vezes de estanho, mas comia-se muitas vezes sobre fatias de pão, como ainda hoje se comem sardinhas.

Documento 146

2009 – *Comentário do Júri justificando a atribuição do Prémio IHRU à Recuperação do Castelo de Sines.*

Disponível me linha: <https://www.ihru.pt/-/castelo-museu-sines>

COMENTÁRIO DO JURI

Trata-se de uma intervenção integrada que envolve o agora musealizado Paço dos Governadores Militares, o terreiro, a muralha e a praça adjacente à porta de armas, o Largo Poeta Bocage. É uma reabilitação com respeito pelas estruturas construtivas e espaciais com valor histórico/patrimonial, rigor na reabilitação da muralha, dos madeiramentos, nomeadamente da estrutura aparente das coberturas, dos rebocos e das pinturas dos tectos. As estruturas introduzidas na praça adjacente à porta de armas têm bom desenho, potenciam os equipamentos existentes nesse espaço e não comprometem as estruturas arqueológicas que poderão existir no subsolo.

O projecto de recuperação do castelo de Sines assentou numa série de princípios simples e claros, com o objectivo não só de garantir a conservação e reutilização deste imóvel classificado, mas também de impulsionar a revitalização do centro histórico. O castelo é o centro natural da cidade. É referido pela primeira vez no foral de D. Pedro I, que impõe aos habitantes da nova vila a sua construção como contrapartida para a independência municipal. É graças à segurança que ele vem trazer que Sines se pode desenvolver. A recuperação da estrutura edificada baseou-se em princípios de intervenção mínima, conservando-se o mais possível os materiais existentes, substituindo apenas aqueles, cujo estado de degradação punha em causa a segurança do conjunto e introduzindo as alterações estritamente necessárias à nova utilização e estas, sempre que possível, reversíveis. Logo a partir da fase de projeto, houve um acompanhamento arqueológico permanente e uma investigação arquivística de base, que se cruzaram e permitiram que a própria intervenção integrasse um processo de interpretação da arqueologia vertical dos edifícios. Era necessário recolocar o castelo no dia-a-dia das pessoas. Assim, a abertura de uma nova porta na muralha - à semelhança de outras que comprovadamente existiram e foram encerradas e veio permitir o atravessamento, integrando o espaço nos principais percursos pedestres pela cidade, abrindo literalmente a porta para o Largo João de Deus, que assim ganhou uma nova importância na hierarquia urbana. Por outro lado, o Largo Poeta Bocage, onde se situa a antiga porta de entrada, foi repensado como espaço destinado à juventude, fundamental para a revitalização do centro histórico, pelo que o equipamento instalado convida à pausa, à permanência, à conversa e à festa, com duas plataformas de madeira, onde podem assentar esplanadas, ou servir de base a eventos culturais, articuladas com bancos, numa atitude de grande informalidade.

(extrato da Memória Descritiva)

Documento 147

2017, fevereiro, 22 – Bento Caldeira, José Borges e Rui Oliveira – *Relatório de Prospeção Geofísica para detecção de vestígios arqueológicos nas áreas do interior das muralhas do Castelo de Sines.*

Arquivo do Museu de Sines

Inédio



Relatório de Prospeção Geofísica para detecção de vestígios arqueológicos nas áreas do interior das muralhas do Castelo de Sines

Bento Caldeira, José Borges e Rui Oliveira

Évora, 22 de fevereiro de 2017

Índice

1-Introdução	3
2-Ensaio Geofísicos	291
2.1. Georradar (GPR)	291
2.2. magnética	293
3- RESULTADOS	295
3.1- GPR	295
3.1.1- Área 1	295
3.1.2- Área 2	296
3.1.3- Área 3	301
3.1.4- Área 4	305
3.1.5- Análise conjunta dos modelos 3D produzidos nas áreas exteriores	307
3.1.6- Áreas interiores do Castelo	307
3.2- Magnética	309
4- Conclusões	312
Bibliografia	Erro! Marcador não definido.
Anexos	Erro! Marcador não definido.
Anexo 1 - Radargramas processados da área 1	Erro! Marcador não definido.
Anexo 2 - Radargramas processados da área 2	Erro! Marcador não definido.
Anexo 3 - Radargramas processados da área 3	Erro! Marcador não definido.
Anexo 4 - Radargramas processados da área 4	Erro! Marcador não definido.
Anexo 5 - Áreas cobertas pelo levantamento magnético	314
Anexo 6 - Principais anomalias do levantamento magnético	315
Anexo 7 - Distribuição de resultados do levantamento magnético	45

1-INTRODUÇÃO

A Geofísica é uma ciência que estuda a Terra por aplicação dos princípios e leis da Física. Na sua forma aplicada usa um conjunto de técnicas de investigação do subsolo a partir dos valores de várias grandezas físicas medidas à superfície. O resultado são modelos da distribuição espacial das propriedades físicas do subsolo, relacionáveis com as estruturas que compõem esse subsolo. Esses modelos são obtidos por processamento dos dados registados à superfície, através da aplicação de leis físico-matemáticas desenvolvidas para o efeito. O âmbito da aplicação destas técnicas é muito amplo uma vez que abrange o estudo desde as regiões mais profundas da Terra até à deteção de estruturas muito superficiais. Os ensaios geofísicos apresentados neste relatório têm por objetivo avaliar a presença de estruturas subsuperficiais com potencial arqueológico e esclarecer a sua distribuição espacial no subsolo dos espaços exteriores intra muralhas do Castelo de Sines. Foi aplicado um cruzamento de duas técnicas não invasivas, Radar de Penetração do Solo – GPR e gradiometria magnética.

Este trabalho surge por convite da Câmara Municipal de Sines, no seguimento de um contacto estabelecido entre a equipa de geofísica da Universidade de Évora/ICT e o Arq. Ricardo Pereira durante o congresso “Palácios e Dinâmicas Urbanas: centros de poder e de conhecimento na Europa”, que aconteceu no âmbito da celebração dos 500 Anos do Palácio de D. Manuel. O Município de Sines e o seu Museu manifestaram muito interesse em investigar a existência de estruturas enterradas, das quais há vestígios, nomeadamente os obtidos nas diversas sondagens ali realizadas.

Para melhor poder entender os contornos do problema e seus condicionalismos práticos, a equipa de geofísica começou este estudo com uma primeira visita ao local em julho de 2016 seguida de algumas leituras sobre a geologia e história do local (eg Aires-Barros A., 1963; Inácio; 2007).

O castelo de Sines está implantado sobre um maciço ígneo junto a uma falésia de contacto com o oceano, junto à praia Vasco da Gama. Trata-se de uma cintura de muralhas do século XV que de acordo com as informações históricas terá sido construído em torno da aldeia primitiva, progressivamente demolida ao longo do século XVI. A área interior do castelo, com cerca de 4500 m² apresenta-se como um espaço vazio e aplanado, quase todo em terra batida, exceto nas faixas calcetadas junto às duas entradas. A planificação da campanha foi feita tendo em consideração as informações recolhidas, em função das quais foram decididas as técnicas a usar e as metodologias a aplicar.

Optou-se por delimitar as áreas de registo sobre quatro retângulos que cobrissem a quase totalidade da superfície descoberta intra muralhas. Sobre essas áreas foram definidos perfis retilíneos, paralelos, que definem as grelhas de varrimento. No caso do GPR, estes perfis foram planificados para serem marcados e percorridos com uma separação de 0,5 m de modo a efetuar-se um processamento 3D. As zonas periféricas às grelhas de varrimento 3D foram preenchidas com perfis individuais que terão um processamento 2D. Relativamente à magnética foram recolhidos dados sobre as áreas onde foi feita a cobertura GPR em modo 3D. A localização precisa das grelhas e perfis individuais foi feita com recurso à técnica de geodesia espacial GNSS em modo diferencial. A Figura 1 representa as áreas de registo GPR.

A campanha de recolha de dados foi feita nos dias 22 e 23 de setembro de 2016. Os trabalhos iniciaram-se com a marcação das grelhas planificadas. A partir daí, as duas equipas constituídas (GPR e Magnética)

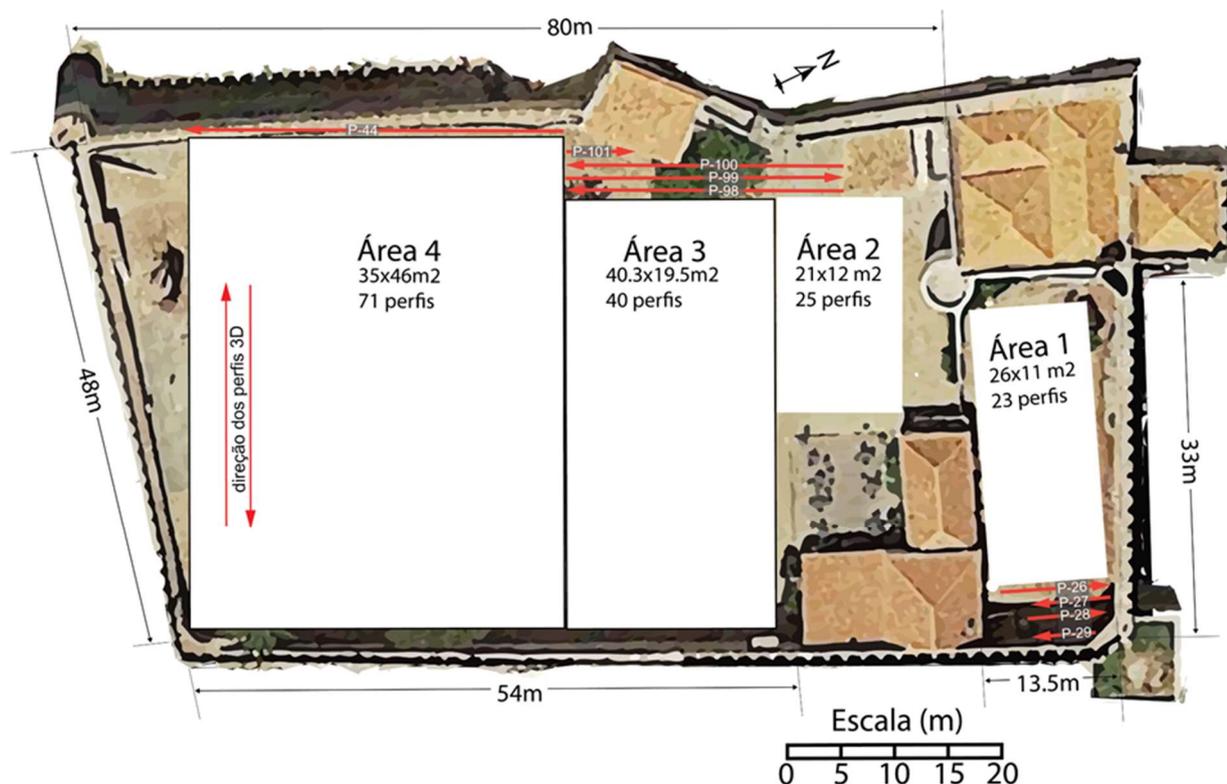


Figura 1- Imagem de satélite (Google Earth) do castelo de Sines, onde estão assinaladas as áreas de implantação dos perfis de GPR para processamento 3D (Área 1, Área 2, Área 3 e Área 4) bem como as suas dimensões e o número de perfis executado sobre cada uma dessas áreas. As setas vermelhas, identificadas com o número de código do perfil (eg. P-99) nas zonas periféricas das áreas 3D representam os perfis isolados para processamento 2

procederam ao levantamento dos registos de acordo com a planificação. A equipa de GPR executou os registos na sequência: Área 1, Área 2, Área 3 e Área 4. A equipa de Magnética fez os levantamentos: Área 4, Área 3 e Área 2. Não foram feitas leituras de magnética na Área 1 devido às perturbações magnéticas que se constataram, devidas à diversidade de objetos metálicos espalhados por aquele espaço (balcão com lavalouças, portão metálico, tampa de esgoto...). No fim dos levantamentos geofísicos foi feito o levantamento topográfico de cada uma das áreas de estudo.

A compilação, processamento de dados e interpretação dos resultados foi feita no laboratório de Geofísica da Universidade de Évora e será detalhado nas secções seguintes.

2-ENSAIOS GEOFÍSICOS

2.1. GEORRADAR (GPR)

O funcionamento do georradar (Milsom, 2007) consiste na transmissão de pulsos eletromagnéticos com determinada frequência através de uma antena (Tx) dirigida para o subsolo e na receção, noutra antena

(Rx), da parte da energia desses pulsos refletida nas estruturas enterradas no solo. Cada registo corresponde a um pulso de onda procedente do solo, com determinada duração, cuja amplitude em cada instante é relacionável com as propriedades elétricas e magnéticas do meio atravessado em cada profundidade.

O registo sequencial destes pulsos de onda numa antena que se arrasta ao longo de determinado perfil pode ser representado num diagrama bidimensional denominado radargrama. O radargrama surge então sob a forma de uma imagem que dá uma visão invulgar da distribuição pelo subsolo das propriedades eletromagnéticas das estruturas que constituem o meio por onde as ondas se propagam (resistividade elétrica, constante dielétrica e permeabilidade magnética). A interpretação do radargrama permite estimar a localização das estruturas enterradas e suas dimensões sobre um plano vertical. Por interpolação de radargramas contíguos é possível modelar tridimensionalmente a distribuição espacial das estruturas sob da superfície.

Nos ensaios de GPR realizados no Castelo de Sines utilizou-se um equipamento da marca GSSI, modelo SIR-3000, munido de antena monoestática de 400 MHz. A condução da antena ao longo dos perfis e o transporte dos restantes módulos, foi executada com um carrinho equipado com roda tacométrica calibrada, para registo simultâneo da posição ao longo dos perfis (Fig. 2). A Tabela 1 assinala os parâmetros de configuração do GPR usados em todo o levantamento.



Figura 2 Equipamento de GPR usado nos ensaios.

Tabela 1- Parâmetros de configuração do GPR para a antena utilizada

antena de 400MHz	
Modo de registo horizontal	Distância
Bits por amostra	16
Traços por metro	50
Alcance (ns)	60

Alcance aprox. (m)	2.5
Amostras por traço	1024
Ganho	5pts : (-3dB; 36dB; 36dB; 47dB; 54dB)
Filtro Vertical IIR	LP=800MHz; HP=100MHz
Ajustes de superfície	Offset=5,2 ns; Surface=2,51%

A análise e processamento dos radargramas foi realizada com o programa Radan 7.1 tendo-se seguido uma metodologia de processamento em duas fases. Na primeira fase foram selecionados aleatoriamente os radargramas de três ou quatro perfis de cada uma das áreas nos quais se experimentaram várias parametrizações da metodologia de processamento escolhida: A- Filtro horizontal para remoção do ruído de fundo; B- Correção do ganho; C- Desconvolução preditiva e D- migração. Esta fase de afinação do processamento é fundamental em situações em que os dados serão usados para produzir modelos 3D, de forma a conseguirem-se contrastes comparáveis em todas as áreas. Assim, neste caso a parametrização a que se chegou está definida na Tabela 2.

Tabela 1- Fases do processamento dos dados GPR e parametrização utilizada

Processamento	Parâmetros
FIR Bkg. Remove	Length=201
FIR Vertical	LowPass=610MHz
Range Gain (exponential)	Np=5(6;10;13;12;9)
Deconvolution	OP Length=31; Lag=3; PW=10%; GN=4
Migration	Const_Diel=8

Para o cálculo dos modelos 3D, os perfis correspondentes a cada uma das áreas foram organizados de acordo com a geometria do levantamento e processados através do módulo 3D do Radan 7.1. Seguidamente, o modelo numérico 3D de refletividades obtido foi exportado em formato ascii para posterior processamento gridding e preparação das visualizações (3D, tomogramas ou vídeo) com o software Voxler.

2.2. MAGNÉTICA

Os ensaios de magnetometria foram realizados com o equipamento GEM Systems GSM-19 constituído por sensores Overhauser de sensibilidade 0,022 nT. O modo de aquisição de dados aplicado visou a determinação do gradiente magnético sobre os perfis. Para tal, foram usados quatro magnetómetros dispostos em estrela e montados sobre um carrinho fabricado com materiais de susceptibilidade magnética desprezável (ver Fig. 3). Cada um destes magnetómetros mede o valor absoluto do campo magnético terrestre local. A partir desses valores é posteriormente calculado o gradiente do campo magnético, que será afetado se nas proximidades houver alguma anomalia magnética de curto alcance. Sobre os magnetómetros foi ainda montada um receptor GPS precisa das leituras sobre os perfis. Cada medida do campo magnética é automaticamente associada a coordenadas UTM no solo havendo

garantida uma precisão de localização de 0.25 m. O processamento de dados e representação de resultados foi realizado com o matlab.



Figura 3- Equipamento de prospecção magnética utilizado

O magnetómetro foi configurado para uma taxa de amostragem de 2 Hz e o levantamento dos dados foi realizado em modo zig-zag, tendo-se seguido linhas de orientação paralelas, dispostas no solo com separação de 2,0m entre si.

A partir dos valores medidos foi calculado o valor do gradiente vertical do campo magnético total com separação entre linhas de 1 m e separação de amostra em linha de aproximadamente 25 cm (valor variável dependendo da velocidade de progressão do cart).

O processamento dos dados foi realizado com recurso ao programa MATLAB e as operações efectuadas consistiram no seguinte:

- Transferência dos dados, análise dos mesmos tendo em vista a individualização por áreas de levantamento e a supressão de pontos com informação redundante que corresponde a momentos de imobilização do cart para contorno de obstáculos, ou outros procedimentos inerentes à realização do levantamento
- Supressão de leituras que apresentem elevado grau de incerteza sugerido pelo factor de qualidade que acompanha as leituras (o factor de qualidade baixo em geral corresponde a leituras em zonas contaminadas por materiais de elevada susceptibilidade ;
- Desmontagem do zig-zag. (neste processo os dados foram sistematicamente inspeccionados de modo a detectar possíveis efeitos relacionados com o sentido de progressão aquando do levantamento);

- Projeção dos pontos adquiridos sobre a recta obtida por regressão linear a partir das coordenadas dos pontos adquiridos ao longo do perfil;
- Eliminação dos picos do gradiente do campo magnético através do método (método z-score);
- interpolação dos dados para uma malha linear regular com espaçamento de 0.5 m;
- suavização ao longo de cada linha através de filtragem passa baixo (filtro de média);
- Filtragem espacial passa alto através do emprego de um filtro digital de modo a eliminar variações de grande comprimento de onda do gradiente do campo que deverão estar associadas ao campo produzido por corpos de grandes dimensões, designadamente aqueles que estão associados a grandes estruturas ou ondulação do substrato, ou até afloramentos rochosos.;
- Interpolação para toda área de levantamento através do método polinomial Kriging e posterior suavização;
- Criação de mapas de iso-gradiente do campo magnético para posterior interpretação através do software MATLAB e SURFER.

A localização dos levantamentos efectuados nas três áreas Área 2, Área 3 e Área 4, bem como a localização espacial dos pontos adquiridos encontra-se representada no Anexo 5. Chama-se a atenção para a existência de lacunas de pontos que ser devidos à eliminação de leituras cujo grau de confiança não é satisfatório

3- RESULTADOS

3.1- GPR

O processamento de GPR incidiu sobre um total de 169 perfis, que perfazem 6200 m. Atendendo a que o registo foi feito a uma taxa de 50 traços/metro e cada traço tem 1024 amostras temos um processamento que teve de incidir sobre 310 000 traços, ou seja, cerca de 317 milhões de amostras. Deste processamento resulta um conjunto de diagramas (radargramas), ver Fig. 4, que contém informação sobre as estruturas da subsuperfície numa linguagem peculiar e distinta da percepção humana. É possível, mediante a aplicação de operações matemáticas que designamos por migração, traduzir essas representações para uma linguagem melhor inteligível, embora por vezes de resolução baixa, e usar vários radargramas contíguos para produzir modelos tridimensionais (3D). Neste caso foram produzidos dois tipos de tais imagens (radargramas individuais e modelos 3D) cuja interpretação poderá apoiar o trabalho arqueológico. A análise que se apresenta é feita com base na interpretação desses dois conjuntos de imagens.

3.1.1- Área 1

Nos radargramas da Fig. 4 estão assinalados alguns elementos interpretativos de três perfis da Área 1; o Anexo 1 contém os 23 perfis registados nesta área. É a partir da combinação entre a feição das perturbações visíveis nos radargramas processados em associação com outras informações prévias das zonas de estudo que as interpretações são produzidas. Neste caso chama-se a atenção para alguns padrões de reflexão. O recorte junto à parte superior dos radargramas, assinalado a tracejado amarelo

nos painéis superior e inferior e que sugere uma camada muito superficial, interpretamos devida à capa regularizadora do solo, formada por areia ou saibro. As zonas de perturbação difusa (p. exemplo nos primeiros 10m do radargrama superior), nestes ambientes podem corresponder a deposição de materiais grosseiros de diferentes composições (tipo entulhos/derrubes...). Em determinados troços dos radargramas notam-se áreas de forte perturbação que se estendem em profundidade, como as assinaladas por volta dos 10 m, dos 18 m e dos 22 m no radargrama do painel superior, ou na parte inicial e final do radargrama do painel do meio, ou ainda nas várias zonas assinaladas no radargrama do painel inferior. Tais perturbações são geralmente produzidas por reflexões em descontinuidades extensas, como muros, blocos extensos, mas também reflexões produzidas nas superfícies criadas pela abertura de valas. Outro tipo de perturbação que surge frequentemente, apresenta-se na forma de hipérbolas isoladas de maior ou menor extensão e mais ou menos bem definidas. Esse tipo de assinatura é devido a materiais isolados com uma natureza diferente da do meio envolvente (refletores) e com uma dimensão da ordem de grandeza do comprimento de onda da radiação utilizada (com a antena usada, o comprimento de onda anda pelos 0,2 m, pelo que os objetos que produzem esta assinatura terá dimensões entre 0,4 m e ~1 m). Na Fig. 4 estão assinaladas algumas dessas hipérbolas. No perfil do painel superior, no meio da zona de forte perturbação situada ~18 m é nítida uma dessas hipérbolas que interpretamos como sendo produzida pela cavidade de uma conduta larga ou estrutura equivalente. Já as hipérbolas que aparecem no perfil do centro entre os 4 m e os 7 m, parecem ter natureza diferente; talvez produzidos por grandes pedras enterradas próximas da superfície (< 0,5 m).

Combinando a interpretação de perfis contíguos é possível definir modelos tridimensionais das superfícies refletoras. Assim a Fig. 5 representa o modelo 3D de amplitudes de reflexão, configurado para evidenciar as mais importantes estruturas introduzidas no substrato da Área 1, vistos de três diferentes pontos de observação. Sensivelmente a meio da área é bem visível uma anomalia que define uma caixa de saneamento cuja tampa pode ser vista na superfície; também se notam perfeitamente as condutas que convergem na referida caixa. Uma em direção à muralha outra em sentido oposto; esta segunda apresenta outras ramificações. Para além destas condutas que dominam o modelo, há outros dois focos extensos de reflexão, presentes no painel A da Fig. 5, que podem revestir interesse arqueológico. São eles o topo Este da Área 1, incluindo um alinhamento para Oeste que dali deriva, visível nos três painéis, e o extremo NW da Área 1, onde se nota o contorno de um aglomerado de estruturas, que incluem uma cavidade circular, mais visível no painel C.

Para além dos resultados de GPR analisados, foram efetuados mais quatro perfis isolados adjacentes ao topo Este da Área 1 (ver Fig. 1) cujos resultados revelam uma profusão de refletores extensos nas áreas adjacente à muralha. A Fig. 6 apresenta os radargramas obtidos sobre esses perfis depois de processados.

3.1.2- Área 2

Tal como apresentado na a Área 1, a Fig. 7 apresenta três dos 26 radargramas registados na Área 2, depois de processados. Os restantes encontram-se no Anexo 2. Nesses três radargramas chama-se a atenção para vários padrões de reflexão produzidos e a interpretação que deles se fez, relacionando-os com possíveis estruturas. Por exemplo, no radargrama do painel superior destacam-se duas estruturas verticais uma a cerca de 1,5 m do início do perfil e outra ~ 9 m; a primeira mais superficial e a segunda mais profunda, ambas com desenvolvimento vertical a partir de uma interface com continuidade ao longo do perfil. Este tipo de assinatura em contexto arqueológico pode ser produzido por restos de muros, entretanto cobertos por sedimentos. Entre 18 e 20 m assinalam-se duas parábolas extensas envolvidas numa zona de fortes amplitudes de reflexão. Este padrão foi interpretado como sendo produzido por condutas de diâmetro razoável, como as usadas nos esgotos ou águas pluviais. Verifica-se que é uma estrutura que corta os três perfis representados bem como os restantes, representados no Anexo 2. No radargrama do painel inferior observa-se um refletor que se estende horizontalmente ao longo do perfil e

encaixa numa área de forte perturbação, que coincide precisamente com o alinhamento das condutas referidas. No radargrama do painel do meio da Fig. 7 sobressai uma forte perturbação com prolongamento vertical aos ~ 3 m do início do perfil. É um padrão habitualmente produzido em cavidades vazias cobertas por um material fortemente condutivo (metais) como caixas de saneamento. No fim deste perfil sobressai uma hipérbole no meio de uma zona de reflexão que será de uma conduta tipo esgoto. O radargrama do painel inferior exhibe um refletor que se estende horizontalmente ao longo do perfil e encaixa numa área de forte perturbação com prolongamento vertical.

Interpretamos esse refletor horizontal corresponder a uma conduta do tipo esgoto que vai ligar a outro troço.

O modelo 3D produzido a partir dos dados lidos na Área 2 está representado na Fig. 8 onde foram realçadas as estruturas mais significativas. Nas panorâmicas apresentadas são visíveis as estruturas interessadas nos radargramas individuais que agora ganham maior significado.

Perfis GPR
 Área 1
 Castelo de Sines
 2016

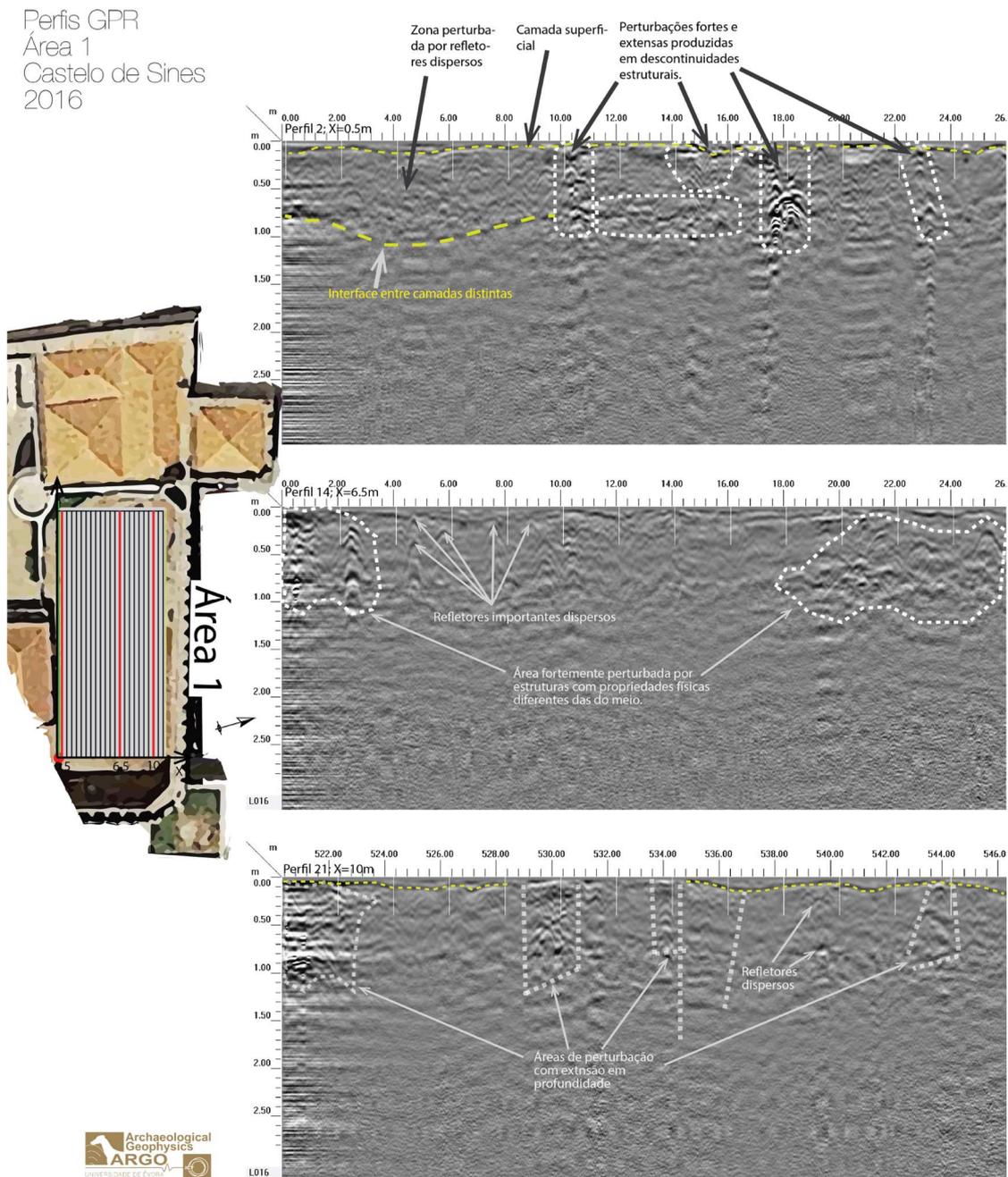


Figura 4- Radargramas processados relativos aos 3 perfis da Área 1, assinalados a vermelho no esquema do levantamento (à esquerda): perfil 2, em X=0,5m; perfil 14 em X=6,5m e; perfil 21, em X=10m. Em todos eles é visível uma camada muito superficial que corresponderá à capa regularizadora do solo, de areia ou saibro. Sob essa camada são assinalados e legendados vários padrões de reflexão típicos.

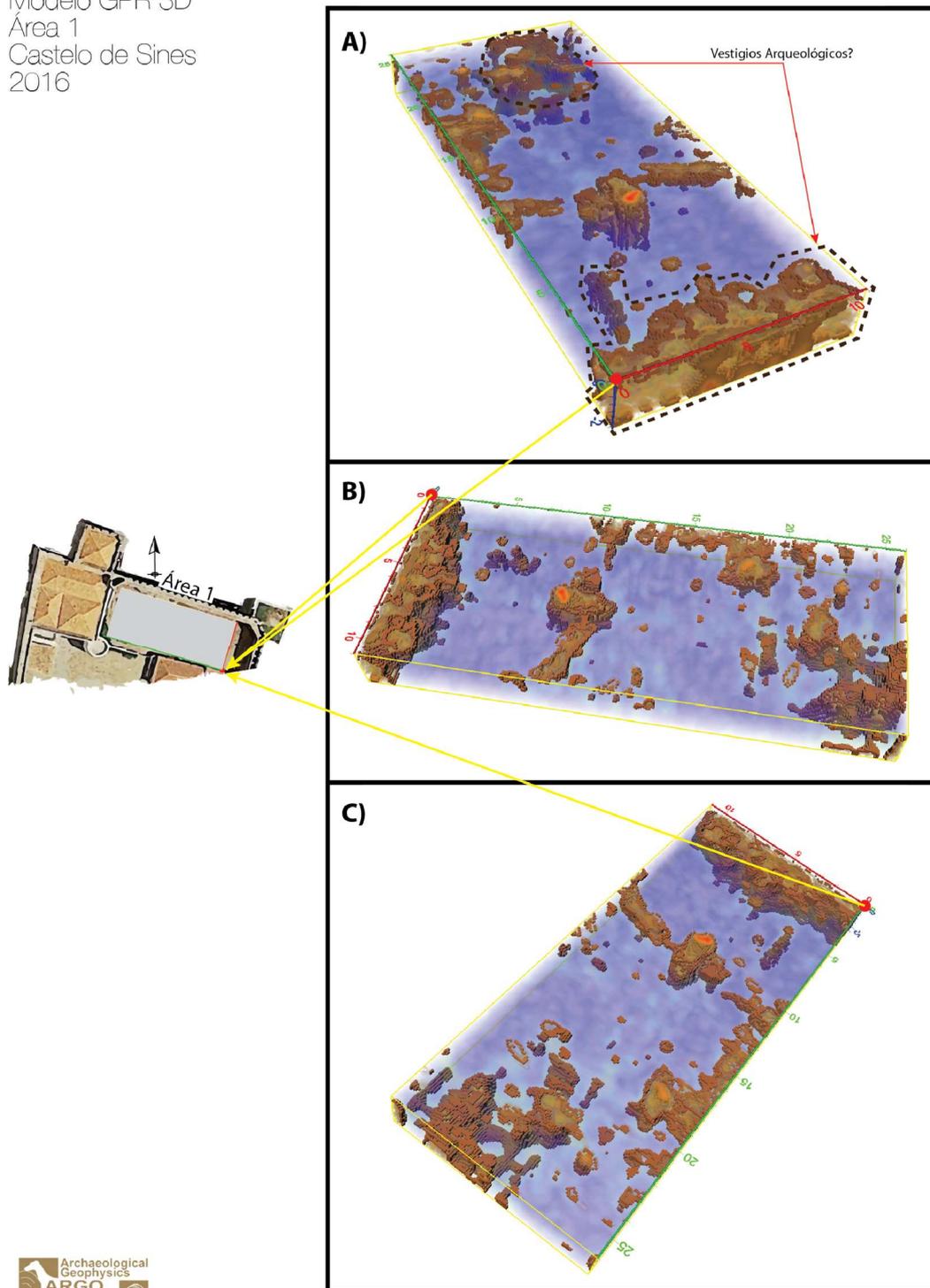


Figura 5- Visualizações segundo três perspectivas (A, B e C) do modelo 3D da Área 1, onde foram deixadas opacas algumas superfícies correspondentes aos maiores valores de refletividade. É perceptível a distribuição espacial das estruturas responsáveis pelas maiores perturbações nos radargramas dos perfis desta área.

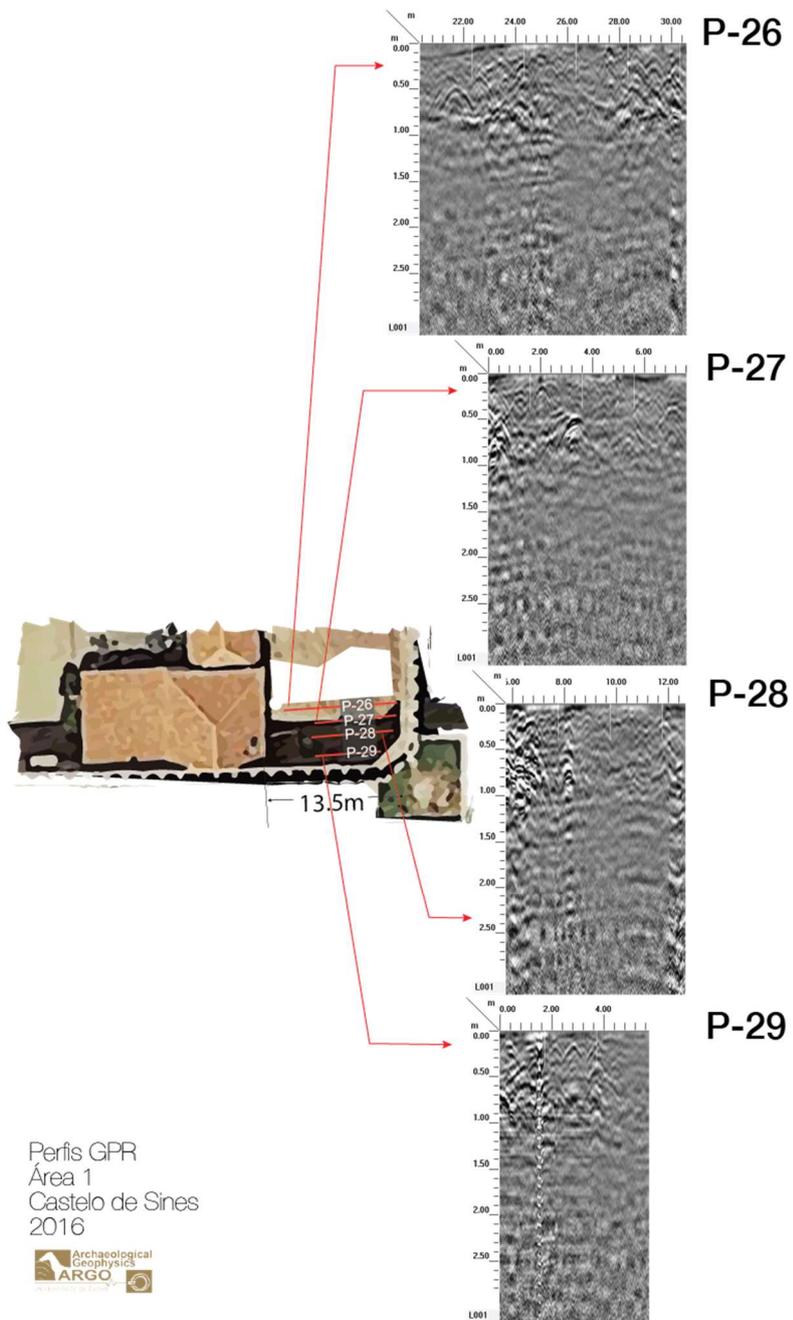


Figura 6- Radargramas processados relativos aos perfis 26, 27, 28 e 29 onde se constata numerosos refletores, alguns bastante extensos, produzidos por estruturas na subsuperfície. Consta-se que estes refletores são adjacentes aos revelados pelo modelo 3D representado na Fig. 6, o que permite concluir da existência de uma faixa de extensos refletores, numa largura entre 6 e 7 m junto à muralha Este.

3.1.3- Área 3

Da mesma forma como nas áreas anteriores, a Fig. 9 representa três dos 40 radargramas registados na Área 3, depois de processados; os restantes estão representados no Anexo 3. São radargramas que revelam claramente múltiplas e extensas áreas de reflexão, produzidas por diferentes estruturas, umas facilmente identificáveis outras não tanto. Por exemplo, as primeiras reflexões que surgem no radargrama do painel.

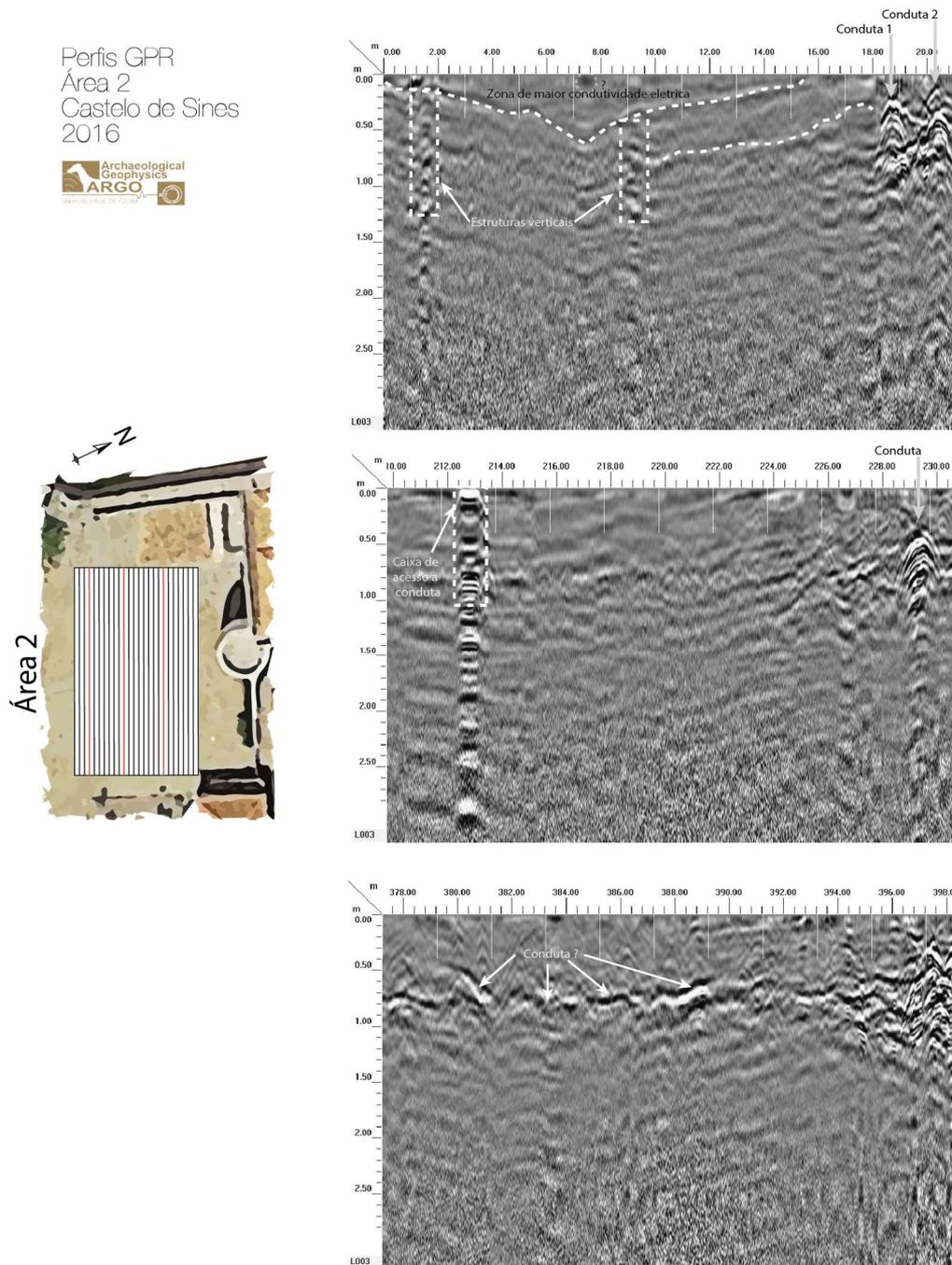


Figura 7- Radargramas processados relativos a três perfis da Área 2, assinalados a vermelho no croqui do levantamento (à esquerda). São visíveis várias feições de reflexão que correspondem a diferentes estruturas. No radargrama do painel superior destacam-se duas estruturas. Sob essa camada são assinalados e legendados vários padrões de reflexão típicos.

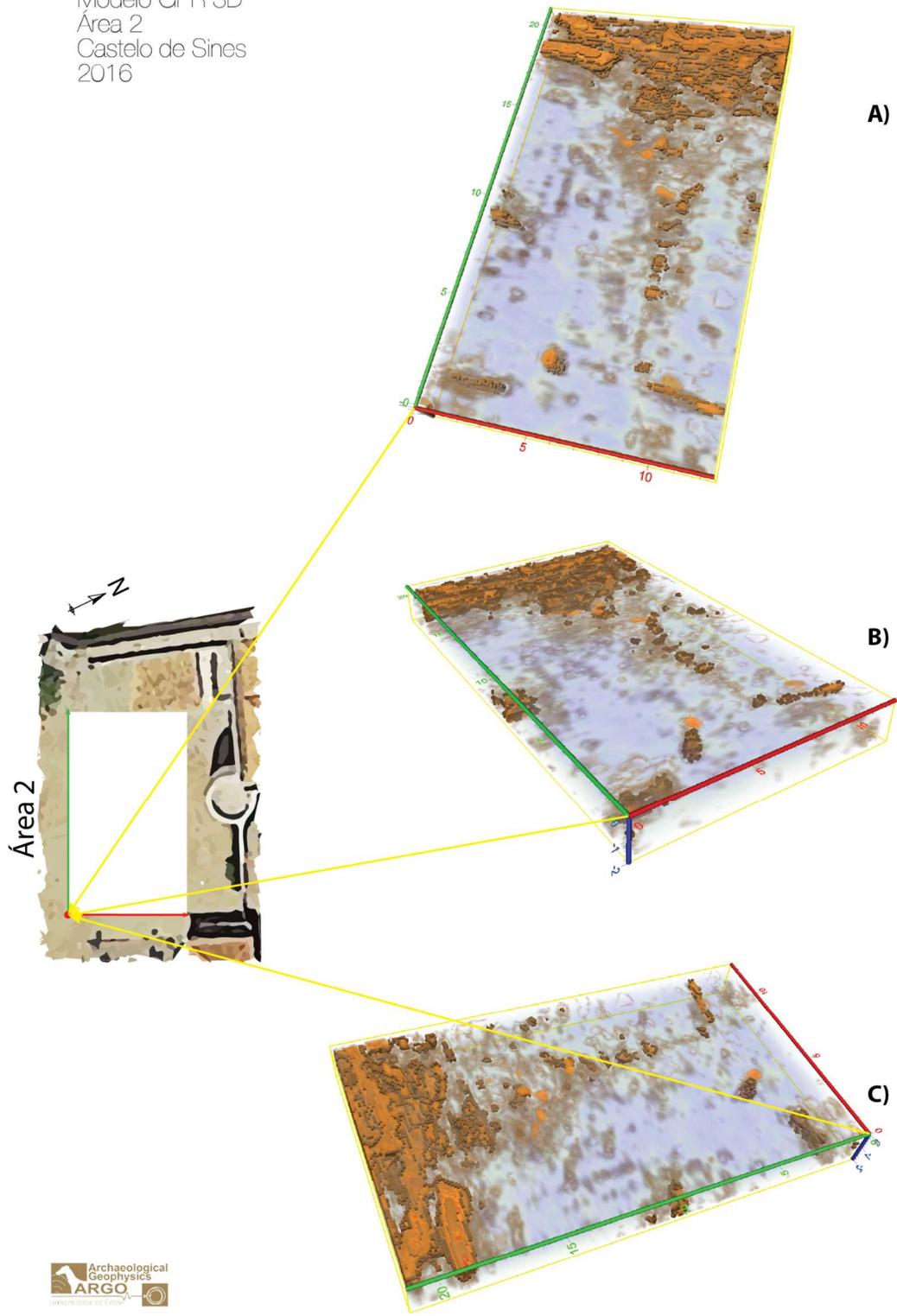


Figura 8- Visualizações segundo três perspectivas (A, B e C) do modelo 3D da Área 2, onde foram deixadas opacas algumas superfícies correspondentes aos maiores valores de refletividade. É perceptível a distribuição espacial das estruturas responsáveis pelas maiores perturbações nos radargramas dos perfis desta área; algumas provavelmente de natureza arqueológica, outras seguramente que não, como é o caso das condutas.

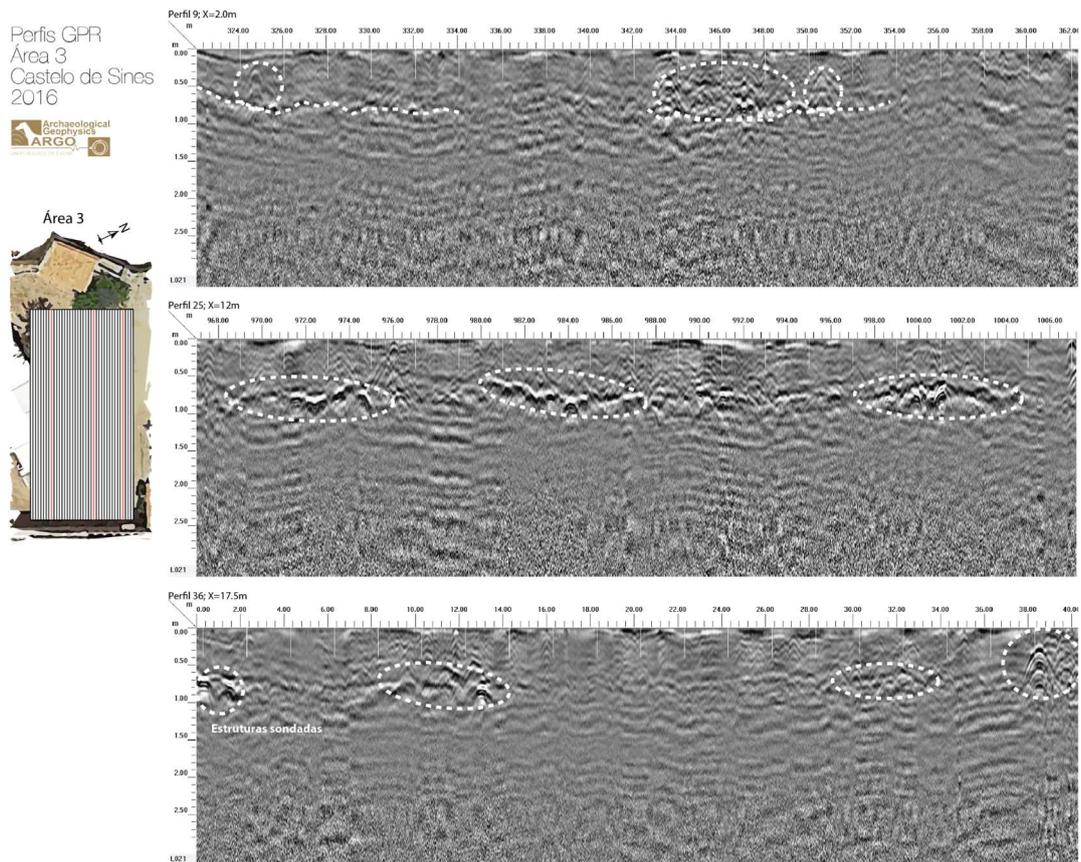


Figura 9- Radargramas processados relativos aos três perfis da Área 3 assinalados a vermelho no esquema do painel da esquerda. São bem notórias as fortes amplitudes de reflexão nos três radargramas, certamente produzidas por estruturas antropomórficas. As reflexões que surgem no princípio do perfil 36 (painel inferior) correspondem às estruturas sondadas quando aberta a porta nova.

inferior (assinaladas com um círculo tracejado) correspondem às estruturas sondadas quando aberta a “porta nova” e descritas no relatório arqueológico de I. Inácio, 2007. No painel central são bem visíveis as fortes reflexões que surgem ao longo de todo o perfil a uma profundidade de cerca de 1 m. São certamente produzidas por estruturas arqueológicas extensas e aparentemente bem preservadas. Sobre essas estruturas o solo parece mais homogéneo apenas perturbado por alguns refletor dispersos mas menos expressivos. Tal facto sugere uma limpeza e homogeneização da camada superficial, talvez para fins agrícolas ou simplesmente por extração dos restos de anteriores construções. A Fig. 10 apresenta três vistas do modelo 3D da Área 3, onde as maiores amplitudes de reflexão foram tornadas opacas. Chama-se a atenção para as geometrias que alguns dos mais fortes e extensos refletor apresentam.

Modelo GPR 3D
Área 3
Castelo de Sines
2016

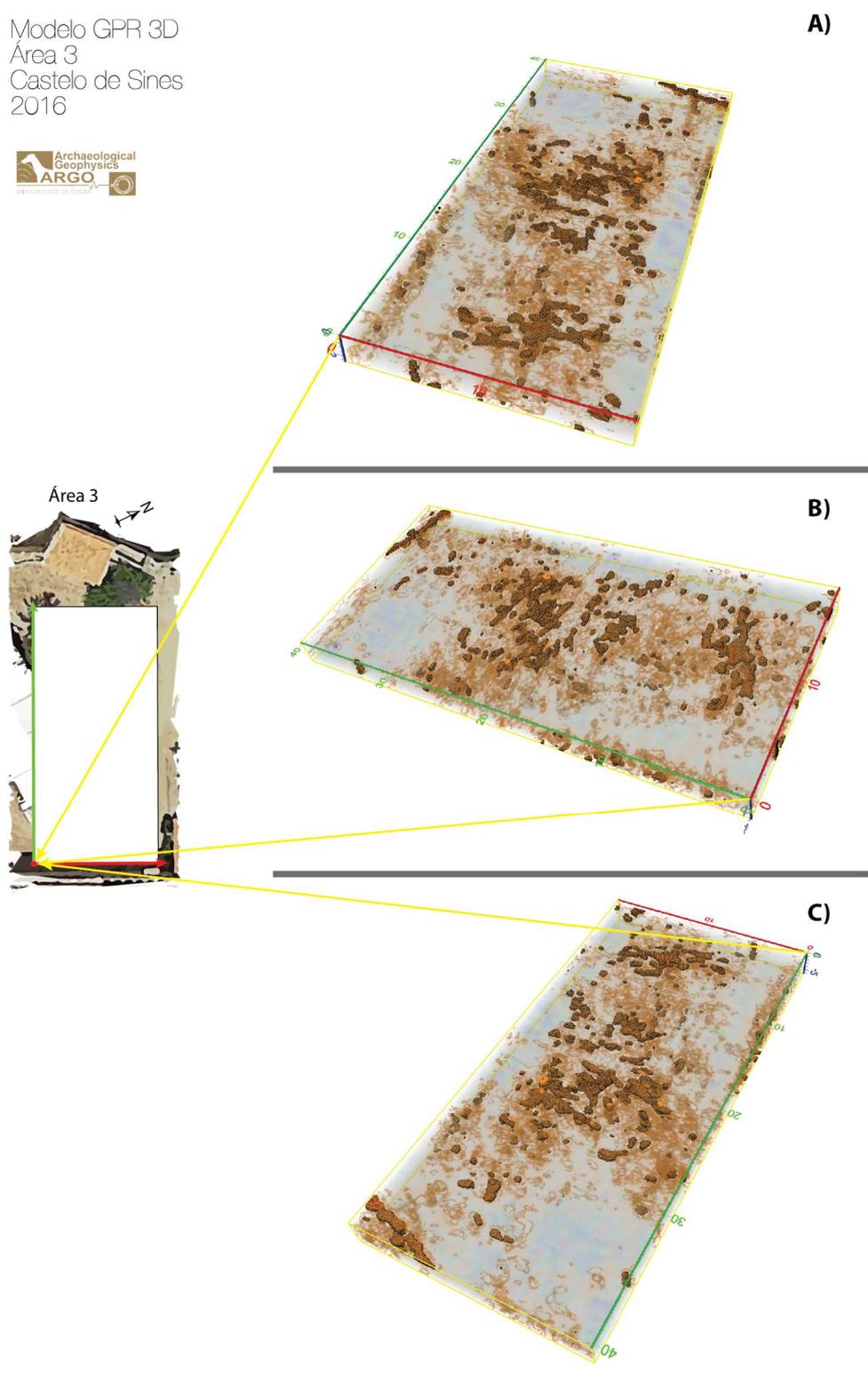


Figura 10- Visualizações segundo três perspectivas (A, B e C) do modelo 3D da Área 3, onde foram deixadas opacas algumas superfícies correspondentes aos maiores valores de refletividade. Alguns dos alinhamentos visíveis poderão corresponder a restos de estruturas com interesse arqueológico.

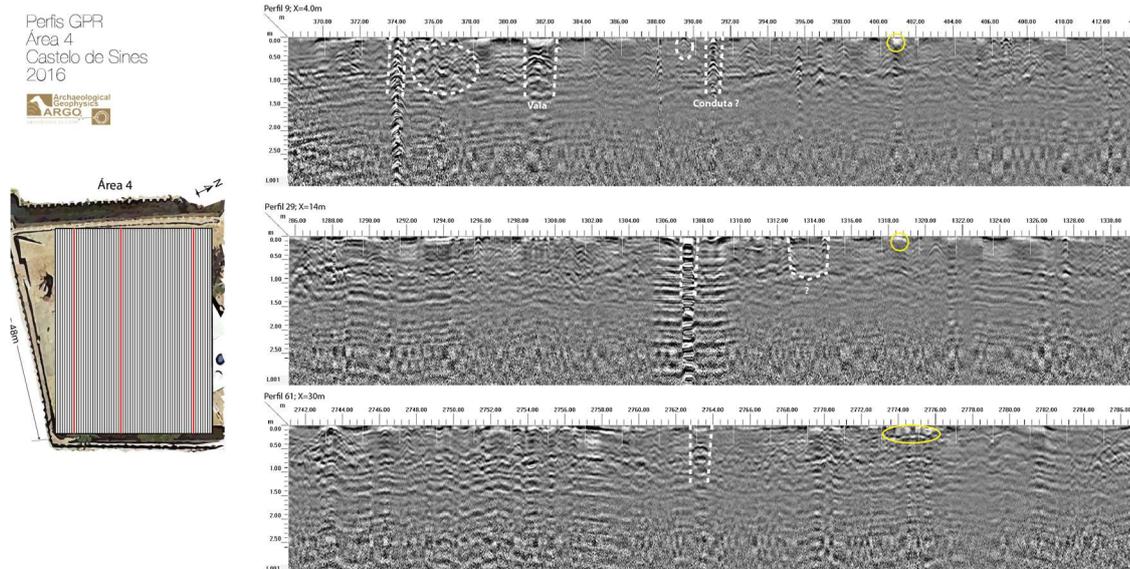


Figura 11- Radargramas processados relativos aos três perfis da Área 4 assinalados a vermelho no esquema do painel da esquerda, onde foram assinaladas algumas das estruturas identificadas.

3.1.4- Área 4

Na Fig. 11 estão representados três radargramas processados, dos 69 registados na Área 4. São radargramas que revelam algumas zonas cujo o padrão produzido pela distribuição das amplitudes de reflexão revela a presença de estruturas no substrato. Uma interpretação cuidada que procura sondar lateralmente a dimensão das estruturas deve ser apoiada na análise comparativa dos radargramas contíguos. A partir dos três radargramas correspondentes aos perfis assinalados a vermelho no croqui da Área 4 (um em $x=4m$, outro em $x=14m$ e o outro em $x=30m$) reparamos em dois elementos que parecem estar presentes nos três radargramas. São eles a perturbação que ocorre sensivelmente no meio dos perfis que assinalámos por dois traços verticais e legendas por “Conduta ?” no radargrama superior; e o elemento assinalado com círculos amarelos que apresenta uma forte amplitude positiva junto à superfície (mancha branca) que se repete. Quando a repetição do padrão de reflexão ocorre em grandes extensões de terreno em meio urbano somos levados a crer estarmos em presença de infra-estruturas recentes como condutas. No caso em estudo pensamos que estes elementos podem fazer parte de alguma infra-estrutura recente. Além destes refletores registam-se outros refletores de diferente natureza que precisam ser investigados.

O modelo 3D desta área, obtido por interpolação dos 69 radargramas, (Fig. 12) mostra uma profusão de refletores espalhados por toda a área 4, com especial incidência na metade SE da área. São claros alguns alinhamentos como aquele que corta transversalmente a área em $y\sim 32m$ que sugere uma conduta superficial e pouco expressiva. Nesta área, embora não haja alinhamentos que explicitamente revelem geometria arqueológicas comuns, abundam refletores fortes, alguns com expressão em profundidade que poderão ter origem em estruturas com interesse arqueológico. Também se notam refletores fortes, contudo superficiais.

Modelo GPR 3D
Área 4
Castelo de Sines
2016

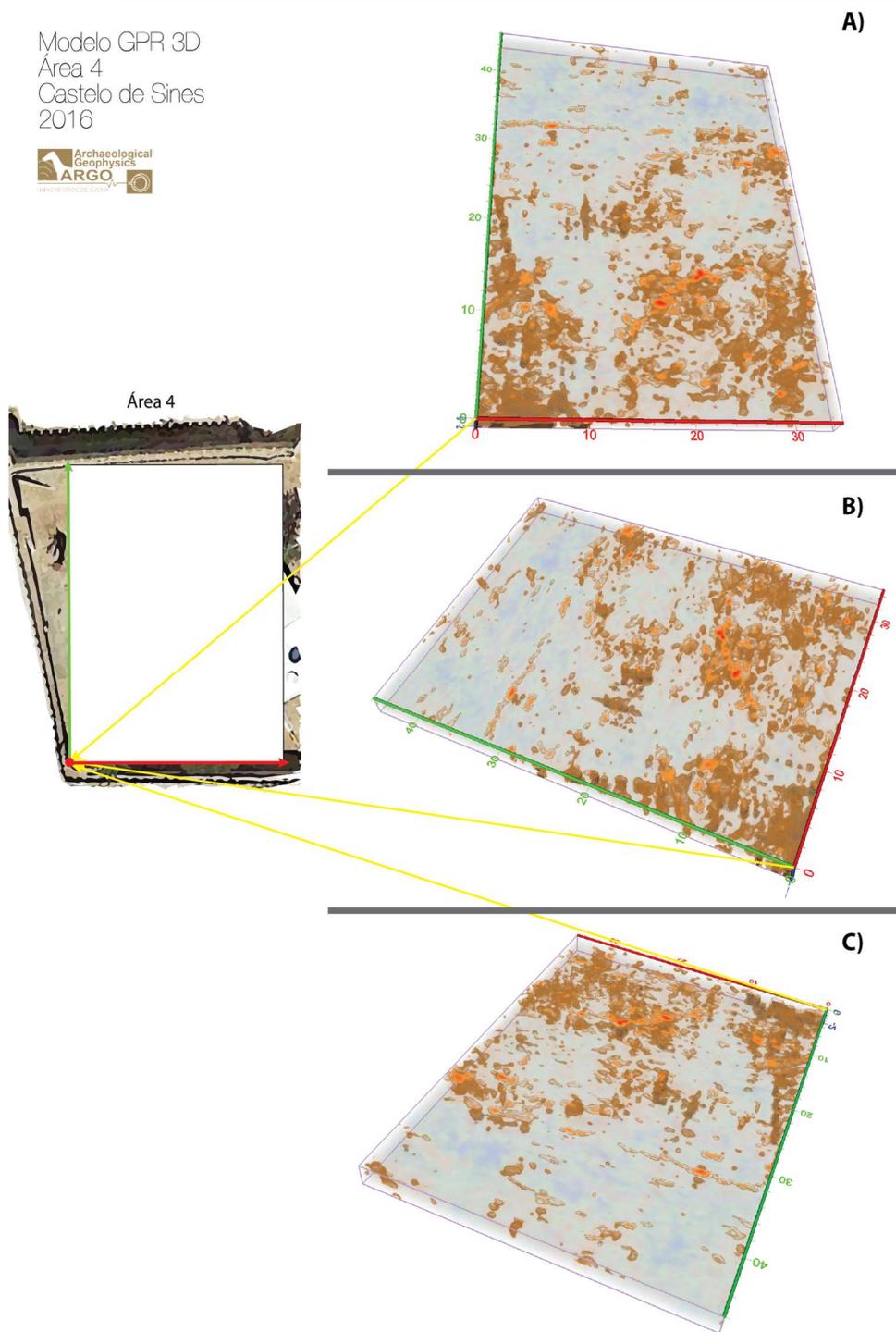


Figura 12- Visualizações segundo três perspectivas (A, B e C) do modelo 3D da Área 4. A maior parte dos refletores encontram-se na metade SE da área; na metade NW salienta-se um alinhamento superficial que corta toda a área e que corresponde aos refletores assinalados a amarelo na Fig. 9.

Nesses casos pensamos que se devam a estruturas mais recentes, provavelmente sem grande interesse arqueológico

3.1.5- Análise conjunta dos modelos 3D produzidos nas áreas exteriores

A Fig. 13 apresenta 8 cortes horizontais dos modelos 3D de cada área, para profundidades entre ~0,1m e ~1,4 m, projetados sobre a planta do castelo; os níveis de cor correspondem aos valores das amplitudes de reflexão, de acordo com a paleta apresentada. Uma primeira observação desta figura não revela claramente um traçado de estruturas bem organizado e de fácil interpretação, com exceção de alguns alinhamentos que sobressaem, e que interpretamos serem produzidos por condutas de infra-estruturas modernas. Porém, uma análise mais cuidada que combina as informações registadas nos radargramas individuais com a observação atenta dos cortes do modelo 3D apresentados nesta figura, permite destacar mais alguns refletores em todas as áreas prospetadas que poderão ter relevância arqueológica. Deduzimos geometrias razoavelmente organizadas nas várias profundidade representadas, em especial nas zonas correspondentes à Área 3. As profundidades que parecem conter os alinhamentos melhor definidos são os compreendidos entre ~0,4 m e ~1,2 m. É nesta área que se encontram as estruturas sondadas por Isabel Inácio (2007), perfeitamente visíveis nas regiões em frente da porta nova.

3.1.6- Áreas interiores do Castelo

Além das áreas exteriores, foram feitas leituras de GPR sobre perfis marcados no piso inferior do interior do castelo, mais precisamente nos espaços do museu consagrados às épocas Pré-histórica, Romana e na torre de menagem. No croqui da Figura 14 estão identificados os perfis de GPR levantados nessas áreas bem como a direção e sentido em que os verrinemos foram executados. No painel da direita da mesma figura estão representados os radargramas correspondentes, onde foram assinaladas algumas interpretações. No perfil 46 feito na torre de menagem, as perturbações de superfície, que interpretamos devidas ao material de revestimento do chão, produzem uma forte perturbação no sinal, não sendo possível reconhecer outras estruturas com interesse arqueológico abaixo da superfície. Os perfis de GPR correspondente à sala identificada por “Romano” (perfis 47, 48 e parte do 49), revelam algumas características próprias, das quais realçamos uma forte atenuação na parte central nos radargramas dos perfis 47 e 48 característica de zona de alta condutividade elétrica, que deve ser produzida por um aumento de humidade na zona; no centro dos perfis sobressai uma coluna estreita onde se destacam fortes reflexões superficiais e outras em profundidade. Interpretamos essas reflexões como sendo produzidas nas estruturas de um poço coberto, onde as primeiras reflexões são produzidas pela interface cobertura-ar e as perturbações profundas se devem às reflexões na interface ar-água. Nesses perfis ainda se destacam três importantes superfícies refletoras, assinaladas a tracejado amarelo nos radargramas dos perfis 47 e 48. O mais extenso desses refletores, que acompanha todo o radargrama, com exceção na zona do poço, aproximadamente a 1,5 m de profundidade, cremos dever-se ou a uma camada geológica ou à assinatura do nível freático. Nos extremos de ambos os perfis (47 e 48) estão registadas reflexões produzidas por estruturas mais superficiais (~0,5 m). Esses refletores encontram-se junto às paredes norte e sul da sala denominada “Romano” na legenda da figura. Salientamos ainda um refletor suspeito, no perfil 48 (sentido de sul para norte), a cerca de 4 m a sul do poço, marcado com um círculo. Pensamos que deve provir de uma estrutura significativa pelo facto de surgir com alguma expressão mesmo estando no interior de um meio fortemente atenuado das ondas de radar.

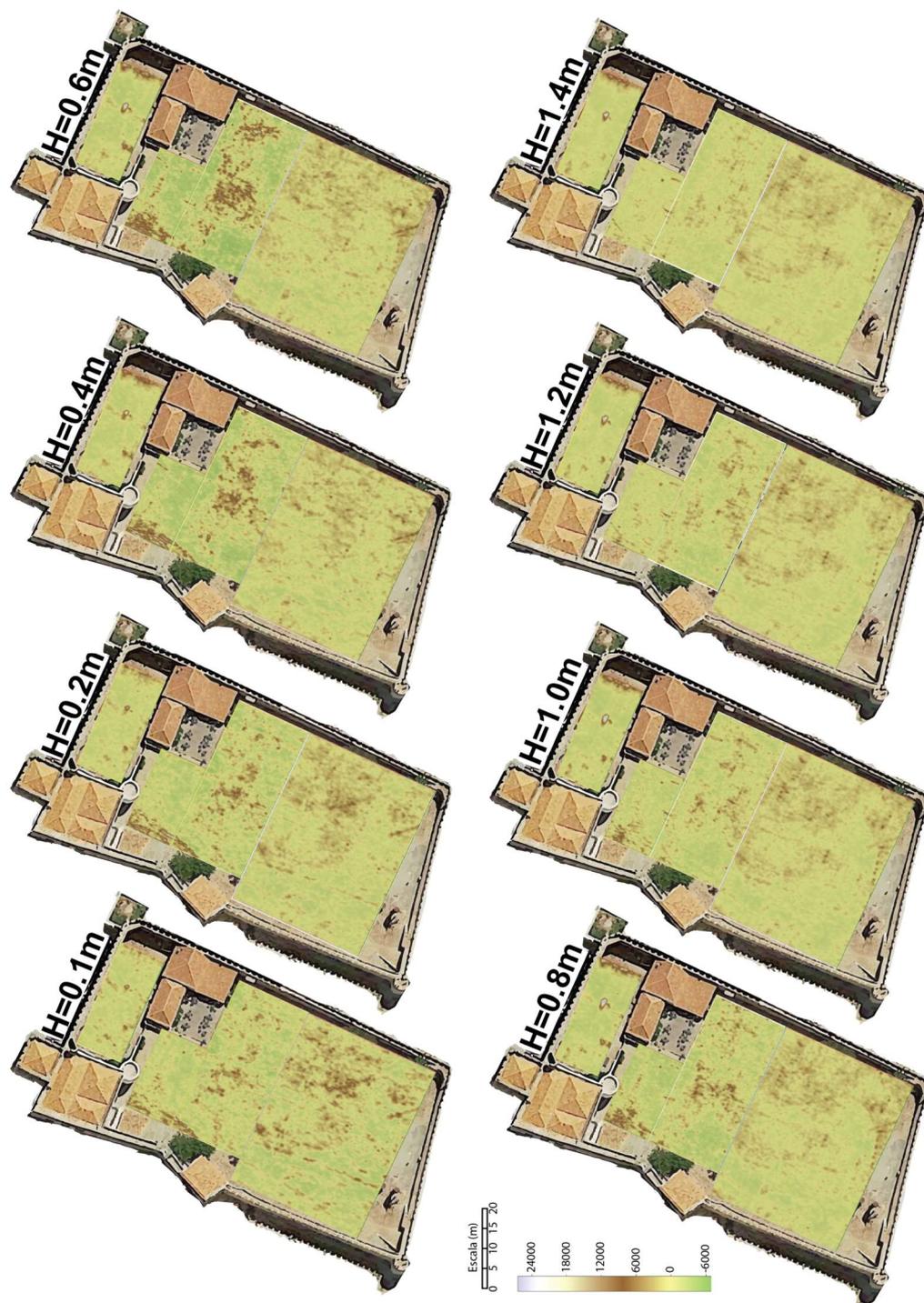


Figura 10 Cortes horizontais nos modelos 3D de GPR das 4 áreas, a profundidades de 0.1 m e 1.4 m

O perfil 49 corta transversalmente os espaços “Romano” e “Pré-história”. Na zona do Romano (primeiros 6 m) percebe-se a forte atenuação superficial. Mesmo assim estão bem marcadas nessa área algumas hipérbolas de reflexão, certamente produzidas por estruturas isoladas. A forte perturbação que se nota por volta dos 6 m coincide com a passagem entre salas e daí para a frente a assinatura do radargrama muda, notando-se uma forte perturbação superficial produzida pela forte perturbação (atenuadora) do revestimento do solo naquela sala. Nos perfis 50 e 51, também da sala “Pré-história” destaca-se a tal camada superficial fortemente absorvente. Porém no final do perfil 50 percebe-se uma mudança de padrão, com refletores muito bem marcados, quando nos aproximamos da parede sul. Esse novo padrão

pode dever-se à presença dos alicerces da própria parede ou então a algumas estruturas enterradas junto a ela. O perfil 51, como se encontra junto da referida parede surge mais uma vez com a impressão dos fortes refletores anteriormente notados que não temos forma de saber se são produzidos pelas estruturas fundacionais da parede ou por outros objetos enterrados no solo sob o perfil considerado.

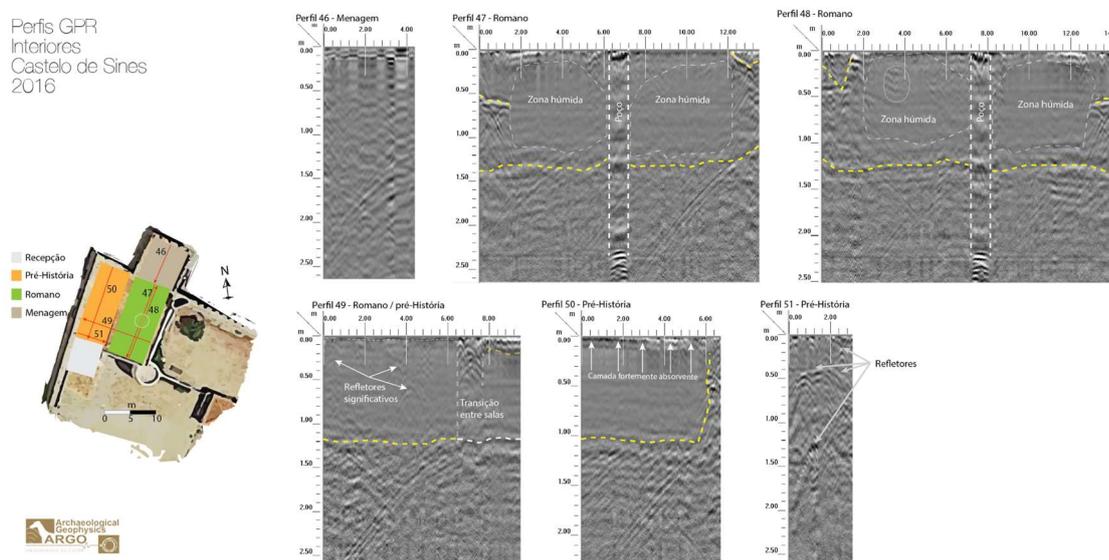


Figura 14- Painel da esquerda- Planta das zonas do interior do castelo onde foram feitas sondagens de georradar, cujos perfis estão assinalados através das linhas vermelhas, onde a seta indica o sentido do levantamento. Painel de direita - radargramas processados relativos aos perfis assinalados, sobre os quais foram assinalados alguns elementos interpretativos.

3.2- MAGNÉTICA

O levantamento gradiométrico realizado nos três sectores Área 2, Área 3 e Área 4 (Anexo 5), assinalados nos mapas do gradiente do campo e Histograma apresentado no anexo 6, evidenciam em todos os sectores a presença de anomalias de grande amplitude. A análise dos dados mostra que existem anomalias especialmente limitadas que apresentam valores superiores a 250 nT/m) que deverão em parte ser atribuíveis à existência de materiais de elevada susceptibilidade caoticamente distribuídos devido à ocupação cultural, recente ou passada, ou, no caso das anomalias de grande comprimento de onda [A2_4, A4_1,2], atribuível a estruturas construtivas de grandes dimensões que terão sido eliminadas. Em outras áreas, verificam-se zonas de elevado valor absoluto do gradiente que poderão estar relacionadas com derrubes, ou acumulação de materiais construtivos, onde não é possível sugerir qualquer alinhamento no subsolo.

Ainda relativa à mesma representação é ainda de realçar a existência de anomalias de reduzidas dimensões, mas de elevada amplitude, que sugere a existência de materiais de composição férrica que se traduzem por fortes anomalias dipolares com orientação e sentido N-S, como por exemplo as anomalias [A4_67]. Outras há, ainda, monopulares, com maior abundância no sector A3 [A2_2,3; A3_1,2,3 e A4_3,4,5,6], ou dipolares, com diversas orientação e sentido [A2_1; A4_8], cuja origem poderá dever-se

à existência de poços, fossos, ou outros tipos de depressões, preenchidos por solo misto com propriedade magnéticas distintas do meio encaixaste.

O levantamento gradiométrico processado, que consta da figura 15 e Anexo 7, exibe uma enorme profusão de anomalias predominantemente positivas, dispersas e aparentemente sem coerência espacial, ou por anomalias de grande dimensão, que persistem mesmo após aplicação de um filtro anti-spikes ou aplicação de um corte (clip) de 50 nT/m para limitar a influencia no campo de corpos de composição férrica. No entanto, há a destacar três anomalia lineares de grandes dimensões, com orientação aproximada S-N, sendo [L2,4] positivas, possivelmente associadas a muros de elevada expressão, ou fossos preenchidos por materiais de elevada susceptibilidade magnética e [L3], negativa, possivelmente associada ao mesmo tipo de estruturas deprimidas, cujo preenchimento é feito por materiais de menor susceptibilidade relativamente ao meio encaixante.

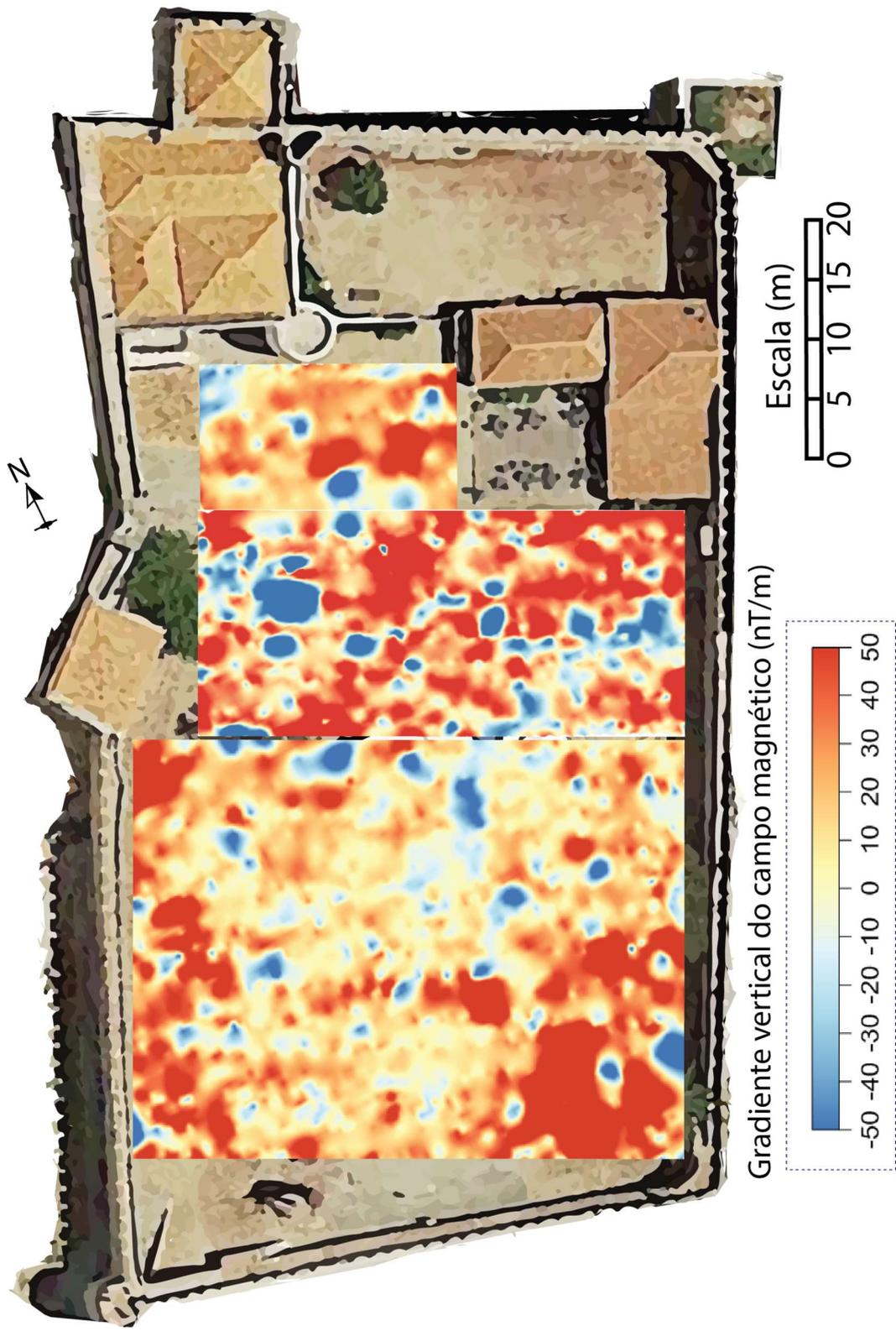


Figura 15 Distribuição horizontal do gradiente vertical do campo magnético registrado, onde se destacam abundantes anomalias, predominantemente positiva

4- CONCLUSÕES

A apreciação geral dos resultados de GPR evidencia que existência de vários importantes refletores na subsuperfície dos espaços exteriores intra muralhas do castelo de Sines até à profundidade aproximada de 2,5 m. Desses, alguns são claramente produzidos por infra-estruturas modernas, como ramais de condutas e caixas coletoras de esgotos ou águas pluviais. As reflexões produzidas por estas estruturas apresentam uma clara continuidade lateral que facilmente se pode comprovar nas figuras dos modelos 3D (Figs. 5, 8, 10 e 12) ou na figura com os cortes horizontais produzidos nas várias áreas (Fig. 13). Além destes refletores constatamos uma diversidade de outros refletores distribuídos por todas as áreas prospectadas, com natureza desconhecida e distribuição espacial pouco definida. Foi sobre esses refletores que a nossa atenção se centrou, pois são esses os que provavelmente tem interesse arqueológico. De uma maneira geral nota-se que os refletores que se encontram nesta categoria de interesse se situam a profundidades entre 0,4 m e 1,2 m. acima destas cotas apenas tem significado os refletores de infra-estruturas identificadas. Este facto articula-se com a informação da ocupação das áreas do castelo, no século XX, para fins de cultivo de hortas. Certamente que, a haver vestígios arqueológicos superficiais nestas áreas eles terão sido arrasados com a atividade agrícola; daí a pobreza de refletores nas camadas mais superficiais. A partir dos 0,4m de profundidade começam a surgir os mais significativos refletores, que raramente ultrapassam o 1,5 m. Analisando os radargramas de todas as áreas (Ver Anexos 1, 2, 3 e 4), constatamos que a Área 3 é aquela que contem a mais significativa abundância de refletores. São também desta área os refletores que apresentam uma distribuição horizontal melhor organizada, onde se definem geometria que sugerem divisórias habitacionais, nos cortes entre 0,8 m e 1,2 m de profundidade. É nesta área que foram feitas as sondagens arqueológica descritas em Inacio (2007), que se podem distinguir claramente nos cortes a partir de 0,4 m, nas zonas em frente da porta nova. Constatamos que um pouco mais à frente dessas sondagens (~10 m a oeste do extremos sul da porta) uma extensa zona de fortes reflexões que poderá corresponder a estruturas importantes. As vistas 3D desta área (Fig. 10) mostram com mais clareza algumas destas superfícies. A análise dos resultados processados mostra um conjunto de alinhamentos paralelos à muralha este do castelo na Área 4 que, pela geometria em que se distribuem, sugerem vestígios de edifícios encostados às muralhas. Este é um aspeto que resulta da análise dos dados mas não é muito visível nas figuras deste relatório.

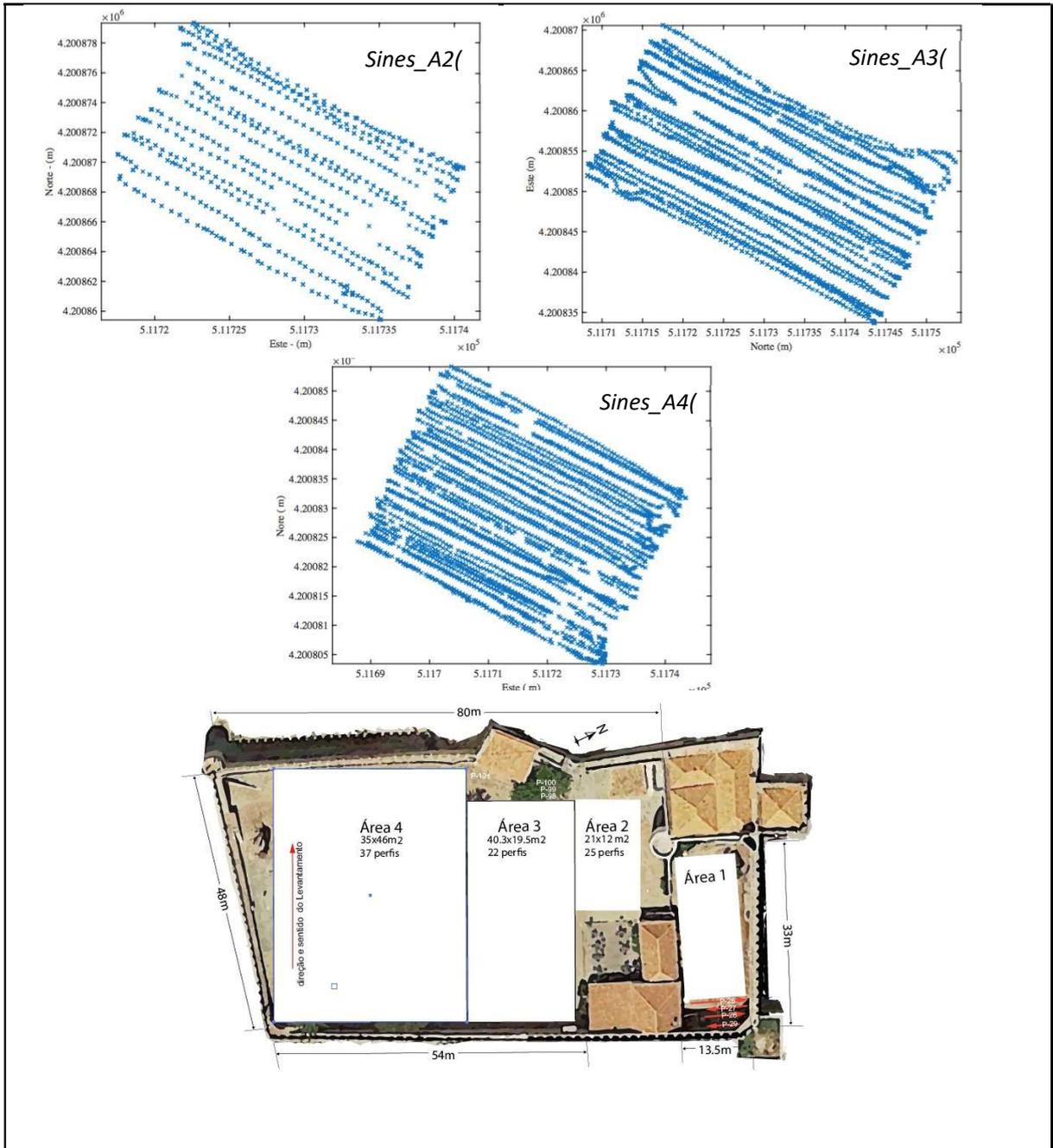
Nas áreas interiores prospectadas realçamos: a) impossibilidade de atingir a subsuperfície da torre de menagem devido à forte atenuação produzida pela argila do pavimento desta área; b) a existência de uma cavidade sob o pavimento da sala denominada na Fig. 14 por “Romano”, que sugere provir de um poço, e a forte atenuação nas zonas adjacentes a esse poço, devido à elevada condutividade elétrica gerada pelo aumento de humidade. A presença de alguns refletores no interior das zonas de forte atenuação sugere estruturas importantes. Os limites norte e sul desta sala apresentam refletores fortes, a cerca de 0,5 m de profundidade no extremo norte e mais superficiais no extremo sul; c) o pavimento da sala “Pré-história” produz uma forte atenuação nas ondas eletromagnéticas mas mesmo assim são detetadas estruturas junto à parede sul desta sala.

Para além das áreas prospectadas por GPR apresentadas no relatório foram ainda realizadas alguns perfis no cimo da torre nordeste mediante uma configuração em modo tempo. O processamento destes perfis não permitiu tirar qualquer conclusão relativamente ao seu interior. Só será possível tirar conclusões em relação a este aspeto mediante uma configuração experimental com cruzamento várias frequências e consequentemente outras antenas e registo de posição por tacómetro.

Nos resultados de magnética destacamos a predominância das anomalias dipolares de reduzida dimensão mas de grande amplitude, que julgamos serem produzidas por pequenos fragmentos metálicos espalhados pelo recinto. Como essas anomalias são extremamente fortes (por vezes superiores a 150nT/m) pensamos que podem mascarar influências mais subtis, como as produzidas por muros de

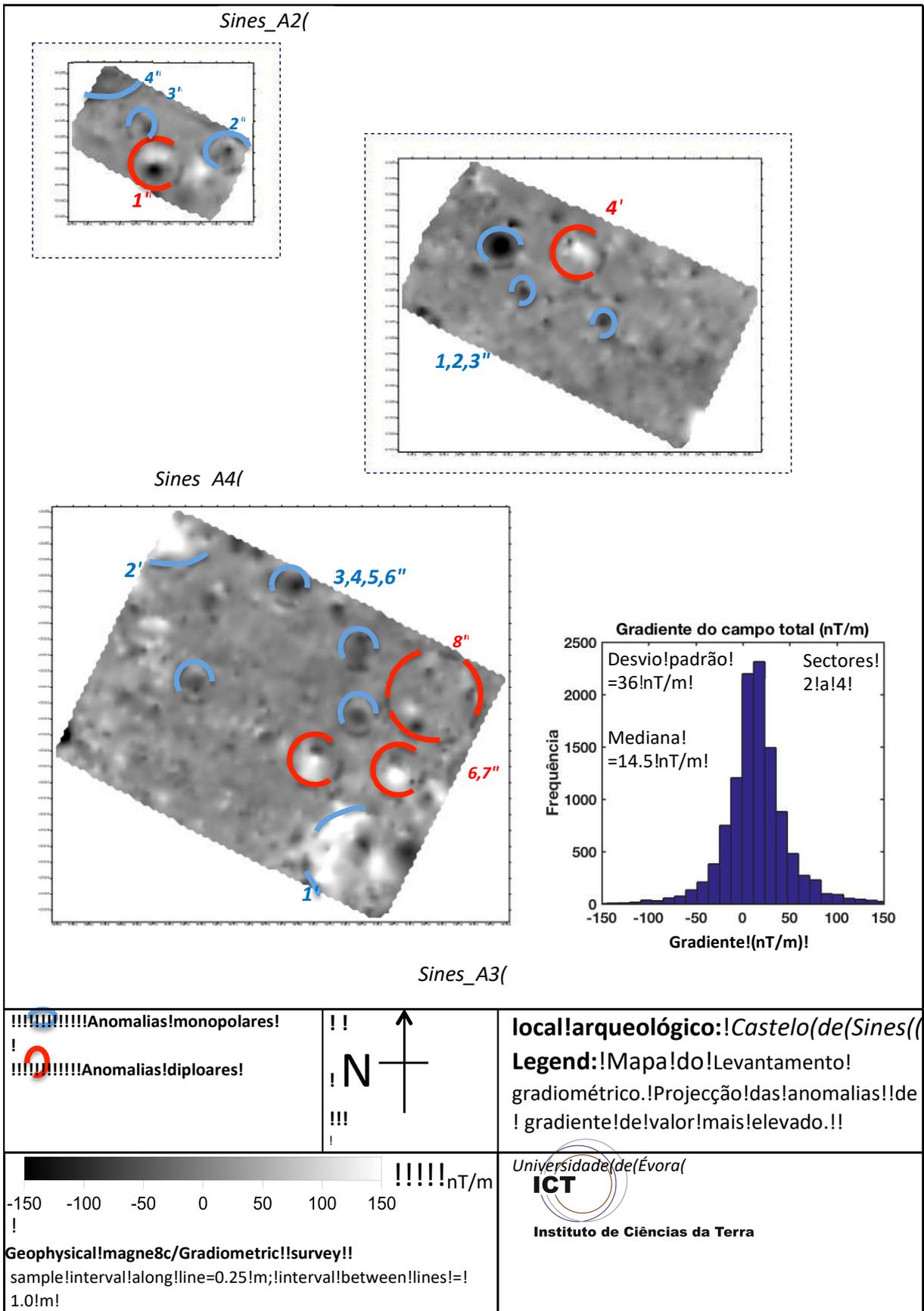
reduzida expressão, ou outros artefactos arqueológicos de pequenas dimensões, que em geral produzem anomalias de gradiente inferior a 10 nT/m. Para além deste efeito é possível ainda identificar anomalias de grande comprimento de onda e amplitude, umas circulares outras lineares, cujo efeito deverá mascarar as perturbações produzidas por estouras de interesse arqueológico que eventualmente possa existir. Em consequência disto tudo, as anomalias com potencial arqueológico são dificilmente perceptíveis a partir dos mapas resultantes deste levantamento magnético, contudo podem funcionar como elemento a considerar na interpretação dos resultados do GPR, nomeadamente como indicador da natureza física das estruturas. Por exemplo: as fortes reflexões produzidas nas áreas 2 e 3 nos radargramas que interpretamos serem produzidas por condutas, praticamente não tem expressão na magnética o que nos leva a concluir da inexistência de metais em tais estruturas. Outro exemplo, as reflexões que se verificam na área 3, aproximadamente em X=12m, Y=34m (Fig. 10) e que não tem uma expressão muito diferente de outras na mesma área, produz na magnética uma anomalia negativa muito forte (Fig. 15).

ANEXO 5 - ÁREAS COBERTAS PELO LEVANTAMENTO MAGNÉTICO

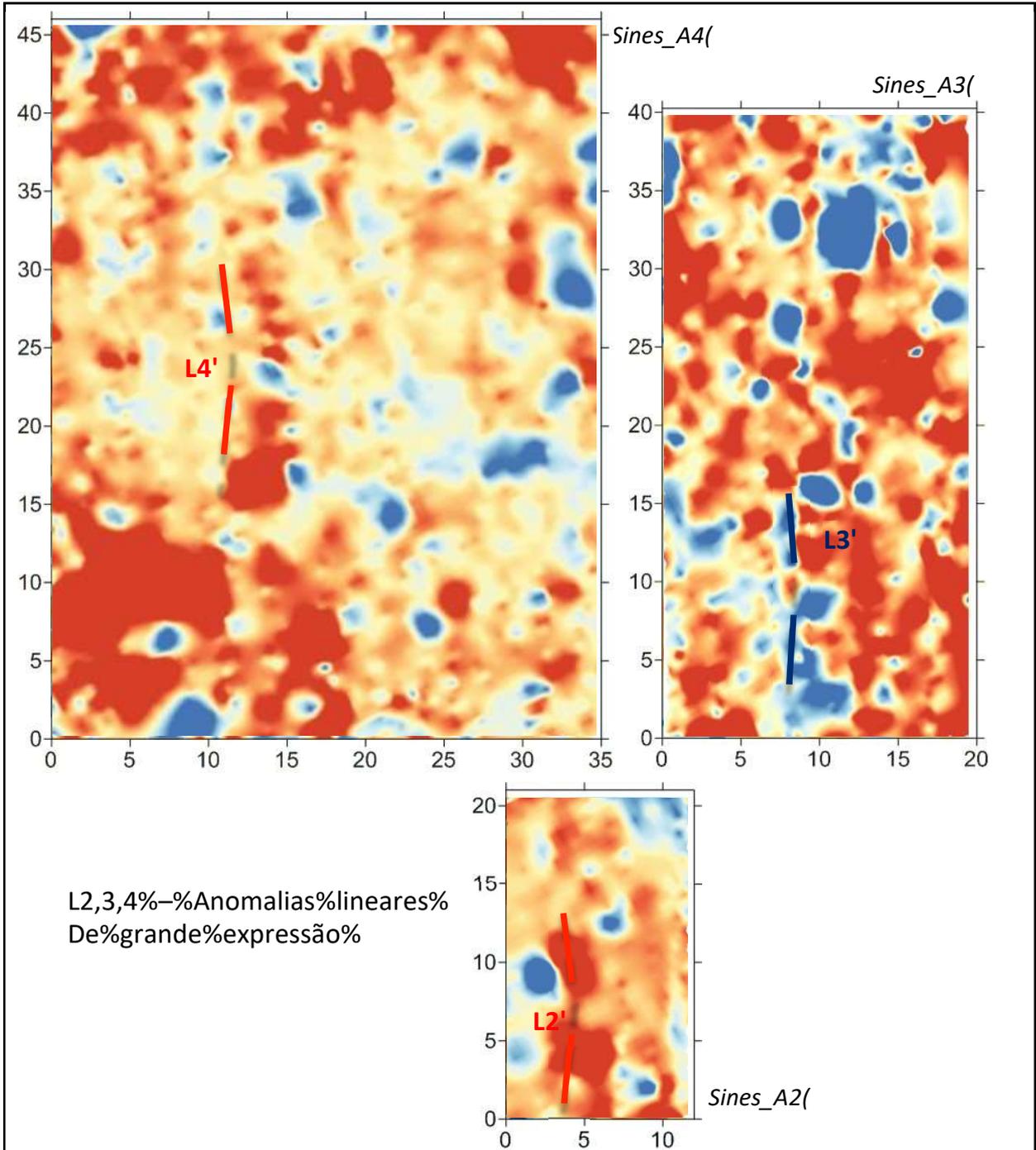


<p>Origin: A_2:%0511735.4%m%E;%42100859.3%m%N %% A_3:%0511742.9%m%E;%42100834.7%m%N %% A_4:%0511727.9%m%E;%42100804.0%m%N %% (WGS84,%UTM,%29N-%GNSS%DifferenBal)% scale:'1:350%(A4%plot)%</p>	<p>azimuth: 298.4°</p>	<p>local'arqueológico:%Castelo(de(Sines(Survey'reference:%Sines(Legenda:%Mapa%das%áreas%A2%a%%A4%d o% Levantamento.%Coordenadas%GPS%com% incerteza%de%0.25%m.%</p>
<p>Levantamento'Gradiométrico:' Intervalo%de%amostragem%~0.25%m% sobre%a%linha%e%1.0 %m% entre%linhas%</p>	<p>Universidade(de(Évora(Instituto de Ciências da Terra</p>	

ANEXO 6 - PRINCIPAIS ANOMALIAS DO LEVANTAMENTO MAGNÉTICO



ANEXO 7 - DISTRIBUIÇÃO DE RESULTADOS DO LEVANTAMENTO MAGNÉTICO



<p>Origin: A_2: 0511735.4mE; 42100859.3mN A_3: 0511742.9mE; 42100834.7mN A_4: 0511727.9mE; 42100804.0mN (WGS84, UTM, 29N— GNSSDifferenBal) scale: 1:350(A4plot)</p>	<p> azimuth:298°</p>	<p>local'arqueológico: Castelo de Sines Survey'reference: Sines Legend: Levantamento geofísico. Mapa das anomalias do campo do gradiente; interpolação com malha espacial de 0.5m.</p>
	<p>Universidade de Évora ICT Instituto de Ciências da Terra</p>	

Apêndice I

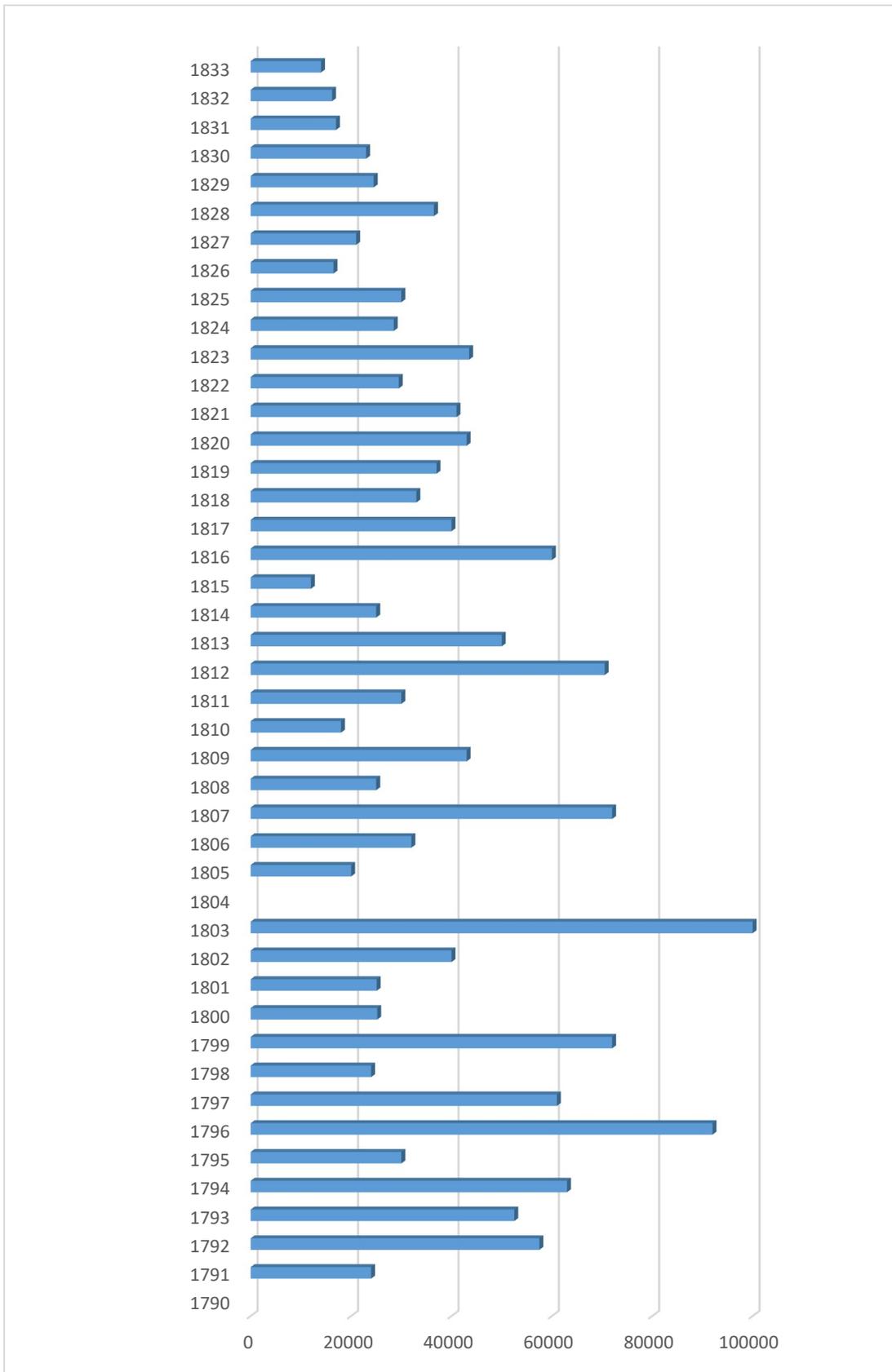
Rendeiros da Renda da Imposição

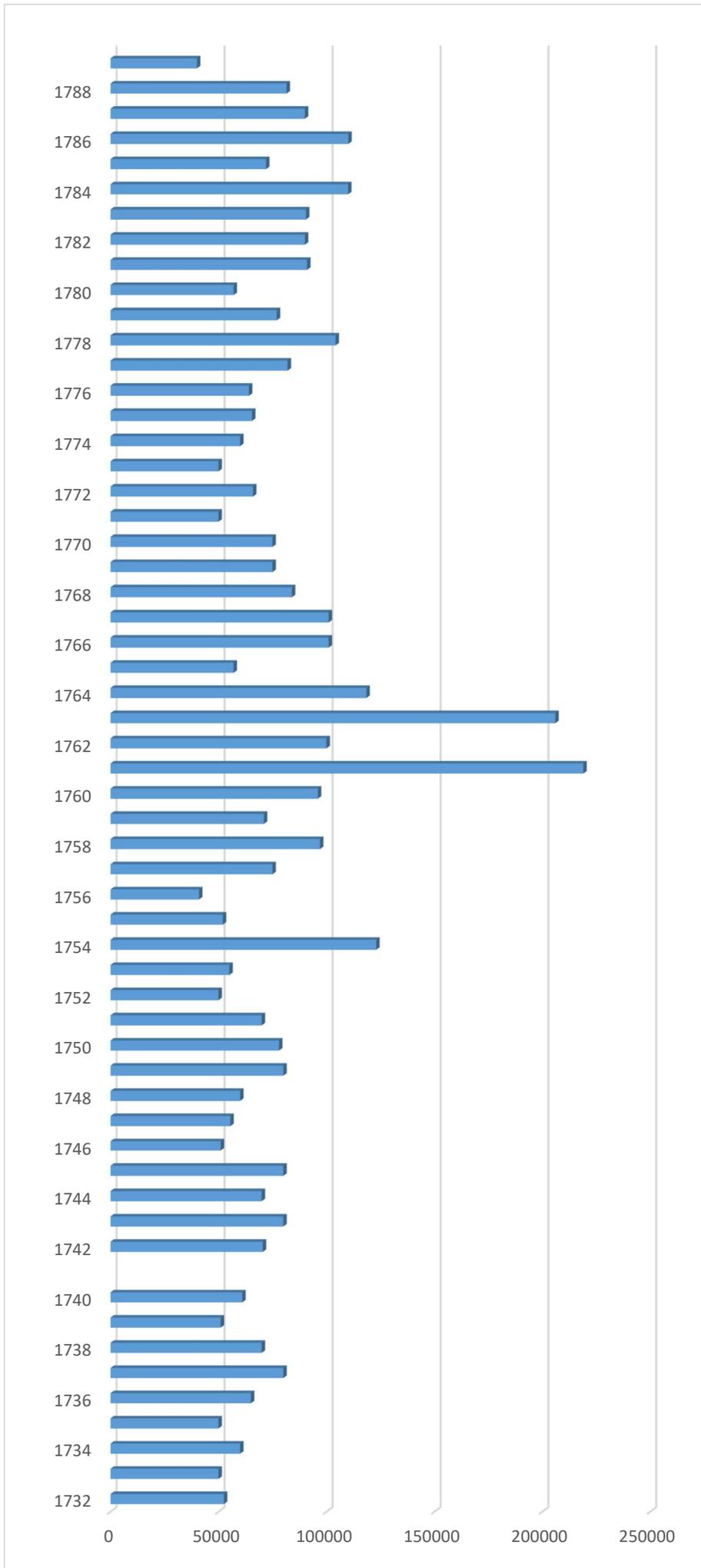
Ano	Rendeiro	Valor
1669	Pedro Lopes Revolto	90 000 réis
	AMS, CMS, <i>Arrematações</i> , liv. 1 (1731-1751)	
1732	Manuel dos Santos	52 500 réis
1733	Ambrósio Teles de Lemos	50 000 réis
1734	José Vaz Pato	60 000 réis
1735	Manuel Peixeiro Lobo	50 000 réis
1736	Manuel Pires Garraz, <i>filho</i>	65 500 réis
1737	José Vaz Pato	80 000 réis
1738	António Teles de Lemos	70 000 réis
1739	Pascoal Gonçalves Monteiro	51 000 réis
1740	Pascoal Gonçalves Monteiro	61 500 réis
1741	Não consta neste livro	
1742	Ambrósio Teles de Lemos	70 600 réis
1743	Ambrósio Teles de Lemos	80 000 réis
1744	Ambrósio Teles de Lemos	70 000 réis
1745	Manuel dos Santos Peixoto	80 000 réis
1746	José da Cunha de Mendonça	51 000 réis
1747	Manuel Pires Garraz, <i>o Velho</i>	55 500 réis
1748	António Varela Correia	60 000 réis
1749	António Teles de Lemos	80 000 réis
1750	Manuel Lourenço, <i>o Moço</i>	78 000 réis
1751	Manuel Lourenço, <i>o Moço</i>	70 000 réis
	AMS, CMS, <i>Arrematações</i> , liv. 2 (1751-1773)	
1752	Manuel Lourenço, <i>o Moço</i>	50 000 réis
1753	Manuel Peixeiro Lobo	55 000 réis
1754	António Varela Correia	123 000 réis
1755	António Teles de Lemos	52 000 réis
1756	Manuel Lourenço	41 000 réis
1757	Manuel Lourenço, <i>o Moço</i>	75 000 réis
1758	José da Costa	97 000 réis
1759	João Nunes Serrão	71 000 réis
1760	Francisco Correia Varela	96 000 réis
1761	Manuel Lourenço	219 000 réis
1762	Manuel do Nascimento Camarão	100 000 réis
1763	Francisco Dias de Oliveira	206 000 réis
1764	Manuel Peixeiro Lobo	118 500 réis

1765	João Peixeiro Lobo	57 000 réis
1766	João Mendes	101 000 réis
1767	João Leitão Rojão	101 000 réis
1768	José Lopes Palavra	84 000 réis
1769	José Viegas	75 000 réis
1770	José de Souza	75 000 réis
1771	Joaquim José da Silva	50 000 réis
1772	Joaquim José da Silva	66 000 réis
1773	José Lopes Palavra	50 000 réis
	AMS, CMS, Arrematações, liv. 3 (1773-1803)	
1774	Dionísio de Sousa	60 000 réis
1775	António Fernandes	65 500 réis
1776	António Fernandes «trabalhador desta Villa»	64 100 réis
1777	Carlos José Joaquim	82 000 réis
1778	Carlos José Joaquim	104 200 réis
1779	Tomás Roiz Peixoto	77 000 réis
1780	Joaquim José da Silva	57 000 réis
1781	António Fernandes da Silva	91 000 réis
1782	João de Oliveira Borralho	90 000 réis
1783	José da Silva Correia	90 500 réis
1784	Joaquim José da Costa	110 000 réis
1785	Joaquim José da Costa	72 000 réis
1786	Joaquim José da Costa	110 100 réis
1787	Tomás Rodrigues Peixoto	90 000 réis
1788	José Raposo	81 500 réis
1789	José Pereira de Sá	40 000 réis
1790	Não existe registo neste livro	
1791	João de Oliveira Borralho	24 000 réis
1792	João Rodrigues de Oliveira, oficial de barbeiro	57 500 réis
1793	José Raposo	52 500 réis
1794	Tomás Cipriano Duarte	63 000 réis
1795	João de Oliveira Borralho	30 000 réis
1796	João Carlos de Almeida	92 000 réis
1797	José Raposo	61 000 réis
1798	José Raposo Guerreiro	24 000 réis
1799	António ode Avila	72 000 réis
1800	José Raposo	25 200 réis
1801	José Raposo	25 100 réis
1802	João Carlos de Almeida	40 000 réis
1803	João Carlos de Almeida	100 000 réis
	AMS, CMS, Arrematações, liv. 4 (1804-1849)	
1804	Não há registo neste livro nem no anterior	
1805	Francisco José de Mendonça	20 000 réis
1806	José Raposo	32 000 réis
1807	José Pereira de Jesus	72 000 réis
1808	Francisco José de Mendonça	25 000 réis

1809	Francisco José de Mendonça	43 000 réis
1810	José de Campos de Oliveira	18 000 réis
1811	João de Souza	30 000 réis
1812	Francisco José de Mendonça	70 500 réis
1813	Francisco José de Mendonça	50 000 réis
1814	João Carlos de Almeida	25 000 réis
1815	José Pereira Mendes	12 000 réis
1816	Francisco da Silva Gamito	60 000 réis
1817	Jacinto Salema da Mata	40 000 réis
1818	Joaquim Gamito	33 000 réis
1819	Daniel dos Santos	37 000 réis
1820	Francisco José de Mendonça	43 000 réis
1821	Francisco José de Mendonça	41 000 réis
1822	Francisco José de Mendonça	29 500 réis
1823	Manoel António	43 500 réis
1824	João Ferreira da Veiga Palma	28 500 réis
1825	Francisco José de Mendonça	30 000 réis
1826	Marcos Raposo	16 500 réis
1827	Marcos Raposo	21 000 réis
1828	Marcos Raposo	36 500 réis
1829	João Alexandre Guerreiro	24 500 réis
1830	António Rodrigues	23 000 réis
1831	Joaquim de Oliveira	17 000 réis
1832	Domingos Rodrigues Pablos	16 200 réis
1833	António Francisco Ilheo	14 000 réis
1834		

Gráfico da evolução da Renda da Imposição 1833-1734.





Fontes

Fontes Manuscritas

Archivo General de Simancas (AGS)

Secretarias Provinciales, Consejo de Portugal

Registos de Consultas, liv. 1457.

Correspondência com Su Majestad, liv 1550.

Arquivo Distrital de Setúbal (ADS)

Arquivo Pessoal de Almeida Carvalho

Nomeação de João Ribeiro do Couto como primeiro governador militar da Praça de Sines, Tropa de Setúbal, cota 12/448/pt. 63/43, 4 de junho de 1665 .

Petição para que S. Francisco Xavier fosse declarado padroeiro de Setúbal, 12/440pt. 32ª/21, p. 35-41, 1703.

Setúbal, Paróquia de Santa Maria da Graça

Registos de Óbitos (1713-1754), fl. 153v.

Sines, Paróquia de S. Salvador

Registos de Baptismos, cota 13/6385/27, 1604-1719.

cota 13/6385/28, 1717-1749.

cota13/6385/29, 1749-1760.

cota 13/6386/30, 1760-1773.

cota 13/6386/31, 1775-1784.

cota 13/6386/32, 1784-1802.

Registos de Casamentos, cota 13/6392/24- 1606-1720.

Registos de Óbitos, cota 13/6395/26, 1604-1719.

cota 13/6395/27, 1720-1749.

cota 13/6395/28, 1749-1775.

cota 13/6395/29, 1775-1800.

cota 13/6396/1, 1800-1841.

Sines, *Cartório Notarial de Sines, Notas para Atos e Contratos Entre Vivos*:

livro 2, cota 13/5441/5

Contrato para a realização da obra de talha da tribuna do Senhor do Vencimento, fl. 73v-74v, 25 de agosto de 1721.

Contrato para o douramento da tribuna do Senhor do Vencimento, 14 de agosto de 1726.

Novo contrato para o douramento da tribuna do Senhor do Vencimento fl. 262v-263, 2 set 1726,

livro 3, cota 13/5442/6

Contrato de arrendamento da Alcaidaria-Mor de Sines, fl. 21v-24, 14 agosto 1725.

Arrematação da renda da Alcaidaria-Mor, fl. 52v, 1729.

Arquivo Histórico Militar (AHM)

Fundos Gerais, Livros de Registos Antigos, Governo da Praça de Sines

Registo dos Ofícios e Participações para Autoridades Superiores e Ordens aos Subordinados:

Liv. 3346 – 1836, Setembro, 25 – 1838, Novembro, 08

Liv. 3347 – 1838, Novembro, 08 – 1843, Março, 20

1ª Divisão, 3ª Secção, Caixa n.º 1:

Decreto da Junta dos Três Estados sobre a colocação da Praça de Vila Nova de Milfontes e do Forte de Sines na dependência da Praça de Setúbal, doc. 16, 24 de junho de 1678.

1ª Divisão, 6ª Secção

Cx. n.º 5:

Ofício de Francisco Mendes de Carvalho, Governador da Praça de Sines, para D. Luís da Cunha Manuel, Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, sobre o alistamento de soldados pagos e pagamento da décima da casa onde reside, doc. 4, 10 de março de 1762.

Cx n.º 14:

Correspondência de Francisco Mendes de Carvalho, para D. Luís da Cunha Manuel, pedindo castigo e a autuação dos cabecilhas do motim que estalou entre os soldados devido aos atrasos de pagamento do soldo, doc. 10, 1764.

1ª Divisão, 11ª Secção, cx. 04:

Bento Alberto da Gama e Sá, segundo tenente do Regimento de Cavalaria de Elvas, doc. 13, 1793.

1.ª Divisão, 17.ª Secção, cx. 26

Ofício de Francisco Eleutério de Correia Mello pedindo o fornecimento de luzes, lenha e utensílios para o destacamento do Batalhão de Caçadores 2, doc. 38, 22 de novembro de 1821.

1ª Divisão, 20ª Secção, cx. 173:

Pedido de material de guerra, doc. 11, 17 de julho de 1828.

1ª Divisão, 21ª Secção, cx. n.º 16:

Correspondência de Simão da Costa Pessoa para José Joaquim Gomes Fontoura sobre a morte do guerrilha Rachado, 1 de Julho de 1839.

1ª Divisão, 22ª Secção, cx. n.º 14:

Ofício do Major Jerónimo Martins Salgado, do Governo Militar de Sines, para o Visconde de Bobeda sobre a saída de Lisboa do barco a vapor Terceira, doc.12.

1.ª Divisão, 27ª Secção, cx. n.º 2:

António Mendes Guerreiro informou do estado miserável em que se encontravam os militares destacados no Castelo, doc. 188, 21 de outubro de 1846.

3.ª Divisão, 4.ª Secção,

Livros Mestres, Estações Superiores do Exército, Comando Geral de Infantaria, liv. 14, p. 16, registo 81.

3ª Divisão, 9ª Secção, Caixa n.º 86:

Aviso de enviou à corte de um emissário para expor a situação da Praça, doc. 1, 19 de novembro de 1762.

Inventário de artilharia e munições da Praça de Sines, doc. 7, 1796.

Relação dos Oficiais da Praça de Sines, doc. n.º 13, 1 de janeiro de 1826.

Memória descritiva para a reparação das muralhas, da autoria do segundo tenente engenheiro Domingos Zacarias da Silva e Santos, n.º 18, 30 de outubro de 1829.

Lista dos oficiais que se conservam obedientes ao Governo, doc. 28, 1836.

Parecer acerca da importância estratégica da baía de Sines e dos planos para a sua defesa, doc. 32, 23 de dezembro de 1932.

4ª Divisão, 1ª Secção, Caixa n.º 2:

Relação de fortificações do Governo de Sines, situadas na Ilha do Pessegueiro, Vila Nova de Milfontes, Nossa Senhora das Salas, Sines e Ermida de Nossa Senhora da Queimada, assinada pelo Coronel Engenheiro de Infantaria Jean Gabriel de Chermont e copiada por João Bento de Aviz e de São Luís (1781/1790)

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)

Concelho Ultramarino

Informação do Conselho Ultramarino sobre os serviços de Belchior de Torres de Siqueira, de [1650] a 1680, como soldado, alferes, tenente e capitão, na guerra da restauração no Alentejo e governador da praça de Sines, Serviço de Partes, cx. 3, doc. 358.

Requerimento do capitão de cavalaria e governador da praça de Sines, Bento Alberto da Gama e Sá, ao Príncipe Regente [D. João], solicitando passaporte para à corte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, cx. 252, doc. 17182,24 out 1808.

Requerimento do presbítero secular do hábito de São Pedro, Joaquim António de Araújo, ao rei [D. Miguel], em que, estando preso na cadeia do Aljube, cidade do Porto, e sentenciado a 5 anos de degredo para Cabo Verde, vem pedir a comutação da pena para Sines ou Miranda, ou qualquer outra terra do reino, Cabo Verde, cx. 89, doc. 7072,.

Ofício do conde de São Lourenço para o duque do Cadaval, a devolver o requerimento de várias praças do regimento de Infantaria nº2, destacadas na Madeira e que passarão para a companhia de veteranos de Sines, Madeira, cx. 35, doc. 2235.

Requerimento dos inferiores, cabos e soldados de veteranos de Sines, no qual pedem indemnização do transporte que pagaram, para regressarem da Madeira para Lisboa, Madeira, cx. 35, doc. 2242.

Arquivo Municipal de Lisboa – Arquivo Histórico (AML-AH)

D. Afonso III regulamenta a anúduva no concelho de Lisboa, Chancelaria Régia, Livro dos Pregos, doc. 52, p. 128-129.

Arquivo Municipal de Santiago do Cacém

Deliberação sobre a proposta da Junta da Paróquia de Sines para aquisição à firma O. Herold, de Lisboa, do palacete que esta possuía no largo de São Sebastião, pela quantia de 4.500 escudos, destinado à instalação das duas escolas daquela freguesia, Actas da Comissão Administrativa (19.11.1914-25.05.1914), fl. 82, 6 de abril de 1914.

Arquivo Municipal de Sines (AMS)

CMS, Actas das Sessões da Comissão Executiva

A Câmara não se aceitou a cedência do Castelo, por ser-lhe impossível suportar os encargos com a conservação do imóvel nos termos estipulados, liv. 2, fls. 7-7v, 22 de agosto de 1923.

CMS, Arrematação das Rendas e Bens do Concelho

Liv. 2

Termo de arrematação da empreitada de recuperação da plataforma do castelo a João Batista, fls. 136v-137v, 16 de novembro de 1766.

Adjudicação da empreitada das obras do poço do Castelo, fl. 192v-193, 14 de setembro de 1772.

Liv. 4

Arrematação das Sisas dos Correntes com obrigação de pagar as despesas necessárias e do costume para o azeite, cordas, cera, e quatro mil reis ao Encarregado do Relógio publico, fl. 113v, 31 de dezembro de 1832.

CMS, Documentos de Escrituras Diversas entre 1914 e 1918

Arrendamento, ao Ministério da Guerra, das salas da antiga residência do governador militar, capilha 1, doc. 1, 13 de julho de 1914.

Termo de contracto para a compra de um palacete destinado às escolas primárias, capilha 1, documento 2, 27 de julho de 1914,

CMS, Provimentos,

Privilégio dos governadores militares poderem escolher os produtos alimentares de que necessitavam para as suas guarnições, liv. 2, fl. 63-64v, 8 de setembro de 1782

CMS, *Registo de Leis e Ordens*

Liv.1

Conflito de Sebastião de Sá de Menezes com a vereação acerca dos seus gados invadirem as vinhas, fl.52-56v, 22 de setembro de 1662.

Provisão informando da devolução do senhorio de Sines ao duque de Aveiro, fl. 72-73, 8 de abril de 1668.

Tomada de posse do senhorio de Sines pelo procurador do duque de Aveiro, fl. 92-95.

Liv. 3

Registo das credenciais de Francisco José Ferreira como vice-cônsul da Nação Espanhola, fls. 2-2v, 4 de maio de 1785.

CMS, *Vereações:*

Liv. 1

Arrematação da Renda da Imposição por 90.000 réis, fl. 130-131. 1 de janeiro de 1669.

Liv. 4

Aprovação da participação nas campanhas da Guerra da Sucessão de Espanha, fls. 81v-83.

Liv. 5

Eleição, menagem e posse do governador militar interino Jerónimo da Cunha e Vasconcellos, devido à ausência do detentor do cargo, liv. 5, fl. 126, 8 de agosto de 1714.

Tomada de posse de João Pereira Fidalgo de Silveira como governador militar da Praça de Sines, fl. 246, a 15 de agosto de 1715.

Liv. 6

Requerimento do procurador do Concelho para que se solicitasse do governador militar a escolha da pessoa mais adequada para ir pedir ao rei a diminuição das sisas, fl. 71v-72, 6 de julho de 1721.

Arrematação da renda da Imposição, fl. 42v-43, 4 de fevereiro de 1719.

Eleição de Dias Borralho para almotacé, fl. 45.

Liv. 7

Eleição de Dias Borralho para o cargo de almoxarife das munições, fls. 22-23, 5 de janeiro de 1735.

Liv. 9

Tomada de posse de D. Bruno de Sousa Henriques de Almeida como governador militar da Praça de Sines, fls. 65-66, 13 de outubro de 1749.

Liv. 10 (1766-1790)

Eleição de Manuel Craspin de Figueiredo como capitão das ordenanças do termo, fls. 30-31, 19 de janeiro de 1768.

Tomada de posse de Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas como governador militar da Praça de Sines, fls. 122-122v, 18 de maio de 1773.

Entrega de proposta para a recuperação das casas do governado, fls. 123v.-124, 30 de junho de 1773.

Recusa de Pascoal da Costa Camarão do cargo de almoxarife das munições desta Praça e eleição de Francisco Joaquim da Paula, fls. 231-231v, 7 de abril de 1781.

Eleição do novo capitão de Ordenanças, José Bruno da Fonseca Sobral, fls. 246-246v, 30 de outubro de 1782.

Posse de Sebastião António Quartim, do posto de governador da Praça e das fortalezas a ela anexas, fls. 279-279v, 21 de junho de 1786.

Eleição de Gil Lourenço para capitão de ordenanças, fls. 283v.-284, 3 de fevereiro de 1787.

Liv. 11 (1804-1828)

Tomada de posse de Bento Alberto da Gama e Sá como governador militar da Praça de Sines, fls. 5-5v e fl. 10v, junho de 1804.

Aviso à população acerca do desaparecimento de mobiliário e documentos do Castelo, fls. 56v-58, 29 de junho de 1808.

População do Concelho, fl. 231, 1823.

Juramento da Constituição de 1822, fls. 235v-236v, 29 de março de 1823.

Registo dos 38 membros da Guarda Nacional, posteriormente riscado, fl. 286, 12 de abril de 1823.

Aviso para «Riscar e Apagar e Reduzir a Sinzas» o registo da Guarda Nacional, fls. 296-296v, 21 de agosto de 1823.

Tomada de posse de Inácio da Cunha Gasparinho como governador militar, fls. 318v-319, 21 de abril de 1825.

Apresentada à vereação da Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa, ficando marcado o seu juramento para dia 31 do mesmo mês, fls. 338-338v, 29 de julho de 1826.

Liv. 12

Ofício do governador pedindo a nomeação de um almocreve para as conduções das munições de guerra para a praça do seu comando, fl. 34v, 27 de fevereiro de 1830.

Ofício do corregedor provedor da Comarca a solicitar aos habitantes do concelho que contribuam voluntariamente com as quantias necessárias para auxiliar o Governo a equipar o Corpo de Voluntários Realistas, fl. 57, 17 de dezembro de 1831.

Nomeação do furriel José da Silva para tratar do relógio, fl. 17v, 1829.

Nomeação, como novo relojoeiro da vila, Francisco José de Santa Ana, fl. 37, 30 de março de 1830.

Liv. 16

Pedido, ao Ministério da Guerra, da «Cerca do Castelo», fls. 96-96v, 6 de novembro de 1919.

Deliberação de Câmara de propor a da «Cerca do Castelo» a 3 centavos o metro quadrado, podendo ir até aos 4 centavos, ficando o presidente incumbido de representar a Câmara neste negócio, fl. 100v, 6 de abril de 1920.

Levantamento Cultural de Sines, CMS, PC/7/1, 20 de outubro de 1983.

Paróquia de Sines

Livro B. Descrição de todos os bens e rendimentos pertencentes a Parochia.

Livro de Inventários da Confraria do Santíssimo Sacramento.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças,

Convento de Sines, cx. 2254.

Cartas dos Governadores de África

Carta dos homens bons do concelho de Sines ao rei acerca dos direitos reais arrecadados pelo alcaide-mor D. Luís de Noronha, Coleção de cartas, Núcleo Antigo 877, n.º 403, 22 de novembro de 1497.

Pedido ao rei D. Manuel I para melhorar as condições do porto de Sines, n.º 304.

Casa de Cadaval

Plantas das fortalezas da costa portuguesa entre Vila Nova de Mil Fontes e as Berlengas e um mapa geral de todas, n.º 28, 1607? – 1617?.

Descrição e plantas da costa, dos castelos e fortalezas, desde o reino do Algarve até Cascais, da ilha Terceira, da Praça de Mazagão, da ilha de Santa Helena, da fortaleza da Ponta do Palmar na entrada do rio de Goa, da cidade de Argel e de Larache, n.º 29, 1607? – 1617?.

Casa de Lafões

Carta de provimento do Marquês de Marialva D. Diogo, na dignidade de grã-cruz da Ordem de Santiago da Espada na comenda e alcaidaria-mor de Sines, NP 24, n.º 54, 12 de novembro de 1789.

Chancelaria de D. Afonso III

Liv. I, p. 90-94, doc. 85, 28 de março de 1256.

Liv. 3, fl. 4v. Apud Luís Pequito ANTUNES (1993) – A Ordem de Santiago em Almada nos séculos XII a XV. In *Al-madan*. Almada. 2ª série, n.º 2 (jun.), p. 106.

Chancelaria de D. Afonso V

Liv. 2, fl. 7v-10v. Publ. Cortes Portuguesas; Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1439) (2016) – Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa. p. 240.

Pedido feito em cortes para que o rei mandasse reparar as muralhas de Alegrete, liv. 20, fl. 75v.-76, 1440.

Regras da aposentadoria nos Estaus, liv. 20, fl. 87v-92,

Confirmação da nomeação de Estêvão Pires como tabelião de Sines, liv. 38, fl. 20, 4 de outubro de 1432.

Nomeação de um fronteiro para Sines e Santiago do Cacém, liv. 24, fl. 18, 16 de fevereiro de 1444.

Chancelaria de D. Dinis

Liv. 3, fl. 48v.

Chancelaria de Filipe I

Nomeação de Simão como capitão do Castelo de Sines, liv. 4, fl. 332.

Chancelaria de Filipe II

Nomeação de Matias de Guimarães para as sobre roldas das vigias da costa de Sines, liv. 7, fl. 58, 1599.

Nomeação Fernão da Silva como conselheiro de Estado e vedor da Fazenda, liv. 32, fl. 151v, 14 de dezembro de 1594

Chancelaria de D. João II

Concessão do privilégio de vila a Milfontes, liv. 8, fl. 64-64v.

Perdão concedido a Vasco da Gama depois de se ter envolvido em escaramuça com o alcaide-pequeno de Setúbal, liv. 12, fl. 22. 18 de março de 1490.

Chancelaria de D. João III

Perdão do carcereiro do castelo de Sines por ter deixado escapar uma mulher acusada de feitiçaria, liv. 9 de perdões e leg., fl. 47.

Doação ao duque de Aveiro das vilas de Sines, Santiago do Cacém, Ferreira, Castro Verde, Torrão e Sesimbra, do Mestrado de Santiago, liv. 58, fl. 141v, 1554.

Nomeação de Sebastião de Sá como capitão de Sofala, liv. 60, fl. 21v, 1546.

Chancelaria de D. João V

Provisão de confirmação dos ofícios de escrivão do Judicial, inquiridor, contador e distribuidor da vila de Sines a Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas, liv. 108, p. 334, 30 de julho de 1745.

Chancelaria de D. Manuel I

A Vasco da Gama, como galardão pelo descobrimento da Índia, são dados 230 000 réis, liv. 4, fl. 23, 10 de janeiro de 1502.

Elevação de Colos a Vila, liv. 16, fl. 85, 26 de junho de 1499.

Carta de confirmação de fundação e privilégios aos moradores de Milfontes, liv. 29, fl. 57.

A D. Vasco da Gama, do Conselho d'el-Rei, confirmação de um alvará, dado em Lisboa, a 22 de Fevereiro de 1501, e escrito por António Carneiro, nele o rei reafirmava a mercê feita a D. Vasco da Gama da outorga da vila de Sines com todo o seu senhorio e jurisdição cível e crime, para ele e seus herdeiros e descendentes, assim que concludisse o escambo a fazer com a Ordem de Santiago, em atenção ao feito do descobrimento da Índia, e ao bem e proveito universal do mesmo A D. Vasco da Gama, do Conselho d'el-Rei, confirmação de um alvará, dado em Lisboa, a 22 de Fevereiro de 1501, e escrito por António Carneiro, nele o rei reafirmava a mercê feita a D. Vasco da Gama da outorga da vila de Sines com todo o seu senhorio e jurisdição cível e crime, para ele e seus herdeiros e descendentes, assim que concludisse o escambo a fazer com a Ordem de Santiago, em atenção ao feito do descobrimento da Índia, e ao bem e proveito universal do mesmo, liv. 38, fl. 90, 25 de setembro de 1501.

Perdão a Alvaro Afonso, homem solteiro, morador em Sines, devido a distúrbios entre criados de Vasco da Game e do comendador D. Luís, liv. 45, fl. 75v, 29 de março de 1501.

Chancelaria de D. Pedro I

Carta de elevação de Sines a vila, Chancelaria de D. Pedro I, fl. 76.

Sentença sobre o termo da vila de Sines, Chancelaria de D. Pedro I, fl. 104-104v.

Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique

Nomeação de Gaspar Falcão como alcaide-pequeno de Sines, liv. 12, fl. 4v, setembro de 1561,

Nomeação de um bombardeiro para a Castelo de Sines, liv. 40, fl. 113, 15 de novembro de 1576

Nomeação de António Soares como capitão-mor de ordenanças e da fortaleza da vila de Sines, liv. 42, fl. 389-389v, 1579.

Coleção Especial

Mercê concedida a Jorge Furtado de Mendonça, Coleção Especial, cx. 74, mç. 1, 28 de outubro de 1498.

Auto de Posse do Castelo de Sines, Coleção Especial, cx. 158, 24 de novembro de 1533.

Registo de Jorge Furtado de Mendonça no Livro de Matrícula da Ordem de Santiago, Coleção Especial, liv. 275, fl. 1v, 1 de abril de 1496.

Conselho de Guerra

Consultas

Carta de Sebastião de Sá de Meneses a informar acerca do ataque de uma armada inglesa a dois navios franceses na baía de Sines, cx. 61, mç. 14-A, 20 de julho de 1654

Parecer do Conselho de Guerra sobre o pedido para que a vila fosse fortificada, cx. 61, mç. 15, doc. 162, 7 de outubro de 1655.

Decisão do Conselho de Guerra de mandar fazer o reconhecimento da Ilha do Pessegueiro por João Nunes da Cunha, cx. 76, mç. 21, 17 de fevereiro de 1661.

Lista de oficiais de cabos que estavam na corte, para que recolhessem a exercitar seus postos, cx. 76, mç. 21. 25 de fevereiro de 1661.

Parecer do Conselho de Guerra relativo ao pedido de munições e artilheiros, cx. 85, mç. 23, 20 de junho de 1663.

Decretos

Lista dos alcaides-mores do Mestrado de Santiago que chamados a tomar parte Cortes de 1646, mç. 6, n.º 45.

Registo de Patentes, Alvarás, Cartas e Ordens

Carta circular em que se alertam os governadores das fortalezas e praças marítimas para que deveriam abastecer-se do necessário para se defenderem, e estarem atentos, liv. 14, fls. 74-74v.

Convenção de Évora Monte

Preparativos para a viagem de D. Miguel até Sines, cx. 1, pt. 5, doc. 16, 28 de maio de 1834.

Corpo Cronológico, 1ª Parte

Certidão em pública forma de sobre os pregões que se deitaram na Vila de Sines, dos roubos que nela havia feito a armada dos franceses, 10 anos antes da morte de D. Manuel, mç. 46, 1530, [PT/TT/CC/1/46/28]

Consulta sobre o título da alvaidaria-mor de Sines, que requeria Francisco de Sá, Comendador da dita vila, mç. 112, 1591.

Carta do Capitão Francisco de Carvalho para o Vice-Rei de Portugal, D. Pedro de Castilho, solicitando que enviasse dinheiro para acabar o muro do castelo, pólvora e chumbo que estava carecido. Mç. 114, 1606.

Carta escrita de Sines a El-rei, em que o remetente dá conta de ter vigiado as galés, e de que não era conveniente estar na terra o fidalgo Lopo Furtado de Mendonça, e, ainda, de que os homiziados desejavam servir a El-rei na vila e castelo, à sua custa, o que lhe parecia justo, Parte III, mç. 22, n.º 10, 11 de julho de 1589.

Nomeação de Francisco de Carvalho para capitão do Castelo de Sines, mç. 114, n.º 150, 1606

Gavetas

Certidão da cópia do auto de lançamento da primeira pedra do monumento a Vasco da Gama, em Sines (1925), Gaveta 16, Maço 4, n.º 96,

Juízo dos Órfão de Sines

Primeiro termo de depósito no Cofre dos Órfãos assinado por Estêvão de Liz Velho, liv. 3, fl 19v, julho de 1740.

Leitora Nova

*Carta de elevação de Vila Nova de Milfontes a Vila, liv. I de Odiana, fl. 223v., col. 1.
Requerimento do prior do Hospital para que o rei mandasse os moradores de Crato e Amieira pagar as obras necessárias nas cavas e barbacãs destas vilas, liv. 1 de Odiana, fls. 122v-127, 1368.*

Privilégio para que os moradores de Sines não sirvam em qualquer fronteira do reino, por serem poucos para defender a vila que não tinha castelo nem cerca, liv. 6 de Odiana, fl. 256v, 1391.

Memórias paroquiais

Sines, vol. 35, nº 177, p. 1311 a 1326

Mesa da Consciência e Ordens

Diligências de Habilitação para a Ordem de Cristo de Caetano Ávares Rodrigues, Habilitações para a Ordem de Cristo Letra C. Mç. 12, n.º 6.

Mercês concedidas a João Rodrigues Mouro, pela sua carreira de engenheiro militar, Habilitações da Ordem de Cristo, letra P, mç. 11, doc. 152, 26 de agosto de 1682.

Diligência de Habilitação para a Ordem de Cristo De Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas, Habilitações para a Ordem de Cristo, Letra S, mç. 1, n.º 7.

Diligência de Habilitação para a Ordem de Cristo de Tomás de Franca e Liz, Habilitações para a Ordem de Cristo, Letra T, mç. 6, n.º 35.

Diligência de Habilitação para a Ordem de Cristo de Veríssimo Cardeira da Costa Mesa, Habilitações para a Ordem de Cristo, Letra V, mç. 5, n.º 27, 1717.

Chancelaria Antiga da Ordem de Santiago

Alvará de cavaleiro dado a Francisco de Sá de Menezes, liv. 2, fl. 62, 8 de junho de 1585.

Mercê da comenda de Sines a D. Pedro Diniz, liv. 4, fl. 316, junho de 1572.

Nomeação de Sebastião de Sá de Menezes como alcaide-mor de Sines, liv. 12, fl. 14, julho de 1626.

Alvará para que Sebastião de Sá de Menezes fosse armado cavaleiro, liv. 12, fl. 108v, 30 de abril de 1626.

Informou o prior-mor do convento de Palmela de que Sebastião de Sá de Menezes iria se armado cavaleiro, liv. 12, fl. 109, 31 de abril de 1626.

Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça

Requerimento de Alexandre Evaristo de Lemos, major e governador interino da fortaleza de Sines, para João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas solicitando ser mudado para qualquer uma das fortalezas marítimas do Algarve e ser acompanhado

por Joaquim Ricardo Garcez, primeiro tenente da brigada real da marinha, 2.^a inc., mç. 41, n.º 295, cx. 146.

Requerimento de Ignácio da Cunha Gasparinho major governador da Praça de Sines, solicitando poder defender-se das falsas acusações que lhe foram imputadas, 2.^a inc. mç. 44, n.º 46, cx. 153, 1832.

Ministério do Reino

Requerimento de José de Melo Brito e Castanheda, capitão e governador da praça de Sines, solicitando a mercê do hábito da ordem de Cristo como remuneração dos seus serviços, mç. 805, proc. 3,

Núcleo Antigo

N.º 466

Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos

Livro dos Cativos que tinham provisões e despachos da Mesa da Consciência e Ordens, do Reino de Fez e do de Marrocos, Convento da Santíssima Trindade de Lisboa, liv. 28.

Processo de averiguações da vida de Frei Paulino da Apresentação, Convento da Santíssima Trindade de Lisboa, liv. 22, fl. 96v.

Portarias de Reino

Luís Lourenço, 40.000 réis de renda efetiva, com o hábito de Cristo pelo governo da Praça de Sines, enquanto durou a ausência do alcaide-mor Sebastião de Sá de Menezes, liv. 4, fl. 387, 6 de fevereiro de 1662.

Registo Geral de Mercês

Mercês de Afonso VI

Promessa de uma comenda de 200.000 réis a João Ribeiro do Couto, liv. 3, fl. 397, 16 de maio de 1663.

Mercês (Chancelaria) de D. Afonso VI:

Carta de Padrão de 80.000 réis a João Ribeiro do Couto, liv. 3, fl. 153v, 1659.

Mercês de D. João V:

Alvará de Vedor das Fortificações da Praça de Setúbal. liv. 6. fl. 231v

Nomeado de João Pereira Fidalgo da Silveira como governador militar da Praça de Sines, liv. 9, fl. 60, 8 de abril de 1715.

Carta de Juiz do Paço do Trigo da Vila de Setúbal, liv. 18. fl. 492.

Nomeação de Tomás de França e Liz como governador da Praça de Sines, liv. 22, fl. 410, 3 de outubro de 1731.

Alvará do senhorio da vila de Sines, passado ao duque de Aveiro, liv. 23, fl. 299, 6 de agosto de 1732.

Carta de alcaide-mor de Sines, passada ao duque de Aveiro, liv. 26, fl. 521v, 1735.

Mercês de D. José I

Renúncia de Sebastião António Quartim ao hábito de Cristo, liv. 28, fl. 307v, 15 de janeiro de 1776.

Mercês de D. Maria I

Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas, Alvará, Soldo de Tenente da Torre de Outão, liv. 20, fl. 243, 5 de setembro de 1786.

Confirmação da dízima do pescado de Sines à marquesa de Niza, liv. 23, fl. 116v.

Sebastião Luís de Liz Velho Mascarenhas, Alvará para poder renunciar uns ofícios, liv. 23, fl. 140.

Ordens Militares:

Mercê de uma tença de 100.000 réis a Belchior de Torres de Siqueira, liv. 7, fl. 15, 17 de dezembro de 1665.

Entrega do hábito de noviço a Belchior de Torres de Siqueira, liv. 7, fl. 65. 8 de maio de 1666,

Nomeação de Fernão Mascarenhas como alcaide-mor, liv. 12, fls. 369v.-370, 4 de agosto de 1665.

Mercê da Comenda de Sines a D. Francisco de Sousa, conde do Prado, liv. 12, fls. 435-435v, 20 de junho de 1669.

Assentamento de 20.000 réis, pelos serviços de João Ribeiro do Couto no Alentejo, enquanto não vagasse uma comenda da Ordem de São Bento de Aviz, liv. 13, fl. 81v, 1660.

Carta da Comenda de Sines ao dito conde do Prado, liv. 14, fl. 26, 10 de abril de 1671.

Nomeação de Belchior de Torres de Siqueira como juiz dos Órfão de Messejana, liv. 14, fl. 60v, 1674.

Entrega da Comenda de Sines a D. António Luiz de Sousa, 2º marquês de Minas e conde do Prado, obteve do rei a Comenda, que vagara por morte de seu pai, liv. 14, fls. 68v-69v e 102-103.

Mercês de D. Pedro II:

Alvará para que Belchior de Torres de Siqueira pudesse renunciar a tença de 180.000 réis em filho ou filha, liv. 8, fl. 139, 8 de fevereiro de 1696.

Carta de padrão de tença de 18.000 réis passada a Belchior de Torres de Siqueira, liv. 8, fl. 171v, 20 de maio de 1700.

Carta padrão da tença de 12.000 réis e hábito para Leonardo Torres de Siqueira, liv. 8, fl. 471, 1700.

Nomeação de Bartolomeu Viegas como governador da Praça de Sines, com soldo fixado em 6.500 réis por mês, liv. 10, fl. 261v, 2 de maio de 1696.

Pedido de auxílio da viúva de João Ribeiro do Couto, liv. 13, fl. 269, 1700.

Mercês de D. Pedro V

Pensão anual atribuída a D. Adelaide Leopoldina da Silva Galgado viúva do major Jerónimo Martins Salgado, liv. 16, fl. 1v, 1858.

Sé de Coimbra

Inventario dos bens de D. Vataça, 2.ª incorp., m. 5, n.º 269. Apud Maria Helena da Cruz COELHO; Leontina VENTURA, Os Bens de Vataça. Visibilidade de uma Existência. Revista de História das Ideias. Coimbra. Vol. 9.

Tratados

Argel, cx. 1, n.º 1.

Ordem de Santiago e Convento de Palmela

Visitação de Sines em 1480, mç. 1, doc. 29; publ. Luís Adão da FONSECA (1999) – Vasco da Gama e a Ordem de Santiago. In Isabel Cristina FERNANDES (coord.) – Ordens Militares: guerra, religião, poder e cultura. Actas do II Encontro Sobre Ordens Militares. 1ª ed.. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.

Visitação a Sesimbra em 1488, mç. 2, n.º 56, 1488-1492

Presença de Jorge Furtado de Mendonça no Capítulo Geral de 1508, mç. 3, doc. 185, 1508

Doação das comendas de Mouguelas e Chouparia a Vasco da Gama, liv. 3, fls. 34v.-35v, 17 e 18 de dezembro de 1495.

Tença atribuída a Jorge Furtado de Mendonça, com o hábito da Ordem, liv. 3, fl. 74, 12 de abril de 1496.

Requerimento de Jorge Furtado de Mendonça a pedir a passagem da comenda de Sines para seu filho Lopo Furtado de Mendonça, liv. 13, fls. 181v-182, 1525.

Visitação de D. Jorge de Lencastre a Sines em 1517, tem junto a visitação de 1533 e provisões de D. Jorge até 1532 e outras até 1540, liv. 164, 30 de outubro de 1517.

Visitações a Santiago do Cacém efectuadas pelo mestre D. Jorge, Diogo Salema, Cavaleiro da Ordem de Santiago, e António Fernandes, prior de Colos, visitantes da comarca do Algarve em 1517, liv. 167, fol. 66. 1517.

Visitação e Provimto das Igrejas do Mestrado efectuada por D. António Preto, prior-mor do convento de Palmela e da Ordem de Santiago em 1554, liv. 197.

Visitação a Sines, efectuada por Estevão de Brito, comendador de Panoias e de Faro, e por Mestre Gaspar, prior da igreja de Santa Maria da Graça de Setúbal em 1565, liv. 215.

Visitação da Comenda de Mértola em 1482, liv. 228.

Visitação a Sines e Santiago do Cacém, efectuada pelo prior Gonçalo Barradas e por Estêvão de Brito em 1565, liv. 238.

Visitações de Palmela e Panóias, liv. 152. Publ. Vitor Pavão dos SANTOS (1972) –. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Proibição da entrada em Sines de Vasco da Gama, liv. 272, fl. 257-257.

Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral

Diligência de Habilitação de Afonso Furtado de Mendonça, Habilitações, Afonso, mç. 1, doc. 11.

Diligências de Habilitação de Dom Bruno de Souza Henriques, Habilitações, mç. 1, doc. 3.

Diligência de Habilitação de Sebastião Luiz de Liz Velho Mascarenhas, mç. 13, doc. 218.

Diligência de Habilitação de Tomás de França e Liz, Habilitações Incompletas, doc. 5325.

Processo do madeirense António Afonso, que estando guardando vacas foi levado a bordo de um bergantim, Inquisição de Lisboa, proc. 5563.

Processo de Vasco Pinto, cativo 17 ou 18 anos, Inquisição de Lisboa, proc. 7067.

Processo de André Dias natural de Sines, Inquisição de Lisboa, proc. 1058A.

Códices e documentos de proveniência desconhecida

Livro das Fortalezas Situadas no Extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, Escudeiro do Rei D. Manuel I, Casa Forte, liv. 159.

Biblioteca da Academia das Ciências

Carta de Frei Manuel do Cenáculo a Frei Plácido Barroco, Cod. 802V, fl. 96, 8 de junho de 1794.

Biblioteca da Ajuda

44-XIII-26 (n.º 84), fl. 488-490, Papel procurando demonstrar a quem pertence o governo das armas se ao alcaide-mor, se ao Capitão-mor.

44-XIII-42 (n.º 32), fl. 299-299v, Previlégios para os soldados auxiliares e outras pessoas

44-XIII-52 (n.º 73), fl. 125v-126, Alvará sobre os que arrancão na corte ou tirão pedradas apelidando Portugal ou Castella, Lisboa, 16 de out 1582.

44-XIII-52 (n.º 87), fl. 151v-160, Cõntrato de Lisboa, a El-Rei Dõ Sebastião sobre aposentadoria e rendas da impossissam dos vinhos, Lisboa, 12 jul 1572.

44-XIII-57 (n.º 16 g), fl. 132, Publicação da imposição, 20 jul 1710.

44-XIII-57 (n.º 16 h), fl. 131-132, Generos agravados com a imposição.

44-XIII-58 (n.º 11), fl. 114-114v, Alvará de Sua Magestade aprovando o Contrato das Terças deste Reyno e do Algarve, por tempo de seis anos, com Diogo Nunes Pereira, Lisboa, 7 out 1703.

44-XIII-60 (n.º 5), fl. 60-75, Regimento dos Capitaens-Mores e mais Capitaens e officiaes das Companhias de gente de Cavallo, e de pé, e da Ordem, ã terão em se exercitarem.

Biblioteca Nacional de España,

Mss 9241.

Biblioteca Nacional de Portugal (MNP)

BRAVO, Antonio Rosado, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado d'Evora por Bravo*, Fundo Geral de Monografias, Reservados, Cod. 146.

Fronteira de Portugal Fortificada pelos Reys deste Reyno, tiradas estas Fortalezas no tempo del Rey Dom Manoel [Em linha], cota IL 192, [Consult. 20 abr. 2019]. Disponível em: WWW:<URL:https://purl.pt/24908.

Biblioteca Pública de Évora (BPE)

Diário Manuscrito de D. Frei Manuel do Cenáculo

Cod. CXXIX/1-19

Cod. CXXIX/1-20

Cod. CXXIX/1-21

Carta do Infante D. João ao seu ouvidor do Mestrado, Cod. CIII/2-20, fl. 24 e no Cod. CV/1-2. p. 125, Sines, 21 de maio de 1438

Cartas de Sebastião Luiz de Liz Velho e Mascarenhas a D. Frei Manuel do Cenáculo, Cod. CXXVII/2-14, 30 de janeiro de 1783.

Cartas de José de Cornide e Saavedra a D. Frei Manuel do Cenáculo, Cod. CXXVII/2-3, fl. 199.

Carta de D. Fr. Manuel do Cenáculo a Manuel Bernardo de Melo e Castro, Cód. CXXVIII 2-10, fl. 43.

Carta de D. Fr. Manuel do Cenáculo a D. Filipe Scio de S. Miguel, Cod. CXXVIII 2-9, fls. 447-447v, 26 de setembro de 1788.

Discurso na Inauguração Pública do Museu Sisenando Cenaculano Pacense, em Beja, Reservados, Manizola, Cód. 75, n.º 19.

Carta de Sebastião António Quartim a Cenáculo a propósito da situação militar, cod. CXVII / 2-14, doc. 97, 28 de abril de 1798.

Sisenando Mártir e Beja sua Pátria

Museu Nacional de Arqueologia (MNA)

Correspondência de Leite de Vasconcellos

160 – Augusto Ernesto Teixeira de ARAGÃO

825 – Santiago do Cacém, 12 – 01 – 1906

826 – S. L., 01 – 01 – 1907?

2548 – Francisco Inácio da Costa PALMA

17266 – Sines, 11 – 04 – 1905

17268 – Sines, 18 – 03 – 1906

17267 – Sines, 21 – 03 – 1906

17269 – Sines, 15 – 04 – 1906

3287 – Fernando Palma SOARES

21466A – Sines, 30 – 03 – 1939

Ao Ex.mo e R.mo Snr. Bispo de Beja, Estando dos distritos da vila de Sines tomando banhos de água salgada, Rimas de João Xavier Mattos, Tomo IV, cota MS / COD / 104.

Museu da Cidade, Lisboa

MASSAI, Alexandre, códice *Descrição do Reino do Algarve*.

MASSAI, Alexandre, códice *Descrição Relação do Reino de Portugal Segundo Tratado*.

Museu de Sines

Caderno de Campos de José Miguel da Casta relativo às escavações realizadas na *Cerca do Castelo*, 1966.

Carta do vice-presidente da Câmara Municipal de Sines, José Monteiro Guerreiro, ao presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de junho de 1964

José Miguel da COSTA (década de 1980?) – *Carta Arqueológica do Concelho de Sines*. 6 folhas

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

O acervo arquivístico da antiga Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) encontra-se digitalizado e a sua consulta foi realizada no Forte de Sacavém. O sistema considera cada página como um documento, com a respetiva cota, pelo que seguimos aqui o critério deste arquivo.

SIPA TXT.01748425, 13 de maio de 1937.
SIPA TXT.01748432, 16 de julho de 1938.
SIPA TXT.01748436, 3 de agosto de 1938.
SIPA TXT.01748438, 16 de março de 1939.
SIPA TXT.01748440, 24 de maio de 1939.
SIPA TXT.00730274, 17 de dezembro de 1940.
SIPA TXT.01748453, 14 de janeiro de 1941.
SIPA TXT.00730616, 2 de setembro de 1964
SIPA TXT.01748464, 19 de novembro de 1947.
SIPA TXT.01748811, 13 de maio de 1954.
SIPA TXT.01748812, 12 de julho de 1954
SIPA TXT.01748813, 22 de julho de 1954.
SIPA TXT.01748820, 9 de novembro de 1954.
SIPA TXT.01748950, 23 de novembro de 1954.
SIPA TXT.01748826, 27 de novembro de 1954.
SIPA TXT.01748830, 18 de dezembro de 1954.
SIPA TXT.01748832, 9 de março de 1955.
SIPA TXT.01748836, 12 de março de 1955.
SIPA TXT.00730293, 4 de agosto de 1955.
SIPA TXT.01748851, 16 de janeiro de 1956
SIPA TXT.01748957, 8 de fevereiro de 1956
SIPA TXT.00730296, 17 de março de 1956.
SIPA TXT.00729966, 17 de março de 1956.
SIPA TXT. 00729972, 30 de março de 1956.
SIPA TXT. 00729974, 30 de março de 1956.
SIPA TXT.00730028/9, 30 de abril de 1956
SIPA TXT.00730053, 23 de outubro de 1956.

SIPA TXT.00730054, 27 de novembro de 1956.
SIPA TXT. 00729981/82, 6 de maio de 1957.
SIPA TXT.00730004/5, 9 de julho de 1958.
SIPA TXT. 007302311, 16 de março de 1959.
SIPA TXT.00730317, 13 de abril de 1959.
SIPA TXT.00730316, 6 de abril de 1959.
SIPA TXT.00730084/5, 11 de abril de 1959
SIPA TXT.00730317, 13 de abril de 1959.
SIPA TXT.01748470, 13 de janeiro de 1961.
SIPA TXT.01748471, 16 de fevereiro de 1961.
SIPA TXT.01748473, 21 de março de 1961.
SIPA TXT.00730119, 13 de fevereiro de 1962.
SIPA TXT.00730124, 13 de fevereiro de 1962.
SIPA TXT.00730368, setembro de 1962.
SIPA TXT.01748480, 24 de novembro de 1962.
SIPA TXT.00730381, 5 de dezembro de 1962.
SIPA TXT.01748482, 3 de janeiro de 1963.
SIPA TXT.01748485, 16 de janeiro de 1963.
SIPA TXT.01748478, 22 de janeiro de 1963.
SIPA TXT.01748489, 5 de fevereiro de 1963.
SIPA TXT.00730141, 14 de fevereiro de 1963.
SIPA TXT.01748493, 16 de fevereiro de 1963.
SIPA TXT.01748495, 6 de março de 1963.
SIPA TXT.00730408, 9 de abril de 1963.
SIPA TXT.00730416, 18 de abril de 1963.
SIPA TXT.01748503, 18 de junho de 1963.
SIPA TXT.01748504, 25 de junho de 1963.
SIPA TXT.017484505, 16 de agosto de 1963.
SIPA TXT.01748506, 22 de outubro de 1963.
SIPA TXT.01748508, 28 de outubro de 1963.
SIPA TXT.01748512, 25 de fevereiro de 1964.
SIPA TXT.01748516, 3 de março de 1964.
SIPA TXT.01748529, 12 de junho de 1965.
SIPA TXT.01748520, 25 de junho de 1965.
SIPA TXT.01748521, 7 de julho de 1965.
SIPA TXT.01748531, 10 de agosto de 1965.
SIPA TXT.00730185, 26 de novembro de 1965.
SIPA TXT.00730189, 7 de junho de 1966.
SIPA TXT.00730212, 30 de maio de 1967.
SIPA TXT.00730232/3, 17 de outubro de 1969.
SIPA TXT.01748567, 7 de novembro de 1969.

SIPA TXT.01748554, 6 de janeiro de 1970.
SIPA TXT.01748568, 13 de janeiro de 1970.
SIPA TXT.00730250, 27 de novembro de 1970.
SIPA TXT.01748569, 2 de maio de 1970.
SIPA TXT.01748570, 7 de maio de 1970.
SIPA TXT.01748580, 16 junho de 1971.
SIPA TXT.01748583, 30 de junho de 1971.
SIPA TXT.01748593, 29 de janeiro de 1972.
SIPA TXT.01748597, 19 de junho de 1972.
SIPA TXT.01748610, 15 de março de 1983.
SIPA TXT.01748624, 9 de janeiro de 1990.
SIPA TXT.01748634, 26 de fevereiro de 1991.
SIPA TXT.01748635, 7 de março de 1991.

Fontes Impressas

Publicações Periódicas

Arquivo Pitoresco

Tomo I, n.º 31, 1858.

Tomo II, n.º 42, 1858.

Tomo II, n.º 52, 1859.

***Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, 1935 - 1990:**

Igreja de Leça do Bailio (n.º 1, Setembro de 1935),

Muralhas de D. Fernando, do Porto (n.º5, Setembro de 1936),

Castelo de Guimarães (n.º8, Junho de 1937),

Castelo de Pombal (n.º 21, Setembro de 1940),

Castelo de S. Jorge (n.º 25-26, Setembro – Dezembro de 1941),

Castelo de Lanhoso (n.º 29, Setembro de 1942),

Castelo de Sesimbra (n.º 34 – 35, Dezembro de 1943 – Março de 1944),

Castelo da Feira (n.º 37 – 38, Setembro – Dezembro de 1944),

Castelo de Belver, Gavião (n.º 46, Dezembro de 1946),
Castelo de Silves (n.º 51, Março de 1948),
Castelo de Elvas (n.º 54, Dezembro de 1948),
Castelo do Sabugal (n.º 57, Setembro de 1949),
Castelo de Almeida (n.º 61, Setembro de 1950),
Castelo de Óbidos (n.º 68-69, Junho-Setembro de 1952),
Castelo de Penedono (n.º 73, Setembro de 1953),
Fortaleza da Berlenga (n.º 74, Dezembro de 1953),
Castelo de Alcanede (n.º 76, Junho de 1954),
Castelo de Beja (n.º 77, Setembro de 1954),
Castelo da Lousa (n.º 86, Dezembro de 1956),
Castelo de Penela (n.º 91, Março de 1958),
Castelo de Linhares (n.º 98, Dezembro de 1959),
Muralhas de Lagos (n.º 104, Junho de 1961),
Praça Forte de Valença (n.º 115, Março de 1964),

O Capo d' Ourique

N.º 192, 3 de abril de 1902.
N.º 299, 9 de junho de 1904.
N.º 365, 14 de setembro de 1905.
N.º 369, 12 de outubro de 1905.
N.º 368, 5 de outubro de 1905.
N.º 370, 19 de outubro de 1905.

Chronica Constitucional de Lisboa

N.º 57, 30 de Setembro de 1833.
N.º 74, 19 de Outubro de 1833.
N.º 82, 29 de Outubro de 1833.

Correio Braziliense ou Armazem Literarioa

Vol. XII, N.º 68, Janeiro de 1814.

Diário do Governo

N.º 20, 23 de Janeiro de 1821.

N.º 163, 13 de Julho de 1822.

Dário Ilustrado

14 de Maio de 1959

Diário de Notícias

8 de Agosto de 1962

O Distrito de Setúbal

N.º 643, 23 de Setembro de 1960

O Ecco, Jornal Critico, Litterario, e Politico

N.º 216, 21 de Novembro de 1837.

N.º 237, 10 de Fevereiro de 1838.

N.º 317, 6 de Novembro de 1838.

N.º 352, 9 de Março de 1839.

A Folha de Sines

N.º 1, 1 de julho de 1919.

N.º 3, 1 de agosto de 1919.

N.º 4, 15 de agosto de 1919.

N.º 7, 1 de outubro de 1919.

N.º 20, 25 de julho de 1925.

N.º 29, 1 de janeiro 1926.

26 de dezembro de 1926.

N.º 33. 18 de junho, 1928.

N.º 34, 29 de dezembro de 1929.

N.º 38. 1 de julho de 1930.

A Gazeta de Lisboa

N.º 32, 20 de setembro de 1808.

N.º 211, 7 de setembro de 1812.

N.º 211, 7 de setembro de 1814.

N.º 124, 28 de maio de 1818.

N.º 20, 22 de janeiro de 1820.

N.º 147, 23 de junho de 1820.

N.º 200, 24 de agosto de 1820.

N.º 127, 29 de maio de 1824.

N.º 232, 1 de outubro de 1924.

N.º 198, 22 de agosto de 1829.

Suplemento á Gazeta de Lisboa

N.º XXI, 25 de maio de 1792.

N.º 2, 1793

Primeiro Suplemento, n.º 32, 20 de setembro de 1808.

Segundo Suplemento, n.º XIII, 30 de março de 1805.

O Panorama

N.º 1, 6 de maio de 1837.

N.º 28, 20 de janeiro de 1837.

N.º 38, 11 de novembro de 1838.

N.º 148, 26 de outubro de 1844.

N.º 238, 20 de novembro de 1841.

Publicações não Periódicas

AFONSO X (1807) – *Las Siete Partidas*. Madrid: Real Academia de la Historia. Tomo I.

AGOSTINHO Nicolau (1614) – *Relaçam Summaria da Vida do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor D. Theotonio de Bragãça Arcebispo de Evora*. Evora: Officina de Francisco Simões.

ALBERTI, Leon Battista (2011) – *A Arte Edifcatória*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Tradução do latim de Arnaldo Monteiro do ESPÍRITO SANTO; Introdução, notas e revisão disciplinar de Mário Júlio Teixeira KRÜGER.

ANTÓNIO, Fr. Henrique de Santo (1745) – *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa no Reyno de Portugal e dos que floresceram em todos os mais ermos da Christandade; dos quaes nos seguintes seculos se formou a Congregação dos Padres de Jesu Christo; e muitos depois a Sagrada de S. Paulo primeiro Eremita, chamada dos Eremitas da Serra de Ossa*. Lisboa: Officina de Francisco da Sylva. Tomo Primeiro.

ARAUJO, Francisco Duarte de Almeida e (1861) – *Chronica da Rainha; a Senhora Dona Maria Segunda*. Lisboa: Typographie A. J. F. Lopes.

CORPUS Codicum Latinorum et Portugalensium Eorum qui in Archivo Municipali Portucalensi asservantur antiquissimorum – Dipolomata, Chartae et Inquisitiones, 6 vols., Porto, 1891-1978.

AVIENO, Rufo Festo (1992) – *Orla Marítima*. 2.^a ed.. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade. Tradução e introdução de José Ribeiro FERREIRA.

Diário da Camara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa. I. Legislatura (1828) – Vol. II.

D. Duarte (1942) – *Leal Conselheiro*. Lisboa: Livraria Bertrand. (edição crítica e anotada organizada por Joseph M. Piel). p. 303.

BARRETO, João Franco (1664) – *Eneida Portuguesa*. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeeck. Vol 1.

BAYAÕ, Jozé Pereira (1737) – *Portugal Cuidadoso, e Lastimado coma Vida, e Perda do Senhor Rey Dom Sebastião, o Desejado de Saudosa Memoria [...]*. Lisboa: Officina de Antonio de Sousa da Sylva.

BELEM, Fr. Jeronymo de (1750) – *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves, da Regular Observancia do Nosso Serafico Padre S. Franciso, Em que se trata de sua Origem, Progresso, e Fundaçõs de seus Conventos*. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues. Parte Primeira.

_____ (1753) – *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves (...)*. Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fora.

D. BERNARDO, Arcediago de Braga (1959) – *Vida de S. Geraldo*. Braga: Livraria Cruz. Tradução, notas e posfácio de CARDOSO, José.

BRANDÃO, Frei António (1632) – *Monarchia Lusitana*. Lisboa: Pedro Craesbeck. 3.^a parte.

CARDOSO, Jorge (1666) – *Agiológio Lusitano*. Lisboa: Oficina de António Craesbeeck de Mello. Tomo III.

CARVALHO, José Liberato Freire de (1842) – *Memorias com o Título de Annaes, para a História do tempo que durou a usurpação de D. Miguel*. Lisboa: Na Imprensa Nevesiana.

CASTRO, João Bautista de (1762 e 1763) – *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*. Tomos I e II. Lisboa: Officina Patreiarcal de Francisco Luiz Ameno.

CHABY, Claudio de (1872) – *Synopse dos Decretos Remetidos ao Conselho de Guerra*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. 3.

Chancelarias Portuguesas: D. Pedro I, 1357-1367 (1984) – Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa. p. 323-324; p. 451-452. Edição preparada por A. H. de Oliveira MARQUES; Transcrições A. H. de Oliveira MARQUES, Iria GONÇALVES e de Maria José Pimenta Ferro TAVARES; Revisão de A. H. de Oliveira MARQUES, João José Alves DIAS, Judite Cavaleiro PAIXÃO e de Teresa Ferreira RODRIGUES.

CHELMICKI, José Conrado Carlos de; VARNHAGEN, Francisco Adolfo (1841)— *Corografia Cabo-Verdiana (...)*. Lisboa: Typ. de L. da Cunha. Tomo II.

Collecção das Contas Correntes dos Objectos Preciosos de Ouro, Prata, e Joias que Pertenceram aos Conventos, e Corporações Extinctas do Continente do Reino (1842) – Lisboa: Imprensa Nacional.

CONCEIÇÃO, Frei Claudio da (1820) – *Gabinete Histórico desde 1717 até 1729*. Tomo VII. Lisboa: Imprensa Régia.

Cortes Portuguesas. Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1439) (2016) – Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.

COSTA, Antonio Carvalho da (1706/1708/1712), *Corografia Portugueza e descriçam topográfica do famoso Reyno de Portugal*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes. Tomo 1.º, 2.º e 3.º.

Cortes Portuguesas; Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1439) (2016) – Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.

COUTO, Diogo do (1782) – *Década Setima da Asia*. Lisboa: Regia Officina Typografica. Parte primeira. Liv. III. Cap. VIII.

DAMASIO, Fr. Manoel de S. Caetano (1793) – *Thebaida Portuguesa: Compendio Historico da Congregação dos Monges Pobres de Jesus Christo da Serra de Ossa Chamada Depois de S. Paulo I. Eremita, em Portugal*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Frerreira. 2 volumes.

DELILLE, Jacques Montanier (1800) – *Os Jardins, ou Arte de Aformosear as Paizagens*. Lisboa: Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego. p. 131-133. Tradução de Manuel Maria Barbosa du Bocage.

D. DUARTE (1942) – *Leal Conselheiro*. Lisboa: Livraria Bertrand. Edição crítica, anotada e organizada por Joseph M. PIEL.

ESPERANÇA, Frei Manoel da (1656/1666) – *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*. Lisboa: Oficina de Antonio Craesbeeck de Mello. Tomo I e II.

Estatutos da Sociedade Archeologica Lusitana (1850) – Lisboa: Imprensa Nacional.

ESTRABÃO (2016) – *Geografia. Livro III*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Introdução, tradução do grego e notas de DESERTO, Jorge; PEREIRA, Susana da Hora Marques.

Exposição Apologetica dos Portuguezes Emigrados na Belgica, que recuzarao prestar o juramento delles exigido no dia 26 de agosto de 1830 (1830) – Bruges: Imprensa de D. de Moor. p. 54.

FALCÃO, Luiz de Figueiredo (1859) – *Livro em que se contém toda a fazenda e real património dos reinos de Portugal, Índia e ilhas adjacentes e outras particularidades*. Lisboa: Imprensa Nacional.

FARIA, Manoel Severim de (1740) – *Noticias de Portugal (...)*. 2ª ed.. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca. Edição acrescentada pelo padre D. Jozé BARBOSA.

FONSECA, Francisco da (1728) – *Evora Gloriosa*. Roma: Officina Komarekiana.

FRANCO, Padre António (1714) – *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espirito Santo de Evora no Reyno de Portugal*. Lisboa: Officina Real Deslandesiana.

GÓIS, Damião de (1724) – *Chronica do Principe Dom Ioam*. Lisboa: Officina da Música. XI.

Historia Annual Chronologica, e Politica do Mundo, & especialmente da Europa (1721), Parte VII, Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721.

Historia Contemporanea ou D. Miguel em Portugal. Motivo de sua exaltação, e a causa da sua decadência, Lisboa, Typographia do Centro Commercial, 1853.

HOLANDA, Francisco de (1984) – *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte. Introdução, notas e comentários de ALVES, José da Felicidade.

_____ (1985) – *Da Ciência do Desenho*. Lisboa: Livros Horizonte.

HOUEDEN, Roger of (2012) – *Cronica Magistri Rogeri de Houedene*. Cambridge: University Press. Vol. 3. p. 46-47. William STUBBS, ed..

S. JOSÉ, Fr. Jerónimo de (1789) – *Historia Chronologica da Esclarecida Ordem da SS. Trindade Redempção de Cativos da Provincia de Portugal*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira. I.

Leys, e Provisões, que El Rey Dom Sebastião Nosso Senhor Fez Depois que Começou a Governar (1816). Coimbra: Real Imprensa da Universidade. Reedição da obra de 1570 impressa em Lisboa por Francisco Correa.

LIPPE, conde Reinante de Schaumbourg (1794) – *Regulamento para o Exercício, e Disciplina dos Regimentos de Infantaria dos Exércitos [...]*. Lisboa: Regia Officina Typografica.

Lista Geral dos Officiaes e Empregados Civis do Exercito; referida ao 1.º de agosto de 1850 (1859) – Lisboa: Imprensa Nacional.

Lista Geral dos Officiaes do Exercito Libertador Referida ao Dia 25 de Julho de 1833 (1835) – Lisboa: Typ. de A. J. C. da Cruz. p. 34.

MACHADO Cyrillo Volkmar (1823) – *Collecção de Memorias, relativas às vidas dos pintores, e escultores, architectos, e gravadores, que estiverão em Portugal*. Lisboa: Imp. de Victorino Rodrigues da Silva.

MACHADO, Diogo Barbosa (1747; 1759) – *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno. Tomos II e IV.

MANESCAL, António (1718) – *Systema, ou Collecção dos Regimentos Reaes*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal.

Martyrologio Romano, Lisboa, Officina Sylviana, 1748

MASCARENHAS, Francisco Manoel de Brito, *Epicédio: na morte do Sr. Estevão de Liz Velho.*, s.d.

MENESES, D. Luiz, conde da Ericeira (1751) – *Historia de Portugal Restaurado*. Lisboa: oficina dos Herd. de António Pedrozo Galram. Tomo III.

MONÇÓN, Francisco de (1544) – *Libro primero del Espejo del Principe Christiano*. Lisboa: Luis Rodriguez.

Monumenta Henricina (1960) – Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. vol. I.

NAPIER, Carlos (1841) – *Guerra da Successão em Portugal*. Lisboa: Typographia Commercial. Tomo Segundo. Tradução de CODINA, Manuel Joaquim Pedro.

NOGUEIRA, Frei João de Santa Roza de Viterbo (1822) – *Variedades. Diario do Governo*. Lisboa. n.º 162. 12 de julho.

Ordenações Manuelinas (2006). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Livro II. p. 227. Edição Fac-simila-da da edição de 1792. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

Ordenações Filipinas (1985) – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. 1, liv. 1. Edição fac-similada da edição feita por Candido Mendes de ALMEIDA, Rio de Janeiro, 1870; notas e apresentação de Mário Júlio de Almeida COSTA.

Ordenações Manuelinas (2006). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Livro II. Edição Fac-similada da edição de 1792. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

OLIVEIRA, Julieta Teixeira Marques de (1997) – *Fontes Documentais de Veneza Referentes a Portugal*. Lisboa: CNCDP; INCM.

OVÍDIO (2006) – *Metamorfoses*. Lisboa: Nova Veja. Vol. I e II.

_____ (2014) – *Metamorfoses*. Lisboa: Livros Cotovia. Tradução de Paulo Farmhouse ALBERTO.

OWEN, Hugh (1915) – *O Cerco do Porto; contado por uma testemunha, o coronel Owen com documentos novos*. 2.ª ed. Porto: Renascença Portuguesa. Prefácio e notas de Raul BRANDÃO.

Las Pedradas. Descripción de lo Ocurrido al Tiempo del Embarque del Ex-Infante Don Miguel en Sines de Portugal en 1º de Junio de 1834, Madrid, Imprenta de Don Victoriano Hernando, 1834.

PINA, Rui de (1977) – Crónica de D. Afonso V. In *Crónicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão.

PLANTIN, Christophe (1585) – *Justification de Sérénissime Don Antoine, roi de Portugal, premier de ce nom, touchant la guerre qu’il faict à Philippe, roi de Castille, ses subjectz et adhérents, pour estre remis a son royaume; Avec une histoire sommaire de tout ce qui sést passé à ceste mesme occasion, jusques à l’an 1583 inclusivement*. Leyde: a l’impremerie de Christophe Plantin.

Programa da Homenagem a Vasco da Gama, 23 de dezembro de 1924. Arquivo do Museu de Sines.

Regimentos Militares [...] (1747) – Lisboa: Offic. De Antonio Rodrigues Galhardo.

Regra, Statutos & Deffinições da Ordem de Santiago (1509) – Setúbal: Herman de Kempis [Hermão de Campos].

RESENDE, André de (1553) – *Historia da Antiquidade da Cidade de Evora*. Évora: André de Burgos.

_____ (1996) – *As Antiquidades da Lusitânia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Introdução, Tradução e Comentário de R. M. Rosado Fernandes

_____ (2008) – *Obras Portuguesas*. Lisboa: Sá da Costa Editora.

SALAZAR, Juan Tamayo (1655) – *Martyrologium Hispanum*. Lyon: Phil. Borde; Lavr. Arnaud; Cl. Rigaud.

SANTA MARIA, Agostinho de (1716) – *Santuario Mariano, e Historia das Imagens Milagrosas de N. Senhora, e das Milagrosamente Aparecidas*, Lisboa: Officina de António Pedrozo Galvam. VI.

_____ (1724) – *Historia Tripartida (...)*. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galram.

SANTOS, Vitor Pavão dos (1972) – *Visitações de Palmela e Panóias (Ordem de Santiago)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Selecta Militar. Curso da Classe de Sargentos. 1.º Anno (1880) – Lisboa: Imprensa Nacional.

SERRA, José Corrêa da (1793) – *Collecção de Livros Inéditos de História Portuguesa, dos Reinados de D. João I., D. Duarte, D. Affonso V., e D. João II*. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias. Tomo III.

SILVA, António Delgado da (1825) – *Collecção da Legislação Portuguesa*. Lisboa: Typografia Maignense.

SILVA, Innocencio Francisco da (1859) – *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo segundo.

SILVA, Luís Cristino da – *Memória Descritiva Ante-Plano da Regularização e Embelezamento da frente marginal de Sines*. Lisboa: Biblioteca de Arte Gulbenkian, disponível em linha
<https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=193445&img=29868>

SOUSA, António Caetano de (1738/1747) – *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*. Lisboa: Officina Sylviana, da Academia Real. Tomos V e XII.

_____ (1742) – *Memórias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*. Lisboa: Officina de Antonio Isidro da Fonseca.

_____ (1755) – *Memorias Historicas, e Genealogicas dos Grandes de Portugal*. Lisboa: Regia Officina Sylviana e da Academia Real.

TOLENTINO, Nicolau (1969) – *Sátiras*. Lisboa: Seara Nova.

TORRES, Domingos Maximiano (1788) – *À Morte do Serenissimo Senhor D. Joseph Principe do Brazil. Ode*. Lisboa: Officina de Jozé de Aquino Bulhões.

VELHO, Estêvão de Liz (1746) – *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Tórpes*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa.

VELOZO, Pedro da Fonseca Serrão (1833) – *Collecção de Listas, que Contem os Nomes das Pessoas, que Ficarão Pronunciadas nas Devassas, e Summarios [...]*. Porto: Typ. da Viuva Alvares Ribeiro & Filho.

VENTURA, Leontina; OLIVEIRA, António Resende de, coord. (2006-2011) – *Chancelaria de D. Afonso III*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

VERGÍLIO (2012) – *Bucólicas; Geórgicas; Eneida*. Lisboa: Temas e Debates; Círculo de Leitores.

ZURARA, Gomes Eannes de (1841) – *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Paris: J. P. Aillaud. Introdução e notas do Visconde de SANTAREM.

Fontes Cartográficas

Arquivos Nacionais Torre do Tombo

Códice *Casa Cadaval*, n.º 28 e n.º 29.

Biblioteca de Arte Gulgenkian

Luís Cristino da SILVA (1942) – *Ante-Plano da Regularização e Embelezamento da frente marginal de Sines*.

Biblioteca Nacional de Portugal

José Monteiro de Carvalho, *Carta Geographica da Provincia da Estremadura que A S. Magestade Fidelissima e Augustissima Senhora D. Maria I Raynha de Portugal*, Cota D-156-R. 1777-1800.

Bibliothèque Nationale de France

João Teixeira ALBERNAZ, *Demonstração da Costa que vay de Melides até a barra de Odemira, e Cabo Sardão*, In *Descripção dos portos maritimos do Reyno de Portugal*, fl. 13, Département Cartes et Plans, cota GE FF-16264 (RES). 1648.

Disponível em linha: WWW:<URL:https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b550101920

Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar

Planta da praça de Sines (1842)

8647-5-68-83

Planta da praça de Sines (cópia de E. B. LAMY, 1908)

8648-5-68-83

João Gabriel de Chermont

Perfil, elevação e vista do interior da Fortaleza de Sines (1787-1970), 3567/IV-3-31-43.

Perfil, elevação e vista do interior da Fortaleza de Sines: nº5 (1787-1970), 3567/III-3-31-43.

Planta ichonographica da fortaleza de Sines: tirada por ordem de S. Msg.de em Fev.º de 1787, sendo governador Sebastião Luiz de Lis Velho e Mascarenhas (1787), 3567/II-3-31-43.

Fortaleza de Sines: nº4 (1790). 3567/I-3-31-43.

Planta do forte chamado vulgarmente de Ilha de do [sic] Pessegueiro, em terra firme (1781), 3222/IV-2A-26A-38

Perfil do forte da Ilha do Pessegueiro, na terra firme, notado no plano com as letras A.B.(1781)

3222/III-2A-26A-38

Planta do forte chamado vulgar.te da Ilha do Pessegueiro, em terra firme: nº1 (1790), 3222/I-2A-26A-38

Planta da fortaleza de Vila Nova de Milfontes, 2954-2A-26A-38

Perfil da fortaleza de Vila Nova de Milfontes, notado no plano com as letras AB, 2955-2A-26-37

Hofbibliothek, Viena

Pedro Teixeira ALBERNAZ, Tabla del Reyno de Andaluzia (pormenor da Costa Alentejana), In *Descripcion de España y de las costas y puertos de sus reynos*, 1634.

Disponível em linha:

WWW:<URL:http://178.255.108.59/dguot/Cartoteca/index_old.php?page=ficha&fid=452.

Museu de Sines

GALI, N. Sanson Christianiss (1641) – HISPANIÆ ANTIQUÆ TABULÆ. Paris: M. Tavernier.

N. Sanson d'ABBEVILLE (1654) – *Parte Meridional do Reino de Portugal*, Paris. Inv. MS 1460, Legado José Miguel da Costa.

Instituto Geográfico Português

Mapoteca

João Gabriel de Chermont e Diogo Correia da Mota, (ajudante), *Carta da Costa e Governo de Sines*, cota CA 282, 1790.

Gerardo Augusto PERY,(1893) – *Carta Agrícola de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. folha 31.

Direção Geral de Geologia e Minas; Serviços Geológicos de Portugal

Carta Geológica de Portugal, folha 42-C Santiago do Cacém, 1986.

Bibliografia

Dicionários e Enciclopédias

BLUTEAU, Raphael (1712) – *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botancico* (...). Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU.

COROMINAS, Joan (1990) – *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. 3.ª ed. revista e melhorada. Madrid: Editorial Gredos.

Enciclopédia Einaudi, Memória-História, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, 20 vols., Lisboa, Ed. Verbo, 1963-1980.

El Gran Diccionario Historico (1753) – Paris: Hermanos de Tournes. Tomo VIII.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, 40 vols., Lisboa – Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédia, s.d. [1935-1960].

NUNES, António Lopes Pires (2005) – *Dicionário de Arquitectura Militar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

RODRIGUES, Maria João Madeira; SOUSA, Pedro Fialho de; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira (2002) – *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. 3ª ed.. Lisboa: Quimera.

SERRÃO, Joel, dir. (s.d.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais.

SILVA, Innocencio Francisco da (1859) – *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo segundo.

SOUSA, Joaquim José Caetano Pereira e (1827) – *Esboço de um Diccionario Juridico, Theorico, e Pratico, Remissivo ás Leis Compiladas, e Extravagantes*. Lisboa: Typographia Rollandiana. Tomo Segundo.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa (1798) – *Elucidario das Palavras, Termos, e Frases, que em Portugal antigamente se usarão, e que hoje regularmente se ignorão: Obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros, preciosos, que entre nós se conservão: Publicado em benefício da Litteratura Portugueza e dedicado ao Principe N. Senhor*. Tomo I. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

VITERBO, Sousa (1988) – *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 3 volumes. reprodução em fac-símile do exemplar com data de 1899.

Estudos

100 anos de património. Memória e identidade (2010) – Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico I. P..

ABASCAL, Juan Manuel (2010) – Carlos IV y el Patrimonio Arqueológico en España. In *Corona y Arqueología en el Siglo de las Luces*. Madrid: Patrimonio Nacional. Catálogo.

_____; CEBRIÁN, Rosario (2009) – *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la Historia.

ABREU, Laurinda (2004) – Um parecer da Junta do Exame do Estado actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares nas vésperas do decreto de 30 de Maio de 1834. In *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade. p. 119-120.

AGOSTINHO, Paulo Jorge Simões (2013) – *Vestidos para Matar; O Armamento de Guerra na Cronística Portuguesa de Quatrocentos*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

AGUIAR José (2011) – Os castelos são mágicos... E o seu retrato também!». In Luís Miguel Maldonado de Vasconcelos CORREIA – *Castelos em Portugal; Retrato do seu perfil arquitectónico [1509-1949]*. 2.ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade.

AIRES-BARROS, Luís (1962) – Sobre a Petrologia do Complexo Eruptivo de Sines. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. Vol. XV, p. 3. Separata.

ALBERTO, Edite Martins (2018) – *Entre a Cruz e o Crescente; o resgate dos cativos*. Lisboa: ANTT; Câmara Municipal de Lisboa. Catálogo. Exposição comemorativa dos 500 anos da fundação do convento da Trindade de Lisboa.

ALESSANDRINI, Nunziatella (2015) – Italianos em bairros de Lisboa (século XVII). *Cadernos do Arquivo Municipal*. Lisboa. 2ª Série, n.º 3 (janeiro – junho), p. 117-118.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1978) – *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho; Desde as origens a 1220*. Porto: C. Almeida. Trabalho complementar para prestação de provas de Doutoramento em História de Arte

ALMEIDA, D. Fernando de (1962) – Arte Visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos. Nova Série, IV.

____ (1964) – *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*. Setúbal: Junta Distrital.

____ (1968-1969-1970) – Sines Visigótica. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. Vols. XXV-XVI-XVII, p.17-30.

_____; ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga (1971) – Descoberta de Fornos Lusitano-Romanos na Região de Marateca (Setúbal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª Série, n.º 5, p. 155-165.

ALMEIDA, Fernando Moutinho de (1995) – *Marcas de pratas portuguesas e brasileiras. Século XV a 1887*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

ALMEIDA, Fortunato de (1967-1971) – *História da Igreja em Portugal*. 2ª ed.. Porto: Livraria Civilização. 4 volumes.

ALMEIDA, João de (1943) – *Reprodução Anotada do Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*. Lisboa: Edições Império.

____ (1945-1947) – *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Lisboa: Edição de autor. 3 vols.

ALVES, Adalberto (2013) – Anúduva. In *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. p. 223.

ALVES, Alice Nogueira (2009) – *Ramalho Ortigão e o Culto dos Monumentos Nacionais no Século XIX*. Coimbra. Tese de Doutoramento em História na Especialidade de Arte, Património e Restauro, apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

____ (2013) – *Ramalho Ortigão e o Culto dos Monumentos Nacionais no Século XIX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia.

ALVES, Cristina Vinagre (2011) – *A Propriedade da Ordem de Santiago em Palmela; Visitações de 1510 e 1534*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela- Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago.

ALVES, Francisco J. F.; REINER, Francisco; ALMEIDA, Mário J. R.; VERÍSSIMO, Luís (1988-1989) – Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas – contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 6/7, p. 151-152.

ANACLETO, Maria Regina Dias Baptista Teixeira (1997) – *Arquitectura Neomedieval Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

ANASTÁCIO, Vanda (2005,) – El Rei Seleuco, 1645 (Reflexões sobre o «corpus» da obra de Camões). *Peninsula*. Porto: Faculdade de Letras. n.º 2, p. 327-342.

ANDRADE, António Alberto Banha de, dir. (1981) – *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Lisboa: Editorial Resistência. Vol. II.

ANTUNES, Luís Pequito (1993) – A Ordem de Santiago em Almada nos séculos XII a XV. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2ª série, n.º 2, junho.

ARAGÃO, A[ugusto] C[arlos] Teixeira de (1868) – *Relatorio Sobre o Cemiterio Romano Descoberto Proximo da Cidade de Tavira em 1868*. Lisboa: Imprensa Nacional.

_____ (1871) – *D. Vasco da Gama e a Villa da Vidigueira. Bosquejo Historico*. Lisboa: Typographia Universal.

_____ (1875) – *Descrição Geral e Historica das Moedas Cunhadas em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional.

_____ (1887) – *Vasco da Gama e a Vidigueira. Estudo Historico*. Lisboa: Imprensa Nacional.

_____ (1898) – *Vasco da Gama e a Vidigueira*. Lisboa: Imprensa Nacional.

ARAÚJO, Ana Cristina (2017) – *Vidigal e o Mesolítico*. In *Sines, a Terra e o Mar*. Sines: Arquivo Municipal. p. 101-114.

ARAUJO, Francisco Duarte de Almeida e (1861) – *Chronica da Rainha; a Senhora Dona Maria Segunda*. Lisboa: Typographie A. J. F. Lopes.

ARAÚJO, Inês Filipa Meira (2012) – *As Tapeçarias de Pastrana; Uma Iconografia da Guerra*. Lisboa. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em História de Arte, Património e Teoria do Restauro.

ARAÚJO, Maria da Assunção (2002) – *A Evolução do Litoral em Tempos Históricos: a Contribuição da Geografia Física*. In *O Litoral em Perspectiva Histórica (Séc. XVI-XVIII)*. Porto: Instituto de História Moderna.

ARMAS, Duarte de (1990) – *Livro das Fortalezas*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Edições INAPA. Edição fac-simile.

ARRUDA, Ana Margarida; *et al.* (2017) – *Fenícios e Indígenas em Contacto no Estuário do Tejo. Ophiussa*. Lisboa. 1, p. 79-90.

AVIENO, Rufu Festo (1992) – *Orla Marítima*. 2.^a ed. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade. Tradução e introdução de José Ribeiro Ferreira.

AYRES, Christovam de (1889) – *Historia da Cavallaria Portugueza*. Lisboa: Imprensa Nacional. I.

AZEVEDO, Carlos, dir. (2002) – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vols. I, II e III.

AZEVEDO, Pedro A. de (1899) – *Superstições Portuguesas no Sec. XVI. Revista Lusitana. Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal*. Lisboa. V.

_____ (1905) – *Autos de posse de castellos no seculo XVI. O Archeologo Português*. Lisboa. Séria 1, vol. 10, p. 100-103.

- BABELON, Jean-Pierre; CHASTEL, André (1994) – La Notion de Patrimoine. Paris: Éditions Liana Levi.
- BARBOSA, Inácio de Vilhena (1862) – Defesa Marítima de Lisboa. *Archivo Pittoresco*. Lisboa. Tomo V, n.º 30.
- BARBOSA, Isabel Maria de Carvalho Lago (1999) – A Ordem de Santiago em Portugal nos Finais da Idade Média (Normativa e Prática). In *As Ordens de Cristo e de Santiago no início da Época Moderna: A Normativa*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida. p. 93-288.
- BARROCA Mário Jorge (1990-91) – Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII). *Portvgalia*. Nova Série, Vol. XI-XII.
- _____ (1995) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. I. p. 377. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Porto.
- _____ (1998) – D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto. n.º 15, p. 801-822.
- _____ (2001) – *As Fortificações do Litoral Portuense*. Porto: Edições Inapa, S. A.
- _____ (2006) – *Terena; O Castelo e a Ermida da Boa Nova*. Lisboa: IPPAR – Direção Regional de Évora.
- _____ (2018) – O Livro das Fortalezas de Duarte de Armas; Contributo para uma análise comparativa dos manuscritos de Lisboa e Madrid. *Genius Loci; Lugares e Significados / Places and Meanings*. Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Culturas, Espaço e Memória. Vol 2. p. 183-205.
- _____; AMARA Luís Carlos (2019) – *Castelo de Guimarães; Livro-Guia do Centro Interpretativo*. Guimarães: Associação dos Amigos do Paço dos Duques de Bragança e do Castelo de Guimarães.
- _____; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2000) – *Pera Guerrejar; Armamento Medieval no Espaço Português*. Palmela: Câmara Municipal.
- _____; PAVÃO, Luís (2002) – *Castelo da Ordem de Santiago*. Palmela: Câmara Municipal.
- BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; BOIÇA, Joaquim Ferreira; GABRIEL, Celeste (1996) – *As Comendas de Mértola e Alcaria Ruiva*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- BARROS, Maria Filomena Lopes de (2019) - A minoria muçulmana do reino português e os contactos diplomáticos com o dār al-islām. In MONTES, Néstor Virgil, dir. – *Comunicación Política y Diplomacia en la Baja Edad Media* [Em linha]. Évora: Publicações Cidehus. [Consult. 26 abr. 2020]. Disponível em: WWW:<URL:http://books.openedition.org/cidehus/6792.

- BASTOS, Maria Rosário; *et. al.* (2012) – Ocupação do Litoral do Alentejo, Portugal: passado e presente. *Revista da Gestão Costeira Integrada* [Em linha]. Lisboa. Vol.12 (1). [Consult. 23 abr. 2020]. Disponível em WWW:<URL:https://www.aprh.pt/rgci/pdf/rgci-307_Bastos.pdf
- BLOT, Maria Luísa B. H. Pinheiro (2003) – *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributos para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de (2013) – *O Castelo de Mértola. História, Espaço e formas, sécs. XIII-XXI*. Mértola: Câmara Municipal.
- ____ (2004) – *O Forte e o Farol do Bugio. São Lourenço da Cabeça Seca*. Lisboa: Fundação Marquês de Pombal.
- BOISSELIER, Stéphane, ed. (2013) – *La Construction Administrative d'un Royaume: Registres de Bénéfices Ecclésiastique (XIème – XIVème Siècles)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa – Centro de Estudos de História Religiosa.
- BORGES, João Vieira (2006) – *Pensamento Estratégico Português. Contributos (Séc. XVI-XIX)*. Lisboa: Prefácio.
- BOTÃO, Maria de Fátima (2009) – *A Construção de uma Identidade Urbana do Algarve Medieval. O Caso de Loulé*. Lisboa: Caleidoscópio.
- BRAGA, Sofia Ferreira (2012) – *Pintura Mural Neoclássica em Lisboa. Cyrillo Wolkmar Machado no Palácio do Duque de Lafões e Pombeiro-Belas*. Lisboa: Scribe.
- BRANDÃO, Júlio (1929) – *O Pintor Roquemont*. Lisboa: Livraria Morais.
- BRANDÃO, Raul (1915) – *O Cerco do Porto Contado por uma Testemunha; O Coronel Owen*. Lisboa: Edição da Renascença Portuguesa.
- BRAUDEL, Fernand (1995) – *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico*. 2ª ed.. Lisboa: Publicações Dom Quixote. Dois volumes.
- ____ (2001) – *Memórias do Mediterrâneo. Pré-História e Antiguidade*. Lisboa: Terramar.
- BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. (1943) – Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l'Alentejo entre Sines e Vila Nova de Milfontes. In *Actas do IV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências.
- ____ (1946) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques des plages quaternaires de l'Alentejo Littoral. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. n.º 27, p. 269-334.
- BRIGOLA, João Carlos, coord. (2009) – *Coleccionismo no Século XVIII. Textos e Documentos*. Porto: Porto Editora.

BRUNO, Carla Patrícia de Abreu (2010) – *Arquitectura de terra nos espaços domésticos pré-históricos do sul de Portugal: sítios, estruturas, tecnologias e materiais*. Lisboa. Tese de doutoramento em História (Pré-História) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BUESCO, Ana Isabel (2013) – Utopia e profetismo no Século das Luzes: D. José (1761-1788), Príncipe do Brasil, Imperador do Mundo. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra. p. 291- 318.

CABRAL, João Paulo (2011) – *O uso de conchas marinhas na Ínsua franciscana do século XV* [Em linha]. Comunicação apresentada no Encontro CITCEM 2011, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 20-22 de outubro de 2011. [Consult. 9 ago. 2020]. Disponível em:
WWW:<URL:https://www.fc.up.pt/pessoas/jpcabral/index_files/CITCEM_2011_Cabral_Conchas.pdf

CAEIRO, Francisco (1961) – *O Arquiduque Alberto de Áustria. Vice-Rei de Portugal. 1583-1593*. Lisboa: edição do autor.

CAETANO, Joaquim Oliveira (2005a) – Os Restos da Humanidade. Cenáculo e a Arqueologia. In CAETANO, Joaquim de Oliveira; NOGALES BASSARRATE, Trinidad, coord. – *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora*. Évora: Instituto Português de Museus / Museu de Évora.

CAETANO, Marcello (1965) – Recepção e execução dos decretos do Concílio de Trento em Portugal. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*. Lisboa. XIX

_____ (1985) – *História do Direito Português [1140-1495]*. 2ª ed.. Lisboa: Editorial Verbo.

CALAFATE, Pedro (1999) – *História do Pensamento Filosófico Português*. Lisboa: Editorial Caminho. Vol. I, II e III.

_____ (2006) – *Portugal como Problema*. Lisboa: Público; Fundação Luso-Americana. Vol. II e III.

CALLIXTO, Carlos Pereira (1979) – O Forte de São Clemente de Vila Nova de Mil Fontes. *Jornal O Dia*. 06 de setembro.

_____ (1980) – Alexandre Massay: Um Arquitecto Napolitano em Portugal. *Jornal O Dia*. 08 de março, suplemento *Ler & Saber Magazine*.

_____ (1981) – Um projecto nunca realizado. O porto artificial da ilha do Pessegueiro e as fortificações que o deviam defender. *Jornal O Dia*. 21 de março.

_____ (1981) – Qual o seu verdadeiro nome? O Forte de Porto Covo. *Jornal O Dia*. 03 de outubro.

_____ (1986) – A propósito de uma comemoração concelhia. O forte de Vila Nova de Milfontes. *Jornal O Dia*. 17 de agosto, suplemento II / *O Dia Ilustrado*.

_____ (1989) – O castelo de Sines após a Restauração. *Jornal Diário de Notícias*. 16 de setembro, suplemento *Sábado Património*, p. 12.

CALVINO, Italo (2011) – *As Cidades Invisíveis*. 14ª edição portuguesa. Alfragide: Teorema.

CÁMARA, Alicia (1998) – *Fortificación y ciudad en los reinos de Filipe II*. Madrid: Editorial Nerea.

CÁMARA, Alícia; MOREIRA, Rafael; VIGANÒ, Marino (2010) – *Leonardo Turriano ingeniero del rey*. s.l.: Fundación Juanelo Turriano.

CAMPBELL, Thomas P. (2002) – *Tapestry in the Renaissance; Art and Magnificence*. New York: The Metropolitan Museum of Art. p. 386-390.

CAMPOS, Cláudia (1898) – *India*. Sines. Número único.

_____ (1997) – *Elle*. 2ª edição faximilada. Sines: Câmara Municipal.

CAMPOS, Maria Aparecida Nogueira; *et. al.* (2007) – *A Utilização da Cal Conchífera em Monumentos Históricos no Espírito Santo* [Em linha]. . Lisboa: APFAC. [Consult. 9 ago. 2020]. Disponível em:
WWW:<URL:https://www.apfac.pt/congresso2007/comunicacoes/paper%2043_07.pdf

CANILHO, Maria Helena Silva (1970) – *Estudo Geológico- Petrográfico do Maciço de Sines*. Lisboa: s.n.. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Doutor em Geologia.

_____ (1972) – Estudo Geológico-Petrográfico do Maciço Eruptivo de Sines. *Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências*. Lisboa. Vol. 12.

CARBONARA, Giovanni (1997) – *Avvicinamento al Restauro; Teoria, storia, monumenti*. Napoli: Liguori Editore.

CARDIM, Pedro (2001) – Política e identidades corporativas no Portugal de D. Filipe I. In *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*. Porto: Faculdade de Letras. p. 277-306.

CARITA, Hélder; Cardoso, António Homem; CARDOSO, Miguel Esteves (1987) – *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal; ou da originalidade e desastres desta Arte*. Lisboa: edição de autores.

_____ (2015) – *A Casa Senhorial em Portugal. Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamentos*. Alfragide: Leya.

CARITA, Rui (2003) – *Conhecimento e Definição de Território. Os Engenheiros Militares (Séculos XVII-XIX)*. Lisboa: Direcção de Serviços de Engenharia; IAN/TT; Arquivo Histórico Militar.

_____ (2007) – *O Escudo do Reino; A Fortaleza de São Julião da Barra*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.

Carta Geológica de Portugal: Notícia Explicativa da Folha 42-C Santiago do Cacém (1993) – Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol Aires (2004) – *Alcácer do Sal Islâmica. Arqueologia e História de uma medina do Garb Al-aldalus (séculos VIII-XIII)*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal; Museu Municipal Pedro Nunes; Instituto Português de Museus / Rede Portuguesa de Museus.

CARVALHO, José Alberto Seabra de (1998) – Vasco da Gama. In GARCIA, José Manuel; PINTO, Maria Helena Mendes. *Vasco da Gama e a Índia*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Calouste Gulbenkian. p. 158-159. Catálogo.

CARVALHO, José Liberato Freire de (1842) – *Memórias com o Título de Annaes, para a História do Tempo que Durou a Usurpação de D. Miguel*. Lisboa: Imprensa Nevesiana. Vol. 3.

«*Casa dos Livros de Beja*». *Doação de Frei Manuel do Cenáculo à Real Biblioteca Pública da Corte* (2006). 2ª ed.. Lisboa: Biblioteca Nacional.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva (1999) – *Livro das fortalezas de Duarte de Armas*. Lisboa: INAPA; Arquivos Nacionais / Torre do Tombo.

Castelos Medievais de Portugal (1949) – Lisboa: DGEMN. Obra apresentada em Zurique ao II Congresso do Centro Europeu para o Estudo dos Castelo.

CASTILHO, António Feliciano de (1861) – *Prologo*. *Archivo Pittoresco*. Lisboa. Tomo IV. n.º 1. p. 1-2.

CASTILHO, Júlio de (1955) – *Lisboa Antiga; O Bairro*. Alto 3.ª ed.. Lisboa: Câmara Municipal. Edição dirigida, revista e anotada por Gustavo de Matos SEQUEIRA.

CATARINO, Helena (2004) – Breve sinopse sobre topónimos Arrábida na costa portuguesa. In *La Rábida en el Islam; Estudios Interdisciplinarios*. Sant Carles de la Ràpita: Ajuntament; Universitat d'Alacant.

CENÁCULO, Frei Manuel do (1949) – Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. *Arquivo de Beja. Boletim da Câmara Municipal*. Beja. Vol. VI, Fascs. III e IV, jul-dez. Transcrição de Manuel Joaquim DELGADO.

CHELMICKI, José Conrado Carlos de; VARNHAGEN, Francisco Adolfo (1841) – *Corografia Cabo-Verdiana [...]*. Lisboa: Typ. de L. da Cunha. Tomo II.

CHICÓ, Mário Tavares (1968) – *A Arquitectura Gótica em Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.

CHOAY, Françoise (1992) – *L'Allégorie du Patrimoine*. Paris: Éditions du Seuil.

____ (2009) – *As Questões do Património; Antologia para um Combate*. Lisboa: Edições 70.

COCHERIL, Maur (1959) – Essai sur l'origine des ordres militaires dans la Péninsule Ibérique. In *Collectanea Ordinis Cisterciensium Reformatae*. Tomo XXI.

COELHO, António Borges (2010) – História de Portugal. Alfragide: Editorial Caminho. Vol I, II.

____ (2018) – Raízes da Expansão Portuguesa. 6ª ed.. Alfragide: Editorial Caminho.

COELHO, Maria Helena da Cruz; VENTRUA, Leontina (1987) – Vataça – Uma Dona na Vida e na Morte. In *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*. Porto. Vol. 1. p. 159-194.

____; ____ (1987) – Os Bens de Vataça. Visibilidade de uma Existência. *Revista de História das Ideias*. Coimbra. Vol. 9.

COELHO-SOARES, Antónia (1987) – Materiais Arqueológicos da Courela dos Chãos (Sines). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. n.º 8.

____; SILVA, Carlos Tavares da (2004) – Novas Oficinas de Produção de Preparados Piscícolas na Área Urbana de Sines; Intervenção Arqueológica da Rua Ramos da Costa. *Musa; Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios*. Setúbal. n.º 1, p. 111-122.

COLDSTREAM, Nicolas (2002) – *Medieval Architecture. Oxford History of Art*. Oxford: Oxford University Press.

COLLAÇO, João Tello de Magalhães (1931) – *Cadastro da População do Reino (1527) Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*. Lisboa: Tip. da Empresa Nacional de Publicidade.

CONCEIÇÃO, Cristina (2020) – Visitação da Ordem de Santiago a Sesimbra (1488-1492). *Akra Barbarios; Sesimbra, Cultura e Património*. Sesimbra. n.º 4, p. 59.

CONDE, Manuel Sílvio Alves (2000/2001) – Materialidade e funcionalidade da casa comum medieval; Construções rústicas e urbanas do Médio Tejo nos finais da Idade Média. *Media Aetas*. Ponta Delgada. 3/4. p. 49-86.

____ (2003) – Sesimbra, sobre a costa do mar (séculos XII-XIII). *Arquipélago.História* [Em linha]. 2ª série, VII. [Consult. 26 abr. 2020]. Disponível em WWW:<URL:<https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/390>

CONDESSA, Maria Sofia Marques (1999) – *A Memória das Cidades dos Séculos XII a XIV nas Crónicas de Rui de Pina e Duarte Galvão*. Lisboa. Dissertação de Mestrado em História Medieval na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CONTREIRAS, Margarida dos Santos (2012) – *A Casa Forte Alentejana; na transição da Época Medieval para a Moderna*. Lisboa: Edições Colibri.

CORBIN, Alain (1989) – *O Território do Vazio. A Praia e o Imaginário Ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras.

CORREIA, Ana Paula Rebelo (2001) – Questões de Iconografia e fontes de inspiração; As “Metamorfoses” de Ovídio e a “Eneida” de Virgílio. In *Barroco; Actas do II Congresso Internacional*. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

CORREIA, Jorge (2017) – ...determino mandar um destes italianos [...] para melhor efectuar essa fortificação. *Estudos Italianos em Portugal*. Lisboa. n.º 12. p. 149-164.

CORREIA, José Eduardo Capa Horta (1997) – *Vila Real de Santo António. Urbanismo e Poder na Política Pombalina*. Porto: FAUP publicações.

CORREIA Luís Miguel Maldonado de Vasconcelos (2011) – *Castelos em Portugal; Retrato do seu perfil arquitectónico [1509-1949]*. 2.ª ed.. Coimbra: Imprensa da Universidade.

COSME, João Ramalho; MANSO, Maria de Deus (1991) – A Ordem de Sant’Iago e a Expansão Portuguesa no Século XV. In *As Ordens Militares em Portugal*. Palmela: Câmara Municipal. p. 43-55. Actas do 1º Encontro Sobre Ordens Militares (Palmela 3, 4 e 5 de março de 1989).

COSME, João Ramalho; MANSO, Maria de Deus (1991) – A Ordem de Sant’Iago e a Expansão Portuguesa no Século XV. In *As Ordens Militares em Portugal. Actas do 1º Encontro Sobre Ordens Militares*. Palmela: Câmara Municipal. (Palmela 3, 4 e 5 de Março de 1989). p. 43-55.

COSTA, José Lino; CASTRO, João J., et. al. (2013) – *Biologia Aquática: o Mira e a Região Costeira Alentejana*. In PRISTA, Pedro, dir. – *Atas do Colóquio Ignorância & Esquecimento*. Odemira: Câmara Municipal.

COSTA, José Miguel da (1966) – O Tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines). *Ethnos*. Lisboa. n.º 5, p. 529-537.

_____ (1974) – O Tesouro Púnico-Tartésico do Gaio (Sines) (Séc. VII a.C.). Novos Achados. In *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: A.A.P.. p. 79-120.

COSTA, Lucília Verdelho da (1997) – *Ernesto Korrodi (1889-1994); Arquitectura, Ensino e Restauro do Património*. Lisboa: Editorial Estampa.

COSTA, Maria Clara Pereira da (1982) – A Vila de Avis Cabeça da Comarca e da Ordem. Século XVI a XVIII. Tombo de Direitos, Bens e Propriedades. *Revista do Instituto Geográfico e Cadastral*. Lisboa. n.º 2. Separata melhorada e corrigida.

COSTA, Paula Pinto (2012) – As Visitações: As Ordens Militares Portuguesas Entre Poderes?. In Isabel Cristina Ferreira FERNANDES, coord. – *As Ordens Militares; Freires, Guerreiros, Cavaleiros*. Palmela: Câmara Municipal. Vol. I. p. 408. Atas do VI Encontro Sobre Ordens Militares.

COSTA, Lucília Verdelho da (1997) – *Alfredo de Andrade (1839-1915) da Pintura à invenção do Património*. Lisboa: Vega.

_____ (1997) – *Ernesto Korrodi (1889-1994); Arquitectura, Ensino e Restauro do Património*. Lisboa: Editorial Estampa.

COUTO, Diogo do (1782) – *Década Setima da Asia*. Lisboa: Regia Officina Typografica. Parte primeira. Liv. III. Cap. VIII.

CUNHA, Mário Raul de Sousa (1991) – O Infante D. João Administrador da Ordem de Santiago. História de uma procuração. In *As Ordens Militares em Portugal*. Palmela: Câmara Municipal. p. 171-180. Atas do 1º Encontro Sobre Ordens Militares, Palmela 3, 4 e 5 de Março de 1989.

_____ (2012) – *As Igrejas da Ordem Militar de Santiago. Arquitectura e Materiais*. Tese apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a obtenção do grau de Doutor em História da Arte Portuguesa.

CUSTÓDIO, Jorge (1993) – Salvação do Património – Antecedentes Históricos. De Alexandre Herculano à Carta de Veneza (1837-1964). in *Dar Futuro ao Passado*. Lisboa: IPPAR. pp. 33-71.

_____ (2011) – *“Renascença” Artística e Práticas de conservação e Restauro Arquitectónico em Portugal, Durante a I República*. Lisboa: Caleidoscópio. vol. I e II.

DALCHÉ, Patrick Gautier, ed. (2005) – *“De viis maris” in Du Yorkshire a L'Inde. Une «Géographie» urbaine et maritime de la fin du XIIe siècle (Roger de Howden?)*. Droz: Genève.

Dar Futuro ao Passado (1993). Lisboa: IPPAR.

DECULTOT, Elisabeth, dir. (2010) – *Musées de Papier*. Paris: Louvre Éditions. Catálogo.

DIAS, Pedro (1986) – *História da Arte em Portugal. O Gótico*. Lisboa: Publicações Alfa. vol. 4.

_____ (1987) – *A igreja de Jesus de Setúbal na evolução da arquitectura manuelina*. Lisboa: s.n.. p. 13-21. Separata da Revista Belas Artes. 2ª série, n.º 32.

_____ (1994) – *A Arquitectura Gótica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.

DÍAZ-GUARDAMINO, Marta; MORÁN, Elena, coord. (2008) – *Entre Muralhas e Templos. A intervenção arqueológica no Largo de Santa Maria da Graça. Lagos (2004-2005)*. Lagos: Câmara Municipal.

DINIS, A. J. Dias (1960) – *Estudos Henriquinos*. Coimbra: [s.n.].Vol. 1.

DIOGO, Dias; COSTA, José Miguel da (1996) – Elementos sobre a produção de ânforas e transformação piscícola em Sines. In *Ocupação romana dos estuários de Tejo e do Sado*. Lisboa; Seixal: Publicações Dom Quixote; Câmara Municipal do Seixal. p. 107 - 110.

- DIOGO, Dias; REINER, Francisco (1987) – Duas Notícias sobre Fornos Romanos de Fabrico de Ânforas. *Conimbriga*. Coimbra. Vol. XXVI.
- DURÃO, Maria Manuela da Silva (2002) – 1471 – *Um Ano “Africano” no Desembargo de D. Afonso V.* Vol. I. p. XXXV. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em História Medieval.
- EMERSON Ralph Waldo (1980) – *The Collected Works of Ralph Waldo Emerson; Essays-First Series*. Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press. Introdução e notas de Joseph SLATER; fixação do texto Alfred R. FERGUSON; Jean Ferguson CARR.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Faculdade de Letras – Instituto de Arqueologia. p. 249-250.
- _____ (1996) – Monumentos Epigráficos Romanos do Museu de Sines. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra: Universidade de Coimbra. n.º 51.
- _____ (1999) – Em Torno da Inscrição a Marte, de Sines. In *Actas do 1º Encontro de História Local*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes.
- ESPANCA, Túlio (1966) – *Inventário Artístico de Portugal; Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes. vol. VII. I.
- _____ (1992) – *Inventário Artístico de Portugal; Distrito de Beja. XII; Concelhos de Alvito, Beja, Cuba, Ferreira do Alentejo e Vidigueira*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes. Vol. I e II.
- FABIÃO, Carlos (1989) – Para a História da Arqueologia em Portugal. *Penélope; Fazer e Desfazer a História*. Lisboa. 2.
- _____ (2004) – Centros oleiros da Lusitânia; balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. – *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. Oxford: Universidade de Cádiz; Archaeopress. Vol. 1. p. 381. Atas do Congresso, Cádiz, 2003.
- FALCÃO, José António (1987) – *Memória Paroquial do Concelho de Sines em 1758*. Santiago do Cacém: Real Sociedade Arqueológica Lusitana.
- _____, dir. (2000) – *Entre o Céu e a Terra*. Beja: DPHADB. Catálogo.
- _____, dir. (2012) – *No Caminho sob as Estrelas; Santiago e a peregrinação a Compostela*. Santiago do Cacém: Câmara Municipal; DPHADB. Vol. II. p 180-183.
- _____; PEREIRA, Fernando António Baptista (1996) – *O Painel de Santa Catarina de Alexandria da Igreja Matriz de Sines*. Beja: Departamento do Património histórico e Artístico da Diocese de Beja.
- _____; _____ (2001) – *O Alto-Relevo de Santiago Combatendo os Mouros da Igreja Matriz de Santiago do Cacém*. Santiago do Cacém: Câmara Municipal de Santiago do Cacém; Departamento do Património histórico e Artístico da Diocese de Beja.

_____; FERREIRA, Jorge M. Rodrigues (1984) – *Informações Sobre o Estado de Conservação do Castelo da Vila de Santiago do Cacém no ano de 1605*. Lisboa: s.n.. Separata do Segundo Congresso Sobre Monumentos Militares Portugueses.

_____; PEREIRA; Ricardo Estevam (2021) – Os Relicários da Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Sines. In *Memórias da Praia de São Torpes*. Sines: Museu de Sines; MNA; EDP. p. 67-68.

FARDILHA, Luís Fernando de Sá (2003) – O «filo-castelhanismo» de Francisco de Sá de Meneses. *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. n.º 0, p. 201-208.

_____. (2008a) – *A Nobreza das Letras: Os Sás de Meneses e o Renascimento Português*. Porto. Dissertação de doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

_____. (2008b) – *A Nobreza das Letras: Os Sás de Meneses e o Renascimento Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

FEIO, Gonçalo Couceiro (2013) – *O ensino e a aprendizagem militares em Portugal e no Império, de D. João III a D. Sebastião: a arte portuguesa da Guerra*. Lisboa. Tese apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Doutor em História dos Descobrimentos e da Expansão.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, coord. (1999) – *Ordens Militares; Guerra, Religião, Poder e Cultura*. Vol. II. Lisboa: Edições Colibri; Câmara Municipal de Palmela. Atas do III Encontro sobre Ordens Militares.

_____. (2004) – *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri; Câmara Municipal de Palmela.

FERREIRA, José de Azevedo (1986) – A obra legislativa de Afonso X em Portugal. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Braga. n.º 1.

Fogo de Artifício; Festa e Celebração; 1709-1880 (2002) – Lisboa: Biblioteca Nacional.

FOCILLON Henry (2016) – A Vida das Formas; seguido de elogio da mão. Lisboa: Edições 70. p. 13.

FONSECA, Jorge (2012) – *Setúbal. O Porto e a Comunidade Fluvial e Marítima (1550-1650)*. Lisboa: Edições Colibri.

FONSECA, Luís Adão da (1997) – *Vasco da Gama. O Homem, a Viagem, a Época*. Lisboa: Comissariado da Exposição Mundial de Lisboa de 1998; Comissão de Coordenação da Região do Alentejo.

_____. (1999) – Vasco da Gama e a Ordem de Santiago. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, coord. – *Ordens militares; guerra, religião, poder e cultura; actas do III Encontro sobre Ordens Militares*. Palmela: Colibri; Câmara Municipal de Palmela.

_____ (2001) – Ordens Militares. In Carlos Moreira AZEVEDO, dir. – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores; Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.

FONSECA, Luís Cancela da (2002) – *Aspectos Faunísticos da Lagoa de Santo André* [Em linha]. Santiago do Cacém: Museu Municipal. p. 7-9. [Consult. 7 mai. 2020]. Disponível em:

WWW:<URL:https://www.researchgate.net/publication/278327585_Aspectos_Faunisticos_da_Lagoa_de_Santo_Andre.

_____ (1999) – Vasco da Gama e a Ordem de Santiago. In Isabel Cristina F. FERNANDES, coord. – *Ordens Militares; Guerra, Religião, Poder e Cultura*. Lisboa: Edições Colibri; Câmara Municipal de Palmela. Vol. II. p. 286. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares.

FONSECA, Teresa (2003) – *António Henriques da Silveira e as “Memórias analíticas da vila de Estremoz”*. Lisboa: Edições Colibri.

FRANÇA, José-Augusto (1990) – *A Arte em Portugal do Século XIX*. 3ª ed. Lisboa: Bertrand Editora. 1º vol.

FREITAS, Bernardino José de Senna (1890) – *Memórias de Braga*. Braga: Imprensa Catholica.

FURET, François, dir. (1997) – *Patrimoine, Temps, Espace. Patrimoine en Place. Patrimoine Déplacé*. Paris: Fayard; Édition du Patrimoine.

GALEGO, Júlia Costa Pereira (1982) – *A Comarca d’Amtre Tejo e Odiana no Numeramento de 1527-1532*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa; I.N.I.C..

GARCIA, José Manuel (2019) - *A crónica de D. Afonso Henriques e a sua imagem de Lisboa no contexto da cronística e da iluminura manuelina. Crónica de el-Rei D. Afonso Henriques por Duarte Galvão. Crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV por Rui de Pina* [Em linha]. Cascais: Museu Condes de Castro Guimarães. [Consult. 15 abr. 2020]. Disponível em:

WWW:<URL:<https://cultura.cascais.pt/sites/default/files/CronicaDAfonsoHenriques.pdf>

GARCÍA RIVERO, Daniel; O’BRIEN, Michael J. (2014) – De Entre los Muertos. Las Placas de Pizarra Grabadas del Neolítico Final del Sudoeste de la Península Ibérica. *Estudios Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. n.º 21, p. 81-108.

GAUVAIN, Alexis (2015) – La Colonna Santa della Basilica di San Pietro: storia, memorie e nuove acquisizioni. *Archivum Sancti Petri*. Vaticano. vol. 28-29.

Getting cultural heritage to work for Europe; Report of the Horizon 2020 Expert Group on Culture Heritage [em linha] (2015) – Bruxelas: Directoria-Geral para a Investigação e

Inovação. [consult. 21 Jan 2019] disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/b01a0d0a-2a4f-4de0-88f7-85bf2dc6e004>

GIRALDES, de J. P. C. Casado (1825) – Tratado de Geografia-Historica, Physica e Comercial, Antiga e Moderna. Paris: Fantin; Rey et Gravier; Aillaud.

GODINHO, Vitorino Magalhães (1945) – *Documentos Sobre a Expansão Portuguesa*. Lisboa: Edições «Gleba». Vol. II.

_____ (2004) – *Portugal. A Emergência de uma Nação (das raízes a 1480)*. Lisboa: Edições Colibri; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

GOMES, Mário Varela (1997) – Cromeleque dos Almendres. Um dos Primeiros Grandes Monumentos Públicos da Humanidade. In *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal.

_____ (2002) – *Cromeleque dos Almendres – Um Monumento Sócio-Religioso Neolítico*. Lisboa. Dissertação para aprovação de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Técnica de Lisboa.

GOMES, Rita Costa (2001) – *Castelos da Raia. Beira, 2ª ed.* Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico. Vol. I.

_____ (2003) – *Castelos da Raia. Trás-os-Montes*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico. Vol. II.

GOMES, Saul António (2009) – *D. Afonso V*. Lisboa: Temas e Debates.

GONÇALVES, Victor (2000-2001) – O Trigo, o Cobre, a Lã e o Leite: um Guia Bibliográfico e uma Curta Introdução às Sociedades Camponesas da Primeira Metade do 3.º Milénio no Centro e Sul de Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. n.º 53-54, p. 274.

GRENDI, Edoardo (2009) – Micro-Analyse et Histoire Sociale. *Écrire l’Histoire*. n.º 3. p. 67-80. Reedição do artigo de 1977.

GUEDES, Lívio da Costa (1988) - *Aspectos do Reino do Algarve nos Séculos XVI E XVII: A Descrição de Alexandre Massaii (1621)*. Lisboa: Arquivo Histórico Militar.

_____ (1989) - *Aspectos do Reino de Portugal nos séculos XVI e XVII: a descrição de Alexandre Massaii (1621) - (II tratado)*. Lisboa: Arquivo Histórico Militar.

GUERNER, Christovão (1814) – *Discurso Historico Analytico Sobre o Estabelecimento da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*. Lisboa: Impressão Regia.

GUERRA, Amílcar (1993) – A Propósito da Designação Toponímica “Ilha do Pessegueiro”. In Carlos Tavares da SILVA; Joaquina SOARES – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza. p. 227.

Guia de Portugal II. Estremadura, Alentejo, Algarve (1927) – Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.

GUIMARÃES, Paulo (2006) – *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960); Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Edições Colibri; CIDEUS..

GYRÃO, Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira (1833) – *Memoria sobre os pesos e medidas de Portugal, sua origem, antiguidade, denominação, e mudança, que tem sofrido até nossos dias, bem como sobre a reforma que devem ter*. Lisboa: Imprensa Nacional.

HAXTHAUSEN, Charles W. (edit.) (1999) – *The Two Art Histories. The Museum and the University*. Williamstown Massachusetts: Sterling and Francine Clark Art Institute.

HERCULANO Alexandre (1901) – A Escola Politécnica e o Monumento. *Opúsculos*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão. Vol. 8. Tomo V. p. 127. *Publicado pela primeira vez no Diário de Governo, em 1843.*

Historia Contemporanea ou D. Miguel em Portugal (1853) – Lisboa: Typographia do Centro Commercial.

Historia de Portugal (1788). Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias. Tomo II.

HOLANDA, Francisco de (1985) – *Da Ciência do Desenho*. Lisboa: Livros Horizonte.

Roger of HOUEDEN (2012) – *Cronica Magistri Rogeri de Houedene*. Vol. 3. Cambridge: University Press. p. 46-47. William STUBBS, ed.

INGOLD, Tim (2000) – *The Perception of The Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

Inventário do Arquivo da Administração do Concelho de Sines 1840-1938 (2009) – Sines: Câmara Municipal de Sines; Arquivo Histórico Municipal Arnaldo Soledade.

JOÃO, Maria Isabel (2002) – *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia.

JORGE, Susana Oliveira, coord. (2003) – *Recintos Murados da Pré-História Recente*. Porto / Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

KINNEE, Lauren (2020) – *The Greek and Roman Trophy; From Battlefield Marker to Icon of Power*. London; New Yourk: Routledge.

KUBLER, George (1972) – *Portuguese Plain Architecture*. Middletown: Wesleyan University Press.

KUNST, Michael (2000) – A Guerra no Calcolítico na Península Ibérica. *Era – Arqueologia; Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos*. Lisboa. n.º 2, p. 128.

- _____; ARNOLD, Felix (2011) – Sobre a reconstrução de estruturas defensivas do Calcolítico na Península Ibérica com base na Torre B de Zambujal (Torres Vedras, Lisboa). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 1, p. 429-488.
- LAFFONT, Pierre-Yves, dir. (2011) – *L'Armorial de Guillaume Revel; Châteaux, Villes et Bourgs du Forez au XVe siècle*. Lyon: Alpara; Ministère de la Culture.
- LANCHER, Jorge das Neves (1934) – *Em Prol dos Castelos de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho (1880) – *Portugal Antigo e Moderno [...]*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia. Vol. 9.
- LE GOFF, Jacques (1984) – Documento / monumento. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. vol. 1.
- _____, dir. (1998) – *Patrimoine et Passions Identitaires*. Paris: Fayard ; Éditions du Patrimoine. Actes des Entretiens du Patrimoine.
- _____ (2008) – *Héros et merveilles du Moyen Âge*. Paris: Éditions du Seuil.
- LEITE, Ana Cristina (1993) – O Hospital Real de Todos os Santos. In Paulo PEREIRA, dir. – *Hospital Real de Todos-os-Santos – 500 anos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa; Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Catálogo.
- LEMUT, Maria Luisa Ceccarelli (2009) – Mare Nostrum Mediterraneum. Pisa e il Mare Nel Medioevo. *Pisa Crocevia di Uomini, Lingue e Culture*. [Em linha]. Pisa: Aracne. [Consult. 10 jan. 2015]. Disponível em: WWW:<URL:https://www.academia.edu/28531844/MARE_NOSTRUM_MEDITERRANEUM_PISA_E_IL_MARE_NEL_MEDIOEVO.
- LENIAUD, Jean-Michel; PLAGNIEUX, Philippe (2012) – *La Basilique Saint-Denis*. Paris: Éditions du patrimoine; Centre des Monuments Nationaux.
- LILLIOS, Katina (2002) – Some new views of the engraved slate plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 5, n.º 2. p. 135-151.
- _____ (2008) – *Heraldry for the Dead. Memory, Identity, and the Engraved Stone Plaques of the Neolithic Iberia*. Austin: University of Texas Press.
- LIMA, Francisco de (1936) – *Grandeza e Miséria dos Nossos Castelos*. Lisboa: s.n.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira (1989) – *Joaquim Machado de Castro, Escultor Conimbricense. Notícia bibliográfica e compilação dos seus escritos dispersos*. 2.ª ed. Coimbra: Instituto de História de Arte da Universidade de Coimbra.
- LIMA, Maria Madalena Gonçalves da Costa (2013) – *Conceitos e atitudes de intervenção arquitectónica em Portugal (1755-1834)*. Lisboa. Tese de Doutoramento em História, Especialidade me Arte, Património e Restauro, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História.

_____ (2017) – Cartas pela Salvaguarda do Património no Portugal das Luzes [em linha]. CEM; Cultura, Espaço & Memória. Porto. p.177-185. [consult. 23 out. 2023] disponível em WWW:<URL:https://www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/16283.pdf.</p></div>
<div data-bbox="137 147 812 183" data-label="Text"><p>LOBO, Manuel da Costa, coord. (2009) – <i>Relatório da Revisão do PDM de Sines</i>. 2ª versão. Sines: Câmara Municipal.</p></div>
<div data-bbox="137 194 844 230" data-label="Text"><p>LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito (2014) – <i>Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Protecção</i>. Lisboa: Caleidoscópio.</p></div>
<div data-bbox="137 241 850 278" data-label="Text"><p>LOPES, Francisco Luiz (1850) – <i>Breve notícia de Sines pátria de Vasco da Gama</i>. Lisboa: Typographia do Panorama.</p></div>
<div data-bbox="137 288 853 362" data-label="Text"><p>LOPES, Francisco Manuel Tavares (2012) – <i>Upwelling na costa Atlântica da Península Ibérica: análise de uma situação regional de clima</i>. Lisboa. Tese apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em Ciências Geofísicas, Especialização em Meteorologia.</p></div>
<div data-bbox="137 373 858 427" data-label="Text"><p>LOPES, João Baptista da Silva (1844) – <i>Relação da Derrota Naval, Façanhas, e Successos dos Cruzados que Partirão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189</i>. Lisboa: Real Academia das Sciencias.</p></div>
<div data-bbox="137 438 855 475" data-label="Text"><p>LOUREIRO, Adolfo (1904) – <i>Os Portos Maritimos de Portugal e Ilhas Adjacentes</i>. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. IV.</p></div>
<div data-bbox="137 485 844 521" data-label="Text"><p>LOUSADA, Maria Alexandre; SÁ, Maria de Fátima; FERREIRA, Melo (2009) – <i>D. Miguel</i>. Lisboa: Temas e Debates.</p></div>
<div data-bbox="137 532 858 569" data-label="Text"><p>LOYER, Freançois, dir. (2001) – <i>Ville d’Hier, Ville d’Aujourdhui en Europe</i>. Paris: Éditions du Patrimoine; Fayard.</p></div>
<div data-bbox="137 579 828 635" data-label="Text"><p>MACHADO, Cyrillo Volkmar (1823) – <i>Collecção de Memorias relativas às vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal</i>. Lisboa: Imp. de Victorino Rodrigues da Silva.</p></div>
<div data-bbox="137 645 792 663" data-label="Text"><p>MACIAS, Santiago (2021) – <i>Duarte Darmas; do cálamo ao drone</i>. s.l.: MultiCulti.</p></div>
<div data-bbox="137 674 807 729" data-label="Text"><p>Maciço Ígneo de Sines. <i>Atlas do Sudoeste Português</i> [Em linha]. Grândola: SIMAL. [Consult. 23 abr. 2020]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/192</p></div>
<div data-bbox="137 740 807 795" data-label="Text"><p>MADEIRA, João (1985) – Breve Notícia de Sines... – O Autor, a Obra e o Tempo. In Francisco Luiz LOPES – <i>Breve Notícia de Sines; Pátria de Vasco da Gama</i>. Lisboa: Typographia do Panorama.</p></div>
<div data-bbox="137 806 830 842" data-label="Text"><p>MAIA, Maria Helena (2007) – <i>Património e Restauo e Portugal (1825-1880)</i>. Lisboa: Edições Colibri.</p></div>
<div data-bbox="137 853 844 908" data-label="Text"><p>MALDONATO, Basilio Pavón (2009) – <i>Tratado de Arquitectura Hispanomusulmana</i>. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Vol. IV. Mesquitas (Ensaio de arquitectura religiosa).</p></div>
<div data-bbox="818 921 859 938" data-label="Page-Footer"><p>378</p></div>

MALRAUX, André (1997) – *Le Musée Imaginaire*. Paris: Gallimard. Reedición da edición de 1965.

MAÑANA BARRAZÁS, Patricia; BLANCO ROTEÁ, Rebeca; AYÁN VILA, Xurxo (2002) – *Arqueotectura I: Bases teórico-metodológicas para una Arqueología de la Arquitectura. Tapa; Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio*. Santiago de Compostela. p. 11-99.

Manutenzione e Recupero Nella Città Storica. Conservazione e Sicurezza (1999). Roma: Fratelli Palombi Editori.

MARCADE, J[acques] (1978) – *Frei Manuel do Cenáculo Vila Boas; Évêque de Beja, Archevêque d'Evora (1770-1814)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português.

MARCHESI, José María, dir. (1849) – *Catálogo de la Real Armería*. Madrid: Aguado.

MARCOCCI, Giuseppe (2019) – *A Consciência de um Império; Portugal e o seu Mundo (Sécs. XV-XVII)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

MARQUES, José (1986) – *Os Castelo Algarvios da Ordem de Santiago no Reinado de D. Afonso III. Caminiana*. Braga. n.º 13, dezembro, p. 9-32.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1978) – *Introdução à Agricultura em Portugal*. 3ª ed.. Lisboa: Ed. Cosmos.

_____ (1983) – *História de Portugal*. 9ª ed.. Lisboa: Palas Editores. vol. II.

_____ (1987) – *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença.

_____ (1989) – *Carta de Vila de Cascais 1364. Estudo e Transcrição*. Cascais: Câmara Municipal.

MARQUES, Maria Alegria Fernandes (2017) – *Sines na Idade Média. Da Fundação do Concelho ao Foral Manuelino*. Sines: Câmara Municipal – Arquivo Histórico Municipal.

MARTENS, Pieter (2015) – *Ingénieur (1549), Citadelle (1543), Bastion (1546): Apparition et assimilation progressive de termes italiens dans le langage de l'Architecture Militaire aux Pays-Bas des Habsbourg*. In FONTAINE, Marie Madeleine; FOURNEL, Jean-Louis, dir. – *Les Mots de la Guerre dans l'Europe de la Renaissance*. Genève: Librairie Droz. p. 129-138.

MARTÍNEZ SALVADOR, Carmen (2004) – *Sobre la Entidad de la Rábida Andalusí Omeya; Una Cuestion de Terminología: Ribat, Rábida y Zāwiya*. In AZUAR RUIZ, Rafael – *Fouilles de la Rábida de Guadamar; El Ribat Califal; Excavaciones y Investigaciones (1984-1992)*. Madrid: Casa Velázquez.

MARTINS, Ana Cristina (2003) – *Possidónio da Silva e o Elogio da Memória 1806-1896. Um percurso na Arqueologia de Oitocentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

- MATEUS, José Eduardo; QUEIROZ, Paula Fernanda (1993) – Os estudos de vegetação quaternária em Portugal; contexto, balanço de resultados, perspectivas. In *O Quaternário em Portugal. Balanço e Perspectivas*. Lisboa: Edições Colibri.
- MATOS, João Xavier; *et. al.* (2007) – Rota da pirite no sector português da Faixa Piritosa Ibérica, desafios para um desenvolvimento sustentado do turismo geológico e mineiro [em linha]. In *Rotas Minerales en Iberoamérica*. Guayaquil: CYTED. [consult. 23 abr. 2020]. Disponível em:
WWW:<URL:http://www.<https://repositorio.ineg.pt/bitstream/10400.9/370/1/33246.pdf>
- MATTOSO, José (1988a) – *A Escrita da História. Teoria e Método*. Lisboa: Editorial Estampa.
- _____ (1988b) – *Castelo de Portugal; A Memória de Pedra*. Lisboa: CTT
- _____, coord. (1993) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. vol. 2.
- _____ (2009) – *Naquele Tempo; Ensaios de História Medieval*. Lisboa: Temas e Debates; Círculo de Leitores.
- _____, dir. (2010) – *História da Vida Privada em Portugal; A Idade Média*. Lisboa: Temas e Debates; Círculo de Leitores.
- _____ (2017) – Entre Oriente e Ocidente. Contactos de Portugal com o mundo nas origens da nacionalidade. In Mário Jorge BARROCA, coord. – *No Tempo de D. Afonso Henriques. Reflexões Sobre o Primeiro Século Português*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».
- _____; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte (2010) – *Portugal; O Sabor da Terra; Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa; Círculo de Leitores; Temas e Debates.
- _____; _____; _____ (1997) – *Portugal – O Sabor da Terra; Baixo Alentejo*. Lisboa: Círculo de Leitores; Pavilhão de Portugal / Expo 98.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da (2000) – Os Fenícios no estuário do Sado. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 14, p. 71-83. Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida.
- MAYOROVA, Marina Ivanovna (2017) – *Casa de Alcaidaria. Estruturas habitacionais nos castelos portugueses entre os finais da Idade Média e os princípios da Época Moderna*. Coimbra. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MECO, José (2005) – Tectos. Do Palácio de Belém. In *Azulejos Estuques e Tectos do Palácio de Belém*. Lisboa: Museu da Presidência da República.
- MEDEIROS, Maria Dulcina (1999) – *O Infante D. João (1400-1442): Subsídios para uma Biografia*. Tese policopiada apresentada à Universidade de Lisboa para obtenção do grau de mestre em História Medieval Portuguesa.

- MEIRELES, Cecília (2005) – *Romanceiro da Inconfidência*. 3.^a ed.. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- MELLO, Joaquim Lopes Carreira de (1853) – *Compendio de Historia de Portugal* [...]. Lisboa: Typ. de Castro & Irmão.
- MELO, Arnaldo de Sousa; RIBEIRO, Maria do Carmo (2011) – Os Construtores das Cidade: Braga e Porto (Séculos XIV x XVI). In *História da Construção. Os Construtores*. Braga: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- MERO, Paúl Carrión, ed. – *Rutas Minerales en Iberoamérica*. [Em linha]. Quito: Cámara Ecuatoriana del Libro – Núcleo de Pichincha. p. 136-155. [Consult. 24 abr. 2020]. Disponível em:
WWW:<URL:http://repositorio.ineg.pt/bitstream/10400.9/370/1/33246.pdf
- MESQUITA, José Carlos Vilhena (2000) – Sagres; Um Lugar na História e no Património Universal. *Stilus*. nº 2, p. 121.
- Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)* (2002). Lisboa: Edições Colibri; Câmara Municipal de Palmela. Actas do Simpósio Internacional Sobre Castelos.
- MONTEIRO, João Gouveia (1999) – *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Edições Colibri; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MORA-FIGUEROA, Luis (1996) – *Glosario de Arquitectura Defensiva Medieval*. 2^a ed. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- MORAIS, Graça; FERREIRA, António Mega; BRÁZIO, Augusto (2005) – *Os Olhos Azuis do Mar*. Sines: Centro de Artes.
- MOREIRA, Rafael (1986) – A Arquitectura Militar. In Vitor SERRÃO – *História da Arte em Portugal*. Vol. 7. O Maneirismo.
- _____, dir. (1989) – *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Edições Alfa.
- _____, (1992) O engenheiro-mór e a circulação das formas no Império Português. In *Portugal e Flandres. Visões da Europa 1550-1680*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. (Catálogo da Exposição).
- _____, (1993) – O Hospital de Todos-os-Santos e o italianismo de D. João II. In Paulo PEREIRA, dir. – *Hospital Real de Todos-os-Santos – 500 anos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa; Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Catálogo.
- _____, (2002) – *A construção de Mazagão; Cartas Inéditas 1451-1542*. Lisboa: IPPAR.
- _____, (2010) – Leonardo Turriano em Portugal. In Alícia CÁMERA; Rafael MOREIRA; Marino VIGANÒ – *Leonardo Turriano ingeniero del rey*. Madrid: Fundación Juanelo Turriano.

_____ (2023) – *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal; a encomenda régia entre o Moderno e o Romano*. Famões: Colibri.

MORENO, Humberto Baquero (1980) – *A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e Significado Histórico*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade. Vol. 2.

_____ (1991) – O Mestrado de Santiago no século XV. In *Ordens Militares. Guerra, Religião, Poder e Cultura*. Palmela: Câmara Municipal. Vol. 1. (*Actas do III Encontro sobre Ordens Militares*, Palmela 22 a 25 de janeiro de 1998). pp. 43-55.

_____ (1997) – As Ordens Militares na Sociedade Portuguesa do Século XV; O Mestrado de Santiago. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto. Série 2, vol. 14.

_____ (2003) – As Academias em Portugal. In REYES CANO, Rogelio; VILA VILAR, Enriqueta – *El Mundo de las Academias; del ayer as hoy*. Sevilla: Real Academia de Buenas Letras; Universidad de Sevilla; Fundación Aparejadores. Atas do Congresso Internacional celebrado por motivo do CCL aniversário da fundação da Real Academia Sevillana de Buenas Letras (1751-2001).

MURPHY, James (2008) – *Arquitectura Gótica; Desenhos do Mosteiro da Batalha; Reedição do Álbum de 1795*. Lisboa: Aletheia. Introdução de Maria João NETO.

NAPIER, Carlos (1841) – *Guerra da Successão em Portugal*. Lisboa: Typographia Commercial. Tradução de Manuel Joaquim Pedro CODINA.

NASCIMENTO, Aires Augusto (1986) – *Manuscritos virgilianos de bibliotecas portuguesas, traduções portuguesas da Eneida em manuscritos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

NEMUS – Gestão e Requalificação Ambiental, Lda.; HIDROMOD, Modelação em Engenharia, Lda. (2014) – *Estudo de Impacte Ambiental da Expansão do Terminal de Contentores (TXXI) do Porto de Sines (3.ª e 4.ª fases). Relatório Síntese*. Sines: APS – Administração dos Portos de Sines e do Algarve, S.A..

NETO, Maria João Baptista (1999) – A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Intervenção no Património Arquitectónico em Portugal. In *Caminhos do Património* – Lisboa: DGEM. p. 33- 34.

_____ (2001) – *Memória, Propaganda e Poder. O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

_____ (2006) – A propósito da *Carta de Veneza (1964-2004)* Um olhar sobre o património arquitectónico nos últimos cinquenta anos. *Património Estudos*. Lisboa: IPPAR. n.º 9, p. 91-99.

_____ (2015) – *Monserate. A casa romântica de uma família inglesa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

_____; GRILO, Fernando (2005) – O restauro dos jardins do Palácio de Queluz. Novos contributos documentais sobre as esculturas de chumbo. *Artis. Revista do Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*. n.º 4, p. 477-486.

NORA, Pierre, dir. (1997) – *Science et Conscience du Patrimoine; Actes des Entretiens du Patrimoine*. Paris: Fayard.

NUNES, Eduardo Alexandre Borges (1958) – *O Parecer do Infante D. João Sobre a Ida a Tanger*. Lisboa: Edições Brothéria.

OLIVAL, Fernanda (1998) – Lápide Tumular. In *Da Ocidental Praia Lusitana, Vasco da Gama e o seu Tempo*. Lisboa: CNCDP; CMS; DPHADB; APS. p. 154-155. Catálogo da Exposição.

____ (2001) – *As Ordens Militares e o Estado Moderno. Honra, Mercê e Venalidade em Portugal (1641-1789)*. Lisboa: Estar Editora.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1891) – *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*. Lisboa: Typographia Universal.

OLIVEIRA, Luís Filipe (2000/2001) – Em torno das Casas Senhoriais dos finais da Idade Média. *Media Aetas*. Ponta Delgada. 3/4. p. 87-102.

____ (2009) – *A Coroa, os Mestres e os Comendadores; As Ordens Militares de Avis e de Santiago (1330-1449)*. s.l.: Universidade do Algarve.

OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2006) – O Ideário de São Bernardo e a sua Influência na Arquitectura Militar Templária. *Medievalista on line* [Em linha]. Lisboa. n.º 2. [Consult. 22 jun 2020] disponível em:

WWW:<URL:<https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt/index.php/medievalista/article/view/415/410>

ORTIGÃO, Ramalho (1896) – *O Culto da Arte em Portugal*. Lisboa: A. M. Pereira.

OWEN, Hugh (1915) – *O Cerco do Porto; contado por uma testemunha, o coronel Owen com documentos novos*. 2.ª ed. Porto: Renascença Portuguesa. p. 338-339. Prefácio e notas de Raul BRANDÃO.

PALOMINO DEL BARRIO, Frederico (1994) – *Poder y Disciplinamento en la Diocesis de Évora. El Episcopado de D. Teotónio de Gragança (1578-1602)*. Madrid: Universidad Complutense.

PATO, Bulhão (1907) – *Memorias; Quadrinhos de outras épocas*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.

PATRÍCIO, Sandra (2009a) – *Termo de Arrematação; Documento do Mês* [Em linha]. Nov. 2009. [Consult. 2 set. 2020]. Disponível em:

WWW:<URL:https://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/1510/2009-11_-_Termo_de_arremata__o.pdf

_____ (2009b) – *A Vida nas Mãos; História dos Bombeiros Voluntários de Sines*. Sines: Câmara Municipal.

_____ (2012) – *O Concelho de Sines. Da fundação à época moderna*. Sines: Câmara Municipal de Sines – Arquivo Municipal.

_____ (2021) – *Sistemas de Informação Local; Sines 1655-1855*. Lisboa: Edições Colibri; FLUL.

PATROCÍNIO, Manuel Francisco Soares do (2006) – O registo das antiguidades lusitânicas do Sul no legado documental de D. Manuel do Cenáculo. *Promontoria*. Faro. nº 4. p. 17-36.

PAVÓN MALDONADO, Basilio (2009) – *Tratado de Arquitectura Hispanomusulmana*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Vol. IV. Mezquitas (Ensayo de arquitectura religiosa). p. 107-114.

PAZ, Julian (1978) – *Castillos y Fortalezas del Reino; Noticia de su estado y de sus Alcaldes durante los siglos XV y XVI*. 2.ª ed. Madrid: Ediciones Atlas.

PEDROSA, Nelson Cordeiro (2014) – O Castelo de Pombal: da ruína à salvaguarda da sua memória. *Cadernos de Estudos Leirienses*. Leiria. n.º 2.

PEIXOTO, Jorge (1962) – Relações de Plantin com Portugal. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra. Tomo X, p. 277-398.

PEREDA, Felipe; MARÍAS, Fernando, ed. (2002) – *El Atlas del Rey Planeta. La «Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos» de Pedro Texeira (1634)*. Fuenterrabía: Nerea.

PEREIRA, Belmiro Fernandes (1995) – Duas Bibliotecas Humanísticas: Alguns livros doados à cartuxa de Évora por Diogo Mendes de Vasconcelos e por D. Teotónio de Bragança. *Hvmanitas*. Coimbra. XVII.

PEREIRA, Duarte Pacheco (1892) – *Esmeraldo de Situ Orbis*. Lisboa: Imprensa Nacional.

PEREIRA, Maria Teresa Lopes (2010) – Sob o governo do Príncipe D. João: o capítulo da Ordem de Santiago de 1478 e a visitação a Sines em 1480. In *Actas do 2º Encontro de História Local do Alentejo Litoral*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes.

PEREIRA, Paulo (1990) – *A Obra Silvestre e a Esfera do Rei, Iconologia da Arquitectura Manuelina na Grande Estremadura*. Coimbra: Instituto de História de Arte; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

_____ (2011) – *A “Fábrica” Medieval; Conceção e construção na arquitectura portuguesa (1150-1550)*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

_____ (2014) – *Arte Portuguesa; História Essencial*. Lisboa: Temas e Debates; Círculo de Leitores.

PEREIRA, Ricardo Estevam (2008) – *Ler a Paisagem. Um passeio por Sines guiado pelos seus escritores*. Sines: Museu de Sines.

_____, (2012) – A Gloriosa Invenção de São Torpes. In *Actas do 4.º e 5.º Encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes. p. 100-111.

_____, (2016) – As “Jornadas de Sines” de D. Frei Manuel do Cenáculo. In *Dom Frei Manuel do Cenáculo; Itinerários por Santiago do Cacém*. Santiago do Cacém: Direção Regional de Cultura do Alentejo; Câmara Municipal de Santiago do Cacém; Junta de Freguesia da União de Freguesias de Santiago do Cacém, Santa Cruz e São Bartolomeu da Serra. p. 23-28.

_____, (2020) – Gilberto Renda (1884-1971); Os Painéis de Azulejos da Estação. *Redes do Tempo*. Sines. n.º 15. Agosto.

_____, dir. (2021) – *Memórias da Praia de São Torpes*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Museu de Sines; EDP.

PEREIRA, Vital Prudencio Alves, coord. (1861) – *Colecção Systematica das Ordens do Exercito desde 1809 até 1858 seguida de um additamento com as ordens publicadas ao exercito desde 1º de Janeiro de 1859 até ao fim da publicação*. Lisboa: Typographia de Francisco Xavier de Souza & Filho. vol. IV.

PERES, Damião, dir. (1931) – *História de Portugal; Edição Monumental Comemorativa do 8º Centenário da Fundação da Nacionalidade*. Barcelos: Portucalense Editora. vols. III e IV.

_____, (1969) – *A Gloriosa História dos Castelo de Portugal*. s.l.: Portucalense Editora.

PESSANHA, Fernando (2019) – A conquista e destruição de Anafé (Casablanca) pelo Infante D. Fernando (1468); Considerações sobre uma pouco conhecida operação anfíbia. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra. n.º 19, p. 97-122.

PICARD, Christophe (1997) – *L’Océan Atlantique Musulman. De la Conquête Arabe à l’Époque Almohade. Navigation et Mise en Valeur des Côtes d’al-Aldaluz e du Maghreb Occidental (Portugal-Espagne-Maroc)*. Paris: Éditions Maisonneuve; Larose / Éditions UNESCO.

PIMENTA, Alfredo (1944) – *Duarte Darmas e o seu Livro das Fortalezas*. Lisboa: Edição do Autor.

PIMENTEL, Maria Cristina Gomes (2001) – *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média: O Governo de D. Jorge*. Lisboa: Fundação Eng. António de Almeida.

PINA, Luís de (1933) – *O Castelo de Guimarães*. Vila Nova de Gaia: Edições Pátria.

PINA, Maria João (2018) – Ferreira e a sua História; Da Reconquista Cristã às Visitações da Ordem de Santiago. In *Ferreira 500 Anos de História; Comemorações dos 500 anos do foral manuelino de Ferreira do Alentejo*. Ferreira do Alentejo: Câmara Municipal. p. 111-125.

PINHARANDA João (2013) - AD GLORIAM EPHEMERAM [em linha] [consult. 8 de abril de 2020]. Disponível em WWW:<URL:http://pedrovaldezcardoso.com/texts.html.

PIRES, Hélio Fernando Vitorino (2012) – *Incursões Nórdicas no Ocidente Ibérico (844-1147): Fontes, História e Vestígios*. Lisboa: s.n. Tese de Doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Plano de Urbanização da Zona Industrial e Logística de Sines; Proposta de Plano; Relatório Análize [Em linha]. p. 32. [Consult. 20 mai. 2019]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/3163/Relat_rio_da_Proposta.pdf

PORFÍRIO, José Luís; ALVES, Maria da Trindade Mexia (1997) – *Álbum de Desenhos de Domingos António de Sequeira*. Lisboa: MNAA.

PORTO, Carmen Manso (1999) – *Cartografia Histórica Portuguesa; Catálogo de Manuscritos (Siglos XVII-XVIII)*. Madrid: Real Academia de la Historia.

PORTOCARRERO, Gustavo (2003) – *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna. Uma visão social*. Lisboa: Edições Colibri.

PORTUENSE, Gouvêa (1940) – *Alguns Castelos do Norte de Portugal. Guia Histórico-Artístico da Exposição Realizada no Ano Áureo do VIII Centenário de Portugal*. Porto: Edição do Autor.

PRISTA, Pedro, dir. (2013) – *Atas do Colóquio Ignorância & Esquecimento*. Odemira: Câmara Municipal.

PROENÇA, Raul (1991) – Estremadura Transtagana. In *Guia de Portugal*. 2ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. vol. II. p. 11.

Programa de Recuperação dos Castelos (s.d.) – Lisboa: IPPAR.

QUARESMA, António Martins (1988) – *Porto Covo; Um Exemplo de Urbanismo das Luzes*. Santiago do Cacém: Real Sociedade Arqueológica Lusitana. Separata de Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana, S. 2, 2.º vol.

_____ (1993) – *A Barca de Odemira*. Odemira: Câmara Municipal de Odemira.

_____ (1998) – Sines no Trânsito da Época Medieval para a Moderna. In *Da Ocidental Praia Lusitana; Vasco da Gama e o Seu Tempo*. Lisboa: CNCDP; Câmara Municipal de Sines; APS; DPHADB. p. 60. Catálogo.

_____ (2003) – *Vila Nova de Milfontes: História*. Vila Nova de Milfontes: Junta de Freguesia.

_____ (2006) – *Odemira Histórica. Estudos e Documentos*. Odemira: Câmara Municipal de Odemira.

- ____ (2007) – *Alexandre Massai. A “Escola Italiana” de Engenharia Militar no Litoral Alentejano (Séculos XVI e XVII)*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes.
- ____ (2009) – *Forte do Pessegueiro. Fortificação da Costa de Sines Após a Restauração*. Sines: Museu de Sines.
- ____ (2010) – João Rodrigues Mouro, Engenheiro militar oliventino em Setúbal. *Revista de Estudios Extremeños*. Tomo LXVI, n.º I, pp.195-238.
- ____ (2011) – Litoral alentejano: dois séculos de cartografia (XVII e XVIII). In *IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica* [Em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Consult. 20 jan. 2018]. Disponível em: WWW<:URL:http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/34.pdf.
- ____ (2012) – Sines medieval e moderna. In *O Concelho de Sines da Fundação à Época Moderna*. Sines: Arquivo Municipal Arnaldo da Soledade.
- ____ (2019) – *Vila Nova de Milfontes; História*. 2ª ed. corr. e aumentada. Odemira: Câmara Municipal.
- RAMALHO, Maria Magalhães (2002) – Arqueologia da Arquitectura; O método arqueológico aplicado ao estudo e investigação em património arquitectónico. *Cadernos/Património*. Lisboa. n.º 3, p. 19-29.
- RAPOSO, Luís (1973) – O Gabinete da Área de Sines na Defesa do Património Arqueológico da Nação; Descoberta necrópole com cerca de três mil anos. Época. Lisboa. p. 15. 19 de agosto de 1973.
- REY Alin (2003) – Lexicographie du Patrimoine. In *Le Regard de l’Histoire; L’émergence et l’évolution de la notion de Patrimoine au cours du XXe siècle en France*. Paris: Librairie Arthème Fayard; Editions du Patrimoine. p. 27. Actes des Entretiens du Patrimoine 2001.
- RIBEIRO, António Manuel (2014) – *O Museu de Imagens na Imprensa do Romantismo; Património Arquitectónico e Artístico nas Ilustrações e Textos do Arquivo Pittoresco (1857-1868)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- RIBEIRO, José Cardim (1996) – A Ora Marítima de Avieno e a descrição da costa atlântica entre o Cabo da Roca e a foz do Sado. A propósito da localização de Poetanim. *La Hispania Prerromana*. Salamanca: Ediciones Universidade. Actas del VI coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la península Ibérica.
- RIBEIRO, Orlando (1977) – *Introduções Geográficas à História de Portugal: estudo crítico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ____ (1998) – *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. 7.ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- ____ (2011) – *Mediterrâneo; Ambiente e Tradição*. 3.ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Victor, relator (1910) – *Influencia da tradição monumental e local no desenvolvimento do “turismo” no paiz (memoria apresentada pela Real Associação dos Archeologos Portuguezes ao Grande Congresso Nacional)*. Lisboa: Casa da Moeda.

RICCI, Giuliana; D’AMIA, Giovanna (2001) – *La cultura architettonica nell’età della restaurazione*. Milão: Mimesis.

RIEGL, Alois (2013) – *O Culto Moderno dos Monumentos e outros ensaios estéticos*. Lisboa: Edições 70.

ROSA, Lúcia Maria Cardoso (1995) – *Monumentos Pátrios; A arquitectura religiosa medieval; Património e Restauo (1835-1928)*. Porto. Dissertação de doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ROSSA, Walter (2002) – *A Urbe e o Traço. Uma Década de Estudos Sobre o Urbanismo Português*. Coimbra: Almedina.

RUBIM, Nuno Varela (2000) – O Armamento Pirobalístico (até finais do séc. XV / inícios do séc. XVI). In Mário Jorge BARROCA; João Gouveia MONTEIRO; Isabel Cristina Ferreira FERNANDES – *Pera Guerrejar; Armamento Medieval no Espaço Português*. Palmela: Câmara Municipal. p. 226-229.

SAAVEDRA, Mónica (2013) – Malária, Mosquitos e Ruralidade no Portugal do Século XX. *Etnografia* [Em linha]. Lisboa. vol. 17 (1). [Consult. 1 ago. 2016]. Disponível em: WWW:<URL:https://journals.openedition.org/etnografica/2545.

SALGADO, Augusto António Alves (2009) – *Portugal e o Atlântico. Organização militar e acções navais durante o período Filipino (1580-1640)*. Lisboa. (Tese de Doutoramento em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

SANCHES, Maria de Jesus (2003) – O Crasto de Palheiros-Murça. Reflexão sobre as condições de estudo e de interpretação duma mega-arquitectura pré-histórica no Norte de Portugal. In *Recintos Murados da Pré-história Recente*. Porto/Coimbra: FLUP-DCTP; CEACUP-FCT. p 115-148.

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos (2022) – *O Castelo Português; Criação de uma Imagética Cultural*. Lisboa: Caleidoscópio.

SANTOS, M. Farinha dos; FERREIRA, O. da Veiga (1969) – O Monumento Eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, v. 3, p. 37-62.

SANTOS, Reynaldo dos (1962) – A Pintura dos Tectos no Século XVIII em Portugal. *Belas Artes. Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes. 2ª Série, n.º 18.

SÃO ROMÃO, Visconde de Vilarinho de (1844-1845) – Melhoramentos utilíssimos, que se devem fazer na Bahia de Sines. *Revista Universal Lisbonense*. Lisboa. Tomo IV, p. 429-430.

SARAIVA, José da Costa (1931) – *A Viagem do Rei D. Miguel I ao Mosteiro de Alcobaça em 1830*. Lisboa: José Fernandes Júnior.

SCHEDDEL, Mariana (2019) – *Palácio da Pena; Casa de D. Fernando de Saxe-Coburgo (1839-1885)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

SEABRA, João (2009) – *O Estado e a Igreja em Portugal no Início do Século XX. A Lei da Separação de 1911*. Cascais: Príncípia.

Selecta Militar. Curso da Classe de Sargentos. 1.º Anno (1880) – Lisboa: Imprensa Nacional.

SERRA, José Corrêa da (1793) – *Collecção de Livros Inéditos de História Portugueza, dos Reinados de D. João I., D. Duarte, D. Affonso V., e D. João II*. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias. Tomo III.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; SERRÃO, Vítor (1997) – *Sesimbra Monumental e Artística*. 2.ª ed.. Sesimbra: Câmara Municipal.

_____; JORGE, Susana Maria Soares de Oliveira; JORGE, Vítor de Oliveira (1975) – Castelo de Sesimbra; Resultados de uma sondagem preliminar realizada na área da antiga habitação do Alcaide-Mor (Princípios do século XVI). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. Vol. 1, p. 181-197.

_____; SERRÃO, Vítor (1997) – *Sesimbra Monumental e Artística*. 2.ª ed.. Sesimbra: Câmara Municipal.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1956) – *O Reinado de D. António Prior do Crato*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura.

_____ (1977) – *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo. vol. 1.

SERRÃO, Joel, dir. (s.d.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais.

SERRÃO, Vítor, coord. (1986) – *História da Arte em Portugal; O Maneirismo*. Lisboa: Publicações Alfa. vol. 7.

_____ (2002) – *História da Arte em Portugal; O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620)*. Lisboa: Editorial Presença.

_____ (2015) – *Arte, Religião e Imagens em Évora no Tempo do Arcebispo D. Teotónio de Bragança, 1578-1602*. Óbidos: Várzea da Rainha Impressores.

_____ (2016) – Estudo das telas seiscentistas da capela de Santo António em Setúbal, com “status quaestionis” sobre a pintura maneirista e barroca na cidade. In Albérico Afonso COSTA; António Cunha BENTO; Inês Gato de PINHO; Maria João Pereira COUTINHO, coord. – *Casa Religiosas de Setúbal e Azeitão*. Setúbal: Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão; Estatuário.

SHAKESPEARE, William (2009) – *A Tempestade*. Lisboa: Edições Cotovia. Tradução José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra.

SIBONY Daniel (1998) – Le Patrimoine; un lieu d’être autrement. In *Patrimoine et Passions Identitaires*. Paris: Fayard; Éditions du Patrimoine. Actes des Entretiens du Patrimoine 1997.

SILVA, António de Macedo e, *Annaes do Municipio de Sanct-Yago de Cassem, desde remotas eras até ao anno de 1853* (1866) – Beja: Typographia de Sousa & Vaz.

____ (1876) – Dr. Francisco Luiz Lopes. In LOPES, Francisco Luiz – *A Ave*. Lisboa: Nova Livraria Internacional.

____ (2009) – *Annaes do Municipio de Sant’Iago de Cacem*. 3ª ed. Santiago do Cacém: Camara Municipal.

SILVA, Armando B. Malheiros da (1986/87) – O Miguelismo e Braga (1) Factos e ideias para o Estudo da Contra-Revolução. *Bracara Augusta. Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*. Braga: Câmara Municipal. Vol. XL, n.º 89/90.

SILVA, Augusto Vieira da (1898) – *O Castello de S. Jorge em Lisboa; Estudo Estórico-Descritivo*. Lisboa: Typographia do Commercio.

____ (1939) – *A Cêrca Moura de Lisboa*. 2.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal.

SILVA, Carlos Tavares da (2005) – A Presença Fenícia e o Processo de Orientalização nos Estuários do Tejo e do Sado. In *El Periodo Orientalizante; Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida; Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Instituto de Arqueologia. p. 749- 765.

____ (2011) – No Baixo-Sado: da presença fenícia à Imperatoria Salacia. In CARDOSO, João Luís; ALMAGRO-GORBEA, Martín, eds. – *Lucius Cornelius Bocchus; Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Lisboa – Madrid: Academia Portuguesa da Historia; Real Academia de la Historia. p. 57-71.

____; COELHO-SOARES, Antónia (2006) – Produção de preparados piscícolas na Sines romana. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. Vol. 13, p. 101-122.

____; SOARES, Joaquina (1976-77) – Contribuição para o Conhecimento dos Povoados Calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. Vol. II-III, p. 223-233.

____; ____ (1981) – *Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

____; ____ (1982) – *Muralhas Medievais de Setúbal*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia; Assembleia Distrital de Setúbal.

____; ____ (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza.

____; ____ (1998) – Para uma Arqueologia do Castelo de Sines. In *Da Ocidental Praia Lusitana*. Lisboa: CNCDP; CMS; DPHADB; APS. Catálogo da Exposição.

____; ____ (2015) – Neolitização da costa sudoeste portuguesa. A cronologia de Vale Pincel I. In *Atas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. p. 645-659.

____; ____; Antónia COELHO-SOARES (2010) – Arqueologia de Chãos de Sines. Novos Elementos sobre o Povoamento Pré-Histórico. In *Actas do 2º Encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes.

SILVA, Carlos Gualdado (2008) – *Lisboa Medieval. A organização e a estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri.

SILVA, Germesindo (1991) – *O Mestre de Sant'Iago D. Jorge e as Visitações do Lugar de Grandolla*. S.l.: s.n.

SILVA, Joaquim Possidónio da (1867) – *Mémoire Descriptif du Projet d'une Restauration pour l'Église Monumentale de Belem à Lisbonne; bâtie em 1500 en souvenir de la découverte de l'Inde par les navigateurs portugais; modèle fait pour l'Exposition de Paris*. Lisboa: Typographie de la Gazette de Portugal.

____ (1878) – *Noções Elementares de Archeologia*. Lisboa: Lallement Frères.

SILVA, Jorge Henrique Pais da (1975) – *Pretérito Presente (Para uma teoria da preservação do Património Histórico-Artístico)*. Lisboa: edição do autor.

SILVA, José Custódio Vieira da (2002) – *Paços Medievais Portugueses*. 2ª ed.. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.

____ (1990) – *Setúbal*. Lisboa: Editorial Presença.

SILVA, José Maria da Costa e (1855) – *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portugueses*. Lisboa: Imprensa Silviana. Tomo IX.

SILVA, Júlio Gomes da (1959) – Problemas de Sines. *Diário Ilustrado*. 14 de maio de 1959.

SILVA, Manuel Fernandes Martins da (2012) – *Visão Holística do Arquiteto na Preservação, Estudo e Divulgação de Sítios Arqueológicos. O Castro de Codeçoso – Montalegre. Vila Nova de Famalicão*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em arquitetura, Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão.

SILVA, Nuno Vassallo e (2012) – Encomenda, Uso e Coleccionismo de Ourivesaria do Século XVIII: A Mantearia da Casa de Aveiro em 1752. *Revista de História de Arte*. Lisboa. n.º 9, p. 68-91.

SILVA, Raquel Henriques da (1988) – *Cascais*. Lisboa: Editorial Presença.

SIMÕES, Maria Miguel Lucas (1994) – *As Regiões de “Torres” e “Alenquer” no contexto de Calcolítico da Estremadura Portuguesa*. Porto. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de letras da Universidade do Porto.

SOARES, Clara Moura; NETO, Maria João (2012) – *Óbidos. De «Vila Museu» a «Vila Cultural»*. *Estudos de Gestão Integrada de Património Artístico*. Lisboa: Caleidoscópio.

SOARES, Joaquina (2021) – *A Experiência do Grupo de Trabalhos Arqueológicos*. In *Memórias da Praia de São Torpes*. Sines: Museu de Sines; Museu Nacional de Arqueologia; EDP Produção.

_____; SILVA, Carlos Tavares (1982) – *Muralhas Medievais de Setúbal*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia; Assembleia Distrital de Setúbal.

_____; Niccolò MAZZUCCO; SILVA, Carlos Tavares da (2017) – Marine adaptations in the Late Mesolithic of the Portuguese southwest coast: use-wear analysis of the lithic industry of Vale Marim I. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 20, p. 31-44.

SOLEDADE, Arnaldo da (1973) – *Sines. Terra de Vasco da Gama*. Setúbal: Junta Distrital.

_____ (2002) – *Carta de Foral da Vila de Sines 1512*. Sines: Câmara Municipal.

SOREANO, Simão José da Luz (1849/1884) – *Historia do Cerco do Porto. Precedida de uma extensa noticia sobre as diferentes phases politicas da monarchia desde os mais antigos tempos até ao anno de 1820, e desde este mesmo anno até ao começo do sobredito cerco*. Lisboa: Imprensa Nacional. 2.º e 4.º vol.

_____ (1884) – *Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo IV.

SOROMENHO, Miguel; VASSALLO E SILVA, Nuno (1993) – *Salvaguarda do Património – Antecedentes Históricos. Da Idade Média ao Século XVIII*. in *Dar Futuro ao Passado*. Lisboa: IPPAR. p. 22-33.

SOTTOMAYOR-PIZARRO, José Augusto de (2013) – *O Nascimento do Reino de Portugal; Uma Perspectiva Nobiliárquica (1096-1157/1300)*. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra. n.º 44, p. 29-58.

SOUSA, Armindo de (1993) – *Condicionamentos básicos 1325-1480*. In *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 2.

SOVERAL, Manuel Abranches; MENDONÇA, Manuel Lamas de (2004) – *Os Furtado de Mendonça portugueses. Ensaio sobre a sua origem* [em linha]. S.l.: s.n. [consult. 22 jan. 2020]. Disponível em:

WWW:<URL:http://www.academia.edu/1034356/Furtado_Os_de_Mendon%C3%A7a_Portugueses

SPECK, W. A. (2006) – *Robert Southey. Entire Man of Letters*. s.l.: Yale University Press.

- SPEIGHT Sarah (2004) – British Castle Studies in the Late 20th and 21st Centuries. *History Compass* [em linha]. Toronto. 2, vol.1. [consult. 10 jan, 2022]. Disponível em: WWW:<URL: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1478-0542.2004.00086.x>
- SPERA, Lucrezia (2012) – Cesare Baronio, peritissimus antiquitatis, e le origini dell'archeologia Cristiana. In GUAZZELLI, Giuseppe Antonio; MICHETTI, Raimundo; BARCELLONA, Francesco Scorza, dir. – *Cesare Baronio tra santità e scrittura storica*. Roma: Viella. p. 393-423.
- STEINER, George (2006) – *A Ideia de Europa*. 3.ª ed. Lisboa: Gradiva.
- TÁVORA, Fernando (2006) – *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações.
- TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA Margarida (1999) – *O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII. Portugal – Brasil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- TEIXEIRA, Nuno Severiano, coord. (2017) – *História Militar de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- TEIXEIRA, Raphael Leite (2012) - *A Espada do Basileus: A Política Imperial e a Cristianização do Exército Romano (Século IV d.C.)*. Lisboa. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa na especialidade de História Antiga.
- TOMÁS, Ana; VALÉRIO, Nuno (2020) – *Meios de pagamento emitidos pelo Estado português* [Em linha]. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social – ISEG. p. 15. [Consult. 14 nov. 2021]. Disponível em: WWW:<URL:<https://ghes.rc.iseg.ulisboa.pt/wp/wp672020.pdf>
- TORGAL, Luís Reis; MENDES, José amado; CATROGA, Fernando (1998) – *História da História em Portugal; Séculos XIX – XX; Da Historiografia à Memória Histórica*, Lisboa: Temas e Debates. vol. 2.
- TORRES, Cláudio (1992) – O Garb-Al-Andaluz. In José MATTOSO, dir. – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. I. p. 391.
- TORRES, João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e; BAENA, Visconde de Canches e (1883) – *Memorias Historico-Genealogicas dos Duques Portuguezes do Seculo XIX*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- TOSTÕES, Ana (2001) – Casa de Chá. *Público*. 27 de janeiro.
- Tri, Sélection, Conservation. Quel Patrimoine pour l'Avenir?* (2001). Paris: École Nationale du Patrimoine ; Monum; Éditions du Patrimoine.
- TRINDADE, Luísa (2013) – *Urbanismo na Composição de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 387-404.

_____ (2016) – Ordens urbanas ou Ordens do rei? Urbanismo das Ordens Militares no Portugal dos séculos XII a XIV. In Luís Filipe OLIVEIRA, coord. – *Comendas Urbanas das Ordens Militares*. Lisboa: Colibri. p. 95-97.

VANNEY, Jean-René; MÉNANTEAU, Loïc (2004) – *Géographie du golfe ibéro-marocain*. Lisboa: Instituto Hidrográfico; Casa de Velázquez.

VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de (2008) – *Nobreza e Ordens Militares. Relações Sociais e de Poder (Séculos XIV a XVI)*. Porto. (Dissertação de Doutoramento em História Medieval e do Renascimento, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

VASCONCELOS, José Leite de (1897) – *Religiões da Lusitania na Parte que Principalmente se Refere a Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol I. pp. 21-23.

_____ (1914) – Excursão arqueológica à Extremadura Transtagana. *O Archeologo Português*. Lisboa. S. 1, XIX, p. 300-323

_____ (1927) – *De Terra em Terra. Excursões Arqueologicò-Etnografica*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. I. p. 105-114.

VAZ, Francisco, coord. (2009) – *Os livros e as bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

VELOZO, Pedro da Fonseca Serrão (1833) – *Collecção de Listas, que contem os nomes das pessoas, que ficarão pronunciadas nas devassas, e summarios, a que mandou proceder o Governo Usurpador depois da heróica contra-revolução, que arrebentou na mui nobre, e leal Cidade do Porto em 16 de Maio de 1828, nas quaes se faz menção do destino, que a Alçada, creada pelo mesmo Governo para as julgar, deu a cada uma dellas*. Porto: Typ. Da Viuva Alvares Ribeiro & Filho.

VIANA, Abel (1939) – *A Comemoração dos Centenários e os Castelos Algarvios*. Vila Nova de Famalicão: Gráfica Minerva.

VILAR, Hermínia Vasconcelos (1999) – *As Dimensões de um Poder. A Diocese de Évora na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa

VITERBO, Francisco Marques de Sousa (1896) – *Estudos Sobre Sá de Miranda; Mem de Sá – A sua descendência – Outras informações*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Vol. III. p. 24.

_____ (1907) – As Armas em Portugal. Notícia documentada dos fabricantes de armas brancas que exerceram a sua profissão em Portugal. *Extracto da História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. Nova série, Tomo XI, parte II.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa (1798) – *Elucidario das Palavras, Termos, e Frases, que em Portugal antigamente se usarão, e que hoje regularmente se ignorão: Obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros, preciosos, que entre nós se conservão: Publicado em benefício da Litteratura Portuguesa e dedicado ao Principe N. Senhor*. Tomo I. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

VITERBO, Francisco Marques de Sousa (1907) – As Armas em Portugal; Notícia documentada dos fabricantes de armas brancas que exerceram a sua profissão em Portugal. *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa. Nova série, Tomo XI, parte II.

_____ (1988) – *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 3 volumes. reprodução em fac-símile do exemplar com data de 1899.

VITORINO, Pedro (1929) – O Pintor Augusto Roquemont; No centenário da sua vinda para Portugal. Porto: Edição de Maranus.

ZBYSZEWSKI, G. (1943) – *La classification du Paléolithique ancien et de la chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942*. Porto: Instituto Para a Alta Cultura.

_____ (1971) – *Carta Geológica do Quaternário de Portugal na escala de 1/100.000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

Catálogos de Exposições

No Caminho Sob as Estrelas. Santiago e a Peregrinação a Compostela, Santiago do Cacém (2012) – Beja: Câmara Municipal de Santiago do Cacém; Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.

O «Centenário da Índia» [1898] e a memória da viagem de Vasco da Gama (1998) – Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Conhecimento e Definição de Território. Os Engenheiros Militares (Séculos XVII-XIX) (2003) – Lisboa: Direcção dos Serviços de Engenharia – Arquivo Histórico Militar; Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo.

Corona y Arqueología en el Siglo de las Luces (2010) – Madrid: Patrimonio Nacional.

Entre o Céu e a Terra. Arte Sacra da Diocese de Beja (1998) – Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.

Memórias da Praia de São Torpes (2021) – Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Museu de Sines.

Musées de Papier. L'Antiquité em Livre 1600-1800 (2010) – Paris : Louvre Éditions ; Éditions Gourcuff Grandenigo.

Quand les artistes dessinaient les cartes, Vues et figures de l'espace français, Moyen Âge et Renaissance (2019) – Paris : Archives Nationales.

Da Ocidental Praia Lusitana. Vasco da Gama e o seu Tempo (1998) – Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Câmara Municipal de Sines, Administração do Porto de Sines, Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.

Portugal e Flandres. Visões da Europa 1550 – 1680 (1992) – Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

Treasures o Heaven. Saints, Relics and Devotion in Medieval Europe, Londres, The British Museum Press, 2011.